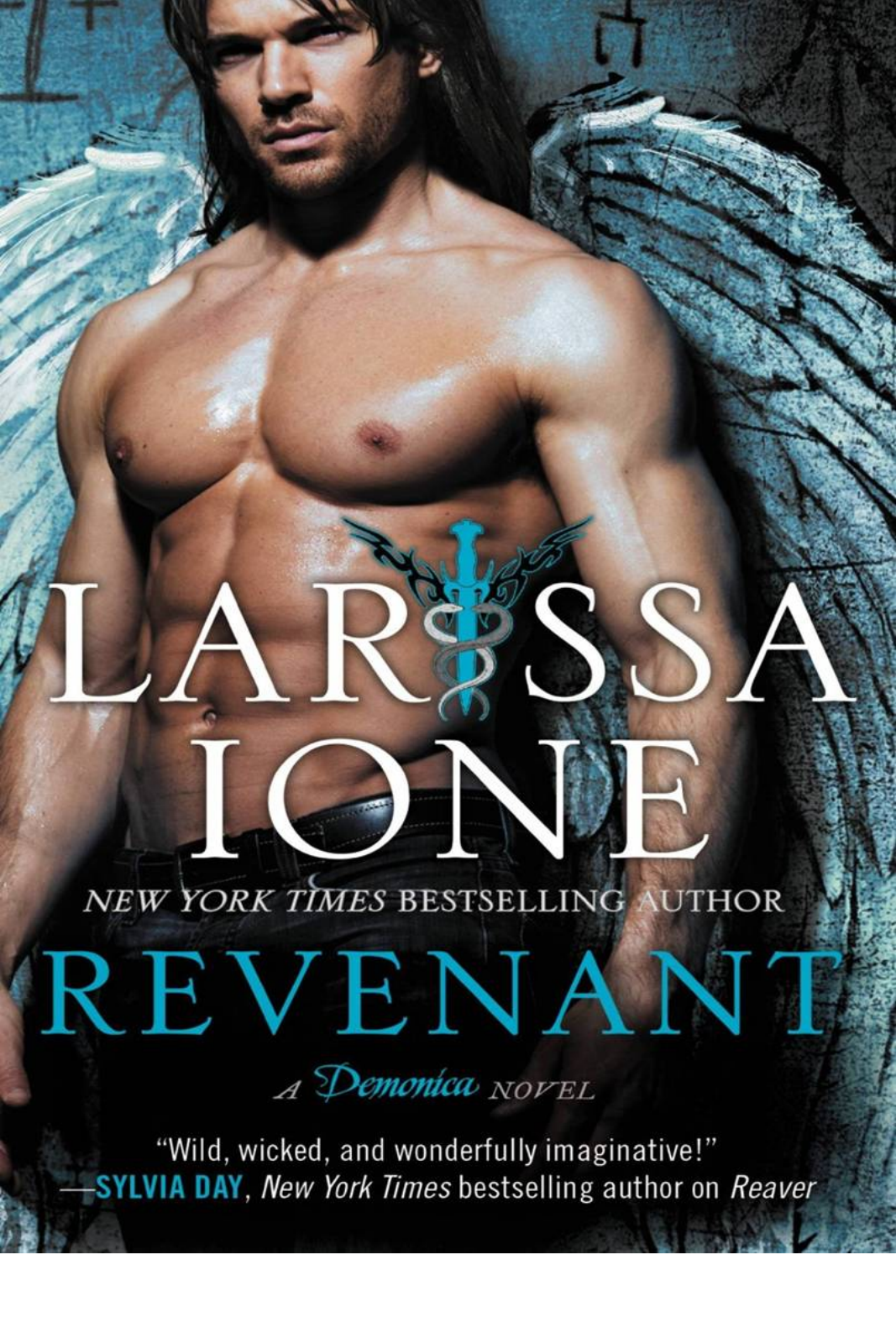




LARSSA IONE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

REVENANT

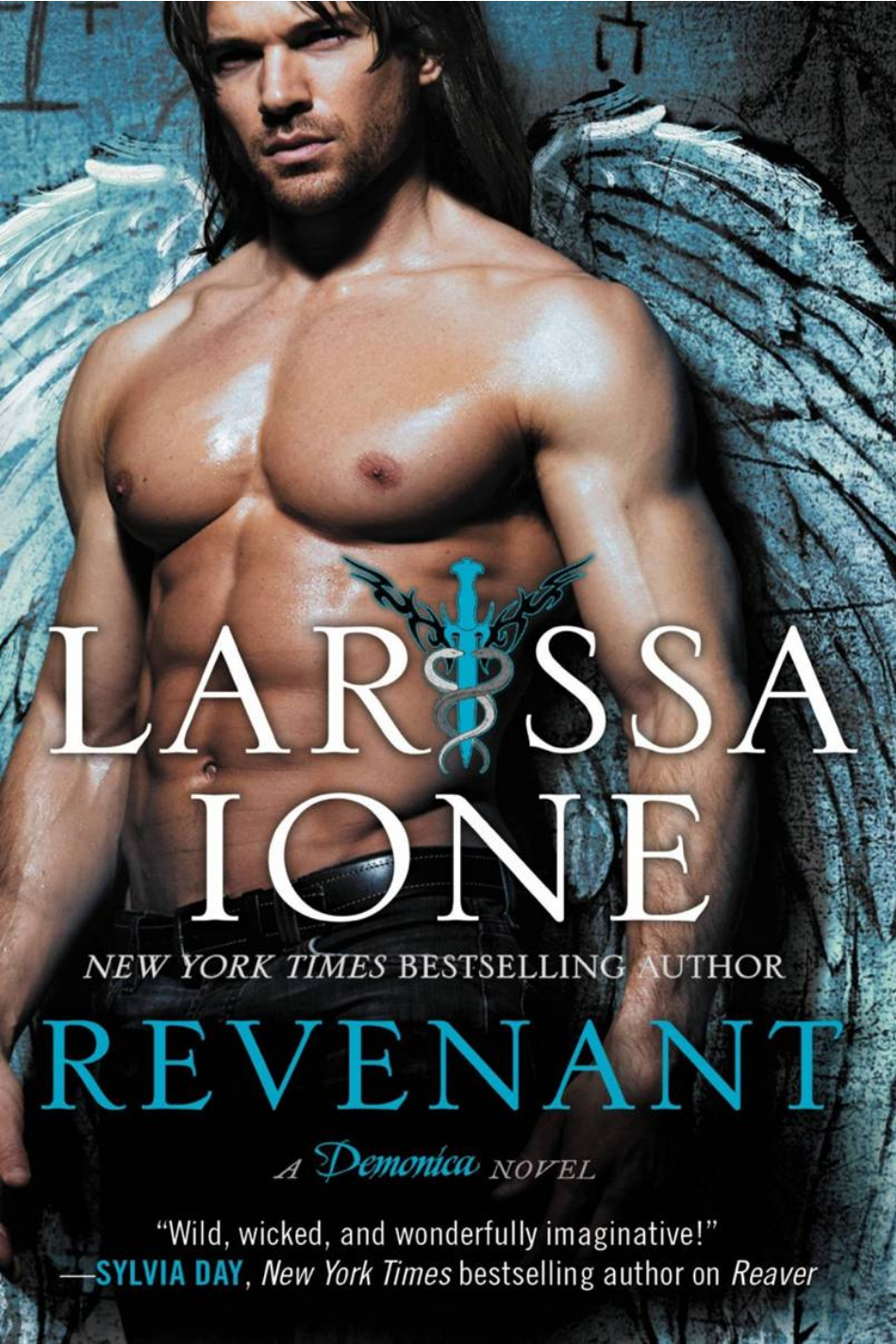
A Demonica NOVEL

"Wild, wicked, and wonderfully imaginative!"

—**SYLVIA DAY**, *New York Times* bestselling author on *Reaver*

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



LARISSA IONE

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

REVENANT

A Demonica NOVEL

"Wild, wicked, and wonderfully imaginative!"

—**SYLVIA DAY**, *New York Times* bestselling author on *Reaver*

Não há fúria no inferno...

Por cinco mil anos, Revenant acreditava que estava sozinho no mundo, um anjo caído para além de qualquer redenção. Agora, descobre que tem um irmão gêmeo que teve toda a luz e amor que a ele foi negado. Preso em um cabo de guerra entre o Céu e o Inferno, Revenant deve pesar a sua sede de vingança contra seu desejo de uma fêmea misteriosa chamada Blaspheme, a fêmea cujas origens muito poderia levá-lo a salvação... ou destruição.

Como um anjo desprezada Blaspheme tem um segredo mortal, ela é a prole proibida de um anjo e um anjo caído. Caçada por ambas as forças, celestiais e satânicas, ela sobreviveu apenas por determinação e não confiando em ninguém. Quando Revenant afirma que ele pode salvar os dois, como ela pode acreditar nele? Mas o anjo poderoso é a persistência encarnada e para Blaspheme, não há nenhum lugar que ela pode se esconder no céu ou o inferno, onde ele não vai encontrá-la...

CAPÍTULO 1

Revenant era a porra de um anjo caído.

Não, espere... *anjo*. Ele *sempre* soube que era um anjo caído.

Por cinco mil anos de merda.

Mas não era um anjo, tampouco. Talvez tecnicamente, mas como poderia alguém nascido e criado em Sheoul, o reino demônio que alguns humanos chamavam de inferno, ser considerado um anjo santo de merda, brilhante e aureolado? Ele pode ter uma auréola, mas o brilho estava muito longe, manchado desde o seu primeiro gosto do leite da mãe misturado com sangue de demônio, quando ele tinha apenas algumas horas de idade.

Cinco mil anos de merda.

Passaram-se duas semanas desde que soube a verdade e as memórias tiradas dele foram devolvidas. Agora ele se lembrava de tudo o que tinha acontecido ao longo dos séculos.

Era um anjo mau, mau. Ou um muito, muito bom anjo caído, dependendo de como você olhe para isso.

Fúria tóxica correu por suas veias enquanto andava no estacionamento subterrâneo do lado de fora do Underworld General Hospital. Talvez os médicos ali

dentro tivessem algum tipo de droga mágica que pudesse apagar suas memórias de novo. A vida era muito mais fácil quando acreditava que era o puro mal, um anjo caído sem qualidades redentoras.

Ok, provavelmente ainda não tinha nenhuma qualidade redentora, mas agora, o que tinha eram sentimentos conflitantes. Perguntas. Um irmão gêmeo que não poderia ser mais o oposto dele.

Com um rosnado vicioso, caminhou em direção à entrada no setor de emergência, determinado a encontrar certa Anja falsa médica que ele tinha certeza que poderia ajudá-lo a esquecer dos últimos cinco mil anos, mesmo que apenas por duas horas.

As portas de vidro deslizantes abriram, e a própria fêmea pela qual ele veio saiu esfregando um uniforme azul-amarelo manchado agarrado a um corpo fatal. Luxúria instantânea ateou fogo em seus rins, e foda-se, dane-se os medicamentos, era exatamente a médica quem o receitou.

Tome-a duas vezes e me chama de manhã.

Desde o momento em que colidiu com ela no hospital, há algumas semanas, ele estava obcecado, e agora, quando as longas pernas de Blaspheme devoravam o asfalto enquanto ela caminhava em direção a ele, imaginou-as ao redor de sua cintura enquanto ele a penetrava. Quanto mais perto ela chegava, mais duro seu corpo ficava, e amaldiçoou com a decepção quando ela deixou cair às chaves e teve que parar para pegá-las. Então ele decidiu que ela poderia deixá-la cair quantas

vezes quisesse, porque ele teve uma porra de visão primordial de seu decote quando sua blusa abriu quando ela se agachou.

Ela se endireitou, quando enlaçou as chaves em torno de seu dedo, e caminhou para ele novamente, cantarolando uma música de Duran Duran.

— BlaspHEME. — Ele saiu de entre duas ambulâncias pretas, bloqueando seu caminho.

Ela saltou, um suspiro assustado escapou de seus lábios cheios e vermelhos feitos para impulsionar um macho ao êxtase. — Revenant. — Seu olhar correu para as portas do hospital, e ele teve a impressão de que ela estava planejando sua rota de fuga. Tão atraente que ela pensasse que poderia ficar longe dele. — O que você está fazendo à espreita no estacionamento?

À espreita? Bem, alguns poderiam chamar assim, ele supôs. — Eu estava indo te ver.

Ela sorriu docemente. — Bem, você já me viu. Tchau. — Girando, seu rabo de cavalo loiro balançando, ela foi à direção oposta.

Voltando para o hospital.

Com um movimento mental de seu pulso, ele vestiu-se em jeans, botas de cowboy, e uma camiseta NASCAR, e amarrou o cabelo preto ao marrom na altura dos ombros antes de se materializar em frente a ela, mais uma vez, bloqueando seu caminho. — Talvez isto seja mais a seu gosto?

Ela lhe deu um olhar monótono. Claramente, caipira não eram a dela.

Dando-lhe outra tentativa, ele se adornou em um terno de negócio com cabelo curto ruivo. — Que tal isso?

Os olhos dela arregalaram. Ele retornou para o tipo motoqueiro gótico chique e parou com a brincadeira. — Venha para casa comigo.

— Uau. — Ela cruzou os braços sobre o peito, o que só chamou sua atenção para o corpo dela. Atraente. — Você vai direto ao ponto.

Ele deu de ombros. — Economiza o tempo.

— Você planejava beber vinho e jantar comigo, pelo menos? Você sabe, antes do sexo.

— Não. Apenas sexo. — Muito e muito sexo.

Ele já podia imaginar sua voz rouca aprofundando no auge da paixão. Poderia imaginar a cabeça entre as pernas, a boca em seu pau, suas mãos em suas bolas. Quase gemeu com o jogo imaginário em sua cabeça.

— Oh, — ela disse, com a voz cheia de sarcasmo. — Você é encantador, não é?

Nem uma única vez em seus cinco mil anos jamais alguém lhe chamou de encantador. Mas mesmo pronunciado com sarcasmo, foi a coisa mais bonita que alguém já tinha lhe dito.

— Não faça isso, — ele rosnou.

— Fazer o que? — Ela olhou para ele como se fosse um louco.

— Não importa. — Morria por tocá-la, estendeu a mão. — Você vai adorar a minha sala de jogos.

Ela se afastou como se ele estivesse oferecendo a

ela uma praga, em vez de sua mão. — Vá para o inferno imbecil. Eu não tenho encontro com anjos caídos.

— Boas notícias, porque não é um encontro. — E ele não era um anjo caído.

— Certo. Bem, eu não faço sexo com anjos caídos também. — Ela fez um movimento de enxotar com a mão. — Vá embora.

Ela estava o rejeitando? Ninguém o rejeitava. *Ninguém*. Foi criado em uma masmorra, com especialistas em tortura e executores como seus companheiros, ele não aprendeu exatamente a arte da sedução ou até mesmo uma conversa educada. Mas o sexo... ele falava essa língua fluentemente.

Ela começou a afastar de novo, e ele piscou confuso. Isso não estava certo. Ele pôs os olhos sobre ela, e ela deveria se render. Isso era algo novo. Algo... excitante. A confusão se transformou em uma sensação que ele saudou e conhecia bem, elevando o nível da caça.

Instantaneamente, seus sentidos afiaram e focaram. Seu sentido de olfato trouxe um sopro de seu perfume de baunilha-mel. Seu senso de audição deteve sobre seu batimento cardíaco rápido e forte. E o seu sentido de visão estreitou-se no tique-taque de seu pulso na base de sua garganta.

A vontade de atacar, de levá-la para baixo e obtê-la, aqui e agora, era quase irresistível. Em vez disso, ele se moveu lentamente, combinando seu passo ao lado do dela quando ela recuou.

— O que você está fazendo? — Ela engoliu em seco quando esbarrou contra uma viga maciça de apoio.

— Eu vou mostrar para você por que precisa ir para casa comigo. — Ele plantou as palmas das mãos na viga de cada lado de sua cabeça e se inclinou até que seus lábios roçarem a pele macia de sua orelha. — Você não vai se arrepender.

— Eu já disse a você. Eu não faço sexo com anjos caídos.

— Então, você disse, — ele murmurou. — Você os beija?

— Ah... não, eu...

Ele não lhe deu a chance de terminar a frase. Puxando um pouco para trás, ele fechou a boca sobre a dela.

Gloss de morango revestia os lábios dela quando ele a beijou, e jurou que nunca gostou de frutas, tanto quanto gostava agora.

Suas mãos subiram para agarrar seus bíceps, puxando-o para mais perto enquanto ela aprofundou o beijo. — Você é bom, — ela sussurrou contra sua boca.

— Eu sei, — ele sussurrou de volta.

De repente, a dor rasgou em seus braços enquanto as unhas marcavam sua pele. — Mas você não é tão bom.

Antes que ele pudesse sequer piscar, ela o empurrou com força e se abaixou, saindo da gaiola de seus braços. Com uma piscadela, rebojava para longe, ela balançou a bunda bonita bem ajustada em seu

uniforme. Ela parou na porta de um Mustang vermelho e lhe deu um olhar sensual que fez seu pau pulsar.

— Desista agora cara. Eu posso ser teimosa como ninguém. — Ela pulou em seu carro e dirigiu para fora de sua vaga no estacionamento, deixando-o na poeira.

Blaspheme estava praticamente hiper ventilando enquanto dirigia pelas ruas movimentadas de Nova York, desejando que tivesse tomado o Harrowgate para trabalhar hoje. Mas não, escolheu dirigir de seu apartamento no Brooklyn ao Underworld General uma última vez, uma estupidez sentimental que não só tomou um tempo precioso, mas também a levou direto para um anjo caído que de alguma forma, depois de uma curta e desagradável troca verbal no hospital há algumas semanas, pensou que eles precisavam de um encontro.

Não, não um encontro. Apenas ter relações sexuais.

Seu corpo inteiro aqueceu com o pensamento, algo que não tinha como impedir.

Mas deuses, ele estava incrível. De pé no estacionamento UG, parecia um motoqueiro gótico gigante, envolto em couro e correntes, suas enormes botas ostentando garras malvadas nas pontas. Mesmo as costas de suas luvas sem dedos eram adornadas com

tachas de metal nas juntas. Ela sempre odiou a besteira de durão, mas Revenant era o próprio, porra. Teve a impressão de que ele viveu a sua vida dessa maneira.

Mesmo quando ele mudou sua aparência, ele ainda parecia como algo saído de uma revista ou filme. As botas de cowboy a fez querer montá-lo, não necessariamente montá-lo, e o terno de negócio a fez imaginar algumas fantasias atrevidas em uma mesa.

Ele não ia desistir dela, ia? Pelo menos não sem a luta que ela ia lhe dar. Não podia dar ao luxo de ter um anjo caído farejando-a.

Xingando ela se atrapalhou em sua bolsa com seu telefone celular e ligou para seu contato da empresa de mudanças. Sally atendeu no segundo toque.

— Oi, Bonnie, — Sally disse, usando seu nome adotado quando lidava com seres humanos. — Os meninos disseram que carregarão seus pertences na segunda remessa para Londres até o final do dia.

— Bom, — disse Blas. Seria bom ir diretamente a nova clínica de Londres da UG, ao invés de ter que usar o Harrowgate do serviço de urgência do hospital para chegar lá. — Eu devo estar lá em uma hora... — O bipe Call Waiting^[1] interrompeu. — Posso ligar depois? Minha mãe está na linha.

Sally animada disse. — Sem problema. — Motivada pela promessa garantindo que os trabalhadores iriam cuidar de suas coisas magníficas, não se preocupou, e um momento depois, sua mãe estava na outra linha.

— Oi, mamãe. — Blaspheme pisou nos freios para evitar um caminhão de merda que, aparentemente, não tinha as luzes dos freios traseiros funcionando. Ela atirou ao motorista um dedo através de seu para-brisa dianteiro.

— Blas. — A voz rouca de sua mãe veio da direita ao seu lado.

Gritando, Blas deixou o telefone cair. — Puta merda!

Ela abriu a boca novamente para gritar com sua mãe por se materializar dentro do carro do nada, mas quando viu o sangue, sua voz cortou. Deva, abreviação de Devastation, sentou-se no banco do passageiro, cada centímetro de seu corpo coberto de sangue. Um osso quebrado perfurou seu bíceps esquerdo, uma queimadura profunda, e o fêmur de sua perna direita foi destruído.

— Oh, deuses, — Blaspheme engasgou. — O que aconteceu?

Sua mãe levantou a mão trêmula de seu abdômen, e Blas olhou diretamente nas entranhas através da laceração que se estendia desde logo acima do umbigo até o osso do quadril.

A lesão em si era grave o suficiente, mas o Blaspheme não conseguiu identificar a vibração que desprendia dali. Fosse o que fosse, parecia... errado. E muito, muito fatal.

— Eu... — Deva respirou... e caiu, inconsciente, contra a janela.

— Mãe! — O caminhão moveu, permitindo Blaspheme virar o Mustang em uma esquina para retornar para Underworld General. Estendeu automaticamente com sua mente para encontrar um Harrowgate, e embora localizasse a uma quadra de distância, não havia lugar para estacionar, e não havia maneira de abandonar o veículo no meio da rua.

Porra, agora seria uma boa hora de ser capaz de teletransportar como a prole normal de um anjo caído, mas isso não era uma opção para ela. E nunca seria uma opção.

Por instinto, agarrou o pulso de sua mãe e tentou canalizar a energia de cura para ela, mas esse talento foi inutilizado há muito tempo.

Maldição!

— Apenas aguentem, — ela disse a sua mãe enquanto dirigia seu carro pelas ruas, evitando por pouco atingir lateralmente um táxi e um mensageiro em uma moto.

Desacelerou na garagem subterrânea de propriedade do hospital, mas fora dos limites do público humano, atravessou uma parede falsa, e praticamente derrapou até parar em uma vaga no estacionamento escondido do hospital. Então, por uma fração de segundo, uma eternidade, realmente, ela hesitou.

Todo mundo no hospital acreditava que ela fosse um Anjo Falso. Poderia vir com uma explicação de por que sua mãe não era da mesma espécie, isso poderia suscitar dúvidas. Perguntas da única pessoa que ela

tinha certeza que já estava desconfiado.

Há apenas duas semanas, Eidolon, fundador do Underworld General e chefe de gabinete, foi apenas enigmático o suficiente em sua advertência para ficar longe de Revenant e ela ficou paranoica desde então.

Sua mãe gemeu, e, de repente, não importava o que Eidolon suspeitava. Seu trabalho... Inferno, sua vida... estava em risco, mas essa era Deva, e não poderia deixar a mãe morrer.

Rapidamente, saltou para fora do veículo e correu através das portas deslizantes para o pronto-socorro.

— Preciso de ajuda! — ela gritou, e em um instante, Luc, um paramédico lobisomem, e Raze, um médico demônio Seminus, correu para fora com uma maca.

Momentos depois, Blaspheme estava em uma sala de exames, com luvas, enquanto Luc verificava os sinais vitais e Raze canalizava sua energia de cura em Deva. Sua carranca indicava que ele estava tendo problemas.

— Seu estômago rompeu, — disse ele. — Droga, há uma ruptura em seu cólon transversal. Eu posso curar a ruptura agora, mas ela precisa de uma cirurgia para limpar os contaminantes. — Ele olhou para Blas. — É um risco enorme, no entanto. Eu sei que você está ciente de que os Anjos Falsos não respondem bem à anestesia.

Merda. Blaspheme não queria revelar a verdade

sobre sua mãe e, potencialmente, ela mesma, mas não podia comprometer a saúde de Deva, enviando-a para a cirurgia com os médicos que achavam que ela era algo diferente do que ela era. Talvez pudesse jogar rápido e soltar os fatos, e esperar que ninguém cavasse fundo demais.

Blas olhou para cima, enquanto preparava uma intravenosa na parte de trás da mão de sua mãe. — Ela não é um Anjo Falso.

Raze levantou uma sobrancelha. — Mas você disse que ela é sua mãe.

— Ela é minha mãe *adotiva*, — ela mentiu. — Ela é um anjo caído. — Pelo menos a segunda parte era a verdade.

A mão de Raze empurrou, e ele amaldiçoou em voz baixa. Ela entendeu o choque, anjos caídos eram raros, eles eram principalmente babacas malignos, e, tanto quanto eram habitantes Sheoulic, eles estavam no topo da cadeia alimentar.

O cabelo ruivo de Raze, mais na frente do que na parte de trás, caiu sobre seus olhos quando ele se inclinou para um olhar mais atento a ferida abdominal de Deva. — Isso é estranho.

Aquelas não eram palavras que você queria ouvir de um médico. Tentou chamar sua útil habilidade de Anjo Falso, o que era comumente chamada de visão de raios-X, usada por anjos falsos para determinar a saúde ou a virilidade de suas potenciais vítimas. Como uma médica profissional, Blas tinha encontrado um uso

melhor para isso.

Infelizmente, quase não funcionava. Ótimo. Outra habilidade Anjo Falso que estava falhando. Quanto tempo antes que eles fossem todos embora e sua verdadeira identidade fosse revelada?

— O que é estranho? — ela perguntou.

— Eu não posso curá-la. Nada está acontecendo.

— O que? — Blas olhou para cima da inserção de um cateter na veia de Deva para encarar o pesadelo. — Você está sem energia?

Ele levantou o braço direito, que estava coberto de hieróglifos brilhantes de sua garganta para os dedos. — Meu poder está com carga completa. Estou dizendo a você, não sou eu. É ela.

A vibração. E se a vibração estranha saindo de sua mãe estivesse de alguma forma interferindo com os poderes de Raze?

Raze olhou para ela. — Você pode dar uma olhada dentro dela e me diga o que está acontecendo?

— Eu tentei, — disse ela. — Acho que estou muito emocionada.

Raze balançou a cabeça, aparentemente comprando a história besta para o fracasso de raios-X.

Sua mãe gemeu, e seus olhos se abriram. Sua mão se atrapalhou com a dela. — Só, — ela respondeu asperamente. — Preciso falar com você a sós.

Blaspheme olhou para Raze. — Providencie a sala de operação. Vamos levá-la para a cirurgia imediatamente. E Eidolon. Eu o quero sobre isso. —

Apesar dos receios de ser descoberta, ela precisava dele. Como o médico mais qualificado, mais experiente em todo o Underworld, Eidolon poderia ser o único que poderia salvar sua mãe.

Raze e Luc correram, deixando-a sozinha com Deva.

— Mamãe, — disse ela em voz baixa. — O que está acontecendo? O que aconteceu?

— Anjos, — ela disse, e estômago de Blaspheme embrulhou. — Eu fui atacada por anjos.

O que explicava a vibração e a dificuldade de Raze curá-la. Algumas armas angelicais causavam um prejuízo que não poderia ser reparado através de meios sobrenaturais.

— Onde você estava? — Blaspheme apertou a mão de sua mãe quando os olhos de Deva fecharam. — Ei, fique comigo. Onde você estava quando eles atacaram você?

— Casa, — ela respondeu asperamente. — Eles me encontraram Blaspheme.

Um frio se arrastou até sua espinha. — Eles? — Ela tinha um sentimento doentio que ela sabia quem eram eles e ela rezou para que estivesse errada.

Deva tossiu, espalhando sangue. — Acho que... Acho que eles eram Exterminadores. Eles me encontraram. — Ela se sentou, puxando Blaspheme de lado, desespero e terror perfurando através da névoa de dor em seus olhos. — O que significa que eles também estão procurando por você.

CAPÍTULO 2

A alta intensidade da convocação satânica gritou na cabeça de Revenant enquanto ele estava no topo do Monte Megiddo, enchendo seus pulmões com ar quente e seco.

Ignorando o comando de Satanás, Revenant gritou com sua mente e voz para o arcanjo de mais alta patente no Céu.

— Metatron.

Nada. Uma brisa espumante de um redemoinho de vento a poucos metros de distância, mas fora isso, nada mudou.

— Metatron!

Nada. Mesmo o redemoinho de vento morreu, uma morte lenta e agonizante.

— *Metatron!*

Porra. Deveria ter esperado que fosse ignorado. Os arcanjos o abandonaram há milhares de anos, então por que diabos eles dariam alguma atenção a ele agora?

Babacas. Tudo que queria eram algumas respostas. Por que eles deixaram sua mãe e ele apodrecer no inferno? Por que ninguém, em cinco mil anos, lhe disse a verdade até agora? Antes de recuperar suas memórias e ter uma promoção... graças a ações de seu irmão *heroico* e a regra do Céu que o que fosse feito para um gêmeo devia ser feito para o outro. E por que

não disseram que ele não era bem-vindo no céu? Afinal, Reaver foi permitido.

Porque você não é *bem-vindo*. Você é mal. Corrupto.

Convocação do Lorde das Trevas veio novamente, desta vez explodindo de forma tão violenta que a dor o levou de joelhos. Sangue pulverizava de seu nariz e orelhas, e quando agarrou sua cabeça, jurou que seu crânio estava rachando.

Droga, não estava pronto para enfrentar Satanás. Não que estivesse alguma vez pronto. Ninguém no seu perfeito juízo ficaria feliz em largar tudo para ter um encontro com o Lorde das Trevas. E agora que sabia a verdade sobre seu passado, ou, pelo menos, sobre a maior parte dele, tinha ainda menos motivação para ter um cara-a-cara com o rei de todos os demônios.

Satanás mentiu para ele por milhares de anos, ainda deu a entender que ele era seu filho.

Era tudo mentira, e se perguntou quanto às coisas iam mudar agora que a verdade veio à tona. Uma coisa era certa, queria estar armado com conhecimento, tanto quanto pudesse reunir antes de enfrentar Satanás, e apenas uma pessoa poderia lhe dar as respostas que procurava.

Infelizmente, Metatron não parecia inclinado a lhe dar quaisquer respostas. O que o deixou com apenas outra opção.

Cuidando de sua dor de cabeça satânica, convocou um punhado de livros e piscou para o outro

lado da Terra, para a casa de Thanatos, quarto cavaleiro do Apocalipse.

Como o Observador Sheoulic dos Quarto Cavaleiro, Revenant deveria ficar de olho neles. Mas desde que recuperou suas memórias, ele os evitara, do jeito que evitou o pai dele. E seu irmão.

Reaver.

Toda vez que eles se encontraram uma vez que recuperaram suas memórias, eles se enfrentaram, e as suas palavras para Reaver durante um encontro em particular, ainda ecoava em seus pensamentos.

No mesmo dia em que eu soube sobre você, eu vim a você como um irmão. Mas tudo o que você viu foi um inimigo e um demônio. Agora é tudo que você sempre vai ver.

Tinha esfriado sua cabeça um pouco desde aquele momento há duas semanas, mas o fato era que cinco mil anos atrás, antes de suas memórias serem eliminadas pela primeira vez, Reaver o rejeitou, e até hoje, nada havia mudado.

Então, não, não esperava que um dos quatro cavaleiros lendários de Reaver acolhesse a criatura do inferno, Tio Rev, com os braços abertos.

E ainda assim estava em pé na frente do castelo Greenland de Thanatos, perguntando-se se o cavaleiro conhecido como Morte, de bom grado abriria a porta. Mais provavelmente, é que teria de teleportar e colocar todos para fora, a fim de dar uma espiada nos livros raros de Thanatos acumulados em sua biblioteca.

Um formigamento elétrico na parte de trás do seu pescoço o alertou para a presença de um anjo uma fração de segundo antes de Harvester, a Observadora Celestial dos Cavaleiros, e Reaver se materializarem na frente dele.

Porra.

— Revenant. — A voz rouca de Harvester sempre o fez pensar em um gato de nove caudas embrulhado em seda. Ela parecia em parte também, vestida com calças de couro pretas apertadas e botas de salto-agulha, um espartilho de rendas ressaltando os seios perfeitos. Ela parecia um pouco mais pálida do que o habitual, no entanto. Talvez receber sua auréola de volta depois de milhares de anos sendo um anjo caído não tivesse caído bem a ela. — Por que você está aqui?

— Sou o Observador mau dos Cavaleiros, — disse ele, recebendo um chute com a forma como seu irmão estremeceu com a palavra mau. — Eu não preciso de um motivo, nem preciso responder a você.

— Mas você *vai* responder a mim, — disse Reaver.

Revenant bufou. Reaver enviara convites mentais para atendê-lo durante semanas, mas Revenant não respondeu. Não ia responder a seu irmão agora, de qualquer forma.

— Morda-me. — Ele se lançou mais perto do castelo de Thanatos, mas um segundo depois, Harvester e Reaver formavam uma parede na frente dele novamente. Tão cansativo. — Eu ia dar a Thanatos a

cortesia de bater à sua porta, mas vocês estão me dando outra escolha senão piscar para dentro de sua residência sem nenhum aviso. A última vez que fiz isso a um cavaleiro peguei Ares e Cara em uma posição... comprometera. — Ele deu de ombros. — Mas o que seja. Vamos ver o que Thanatos e Regan estão fazendo, não é?

Ele começou a se desmaterializar, mas Reaver rosnou e agarrou o seu braço, amarrando-o à sua posição atual. — Basta nos dizer por que você está aqui.

Bem, o inferno, talvez Reaver pudesse dar a ele as informações de que precisava. Ele ergueu as cópias da Bíblia, o Alcorão, e o *Daemonica* na mão. — Quero usar a biblioteca de Thanatos. Preciso encontrar referências de Anjos Sombras e Radiantes, e estes volumes contraditórios enigmáticos não são exatamente úteis.

Reaver o soltou e deu um passo atrás. — Você quer saber mais sobre o que você é. Sobre o que nós dois somos.

— Hum, sim. Dãaaa. — Seu irmão não era um gênio. — Não é todo dia que se é promovido ao posto mais alto conhecido dos anjos, e não é como se houvesse um manual em qualquer lugar do caralho que definisse a descrição do trabalho.

Não, não havia muitos Anjos Sombras como ele, e Radiantes como Reaver, e uma vez que só poderia haver um de cada em cada existência, em determinado momento, não havia ninguém para perguntar sobre isso.

Reaver deu de ombros. — É bom saber como você é.

— Isso é muito útil, irmão.

Reaver fez um som de impaciência e enfiou a mão por sua juba loira brilhante perfeita. Revenant mudou a cor do cabelo para combinar. Só para irritá-lo.

— Foi-nos dado esse posto juntos, — disse Reaver. — E podemos descobrir isso juntos.

Revenant riu. — *Agora* quer brincar de grande irmão? Agora que eu não preciso de você?

— Você precisa de mim, — disse Reaver. — Nós precisamos um do outro.

— Realmente, — Revenant disse categoricamente. — E por que isso?

A voz de Reaver foi baixa e ameaçadora. — Porque Lúcifer está prestes a renascer, e seu nascimento vai causar mudanças sísmicas na terra e no céu.

Isto de novo? Os tipos celestiais ficavam tão excitados sobre anjos caídos reencarnados. Ok, certo, Lúcifer, como o ex-braço direito de Satanás, não era seu anjo caído favorito, e Gethel, o anjo caído que o levava, havia o concebido enquanto ainda ostentava as asas e uma auréola. Ah, e na mais recente encarnação de Lúcifer, ele também era filho de Satanás. O que significava que Lúcifer era extra, extra especial.

O imbecil. Em poucos anos, ele ia recuperar o seu lugar ao lado de Satanás, e passaria a vida tentando arruiná-lo. Não importava que sempre o derrotasse com sua pura força e habilidade, Lúcifer teria a influência de

Satanás. Quando Lúcifer desse um comando, ele seria seguido como se dado pelo próprio Satanás. Apenas como Lúcifer era antes de morrer a alguns meses.

Revenant pigarreou. — A, eu não me importo. B, quando você cortou as asas de Gethel para impedir Lúcifer de nascer totalmente crescido, você reduziu seus poderes, assim pode parar com essa besteira, *o fim do mundo como nós o conhecemos*.

Harvester balançou a cabeça, seu cabelo preto balançou ao redor de seus ombros magros. — Não é besteira. Reduzimos os poderes de Lúcifer, mas ele ainda é o anjo caído mais poderoso que reencarnará. Seu nascimento ainda enviará ondas de choque através dos céus.

— E, — Reaver disse severamente, — ele está ficando mais forte a cada dia. Harvester pode senti-lo.

Ah, talvez o crescimento de Lúcifer fosse a razão de Harvester parecer particularmente pálida, e talvez um pouco magra. Como filha de Satanás, ela estava ligada a todos os seus irmãos nascidos e por nascer. Não que ele desse uma merda. Mas isso explica por que Reaver dava.

— E fica ainda pior, — disse Harvester. — Depois que Lúcifer nascer, ele vai continuar crescendo mais forte, até que atinja o auge do poder. Quando isso acontecer, ele e Satanás podem unir forças, com você. O Trio do Mal, os arcanjos o chama, porque vocês serão os três seres mais poderosos do Sheoul. Juntos, haveria muito pouco que poderia impedi-los de causar o inferno na Terra. Reaver será forçado pela profecia bíblica a

quebrar todos os quatro selos dos Cavaleiros e lançar o Fim dos Dias.

Os tipos celestiais eram tão obcecados com o Armageddon como eles eram com anjos caídos. Tudo estava ficando velho. — E o que você quer que eu faça?

Reaver cruzou os braços sobre o peito. — Dá-nos Gethel antes que ela dê à luz a Lúcifer.

Outra reprise. Bocejou. Eles devem incorporar esta merda. — Por que eu deveria?

— Porque você é um anjo, Revenant. Metatron me disse que precisamos trabalhar juntos...

— Ele quer agora? Engraçado, porque ele nem mesmo responde ao meu pedido de conhecê-lo. Será que ele me enviou um convite para o céu? Não? Então apodreçam. — Ele piscou para fora de lá, sem se preocupar mais sobre a obtenção de respostas sobre o que significa ser um Anjo Sombra. Além disso, a intimação de Satanás estava zumbindo em torno de seu crânio como um zangão irritado.

Interessante como Satanás estava tão obcecado em falar com ele, enquanto Metatron sequer estava incomodado em enviar mesmo um querubim com uma mensagem.

Foda-se. As preocupações do céu sobre o nascimento de Lúcifer acabaram de tornar as coisas interessantes. Se eles estivessem certos e o Trio do Mal era a chave para a mais recente rodada de ameaças apocalípticas, então ele estava em uma posição de poder.

E o poder era algo que ele sabia usar bem.

Revenant materializou dentro do domínio montanhoso, submundo de Satanás. Ele cruzou a ponte de ferro decorada com os cadáveres dos inimigos de Satanás pendurados, através de um fosso de fogo para o portal do enorme castelo do rei dos demônios. Foi-lhe permitido entrar imediatamente, um anjo caído antigo nomeado Caim o escoltou a sala do trono.

O momento que entrou na câmara cavernosa, seu sangue gelou. Sim, a temperatura do ar estava fria pra caralho, mas o que transformou o material vermelho em suas veias em gelo foi o próprio Satanás, que estava no meio do que parecia ser dezenas de restos humanos. Seu corpo nu estava coberto de sangue, mas de outra forma, ele poderia ter sido um modelo masculino, e o velho ditado de que o mal vinha em embrulhos bonitos estalou na cabeça de Rev.

— É bom vê-lo filho. — Satanás pisou fora do ringue de carnificina e, instantaneamente, estava limpo e vestindo um terno preto com uma camisa de seda carmesim clichê e tons de joias vistosas.

— Não me chame assim, — Rev moeu fora. — Meu pai era um anjo.

— Sandalphon era um burro hipócrita, — Satan zombou. — Tenho sido um pai para você em todos os caminhos que importam.

Então, aparentemente, o que importava para um pai era que eles mantinham seus filhos em gaiolas e os obrigava a testemunhar o abuso de sua mãe. Oh, e, em seguida, ser verdadeiramente um bom pai, era enviar o filho para as Minas de agonia e mantê-lo escravo por décadas.

Teria de lembrar isso, se tivesse um filho.

— Vamos concordar em discordar.

Satanás sorriu. O sorriso desagradável que sempre vinha em uma fração de segundo antes de dor e morte.

Oh, merda...

Revenant não teve tempo de se preparar antes que o Lorde das Trevas se transformasse em uma carcaça de besta enegrecida e tinha-o preso à parede. As garras de Satanás cavaram fundo em sua caixa torácica e dor embalou duro enquanto seu sangue expirava em jorros espessos no peito ossudo de Satanás. Baba do rei demônio escorria da boca, que assumiu uma forma de focinho, os dentes irregulares de tubarão brilhavam enquanto os rangiam.

— A sua promoção a Anjo Sombra fez de você o ser mais poderoso em Sheoul, — ele rosnou. — Exceto eu. Seria preciso mil de você para me prejudicar. Cem mil para me destruir. — Dor indescritível esculpiu em suas entranhas quando Satanás arrancou suas garras, rasgando seu coração batendo em seu peito. — Tenha isso em mente.

Observou a exibição de poder do demônio alfa.

Revenant não podia falar uma palavra quando deslizou para baixo na parede, com as pernas bambas incapazes de apoiá-las. Tudo o que podia fazer era ver como Satanás mordida seu coração palpitante. Uma agonia como nunca conheceu antes o rasgou à parte. Ouviu gritos, e através da cortina preta do sofrimento se perguntou se alguém estava sendo torturado também. Talvez até mesmo morrendo, uma das maneiras infalíveis para matar um anjo, caído ou totalmente aureolado, era comer seu coração.

Então Revenant percebeu que os gritos vinham dele.

O mundo girou em torno dele em intermináveis laços de sofrimento. Ele estava morto? Os *griminations* do Grim Reaper estavam agora mesmo vindo colher sua alma patética?

Não sabia quanto tempo ficou como um pedaço de carne no chão frio, antes de ouvir a voz do Senhor das Trevas chamando seu nome.

Abrindo os olhos, viu-se deitado em uma poça de sangue. Satanás estava de volta a sua forma humana de costume, vestido com um belo terno e lambendo o sangue de seus lábios. Contendo um gemido, Revenant se empurrou até os joelhos. Foi preciso muito mais esforço do que teria gostado.

— Por que não estou morto? — Revenant murmurou.

— Você é um Anjo Sombra. Só eu, ou todo o contingente de arcanjos, ou o próprio Deus pode matá-

lo, e isso vai tomar muito mais esforço do que simplesmente comer seu coração. — Satanás caminhou através da pilha de restos mortais em seu caminho para o trono, os sapatos de couro italiano rangendo na unidade de sangue. — E se você está tendo qualquer ideia de desertar para o céu, deixe-me terminar isso agora. Sandalphon pode ter fodido para lhe gerar, mas é o meu sangue que corre em suas veias.

Revenant esfregou seu peito, que já estava curado. Podia até mesmo sentir um novo coração batendo lá. — Eu não entendi.

— Quando você era um bebê foi alimentado com leite de sua mãe, misturado com sangue de demônio.

— Eu sei, — disse ele. Pelo menos, agora sabia. Duas semanas atrás era sem noção.

Satanás se sentou em seu trono feito de ossos. — Certamente você não acha que nós lhe demos uma coisa que veio da veia de algum demônio aleatório? Foi o meu sangue. Liguei você a mim e este reino para sempre. Você é corrupto, e entrar no Céu irá corromper o próprio reino. Então, sim, de todas as maneiras que importam, eu sou seu pai.

O intestino de Revenant deu nó. Ser *filho* de Satanás não lhe dava nenhum privilégio especial. Pelo contrário, o rei dos demônios esperava mais de seus filhos, e quando eles os decepcionavam, ele tinha um jeito de castigá-los. Sua filha, Harvester, era a prova viva disso. Se Reaver não a tivesse salvado de suas garras, ela ainda estaria nos calabouços de Satanás, sendo

torturada cada minuto de cada dia, de forma que a mente de Rev não podia compreender.

— É por isso que você me chamou meu senhor? Para jantar meu coração e deliciar-me com histórias da minha infância?

— Pai, — Satanás disse, com a voz destilada em pura maldade. — Você vai me chamar de Pai.

Foda-se. Isso seria uma vergonha para sua mãe e seu pai verdadeiro. — Por que você me chamou? — Rev repetiu.

— Por que você me chamou, *pai*? — Satanás rosnou, e abruptamente, dor apertou seu cérebro Revenant. — Diga-o.

Segurando a cabeça, Revenant disse entre dentes, — Por que você me chamou? — Outra explosão de dor o atingiu, e sangue jorrou de seus ouvidos.

O rei dos demônios o encarou. — *Diga-o.*

— *Por que você me chamou?* — Revenant gritou, e, em seguida, uma porção inacreditável de agonia o deixou de joelhos. O sangue derramou de seu nariz quando seu crânio cedeu.

Satanás desceu sobre os calcanhares na frente de Revenant. — Porra, teimoso. — Um sorriso malicioso em seus lábios vermelhos. — Me chamar de pai é uma nova regra.

Maldito. Em seu interior, Revenant tremeu com a necessidade de obedecer. A única coisa incutida nele quase desde o nascimento foi a necessidade de seguir regras. Quebrá-las significava dor, e ao mesmo tempo a

dor era algo que poderia lidar, ver sua mãe sofrer a tortura mais hedionda porque ele quebrou as regras não foi algo que ele foi capaz de lidar.

Ela estava morta há muito tempo, mas sua necessidade de seguir regras não, e Satanás sabia disso.

Rev fixou o olhar com o demônio a sua frente. Algum dia se vingaria de tudo o que Satanás fez para sua mãe, mas até então, iria jogar o jogo de Satanás. Afinal, precisava ser confiável, e estar vivo para fazer o demônio pagar por anos de sofrimento.

— Por que você me chamou... Pai? — ele grunhiu.

Satanás lhe deu um tapinha na cabeça como faria a uma criança. — Muito bom. Eu te trouxe aqui por duas razões. Primeiro, Gethel precisa de atenção médica. Ela está ficando mais fraca enquanto Lúcifer cresce mais forte. Ele parece puxar a energia não só de Gethel, mas de todos os meus filhos também. É possível que, em seu nascimento, todos eles morram.

Isso definitivamente explicava porque Harvester parecia uma merda. — Então?

Revenant não dava um rato do inferno se Gethel morresse. A Odiava quando ela era um anjo, e agora, como um anjo caído grávida da descendência de Satanás, ele a odiava ainda mais. Ela era um pedaço de merda desagradável que havia quebrado um milhão de regras enquanto agia como Observadora Celestial dos Quatro Cavalheiros. Quanto aos filhos de Satanás, não gostava de nenhum deles também. Reaver

provavelmente não ficaria feliz se Harvester morresse, no entanto.

Satanás ficou de pé e voltou para sua monstruosidade de um trono. — Então... Gethel não pode ir ao Underworld General.

Não, provavelmente não. O pessoal da UG era em grande parte neutro para os acontecimentos entre o bem e o mal, mas as pessoas que dirigiam o lugar, como aquele idiota demônio Seminus, Eidolon, seus irmãos babacas e Sin, a abominação de uma irmã mestiça, foram pessoalmente afetados pelas maquinações de Gethel. Não havia nenhuma maneira que desejassem ajudá-la. Inferno, ela não conseguiria sair do hospital viva.

— O que você quer que eu faça sobre isso? — perguntou Rev. — A menos que eu não esteja me lembrando de frequentar a escola de medicina, eu sou inútil.

— Você vai arrumar um médico para Gethel.

Então, basicamente, teria de sequestrar um médico, porque ninguém no seu perfeito juízo iria se voluntariar para tratar uma ex-anjo psicótica que estava carregando o filho de Satanás... um filho que também passou a ser a alma reencarnada de Lúcifer, o segundo anjo caído mais poderoso que já existiu.

Até Revenant.

Só que Revenant não era verdadeiramente caído, então supôs que ele não contava.

Enxugando sangue em sua boca com as costas

da mão, Rev disse. — Isso é tudo?

— Não. — Satanás juntou as mãos na frente dele e se inclinou para frente. Isso não seria bom. — Tendo em conta todos os seus novos conhecimentos e memórias, questiono sua lealdade, — disse ele, e agora a razão pela qual foi tão insistente em chamá-lo de Pai fazia sentido. Ele estava tentando reforçar os laços... ou forçá-los, por assim dizer.

— Você não tem nenhuma razão para questionar minha lealdade, — Revenant assegurou, assim como sua mente rodou com a confusão sobre o seu lugar no mundo. — Eu nasci aqui. Cresci aqui. O Céu me abandonou há muito tempo. — Ele apontou o dedo em seu esterno, diretamente sobre a ferida ainda crua de sua cardiectomia. Ou o que quer que os médicos chamem a remoção violenta de um coração de um de peito. — Eu fiz o seu lance por cinco mil anos. Tudo o que você queria que fosse feito, mesmo quando os seus outros asseclas não fariam, eu fiz. Então, por que na porra do reino você duvida de mim, quando você foi o único que me manteve e enviou Reaver para o céu quando éramos recém-nascidos em primeiro lugar?

Satanás estudou sua forma como um entomologista pode estudar um inseto. — Você acha que eu mandei Reaver para o Céu? — ele riu. O filho da puta realmente riu, porque sim, este assunto era hilariante.

Revenant rosnou. — Você vai me contar a piada?

A diversão abruptamente drenou da expressão de Satanás e Revenant suspeitava de que era hora de

colocar seu nome em uma lista de transplante de coração.

— O Céu insistiu em levar um gêmeo, então eu disse a sua mãe para escolher, — disse Satanás, e o intestino do Rev deu uma cambalhota. Não queria saber disso. — Ela se recusou, é claro. Mesmo depois de torturá-la e duas noites em minha cama. — Ele franziu a testa. — Eu acho que as duas coisas são a mesma coisa.

Náuseas e raiva impotente borbulharam dentro de Revenant, mas as socou para baixo, sabendo muito bem que atacar o demônio filho da puta só acabaria mal para ele mesmo.

— Finalmente, eu tive que ameaçar torturar seus preciosos bebês, — continuou Satanás. — Foi quando ela cedeu e decidiu enviar Reaver para o céu. Ela sabia, assim como eu, que Reaver era o gêmeo bom. O único digno de salvar.

Uma lança de dor socou no peito de Revenant, que ele há muito tempo pensou que era à prova de balas. — Não, — ele argumentou, forçando um tom firme, neutro, — ela sabia que Reaver era o único que não poderia ficar aqui embaixo.

A gargalhada de Satanás fez os ratos do inferno correrem para seus esconderijos. — O céu não teria levado você. Não com o meu sangue em suas veias. Porque você acha que ninguém veio salvá-lo? Sua alma era corrupta, e só cresceu mais corrupta. Diga-me, uma vez que você recebeu a sua memória de volta e foi

elevado à condição de Anjo Sombra, um agente do Céu entrou em contato com você para recebê-lo em seus abraços amorosos? Não? — Ele mostrou os dentes. — E eles nunca irão. Marque minhas palavras.

Revenant nunca soube que Satanás fosse capaz de ler mentes, mas era quase como se ele tivesse olhado para Rev e visto seus mais profundos desejos secretos. Como não poderia querer conhecer o lugar onde ele e Reaver deveriam ter sido criados juntos? Como poderia não querer ser aceito por aqueles que acolheram Reaver como família?

Um grunhido silencioso se levantou na sua garganta. Foda-se. Não precisava de sua família angelical. Ele tinha... Tudo bem, então ele não tinha uma família. Mas desde que tivesse uma mulher quente em sua cama, ele não precisava de uma.

— Eu não tenho nenhum desejo de ser acolhido nos abraços amorosos do Céu. — Mas gostaria de matá-los se oferecessem? Por, pelo menos, dar-lhe a oportunidade de escolher por si mesmo? Ele era um anjo, afinal de contas, assim como todos os outros desprezíveis com auréolas. Assim como seu irmão.

O sorriso duvidoso de Satanás disse que ele não estava acreditando. Mas, o Príncipe das Mentiras desconfiava de todos. Mentirosos assumem que todos mentem. — Então, você não terá nenhum problema provando isso para mim, certo?

— E se eu tiver um problema com isso?

— Então você deve perguntar a Harvester o que

acontece quando alguém próximo a mim me irrita. Agora, vou perguntar de novo: Você não terá nenhum problema em provar sua lealdade a mim, certo?

Porra. Não havia um centímetro do corpo de Harvester, por fora ou por dentro, que Satanás e seus comparsas não descascaram, esmagaram, cortaram, marcaram, ou contaminaram... E ela era sua filha. A única de sua prole que foi concebida enquanto ele ainda era um anjo. Ele realmente a amava, então o que ele faria para Revenant, a quem ele mal tolerava?

— Claro que não, — Rev moeu fora.

— Então aqui está o negócio, filho. — Seu olhar negro levantou para a parede atrás de Revenant, onde centenas de anéis de ossos estavam pendurados em ganchos.

Auréolas, porque foram cortados de crânios de anjos. Sua própria mãe estava lá em cima, pendurada em um lugar de destaque e insulto final, em um crucifixo montado de cabeça para baixo.

— Você, — Satanás, continuou, — vai me trazer a cabeça de um anjo. E não algum sorridente, fracote Cherubim ou Seraphim. Eu quero um anjo da Ordem dos Tronos ou superior.

No que diz respeito às estratégias, essa era brilhante. No momento que matasse um anjo a sangue frio, o céu fecharia todas as suas portas para ele.

O que Satanás não sabia era que o céu não tinha aberto as portas para começar.

Satanás bateu com o punho para baixo no braço

da cadeira, que oportunamente, fora feita a partir de ossos de braço humano. — Sua Resposta.

Revenant baixou a cabeça. Nunca gostou de anjos de qualquer maneira. — A sua vontade é a minha.

— É? — Os olhos de Satanás brilhavam com o mal inconcebível quando ele trancou olhares com Rev. — Não me falhe meu filho. Você viu como puno os traidores, mas o que fiz a eles vai ser brincadeira de criança comparado com o que farei com você. Entendido?

— Entendido.

— Bom. Porque matar um anjo é apenas o começo. Como um Anjo Sombra, você pode ir a lugares que eu não posso e matar *legiões* inteiras de anjos. Teu poder será a minha espada e seu objetivo principal será dizimar a população de anjo do céu, incluindo a minha filha querida, Harvester. — Disse Satanás, e Rev viu seu relacionamento com Reaver ir de antagônico a pleno Caim e Abel. — Você tem até a Sanguinalia para trazer a cabeça de um anjo para mim.

Sanguinalia, uma das festas mais importantes do Sheoul, que ocorrerá em uma semana. O que significava que teria sete dias para obter tudo o que quer do céu antes de matar um anjo e confirmar a todos que merecia ser o gêmeo que foi deixado para trás em Sheoul depois que sua mãe deu à luz.

— Vá, — Satanás, continuou. — Cuide de Gethel. Quero que Lucifer nasça saudável e poderoso. Estou ansioso para tê-lo ao meu lado novamente.

Esse filho da puta. Lúcifer era o maior bastardo, ao lado de Satanás, Revenant sempre soube. Festejou por uma semana logo após Reseph rasgar Lúcifer em partes e enviar sua alma para Sheoul-gra. Agora o idiota iria reencarnar, e em poucos anos substituirá Revenant como o segundo mais importante em Sheoul.

A menos que...

Não. Rev não poderia ir por aí. Se destruísse Lúcifer, seu sofrimento se tornaria lenda. Gerações de demônios iriam compartilhar histórias de seu sofrimento, enquanto torravam ratos do pântano em volta da fogueira.

Então, não, não podia matar Lúcifer. Não se ele quisesse viver.

Mas alguém... ele sorriu.

Porque ele pode não estar em condições de impedir o nascimento de Lúcifer, mas conhece alguém que pode.

CAPÍTULO 3

A cirurgia de Deva, realizada por Eidolon e sua cunhada, Gem, durou dez horas. Blaspheme havia implorado para ajudar, mas Eidolon a banuiu *da equipe*, então não podia fazer nada além de observar através de uma janela de vidro. Não tinha dúvidas de que sua mãe estava nas melhores mãos no mundo, mas ainda odiava ficar tão indefesa.

Agora, que sua mãe estava sendo levada para o pós-operatório, esperou ansiosamente pelo relatório cirúrgico de Eidolon.

Ele a encontrou na sala dos professores no exterior do Hospital de Urgência, e no momento em que viu a expressão sombria no rosto dele, seu coração caiu a seus pés.

— O que é? — ela perguntou. — O que está errado?

O estetoscópio em volta do pescoço saltou contra seu peito largo, enquanto caminhava em direção a ela. Como todos os demônios do sexo, o médico de cabelos negros era incrivelmente lindo, algo que ela teria apreciado em qualquer outro dia. Algo que teria gostado em qualquer outro dia. Ele estava acasalado, mas Blaspheme não era cega.

— A cirurgia correu bem, — disse ele, uma nota de compaixão suavizou sua voz.

— Mas?

Ele enfiou as mãos nos bolsos do jaleco. — Eu fui capaz de recuperar seu braço quebrado, reparar seu estômago, cólon e fígado dilacerado, e tratar a queimadura na perna, mas eu não pude usar a minha capacidade de cura. Algo interferiu com o meu poder.

— Eu sei. — Ela olhou para baixo, lembrando a xícara de café na mão, e tomou um gole. Estava frio e sem graça, mas o sentiu bem, indo para baixo em sua garganta ressecada. — Ela se enroscou com um anjo.

Uma sobancelha escura disparou. — Isso explica tudo.

— Ela vai ficar bem?

Silêncio. Durou apenas por um instante, mas foi o suficiente para coalhar o café em sua barriga. — Eu não sei. Reparei o que pude, mas qualquer arma que o anjo usou mexeu com suas entranhas. Isso realmente reverteu a minha capacidade de cura e causou mais danos, o que significa que era uma arma especial, como uma *grimlight* ou uma aréola de energia.

O que significava que um anjo especial tinha empunhado a arma. Um anjo especial como um Executor. Ou, como afirmou Deva, um Eradicador, especialistas em extermínio do Céu. Com a capacidade de ver através de encantamentos e sentir coisas que outros anjos não poderiam, como o DNA anjo dentro de alguém que não deveria tê-lo, eles eram os inimigos número um para seres como ela.

— Então o que você está dizendo? — ela sabia,

mas precisava ouvir isso. Necessitava que fosse real, ou que ela vivesse em um mundo de faz-de-conta, onde todos fossem felizes, e sua mãe se recuperaria sozinha, a maneira que anjos caídos sempre faz.

— Ela ainda está em perigo, — disse ele. — Vou ver alguns tratamentos alternativos, mas, por enquanto, é um jogo de espera. Sinto muito, Blaspheme. Gostaria de ter notícias melhores.

— Obrigada, — disse entorpecida. Seu cérebro fechou após a palavra *perigo*, deixando-a desorientada e em choque. — Eu, ah... Eu quero vê-la.

— Claro. — Eidolon descansou uma mão reconfortante em seu ombro. — Se você precisar de alguma coisa, me avise. Tire todo o tempo que você quiser.

Ela deu um aceno evasivo, mas não ia a qualquer lugar. Não tinha mais nada para fazer, apenas o trabalho, e enquanto sua mãe estivesse no hospital, ela estaria aqui também. Além disso, amava seu trabalho, nunca se sentira tão necessária como quando sentia profundamente a cavidade torácica de alguém. Havia apenas algo sobre a doação de vida.

Nenhum número de vidas salvas pode reparar o que você tomou.

A voz irritante em sua cabeça estava sempre lá para mantê-la com os pés no chão. Tecnicamente, ela não tirou uma vida. Mas uma foi sacrificada por ela, e honraria isso. Não tinha nenhuma dúvida, na verdade, a culpa foi a razão pela qual escolheu uma carreira na

medicina.

Deixando Eidolon, correu para a sala de recuperação, onde sua mãe estava ligada as máquinas que Blaspheme poderia operar com os olhos vendados, mas agora não conseguia se lembrar como elas eram chamadas.

— Blas. — A voz de Deva era quase um sussurro.

Blaspheme agarrou a mão pálida de sua mãe e se afundou na cadeira ao lado da cama. — Não fale. Você precisa descansar.

Ignorando-a, Deva abriu os olhos, a Aqua vívida agora nebulosa com dor e remédios. — Onde... onde eu estou?

— Você está no Underworld General. Não se preocupe você está segura. Anjos não podem entrar aqui.

O problema era que Devastation não poderia ficar aqui para sempre, e claramente, ela não podia voltar para casa. Poderia encontrar um lugar para ficar em Sheoul, mas se os anjos celestiais a localizaram, não seria muito antes de anjos caídos, como Destroyers, o equivalente Sheoul de Exterminadores, a encontrassem também... E então não haveria um local seguro para ela em todo o universo.

Vyrm, a prole proibida de um anjo e um anjo caído, não eram tolerados pelo céu nem o inferno, e nem seus pais. Depois de quase 200 anos de frequentes mudanças, mudanças de nome, e um triz, Blaspheme era muito consciente desse fato.

— Quão... ruim?

Blaspheme não podia mentir para sua mãe, o inferno, ela não era a melhor mentirosa, para começar. — A cirurgia correu bem, — disse ela. — Mas existem algumas complicações de alguma arma com a qual você foi atacada.

Como se na sugestão, Deva respirou e na expiração, sangue pulverizou de seu nariz e boca. — O anjo... ele usou... *grimlight*.

Merda. *Grimlight*, uma arma usada exclusivamente por Exterminadores, confirma o que Eidolon disse. Blas pegou um lenço na cabeceira e limpou suavemente o sangue no rosto de sua mãe enquanto ela deixava a realidade da situação no lavatório. O céu encontrou sua mãe, o que significava que não poderia estar muito atrás de Blaspheme.

— Eu vou morrer Blas.

— Não. — Ela apertou a mão de sua mãe. — Eu sempre soube que esse dia poderia vir. Eu fiz um monte de investigação sobre luz sinistra...

— O dano... ele não pode ser reparado.

— Eu sei, mas você pode sobreviver a ele.

— Eu estarei fraca. — Deva tossiu novamente. — Uma casca de mim mesma.

— Você nunca poderia ser fraca, — Blaspheme murmurou.

Porra, mas desejou que pudesse usar suas habilidades angelicais ou caídas para pelo menos tentar curar sua mãe, mas o feitiço que a disfarça como um

Anjo Falso ainda estava bloqueando seus poderes, mesmo com suas habilidades falhando. Por que sua mãe escolheu um Anjo Falso como sua cobertura, Blaspheme não sabia, mas, tanto quanto demônios palermas, Anjos Falsos estavam no topo da lista.

Pela milionésima vez hoje, olhou para a cicatriz quase invisível em seu pulso, a que conseguiu apenas momentos depois de seu nascimento, quando sua mãe realizou a cerimônia para esconder sua identidade *vurm* dentro de uma aura de Anjo Falso. Em termos práticos, ela era um Anjo Falso, com todas as forças e fraquezas inerentes à espécie.

Mas agora, 200 anos depois, a aura estava enfraquecendo, e quando a cicatriz se for, então seria o fim de seu disfarce. Oh, como um *vurm* ela seria muito mais poderosa do que um Anjo Falso, com a capacidade de teleportar sempre que quisesse, convocar armas de fogo, curar quase qualquer uma das milhares de aflições... mas também seria caçada na terra.

— Filha, — Deva disse asperamente. — Você precisa fazer o ritual. Antes de morrer, eu preciso saber que você está segura. — Ela suspirou. — E eu estava tão ansiosa para Sanguinalia.

Blas acariciou a mão de sua mãe e se levantou. — Pare de ser dramática, — disse ela com uma leveza que não sentia. — Você não vai morrer. E nós já discutimos isso. Eu não vou sacrificar um Anjo Falso para que eu possa manter o meu disfarce. Vou encontrar outra maneira. Outra forma de salvar nós

duas.

Antes que sua mãe pudesse argumentar, Blas a beijou na testa e saiu de lá. Ela tinha trabalho a fazer e, francamente, não queria insistir no fato de que, entre as lesões de Deva e o disfarce rapidamente desaparecendo dela, elas poderiam estar mortas até o final da semana.

Blaspheme passou uma noite de sono irregular em uma suíte de plantão perto do quarto de sua mãe. Depois de um café da manhã grogue, uma caneca de café e uma verificação rápida se a mãe dormia e estava indo bem, começou a trabalhar.

Agora só tentava não pensar em coisas fora de seu controle, como colocar uma série de pontos no couro cabeludo dilacerado de um Huldrefox. A fêmea peluda trombara com um lobisomem, e pelo número e gravidade dos seus ferimentos, parecia que o Huldrefox foi menos que um adversário digno e mais um brinquedo.

— Doutora?

Blaspheme gritou assustada quando uma enfermeira shifter-leão de pele escura chamada Mbali afastou o tecido da cortina da cabine apenas o suficiente para colocar a cabeça dentro. — Meu, você está nervosa hoje, — disse Mbali. — Você está bem, *imayama*?

Blas não tinha ideia do que *imayama* representava em sua língua, mas sabia que isso

significava médica na língua nativa de Mbali. Ela se perguntou como a língua nativa de Mbali traduziria, *Não, eu não estou bem. Eu acho que há um Eradicador em cada esquina.*

— Eu estou bem, Mbali, — disse Blas, concentrando-se em nivelar a respiração e os batimentos cardíacos, algo que ela teve que aprender a controlar em situações de emergência e cirurgia. — O que você precisa?

— Dra. Morgan me enviou para dizer que a reunião da equipe foi adiada para amanhã. Ela não disse o motivo.

Tinha uma sensação de que sabia o porquê. Como ocupada co-diretora da Underworld General Clinic com Blas, Gemella Morgan valorizava o seu tempo com o marido, Kynan, e sua filha, Dawn. Sua dedicação à sua família, ao hospital e a Clínica fazia dela uma fantástica médica, bem como uma esposa dedicada e mãe.

Não era sempre que Blaspheme experimentava o ciúme, ela ficava emocionada ao dedicar sua vida à medicina. Mas de vez em quando não podia evitar invejar a vida familiar de Gem... Algo que ela não poderia ter desde que foi forçada a fingir que era algo que ela não era.

— Obrigado, Mbali. — Ela cortou o fio de sutura e limpou a área cirúrgica atrás da orelha da Huldrefox. — Você pode terminar isso para mim? Preciso verificar nosso paciente anjo caído.

Com a exceção de Eidolon, Luc e Raze, ninguém

sabia que Deva era sua mãe, ou até mesmo sua mãe adotiva, e planejou manter dessa forma. Não havia sentido em dar a qualquer um as ferramentas para colocar dois e dois juntos para igual *vurm*.

Mbali ficou feliz enquanto Blaspheme caminhava pelo corredor até uma das salas de recuperação da Underworld General, onde sua mãe foi trazida para mantê-la perto dela. Deva ainda estava dormindo, seu cabelo loiro curto uma bagunça saindo das cobertas que ela puxara até seus olhos. Verificou seus sinais vitais, ajustando seu gotejamento salino, e terminou com um leve beijo na bochecha de sua mãe. Sua mãe era má em maneiras que não conseguia entender, mas não tinha dúvidas do quanto sua mãe a amava.

Um sinal sonoro de três soou indicando que alguém chegou através de uma das duas entradas para UGC, mas a menos que seu bip tocasse, ela não tinha que...

Seu bip foi à loucura em seu bolso, saltitando no tecido de seu jaleco. Querendo saber o que estava acontecendo, saiu para o corredor... e correu direto para o peito duro de Revenant.

Ela saltou para trás com o segundo encontro humilhante para um dia. Maldito seja! Será que ele gosta de assustá-la, merda? Supôs que preferia correr para ele a um Eradicador, mas puxa, ele acabou de tomar uma centena de anos de sua vida. E era necessário o uso de todo o couro e metal como uma espécie de armadura? Armadura inadequadamente

sexy?

— Você é um espreitador profissional, ou o que?

— Ela casualmente, mas rapidamente fechou a porta atrás dela.

Revenant ignorou, esticando a cabeça para dar uma olhada quando a porta se fechava. — Você está tratando um anjo caído? — perguntou. — Deve ter sido uma baita de uma lesão para exigir atenção médica.

— Eu não posso discutir sobre meus pacientes com você, — disse ela, com a voz médica tipo: não ferre comigo. — E como é que você sabe que ela é um anjo caído?

Ele levantou uma sobrancelha ébano. — Eu posso sentir o cheiro de sangue de anjo caído.

Oh, merda. Ela começou a suar frio. Esperava que ele não pudesse sentir o cheiro disso. Hora de se livrar deste considerável cão de caça antes que ele sentisse o cheiro de sangue de seu anjo caído, ou anjo, através de seu disfarce desvanecendo.

Limpando a garganta, ela sobrepôs sua voz médica novamente. — O que você quer?

Ela pegou seu bip em seu bolso, e, de alguma forma, as palavras que apareceram na tela não a surpreenderam.

Esse grande anjo caído babaca está aqui para vê-la. E então, ele é solteiro?

— O que eu quero? — Ele deu de ombros. — Eu quero você.

Ela gemeu, mesmo quando seu corpo despertou

para a vida. Seu encantamento Anjo Falso pode estar desvanecendo, mas o impulso sexual de Anjo Falso estava tão totalmente engajado como sempre. Engraçado como estava perdendo as outras habilidades, mas ainda estava com tesão como o inferno, e autogratificação estava se tornando menos e menos satisfatória.

— Não desta vez. — Qual era o seu fascínio com ela, de qualquer maneira? Empurrando-o para o lado, começou a descer o corredor. — Eu disse não.

Ele se encontrou com ela, combinando seu passo quando caminhou ao lado dela. — Deixe-me colocar de outra forma. Eu tenho um caso médico para você.

Parada, ela olhou desconfiada. Porra, ele era alto. Ele colocou quase dois metros de perfeição em sua frente. — O que você está falando?

— Estou falando de um anjo caído do sexo feminino. Ela está grávida, e ela precisa de um check-up.

Ela bufou. — Você a fodeu?

Ele recuou tão rápido que ela considerou um colar cervical caso ele tivesse se dado a si mesmo uma chicotada. — A ideia é repulsiva.

— O que, a ideia de ser pai ou foder um anjo caído?

— Não tenho nenhum problema em me enroscar a anjos de qualquer tipo, — disse ele, com a voz ronronando, e ela sabia que ele estava insinuando o fato de que ela era uma, pelo menos por fora, um Anjo Falso. — Mas esta em particular foi... danificada.

— É por isso que ela precisa de ajuda médica?

— É por isso que ela precisa de ajuda psicológica, mas não. — Ele esperou que um enfermeiro que empurrava um carrinho de suprimentos passasse antes de dizer: — Ela precisa de um médico porque a gravidez não é exatamente de rotina. — Ele inclinou a cabeça, sua juba espessa de cabelo azul-preto roçou os ombros. — Posso tocar em você?

Uau. Fale sobre chicotada. Antes que ela pudesse protestar, ele estendeu a mão, roçando uma junta sobre sua bochecha. Cada terminação nervosa em seu corpo chiou com consciência. Como ele fez isso com tanta facilidade?

Ela se afastou desajeitadamente, o suficiente, que ele tinha que saber que a afetava. — Por que você fez isso?

— Já me disseram que eu não tenho nenhum controle de impulso ou senso de limites sociais. — Ele casualmente rolou um ombro grande. — Pelo menos eu perguntei primeiro.

— Puxa, dê ao homem uma medalha. — Deuses, ela amava o jeito que ele cheirava, como almíscar e couro, e o enxofre, uma sugestão de pecador. — Diga a sua amiga anjo caído para passar por aqui. Estamos abertos vinte e quatro horas, sete dias por semana. — Seus dedos apertaram, e ela percebeu que estava segurando seu bip com muita força. Colocando-o de volta no bolso, ela lhe deu um sorriso velado. — Eu tenho trabalho. Obrigada pela visita.

Ela começou ir para o escritório da frente, mas ele enlaçou seu braço e a girou. — Ela não pode vir aqui. Eu preciso levá-la até ela.

— Desculpe, — disse ela, tentando manter seu controle, — mas eu não faço atendimento domiciliar. Posso recomendar alguém que faz...

— Eu preciso de você.

Tudo bem, agora estava chegando ao fim de sua paciência. — Você ouviu o que eu disse? Eu não faço atendimento domiciliar. Sem exceções.

— Você vai fazer uma exceção para essa paciente.

O queixo dela caiu, e ela olhou para ele, pasma. Quem ele pensava que era para vir intrometer em seu local de trabalho e fazê-la largar tudo só porque ele disse? — Eu não vou fazer tal coisa.

— Eu considero isso um favor pessoal. O que significa que eu devo a você.

Hmm. Agora era algo para se pensar. Ela não queria ficar em dívida com ninguém, muito menos um anjo caído como Revenant, mas para tê-lo devendo a ela... valia a pena considerar. Não sabia muito sobre ele, mas sabia que ele era o Observador do mal dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse, o que significava que ele era um anjo caído de alto nível e poderoso. E com a loucura acontecendo com sua mãe agora, Blas nunca sabia quando precisaria de um favor.

— Por que eu? — ela perguntou.

— Porque eu quero você, — ele disse

simplesmente. — E você me quer.

Meu Deus, ele estava delirando. — Eu não quero você.

Ele sorriu com força. — Você irá.

— Você sabe, — ela suspirou, — quanto mais você diz merda assim, menos provável é que eu vá querer você.

— Você não aprecia a confiança?

— Eu não aprecio arrogância. Há uma grande diferença.

— E qual é a diferença?

— A confiança é a arrogância sem um idiota.

Ele riu, e santo inferno, ele era impressionante quando fazia isso. — Parece desconfortável. Eu vou manter minha arrogância, muito obrigado.

Apertando as mãos nos quadris, ela o olhou. — Você ainda não disse por que você quer que eu trate sua amiga.

— Ela não é minha amiga. E tem que ser você, porque você é a única médica que eu conheço.

— Se conhecer um médico for o único critério para as pessoas escolherem um, muito poucas pessoas receberiam cuidados médicos.

Ele mostrou os dentes. — Eu não dou a mínima para as outras pessoas. Estou escolhendo você porque eu não conheço mais ninguém.

Ele mal a conhecia. Mas ela sentia... não tinha certeza. Talvez ele fosse uma daquelas pessoas que conectava rapidamente com os outros. Ou talvez ele não

confiasse facilmente, e ela lhe dera atitude bastante simples que ele pensou que poderia colocar um pouco de confiança em suas habilidades. O último soou mais provável.

E por que ela estava diagnosticando sua instabilidade mental, de qualquer maneira? Ela acabou discutindo com ele. Mas... algo que ele disse a intrigava. — Você disse que o paciente é um anjo caído? O pai da criança é um anjo caído também?

— Você poderia dizer isso.

Desde que todos os anjos caídos foram uma vez anjos celestiais, a prole de dois anjos caídos seria *emim*, nem anjo, nem anjo caído, sem asas, mas que possui um conjunto de poderes de anjo caído. Durante sua pesquisa sobre maneiras de reparar os danos causados por *grimlight*, ela encontrou rabiscos de um Necromancer teorizando que as células-tronco *emins* poderiam desferir um soco de poder de cura extra para outras condições intratáveis em anjos caídos, como sua mãe.

Revenant só poderia tê-la entregue a resposta às orações.

— Tudo bem, — ela murmurou, dizendo a si mesma que isso tudo valeria a pena, seja por ele pagando o favor ou ela curando sua mãe. — Dê-me um minuto para pegar a caixa de materiais de obstetrícia.

— Excelente. — Triunfo acendeu sua expressão. — Vou encontrá-la na entrada principal.

Ele decolou, enquanto ela observava seu belo

traseiro envolvido em couro desaparecer pelo corredor, ela se perguntava sobre o erro que tinha acabado de fazer. Porque não era uma questão de se ela tivesse cometido um erro. Ela cruzou a ponte particular uma milha atrás.

Não, a questão agora era se isso viria a ser um grande erro.

CAPÍTULO 4

Blaspheme apareceu na entrada principal da clínica, cinco minutos depois, ainda usando uniformes roxos e um jaleco branco brilhante imaculado com o símbolo do Underworld General bordado no bolso do peito. Um estetoscópio pendurado em seu pescoço, e Revenant se perguntou como seu coração soaria se ouvido.

Ele imaginou que estaria parado completamente, ou bateria como um colibri na parte de trás de sua caixa torácica. Isso assumindo que tivesse crescido inteiramente depois que Satanás fez uma refeição com ele.

Não, espere... ele definitivamente tinha regenerado, porque, quando Blaspheme caminhou pela sala de espera até ele, com uma mochila laranja pendurada no ombro e seus dedos finos brincando com o estetoscópio, ele sentiu seu pulso martelar mais rápido a cada passo. Seu cabelo loiro puxado em um rabo de cavalo alto oscilava muito, a ponta do rabo atingia a parte de trás de sua cintura. Porra, ele adoraria dobrá-la, enrolar essa coisa ao redor de seu punho, e...

— Você está pronto para ir? — ela perguntou,

indo direto ao que interessa.

Ele respondeu empurrando a porta de aço. Descobriu que havia apenas duas maneiras de ir de dentro da clínica, via o Harrowgate do hospital em Nova York, ou pela porta de uma plataforma abandonada em Londres. Um feitiço impedia alguém de teleportar diretamente para dentro e fora da clínica, mas como um Anjo Sombra, ele poderia aparecer dentro ou fora a qualquer hora que quisesse. Por enquanto, porém, queria manter seu status em segredo. Uma coisa que aprendeu sobre o poder foi que por mais do que você tenha, menos pessoas precisam saber sobre ele.

Um idiota lá fora sempre queria pegar ou explorá-lo, como Satanás provou hoje, quando anunciou seu plano de usá-lo como um exterminador de anjo.

Eles saíram para a plataforma e para o ar subterrâneo rançoso. Atrás deles, a porta da clínica fechou e tornou um pano de fundo, escondendo-se dos olhos humanos. A poucos metros de distância, a cortina cintilante de luz do Harrowgate construído na parede do túnel à frente solidificou, e um momento depois, um demônio Blanchier de pele branca tropeçou fora, segurando o braço claramente deslocado.

Blas correu para segurar a porta da clínica aberta para ele. — Veja Liz na recepção. Ela vai fazer com que você seja atendido em poucos minutos.

O demônio murmurou seus agradecimentos e desapareceu pela porta.

— Você realmente gosta deste trabalho, não é?

— perguntou Revenant, perplexo com o desejo de ajudar as pessoas. A maioria das pessoas era idiota. Eles eram muito mais agradáveis quando estavam mortos.

— Eu não faria isso se eu não amasse.

Cruzando os braços sobre o peito, ele a estudou, o que, realmente, foi um sofrimento. — Então, quando você era um bebê Anjo Falso, isso era o que você sonhou em fazer quando crescer?

— Quando você era um bebê anjo você sonhou em cometer um crime tão hediondo para ser expulso do Céu e se tornar um anjo caído? — ela rebateu.

— Puxa, — ele murmurou. — Eu não sabia que anjos falsos eram venenosos.

Ela esfregou os olhos, e de repente ele se sentiu como uma merda, mesmo que não tivesse certeza do porquê. Não estava acostumada a ter arrependimentos.

— Desculpe, — disse ela. — Estou lidando com alguns problemas familiares que estão me deixando mal-humorada.

— Deve ser alguma coisa no ar, — ele murmurou.

— Como um vírus? Eu poderia lidar, — disse ela, e gostou que ela preferisse lidar com infecções virais a pessoas. Muito legal. Mas estranho para um Anjo Falso. — Onde estamos indo?

— Não é possível lhe dizer. — Ele estendeu a mão, mas ela olhou para ele como se oferecesse uma *víbora Croix*. — Você precisa pegá-la. Vou nos teleportar para lá.

Erguendo o saco de forma mais segura em seu ombro, ela olhou. — Caso você me mate...

— Confie em mim, — disse ele. — Nada pode prejudicá-la enquanto você estiver comigo. E se alguém tentar, eu vou fazê-los gritar até que seus crânios explodam estilo Humpty Dumpty. Nem mesmo o seu grande Eidolon e todos os cavalos do rei serão capazes de corrigir isso.

— Isso é tão... comovente, — disse ela, sem rodeios. — E animador.

— Tenho habilidades loucas quando se trata de fêmeas comoventes. — Ela não pareceu apreciar seu duplo sentido, mas, em seguida, parecia bastante irritada. Talvez ele pudesse dar a ela um vírus mortal para brincar. Com seus novos poderes de Anjo Sombra, criar uma praga deveria ser fácil. — Dê-me sua mão.

Ela fez isso com relutância, mas ele ainda sentia um tremor escaldante de consciência atirar para cima do braço. Saboreando a sensação, ele os levou para uma região adjacente a Satanás, uma região definida por seus fluxos de lava e lagos ácidos, um ambiente inóspito em que poucos poderiam sobreviver. Era também uma das regiões que era impossível para qualquer anjo celestial entrar. A mansão que Satanás construiu aqui como sua *casa de férias* era tão bem guardada que só ele e um punhado de seus companheiros mais confiáveis poderiam entrar.

Eles se materializaram na grande sala de estar, que era pouco mais que uma lareira gigante. Quatro

lareiras acesas tomavam quatro paredes, e no meio, uma espreguiçadeira longa em frente a um rack de tortura.

Um rack de tortura que algum pobre Metamorfo pendurava sem vida, quebrado, pendurado frouxamente das ripas de madeira.

— Que inferno. — Blaspheme empurrou a mão dele, seu olhar horrorizado colado à cara do morto. — Onde estamos?

— Melindrosa? Eu não esperava isso de você.

Ela virou para ele com um rosnado, e abençoado coraçãozinho de Anjo Falso, ela estava chateada. — Eu sou uma médica por uma razão. — Ela jogou o braço na direção do homem morto. — Isso não é legal.

Ela caminhou na direção, sem dúvida, para verificar os sinais vitais, mas a deteve com a mão em seu ombro. — Confie em mim, ele está morto há muito tempo.

Ele a soltou antes que ela desse de ombros para longe de seu toque, por alguma razão, o pensamento dela rejeitá-lo novamente fez doer o peito.

Idiota.

— Leve-me de volta para a clínica, — ela retrucou, mas isso não ia acontecer. Ele precisava que Lúcifer morresse, e ele não poderia fazê-lo ele mesmo.

Ele foi poupado da feiura de ter de recusar o seu pedido quando uma porta de ouro maciço, no outro extremo da sala abriu com um rangido sinistro, e uma fêmea grávida entrou, seu vestido branco esfarrapado

manchado de sangue e sabe mais o que. Seu cabelo pegajoso caía em tufo emaranhados ao redor de seus ombros magros, e as olheiras em seus olhos fez seu rosto pálido parecer quase fantasmagórico.

— Oh, meu, — BlaspHEME sussurrou.

— Estou assumindo que esta é a minha nova obstetra? — Gethel sorriu, mas mesmo que ele suspeitasse que seu sorriso fosse genuíno, seus lábios finos, rachados e dentes afiados escurecidos só fez parecer mais assustadora.

E Revenant tinha um limite muito alto para o que ele considerava ser assustador.

— Não sou uma obstetra, — BlaspHEME disse, soando impressionantemente autoritária, — mas vou fazer o que puder para ajudá-la. — Ela caminhou em direção Gethel. — Qual o seu nome?

Gethel afundou na espreguiçadeira. — Revenant não te disse? — Ela lhe deu um leve olhar de consternação, que ele ignorou. — Sou Gethel. E você é?

— BlaspHEME. — Ela desacelerou enquanto se aproximava da espreguiçadeira. — Gethel... Isso soa familiar.

Porcaria. Isso não ia ser bom. Revenant ajudou Gethel a se encostar sobre os travesseiros, não porque ele dava a mínima para seu conforto, mas porque precisava que Blas não se sentisse ameaçada. E se ela percebesse quem Gethel era, e que o bebê que ela carregava iria crescer para ser... sim, ele precisava jogar como se isso não fosse grande coisa por um tempo.

— É claro que soa familiar, você é patética, tola,
— Gethel estalou. Olhou para Revenant. — Você me trouxe um charlatão sem compreensão da importância desta situação de abalar a terra?

Blaspheme largou a mochila com um baque. — Charlatão? Eu quero que você saiba que eu trabalho no Underworld General Hospital por mais de cinco décadas, e coordeno paramédicos, médicos e sou responsável pela nova clínica da UG em Londres. Quanto ao resto, tenho certeza que a importância de sua gravidez *de abalar a terra* é importante para você, assim como é para cada mãe, e vou tratar você e seu filho com o mesmo cuidado.

— Cadela, — Gethel assobiou. — Você vai me tratar... — Revenant fechou a mão em torno de sua garganta e cortou a fala.

— Você vai tratar Blaspheme com respeito, — ele rosnou.

— Revenant! — Blaspheme agarrou seu pulso e o puxou para longe. — Que tal nós definirmos algumas regras básicas. — Ela apontou um dedo para Gethel. — Você. Chame-me de cadela de novo e pode encontrar um médico em outro lugar. E você... — ela pontuou Rev no peito com o mesmo dedo, — tenta estrangular uma mulher grávida de novo e eu vou usar um bisturi em suas bolas. Entendido?

Ele sorriu. Porra, seu fogo era incrível. Normalmente Anjos Falsos eram mais tímidos. Ele se perguntou se ela seria menos agressiva fora do trabalho. Mais maleável. Mais fácil, ficando nua.

Gethel derrapou em seu acento. — Você ainda não tem ideia com quem você está falando, não é?

— Não, — Blas disse, — e não dou a mínima. Estou aqui para fazer um trabalho, então por que não deixar de ser uma diva e me diga o que está acontecendo com essa gravidez.

Revenant realmente, realmente necessitava levar Blaspheme para a cama.

Gethel parecia precisar de ajuda, mas ele apenas deu de ombros. Satanás deu ordens para trazer um médico para Gethel, e ele trouxe. Se Gethel encaixar as coisas, não ia perder o sono por isso.

Com um grunhido, Gethel caiu para trás na espreguiçadeira e colocou a mão em sua barriga. — Tudo estava correndo normalmente, — disse ela. — Eu estava me alimentando de crianças para nutrir a cria, e seu poder crescer dentro de mim todos os dias.

Houve uma batida de coração de silêncio de morte. — Você estava comendo bebês?

Gethel zombou. — Claro. Meu filho é um anjo caído reencarnado. É exigido.

Blaspheme deu a Rev um olhar você-vai-me-pagar-por-isso. Excelente. Ele felizmente receberia qualquer coisa que ela queria repartir.

Esperemos que ela queira repartir sexo. Anjos Falsos eram notórios por se vingar através de tortura sexual prolongada.

Imaginando as possibilidades, ele se apoiou contra um pilar e assistiu Blaspheme desprender seu

estetoscópio em torno de seu pescoço.

— Vou verificar os seus batimentos cardíacos, mas, primeiro, termine de me dizer o que está acontecendo. Quantos meses você está?

Gethel esfregou sua barriga quase carinhosamente, mas Rev tinha dificuldade em acreditar que ela realmente se preocupasse com a cria infernal dentro dela. — Cerca de seis meses.

Os olhos de BlaspHEME arregalaram. — Você está, ah... muito grande para apenas seis meses. Você já confirmou que há apenas um feto?

— O Lorde das Trevas confirmou. Você pode falar com ele se você duvidar de mim.

— O... Lorde das Trevas? — BlaspHEME empalideceu. — Vou acreditar em sua palavra. — Ela atirou a Revenant outro olhar irritado antes de olhar para o shifter morto e estremeceu.

Revenant fez um movimento mental de pulso, e o pobre gajo morto desapareceu, deixando o rack tão limpo como se fosse novo.

— Você me deve outro brinquedo, — disse Gethel, parecendo genuinamente triste. — Esse era um dos servos de Limos. Poderia apreciar olhar para ele por mais algumas semanas.

BlaspHEME congelou com a mão no sino do estetoscópio. — Limos? Como o terceiro Cavaleiro do Apocalipse, Limos?

— Quem mais? — Gethel acenou com a mão com desdém. — Na próxima quero um dos servos vampiros

de Thanatos.

Por um longo momento, BlaspHEME estava ali, seu rosto mais pálido a cada segundo. — Você é... Gethel. — Ela deu um passo para trás. — Você... você tentou iniciar o Apocalipse por querer matar o filho recém-nascido de Thanatos.

— Dã.

BlaspHEME olhou para Revenant, e ele sabia que ela estava tendo dúvidas. Não aceitável. Tinha um plano, e precisava de uma boa equipe, ou, pelo menos, uma equipe neutra para realizá-la.

— Não posso fazer isso, — disse ela. — Os Cavaleiros são unidos com o pessoal do Underworld General. São amigos. Não posso tratar o anjo caído que os traiu e tentou matar um bebê inocente...

A risada latida de Gethel fez BlaspHEME afastar ainda mais, mas Rev evitou seus passos com poder em suas mãos, pronto para explodir a merda de Gethel se ela tiver sequer um pensamento sobre prejudicar BlaspHEME.

— Nenhum bebê é inocente, sua tola. Eles são almas reencarnadas, todos eles. Eles poderiam ter sido assassinos em série em suas vidas passadas. — Ela acariciou sua barriga. — Você realmente acha que essa criança é de qualquer forma pura?

BlaspHEME ingeriu. — Uma criança *emim*, sim? A descendência de dois anjos caídos. Ele não tem que ser o mal se...

— Oh, este é mal, — Rev arrastou. — Meio que

não pode ficar mais mal.

E tecnicamente, já que Gethel tinha sido um anjo totalmente aureolado no momento que o concebeu, não acharia que Lúcifer seria considerado *emim*, tampouco. Ele seria... *vurm*. O único sob a proteção de Satanás.

— Eu não entendi. Quer dizer, a não ser que a criança seja a prole de Satanás... — Ela parou quando tomou consciência. — É, não é?

— Sim, — Gethel disse, com a voz tão escura e esfumaçada como os poços de carvão de Mephisto. — Mas fica ainda melhor. A besta crescendo em mim é a alma reencarnada do próprio Lúcifer. — Ela sorriu. — E o dia em que ele nascer é o dia que o céu e todos aqueles anjos idiotas saberão o que está vindo para eles.

CAPÍTULO 5

Blaspheme queria vomitar. No melhor dos dias a comida de hospital não caía bem nela, mas hoje... ela tinha uma sensação de que perderia aquela mortadela e salame do sanduíche. Muito ruim seria as batatas fritas, porque elas estavam bastante saborosa.

— Revenant, — ela respondeu asperamente. — Posso falar com você por um momento? — Ela olhou para Gethel, que ainda olhava para ela com os olhos enlouquecidos. — Em particular.

— Eu estive procurando uma desculpa para levá-la a algum lugar privado, — disse ele com um sorriso atrevido, porque, naturalmente, ele tinha que transformar tudo o que ela diz em algo sedutor, bruto ou sexual.

— Por favor, — ela grunhiu, odiou que tivesse de recorrer à mendicância. — Preciso falar com você.

De repente, ele ficou tenso, sua cabeça ergueu, e ele entrou em modo extremamente sério. Quando caminhou em direção a ela, com os olhos perfurando os dela, ela se preparou para... para o que, não sabia. *Violência* foi a primeira palavra que veio à mente, no entanto.

Para sua surpresa, ele a puxou de lado e inclinou

a corpo grande para que ela não pudesse ver Gethel. — Sou todo ouvidos, — disse ele.

Santo... caramba. Isso é tudo o que levou fazê-lo falar? Ele precisava de um, por favor? Ela teria que se lembrar disso.

— Hum... Tudo bem. — Ela soltou um longo suspiro. — Olha, eu não sei por que você se preocupa com esse... esse... monstro na espreguiçadeira, mas...

— Eu não me preocupo com ela, — ele interrompeu. — Se eu pudesse, eu a mataria onde ela está. Ela quebrou um milhão de regras quando era Observadora dos Cavaleiros e que não poderiam ficar impunes. Mas eu tenho minhas ordens.

— Ordens de...?

Tinha a sensação de que sabia, quando ele disse: — O próprio Senhor das Trevas, — ela apenas fechou os olhos, como se isso bloqueasse a realidade do que ela acabara de ouvir, queixo caiu, na pior situação imaginável.

— Eu sinto muito, Revenant, mas você vai ter que encontrar alguém para tratá-la. Eu não posso.

— Eu quero você.

Deuses, ele era teimoso. — Mesmo que ela não fosse a inimiga mortal de praticamente todos com quem trabalho, eu não posso, em sã consciência, tratá-la.

— Você não fez algum tipo de juramento para ajudar a todos que precisam ou alguma porcaria quando se tornou um médico?

— Isso é uma coisa humana, não um demônio. E

confiem em mim, mesmo os médicos humanos concordariam comigo sobre isso.

Ele olhou para ela, o cálculo frio em seus olhos, e ela se perguntou o quão longe ele iria para convencê-la a tratar Gethel.

— Você não tem que ajudá-la, — disse ele. — Só... faça um exame. Tire algumas amostras de sangue. — Inclinando-se, tão perto que seu hálito quente ventilou seu ouvido, ele baixou a voz para um sussurro conspiratório. — As informações que você reunir a partir de um exame não será útil aos seus colegas?

Ela respirou fundo. Ele, na verdade, estava sugerindo que ela entregasse os resultados dos testes para as pessoas que queriam Gethel morta? Quem não hesitaria em usar qualquer coisa que ela lhe disse para localizar Gethel ou letalmente sabotar seus cuidados? Inferno, a célula-tronco que pretendia colher do líquido amniótico de Lúcifer poderia ser manipulada em poderosas armas também.

A sugestão de Revenant era uma boa, mas tinha certeza que ele era tão mal quanto eles, senão por que ele diria algo assim? Talvez ele a estivesse usando. Mas para que?

— Eu não sei, — disse ela. — Talvez eu deva discutir isso com Eidolon.

Revenant assobiou. — Eu não gosto dele.

— Tenho a impressão de que você não gosta de ninguém.

Ele ignorou o golpe. — Não quero mais ninguém

envolvido. Faça o que você tem que fazer, uma vez que voltar à sua clínica, mas, por enquanto, é só você.

Droga. Esticando o pescoço, ela espiou a forma imponente de Revenant. Gethel tinha ficado de pé e andava ao redor, enquanto esperava, e ela parecia falar sozinha. Ela era definitivamente um palhaço de um circo. Ou uma mortandade.

— Tudo bem, — ela resmungou. — Eu vou fazer isso. — Mas só para que pudesse reunir informações. E células-tronco.

Imaginando que provavelmente só cometeu o maior erro de sua vida, passou por Revenant e ordenou que Gethel sentasse. O anjo caído foi surpreendentemente passível, mesmo recostando-se contra as almofadas silenciosamente quando Blas se ajoelhou no chão e ouviu seu coração. Tudo parecia normal, mas a coisa em seu ventre era uma história diferente.

Os pequenos batimentos cardíacos de Lúcifer soaram como um grunhido. As orelhas de Blaspheme latejavam de dor quando o som ecoou pelo estetoscópio, e quanto mais ela ouvia, mais doloroso era. Um filete de sangue quente escorreu pelo seu rosto, mas por algum motivo, ela não podia se mover. O líquido quente encheu seus olhos, também, e, em seguida, sua boca ficou seca quando ela abriu a boca para gritar...

— Blasfeme! — A voz rompeu sua agonia, e ela se sentiu abalada quando se sentou sobre os azulejos frios. Seu estetoscópio estava ao lado dela, coberto de sangue,

e então o rosto severo de Revenant encheu sua visão.

— O que, — ela resmungou, — o que aconteceu?

— Seus ouvidos sangravam e você estava chorando. Você está bem?

— Eu... eu não tenho certeza. — Mesmo agora, suas orelhas doíam e o quarto girava um pouco, mas pelo menos ela não sentia como se sua cabeça estivesse em uma panela de pressão gigante. — Eu não vou fazer isso de novo.

— Meu Lúcifer quer devorá-la, — disse Gethel, a alegria em sua voz cantarolada enviou um arrepio a sua espinha. — Assim que ele for capaz, ele quer transar com você. Ele quer rasgá-la em dois e...

De repente, o fogo em todas as lareiras aumentou e Revenant estava em Gethel, arrastando-a para fora da espreguiçadeira e batendo-a contra um pilar com tal força que a coisa rachou pela metade como uma fratura óssea espiral. Em torno deles o prédio tremeu e, então enxames de guardas demônio correram para dentro da sala, eles explodiram. Simplesmente aniquilados em *poof* de névoa vermelha.

Deuses, o poder exercido de Revenant... ela nunca viu nada parecido. Não queria vê-lo novamente.

— Se eu matasse você e sua prole *vyrm* miserável, — ele rosnou, — Eu iria sofrer nas mãos de Satanás como ninguém jamais sofreu. Mas valeria a pena. Eu não tenho medo do sofrimento, Gethel. Lembre-se disso.

Blaspheme estremeceu, sem saber se Revenant

ou Gethel e sua cria profana a assustava mais. E espere... *vyrm*? Gethel não era caído quando rolou no feno com Satanás. As células-tronco retiradas do sangue ou fluido espinhal amniótico de um *vyrm* seriam tão úteis para a mãe como as células-tronco *emins*?

Gethel fez um esforço inútil para se livrar de Revenant, mas ele poderia muito bem ter sido feito de pedra. Finalmente, ele a soltou e a deixou cair no chão. Então, em um gesto que a chocou imensamente após observá-lo frio e mortal como um tubarão, ele estendeu a mão para ela.

Blas hesitou, e um lampejo de que ela só poderia descrever como mágoa provocada em seus olhos antes de congelar em um caco de gelo. Por alguma razão, a ideia de que ela o machucou, o inferno, que ele poderia ser prejudicado em tudo, a assaltou com culpa.

Ela podia ouvir a voz de sua mãe agora. — *Você é muito sensível. A compaixão a matará. Por que você não puxou a mim, em vez de seu pai? Sua bondade de anjo lhe trará problemas. Você precisa limpar essa fraqueza se quiser sobreviver no Sheoul.*

Sim. Sim, então ela tinha um coração. Quando você está na profissão médica, ter um coração era uma coisa boa. Sensibilidade ajuda a se relacionar com os pacientes.

Também faz você chegar muito perto e levar as coisas demasiado duro quando o pior acontece. Ainda assim, não trocaria a sua capacidade de simpatizar com seus pacientes por nada. Isso a fazia uma boa médica, e

a manteve indo para o trabalho todos os dias, em vez de ficar sentada em casa esperando os Exterminadores encontrá-la.

Assim, quando ela começou a ir para a mão de Revenant, ele afastou e se encostou contra o pilar novamente. Ele não era muito de oferecer uma trégua, era? Tinha a sensação de que ele não era generoso com segundas chances.

Suspirando, ela se empurrou de joelhos e fez um gesto para Gethel voltar ao assento. A fêmea arrastou-se, sentando e encarando Revenant, mas manteve a boca fechada. Bom, porque tudo o que saía dela era desagradável. Mesmo quando não estava sendo bruta e francamente assustadora, ela parecia que queria ser. Como se ela estivesse inserindo mentalmente coisas como, *em seu sangue, e enquanto você grita*, em cada frase.

Uma vez que Gethel estava sentada, toda pruma e apropriada nesse vestido imundo e fedorento, Blas vasculhou a bolsa por um kit de extração de sangue, xingou quando percebeu que deixou a máquina de ultrassom portátil na clínica. Sem ela para mostrar a posição do feto, ela não poderia coletar células-tronco.

A menos que sua maldita visão de raios-X decidisse finalmente ficar online.

Ela fez uma tentativa, seu corpo zumbiu e os olhos pulsaram quando se concentrou, mas para além de uma centelha de alta definição dos vasos sanguíneos subcutâneos de Gethel, nada aconteceu. Não

visualmente, de qualquer maneira. A cicatriz no pulso queimava enquanto se esforçava, como se fosse um disco rígido em superaquecimento.

Maldição! Não entendeu como o dom que ela mais usou em sua profissão era um dos primeiros a falhar?

— Irei obter algumas amostras de sangue, — disse ela, dizendo antes que alguém lhe perguntasse por que ela estava sentada lá olhando fixamente para a barriga da Gethel. — Enquanto estou fazendo isso, por que você não termina de me dizer o que está acontecendo com essa gravidez.

Gethel lançou um olhar para Revenant, como que buscando permissão para falar. A um aceno duro dele, ela disse: — Satanás contratou um feiticeiro para lançar um feitiço para Lucifer crescer rapidamente. É por isso que ele é tão grande agora, mas o seu crescimento foi interrompido. Ele deveria nascer totalmente crescido.

Blaspheme congelou quando amarrou o torniquete de borracha ao redor do bíceps Gethel. — Isso... iria matá-la.

— Vale a pena, — disse ela com ar sonhadora. — Mas, então, os arcanjos foderam tudo. Eles tentaram trocar a criança no ventre de Limos com a minha. Limos seria a única dilacerada pelo nascimento de Lúcifer, isso seria capaz de matá-la no momento em que ele estourasse de seu corpo. A única vantagem é que seria eu que iria dar à luz a criança de Limos. — Ela sorriu, exibindo dentes afiados desagradáveis. — Teria sido...

adorável.

Blas espetou a agulha na veia do Gethel com mais força do que o necessário. O anjo caído era o monstro mais doente, mais torcida que já conheceu. E tratava de monstros todos os dias.

Quando o sangue começou a encher o frasco, ela olhou para Revenant, que assistia com frieza. Acho que ele ainda estava chateado.

— Você sabe sobre isso? — ela perguntou a ele.

Revenant apoiou a bota no pilar atrás dele. — Você se lembra quando Limos foi levado para o hospital, há algumas semanas? Quando Eidolon acreditava que seu bebê estava morto?

Ela não podia esquecer. Não era todo dia que um Cavaleiro do Apocalipse era trazido para a sala de Emergência. — Esse foi o dia em que te conheci.

O sorriso mais ínfimo tremulou no canto de sua boca. — Sim, foi.

Obviamente, ele se lembrou de pedir a ela um boquete no corredor. *Se você responder a minha pergunta, eu vou deixar você chupar o meu pau.*

Tudo bem, então ele não tinha muito como perguntar enquanto ele ofereceu seu pau como se fosse uma estátua de Oscar ou alguma merda que seria uma honra segurar.

Ele ia deixá-la chupar seu pênis.

Deixá-la.

Ela rosnou enquanto destacou o frasco cheio. — Você é um idiota.

Ele levantou as sobrancelhas, e tanto para quem estava chateado. O cara mudava o humor como o vento mudava de direção durante uma tempestade.

— Então, de qualquer maneira, — ele continuou como se isso fosse uma história de aventura épica e ele fosse o narrador de voz profunda, — naquele dia, alguns arcanjos levaram o filho de Limos e tentaram trocá-lo remotamente com o de Gethel. Eles falharam, mas os seus esforços interferiram com o feitiço do feiticeiro e impediu Lucifer de nascer adulto. O que quer que eles fizeram fodeu com Gethel. Bem, isso é o fato de que Reaver quase a matou, e os arcanjos lhe cortaram as asas. Agora ela está perturbada, se parece com algo que um cão infernal arrastou, e Lúcifer está o dobro do tamanho que devia estar.

Blas suspeitava que Gethel sempre tivesse sido perturbada, mas manteve isso para si mesma quando retirou a agulha do braço de Gethel. O pequeno furo selou instantaneamente. — Então, o que, exatamente, você quer que eu faça?

— Satanás quer ter certeza que nada está errado com Lúcifer.

— E eu quero sobreviver ao nascimento. — Gethel mostrou os dentes para Blaspheme. — Conserte isso.

— Você não era a única que não se importava com ele nascer adulto?

— Isso é diferente. Se ele nasce como um bebê, ele vai precisar de uma mãe.

BlaspHEME piscou surpresa. Ela teria atrelado Gethel como o tipo de mãe que deixasse seu filho no carro enquanto festejava e pegava homens em um bar. — Por que os esforços dos arcanjos falharam?

Revenant entrou na conversa. — Porque eu vinculei o ventre de Limos, por isso não poderia suportar qualquer criança, senão a dela própria.

Gethel passou a língua sobre os lábios em uma exibição atrevida. — Revenant é um bom pequeno servo do mal e tal.

Sim, aparentemente ele era. Ele disse que odiava Gethel, disse que poderia matá-la, mas ele salvou a vida de Lúcifer. Não importa o que, ela tinha que lembrar que ele trabalhava para Satanás, e não era um bom rapaz.

Como se você fosse uma cidadã exemplar. Não, ela não era. Foi concebida em pecado, e no momento de seu nascimento foi banhada por um duplo mal: o sangue de um demônio, um anjo Falso tomado como um sacrifício. Mas há muito tempo escolheu um caminho de vida que iria honrar seu pai... e a fêmea que sua mãe costumava ser. BlaspHEME poderia ter nascido do mal, mas se recusou a deixá-lo defini-la.

— Tudo bem, — disse ela, ansiosa para dar o fora daqui, — acho que tenho o suficiente. Gethel, sua dieta é uma merda. Pare de comer crianças e coma mais folhas verdes.

A cabeça de Gethel balançou. — Lucifer precisa de sangue.

BlaspHEME enfiou as mãos nos quadris. — Essas

bolsas sob os olhos, a cor escura do seu sangue, essas veias azuis desagradáveis que marcam suas bochechas... esses são sinais de deficiência de vitamina A e fibras. Você sabe o que deficiência de vitamina A faz em gestações de anjo caído? Isso faz com que bebês enormes nasçam com defeitos congênitos. — Tal uma grande mentira. Tudo isso. Não tinha ideia se a fêmea estava desnutrida ou não, e não dava a mínima. No entanto, queria que ela parasse de comer crianças. — Mas alimente a si mesma. Você ainda tem três meses para ir e seu filho já é do tamanho de uma criança.

Ela se virou para Revenant e chamou-o de lado. — Você não foi completamente claro com Gethel e o bebê. — Ela respirou preparando, preparando-se para a reação de Revenant ao tópico que estava prestes a abrir. — Eu supunha que a criança fosse *emim*, não *vyrm*.

— Oh, agora sua preciosa ética está sendo testada?

— Não. Mas, conscientemente associada a *vyrm* está uma sentença de morte.

— Como deve ser, — disse ele sombriamente, gelando até os ossos com a resposta a pergunta que ela tinha sobre como ele considerava sua espécie. — Mas, claramente, este caso é único. Nem tenho certeza se Lúcifer será classificado como *vyrm*, desde que Gethel foi alienada de suas asas e expulsa do Céu, enquanto ela estava grávida. Lucifer ainda podia ser *emins*. Ou talvez algo novo. Como *vemim*. — Ele sorriu. — Vê o que eu vejo aqui? Como o fato que ele poderia se um *linner*⁽²⁾.

Vemim.

— Você pode notificar Webster de seu novo termo mais tarde. — Ela apontou para Gethel, que estava arrastando os dedos pelo cabelo pegajoso e com grandes grumos. — Eu recomendo que Gethel vá para a UG para um ultrassom e amniocentese. — Blas precisava dessas malditas células-tronco.

— Você não tem máquinas portáteis?

— Sim, mas...

— Bom. — Revenant empurrou fora do pilar em uma onda graciosa. — Então você pode trazer uma quando você voltar.

— Eu não vou voltar. — Ela colocou seu equipamento na mochila e ficou de pé, esperando que ele cedesse a sua demanda. Ela ficaria muito melhor se ele levasse Gethel para ela do que ela ter que voltar a este show de horror. — Se você quer um ultrassom, você vai trazê-la a clínica como uma pessoa normal. E depois que o procedimento for feito, eu terminei. Com ela, com você, com... — Ela fez um gesto abrangente com o braço. — Isso.

O rosnado baixo de Revenant ecoou ao redor da área cavernosa. — Não, Blaspheme, você e eu não terminamos. Sem chance.

CAPÍTULO 6

Revenant observou a raiva de Blaspheme ao pegar sua mochila de suprimentos, e se seu olhar fosse laser, ele teria sido reduzido a cinzas agora. Sua pequena Anjo Falso estava puta.

Deuses, ela ficava quente quando estava toda irritada. Ele amava empurrar esses botões, e ela parecia ter um monte deles.

Ela caminhou em direção a ele, seus quadris rebolando e os seios saltando a cada passo. Ele estava duro no momento em que ela parou na frente dele.

— Você pode me deixar no hospital, — disse ela.
— Preciso deixar a amostra de sangue no laboratório.

— Eu tenho uma ideia melhor. — Ele pegou sua mão antes que ela tivesse uma chance de rejeitá-lo do jeito que fez antes. Cara, estava ardendo. Não iria deixar que isso acontecesse novamente. — Vamos pegar algo para comer. Conheço um ótimo lugar aqui em Sheoul. Você pode conseguir um hambúrguer de praticamente qualquer coisa.

Ela fez uma careta. — Hum, não, obrigada. Estou em uma dieta rigorosa de nada pesado. Basta me levar

ao Underworld General Hospital, por favor.

Ele sentiu que ela provavelmente chegou ao seu limite com ele hoje, o que foi um pouco decepcionante, mas Revenant tinha outras coisas urgentes para fazer de qualquer maneira. Como descobrir a verdade por trás do por que diabos o Céu o havia deixado para ser criado por demônios enquanto eles levaram seu irmão gêmeo. Morria de vontade de ouvir a explicação sobre isso.

Segurando a mão macia, quente de Blaspheme, ele a levou ao estacionamento do Underworld General.

— Obrigada, — disse ela enquanto puxava a mão da dele. — Devo ter os resultados do teste amanhã. Você pode passar em meu escritório na clínica.

Ele se perguntou se plantou semente suficiente no fundo de sua mente para que ela crie raízes com pensamentos de alguém matar Lucifer ou de alguma forma levar Gethel para os mocinhos destruir. Oh, ele não achava que a doutora *não-faça-nenhum-dano* Blaspheme realizaria qualquer ação suja, mas ela poderia ajudar aqueles que fazem.

Se ele fosse um cara decente, sentiria mal por usá-la para fazer o que ele não podia, mas ele não era digno. Foi criado para ser um demônio, e estava fazendo exatamente o que um demônio faria, estava conspirando para se livrar de seu rival antes que o referido rival nascesse. E manteria suas próprias mãos limpas, deixando os outros fazer o trabalho sujo.

Então, não, ele não era digno.

Blaspheme, por outro lado, parecia estar

sofrendo terrivelmente com sua aflição. Claro, ele estava razoavelmente certo que ela mentiu para Gethel sobre sua dieta, mas isso poderia salvar muitas vidas jovens.

— Gethel realmente não está sofrendo de deficiência de vitaminas e fibras, está? — perguntou. — Você só queria que ela parasse de se alimentar de bebês.

Blas deu de ombros. — Pode ser. Você está com raiva?

Pelo contrário, ele estava fascinado. Anjos Falsos eram conhecidos por atrair os seres humanos para longe de seus filhos para que outros demônios pudessem levá-los. Mas apesar de tudo, Blaspheme sabia que poderia estar arriscando sua vida por salvar algumas criaturas jovens, mentindo para a mãe do bebê de Satanás. Duas semanas atrás, ele ficaria enojado. Agora, definitivamente estava fascinado.

— Bem? — ela perguntou. — Você está chateado?

Ele deu de ombros. — Se eu disser sim eu vou transar?

— Não comigo, — disse ela.

— E se eu disser que não?

— A mesma coisa.

— Decepcionante.

Blaspheme revirou os olhos. — Você não é o Observador do mal dos Cavaleiros? Você não tem o que fazer? — Ela caminhou em direção às portas corrediças da sala de emergência, e sim, ele tinha algo para fazer, mas primeiro...

Em uma onda ultrarrápida, ele a girou e colocou sua espinha contra a parede. Olhos azuis assustados olharam para ele. Seus lábios se separaram em surpresa, e ele aproveitou o instante, baixando a boca para a dela em um beijo acirrado, exigente. Ela inalou asperamente e, por um momento, ele tinha certeza que ela ia empurrá-lo, mas quando ele deslizou um braço em volta da cintura dela e a esmagou para ele, ela o beijou de volta.

Seus lábios eram suaves, com gosto de baunilha e hortelã, e mesmo que ela o beijasse timidamente, mal roçando os lábios nos dele, seu pau agitou. Ele se perguntou se as ambulâncias atrás deles viram tal ação, porque adoraria pegá-la e deixá-la quente e excitada na parte de trás de uma.

Então, ela estava empurrando contra ele, suas palmas tocando duro em sua caixa torácica. — Nós não vamos fazer isso, — disse ela. — Eu preciso voltar ao trabalho.

— E depois do trabalho?

— Deuses, você é persistente, — ela murmurou. — E não. Nem depois do trabalho. Não quero vê-lo novamente até que você venha ao meu escritório amanhã para os resultados de laboratório de Gethel. — Ela saiu de debaixo dele. — Adeus Revenant.

Ela praticamente correu para dentro do hospital, e desta vez ele a deixou ir. Amanhã será um novo dia. Agora tinha algumas coisas para fazer, e no topo da lista estava pagar uma visita a Harvester. Ela pode não ter as

respostas de que precisava, mas talvez pudesse ajudá-lo a obtê-las.

Abriu-se até que chamou a consciência de Observador, permitindo-lhe sentir cada um dos cavaleiros e Harvester, se ela estivesse nas proximidades de um deles. No mesmo instante, ele a sentiu. Ela estava dentro de um *quantamun*, uma bolha que permitia aos usuários mover, sem ser visto, no reino terrestre. Incidindo sobre a sua assinatura, ele foi a ela.

Levou um momento para descobrir onde eles estavam, porque não estavam em qualquer uma das residências dos Cavaleiros. Bem, não exatamente.

Eles estavam de pé na floresta, perto de uma cabana de madeira, algumas dezenas de metros de distância de uma cabana maior, onde um dos Cavaleiros, Reseph, vivia com sua companheira, Jillian. Harvester assistia a um macho alto, largo, varrer a varanda, sua atenção tão focada que ela não percebeu Revenant materializar ao lado dela.

Ela estava vestida com calça jeans preta, botas de couro de cano alto, e um espartilho de couro que enfatizava sua cintura fina e seios fartos que ele tinha admirado por séculos. Pena que o ex-anjo caído o odiava com uma paixão. Eles poderiam ter balançado um quarto do submundo.

Agora que ela era um anjo mais uma vez, ele se perguntou se ela ainda era tão selvagem na cama como rumores diziam. Reaver saberia, não é? Reaver, a quem foi dado tudo que ele não tinha, desde uma infância

privilegiada com as pessoas que o criaram com amor, com quatro filhos extraordinários, e uma companheira que o adorava.

Maneira de sentir pena de si mesmo. Sim, sabia que estava desperdiçando recursos intelectuais em toda essa merda, mas também tinha cinco mil anos de inferno para peneirar, e cada nova memória trouxe mais lembretes que o Céu ferrou com ele.

Empurrando sua bagagem na parte traseira de sua cabeça, passeou em direção ao anjo. — Super Verrine?

Assobiando Harvester virou. — Não me chame assim.

— Você prefere usar seu nome de anjo caído do que o seu nome de anjo?

Ela bufou. — Eu poderia perguntar o mesmo de você. Agora que você sabe que você é um anjo, por que ainda está passando por Revenant?

A tira mais ínfima de dor perfurou seu peito, mas não estava disposto a deixar Harvester atingir um nervo. Ele não tem um nome de anjo. O nome Revenant era tudo o que conhecia.

— Porque eu sou um anjo caído em todos os sentidos que conta, — disse ele.

— Realmente. — Ela levantou uma sobrancelha escura. — Então por que não cortar suas asas e tornar isso oficial?

Cair não era tão simples, mas Harvester não estava falando sério. Estava lhe provocando ao dizer que

ele estava perfeitamente feliz com sua vida. Com ter gasto milhares de anos no inferno em vez de viver uma vida de luxo no céu do modo que Reaver viveu. Porque sim, ele tinha chegado ao fim impressionante do negócio.

— Por que não usar o seu nome angelical? — Ele a pressionou. — E me diga Harvester, o quão difícil foi fingir ser má durante milhares de anos, o tempo todo sabendo que estava fazendo o lance do céu? Ou você estava fingindo?

Um músculo saltou em sua mandíbula, por pouco, mas o suficiente para saber que ele tinha atingido um nervo. — Lutei todos os dias da minha vida para evitar que o mal assumisse a minha alma.

— Porque era mais fácil ser má, não é? — Até poucas semanas atrás, ele tinha pensado que ele era pura maldade, um anjo caído, sem esperança de redenção. Mas tudo isso mudou, e agora se viu às voltas com quem ele realmente era. Por mais que odiasse admitir isso, ele e Harvester eram muito parecidos.

— O mal é sempre mais fácil, — Harvester murmurou.

— Verdade pura. — Ele apertou os olhos, concentrado no homem na varanda. — Por que você está espionando seu escravo lobisomem?

— Ele não é meu mais. Ele pertence à Jillian agora. — Um sorriso apareceu no canto de sua boca. — Ela lhe deu de volta o seu nome de nascimento e concedeu tanta liberdade quanto ele pode ter.

— Isso não explica por que você está espionando.
— Ela não respondeu, mas percebeu que não precisava.

O fato de que ela estava aqui espionando o lobisomem disse a ele que ela realmente se importava com ele. Ela poderia até tê-lo libertado se ele não estivesse preso por toda a vida a ser um escravo. Não, seu vínculo escravo, enquanto intransferível, não era quebrável. *Aguente firme*. Ele sabia exatamente como se sentia ao ser amarrado a alguém por sangue.

— Por que você está aqui? — perguntou ela, cansada. — Alguma trama diabólica para me irritar até a morte?

— Eu queria verificar os Cavalheiros, — ele mentiu.

— Eles estão bem, e, a menos que eles convoquem você, eu ficaria fora de seu caminho.

— Ah, tio Revenant não é mais a pessoa favorita?

Ela ignorou seu sarcasmo. Ele nunca foi a pessoa favorita. — Eles são um pouco protetor com seu pai, e uma vez que você e Reaver não são exatamente melhores amigos...

— Eles vão me servir porções extragrandes de idiotices na reunião de família. Então, não é uma surpresa.

Harvester lançou um olhar fugaz para ele. — Posso te perguntar uma coisa?

Huh. Harvester nunca pediu permissão para fazer qualquer coisa, de modo que isto deve ser bom. — Atire.

Desta vez, quando ela o olhou, ela trancou os olhos com ele. — Em todo o tempo que eu estava apodrecendo nas masmorras de meu pai, por que você nunca teve a oportunidade de me torturar? Ele enviou todos os outros a fazer o seu melhor, então por que não você?

Na verdade, Satanás tinha oferecido Harvester em uma bandeja para o gozo sádico de Rev. Mas enquanto Revenant não tinha nenhum problema com a morte, ele não poderia torturar uma fêmea. Mesmo antes de obter suas memórias de volta, tinha uma aversão especial a isso, mesmo que não tivesse ideia do porquê. Agora sabia. Viu o que fizeram a sua mãe, e não tomaria parte nisso.

— A sua dor não me interessa, — disse ele.

Com os olhos apertados, ela o estudou tempo suficiente para que ele começasse a se contorcer. — Diga-me, Revenant, quando ele lhe disser para me matar, vai te interessar? — Ele deu de ombros, mas algo em sua expressão deve ter dado algo a ela, porque ela murmurou, — Ele já disse, não é?

— É contra as regras um Observador matar outro Observador, — ele disse simplesmente.

Ela bufou. — Como se não houvesse regras alternativas. Eu vi as regras dos arcanjos dobrarem para suas próprias razões egoístas. Tenho certeza de que você pode também.

Talvez, mas não quis. Regras eram regras. — Falando de arcanjos, eu não acho que você possa me

dizer o que se passa com os bastardos bonzinhos?

Ela jogou o cabelo preto por cima do ombro. — Você vai ter que ser mais específico.

— Por que eles não respondem a minha convocação?

Ela lhe deu um olhar plano. — Você realmente acha que eles me mantem no circuito? Não vi nenhum deles desde que obtive minha auréola de volta. — Ela viu o lobisomem sustentar a vassoura ao lado da cabana e ir em direção ao celeiro e casa principal. — Você deveria falar com Reaver.

— Assim ele pode me dizer mais uma vez que temos de trabalhar em conjunto para parar a mais nova ameaça para o Céu e a Humanidade? Foda-se. Não dou a mínima para qualquer um.

— É por isso que você está ignorando a sua convocação? Porque você não dá uma merda?

— Praticamente.

— Você precisa falar com ele. Pare de ser infantil.

— Infantil? Nós nunca tivemos uma chance de ser infantil.

Ela colocou as mãos nas ancas. — Bem, você está fazendo isso agora.

Talvez ela tivesse um ponto. Ele e Reaver rolaram na terra durante uma briga, briga de arrasar. E ele estava ignorando seu irmão como uma criança com os dedos em seus ouvidos que fazem a coisa nah-nah-nah, eu não posso ouvi-lo.

Jesus. Em seguida estariam brigando por cuja

equipe de baseball era melhor e qual deles a mãe mais gostava.

Exceto o último não era um argumento. Sua mãe escolheu Reaver para enviar ao céu.

Então talvez seja a hora de uma boa reunião de família à moda antiga, mesmo que apenas para ver o que fez Reaver o seu favorito.

Blaspheme ainda podia sentir o gosto de Revenant em seus lábios. O bastardo tinha gosto de rum temperado, e adorava essas coisas. Por que ele não poderia ter gosto de cebola ou alho? E seria fantástico se ele cheirasse também. Mas não, tinha que ter o cheiro tão bom como ele provou ter, da terra e natural, como o sexo na floresta. Ele faria um papel fantástico como o homem da caverna.

Ela tentou não pensar nele enquanto se esquivava de pacientes e funcionários na sala de emergência movimentada, mas o beijo permanecia em seus lábios e em sua mente. Não deveria tê-lo deixado aproximar dela, deveria ter ido longe dele antes que pudesse agarrá-la, empurrá-la contra a parede, e beijá-la até sua calcinha ficar úmida.

Filho da puta.

Precisava transar.

Quanto tempo foi? Tinha que pensar, dois anos, mas se conteve antes que fosse longe demais. Foi um

cirurgião, um completo idiota, e ambos usaram um ao outro. Usaram um ao outro até o ponto em que ele conseguiu ser morto por matadores Aegis.

Sim, precisava apenas deixar essa passar. Na verdade, deve deixar todos os pensamentos sobre sexo, porque agora ela não tinha tempo de qualquer maneira. A responsabilidade da gestão de uma clínica era bastante estressante. Mas agora a vida de sua mãe estava em perigo, e não apenas de seus ferimentos, mas de anjos também. Por cima de tudo isso, sua angústia com o desvanecimento de seu encantamento de Anjo Falso, o que significava sua própria vida e carreira estavam em risco. Sua vida estava uma bagunça, e definitivamente não precisava jogar sexo na mistura.

Deixou a amostra de sangue de Gethel no laboratório com ordens para acelerar os testes. Até mesmo flertou um pouco com o técnico do laboratório, em parte para garantir que o seu pedido fosse honrado, e em parte para manter sua reputação Anjo Falso. Anjos Falsos eram os maiores flertadores no planeta, e se tornava cada vez mais difícil agir como um agora que não sentia mais como um.

Costumava sonhar como seria a sensação se já não necessitasse seduzir as pessoas para se divertir. Mas agora que seus sonhos estão se tornando realidade e os dons que invocaram, como a visão de raios-X, falhavam, estava um pouco assustada. Nunca conheceu nada, apenas o que seus instintos de Anjo Falso a fazia sentir, e de repente, estava nadando em águas

desconhecidas, e possivelmente perigosas.

Falando em águas perigosas, deu a Eidolon uma chamada rápida para ver se ele estava disponível para uma reunião.

— Meu escritório em cinco minutos, — ele disse a ela.

O demônio Seminus estava sentado em sua mesa quando ela chegou, seu cabelo escuro e curto ligeiramente achatado em forma familiar de um tampão cirúrgico. Ele acenou para ela entrar, e ela fechou a porta atrás dela.

— Blaspheme, — disse ele, inclinando-se para trás na cadeira para observá-la com olhos negros astutos. — Como está indo sua mãe?

Ele sabia muito bem como ela estava. Eidolon não perde nada do que se passava em seu hospital ou sua clínica, mas ela gostava disso.

— Ela está indo tão bem quanto se pode esperar, muito obrigada.

— Qualquer palavra sobre a identidade do seu agressor?

— Não muita. — Não era como se pudesse ir à polícia, e enquanto os demônios não têm um sistema de justiça, que Eidolon costumava ser parte, era de alcance limitado. Além disso, como disfarce de uma *vyrn*, sua mãe era uma espécie de fora da lei, assim ela não pode pedir ajuda através dos canais normais, como um Conselho de espécies ou de Judicia.

— Você está em perigo?

— Nada imediato, — disse ela, esperando que fosse verdade. Quando seu olhar preocupado permaneceu nela por um batimento cardíaco, ela se endireitou em alarme. — O que?

— Provavelmente não seja nada, mas houve a aparição de dois anjos em todo o hospital.

— O que? — Ela agarrou a borda da mesa com tanta força que ela tinha certeza que iria deixar um amassado. — Como eles conseguiram entrar...

— Eles não entraram. Foram vistos nas ruas de Manhattan diretamente acima do hospital. Pode ser coincidência, algo acontecendo com os seres humanos. Mas desde que sua mãe foi atacada por um anjo, eu pensei que você deveria saber.

— Oh. Obrigada, — disse com tanta indiferença que conseguiu reunir, dado o fato de que os anjos estavam farejando.

Eidolon juntou as mãos sobre seu abdômen e a estudou dessa maneira enervante que ele fazia. — Ouvi dizer que você teve um visitante hoje.

É claro que ele ouviu. — Revenant, é por isso que eu estou aqui. — Ela soltou um longo suspiro, ainda abalada com a notícia sobre os anjos. — Ele precisava de mim para lidar com um problema médico.

Eidolon fez uma careta. — *Seu* problema médico?

Há. Ela não podia imaginar Revenant sempre pedindo ajuda. Ele a atingiu como o tipo de idiota machista que não iria a um médico, mesmo se tivesse um machado de guerra saindo do topo de sua cabeça

dura.

— De outra pessoa. — Ela encontrou o olhar de Eidolon com o seu próprio. — Era Gethel.

Manchas douradas brilhavam nos olhos do médico, um sinal de vinte e quatro quilates de que ele estava ou com raiva ou excitado, mas poderia garantir que não era o último. Sem acasalados só poderiam ser despertados por suas companheiras.

— Gethel, — disse ele, sem rodeios. — Você está dizendo que você tratou uma mulher que traiu todos que confiavam nela, a fim de inaugurar o Apocalipse? Um anjo que tentou matar um recém-nascido que eu fiz nascer com minhas próprias mãos e que agora é meu afilhado? Quem ajudou Pestilence a torturar a companheira de meu irmão, Idess? Esse Gethel?

Merda, isso não ia dar certo. — Não é o que você pensa.

Muito lentamente, ele se sentou a frente, apoiando os antebraços musculosos sobre a mesa quando ele fechou e abriu as mãos. — Então você precisa se explicar, e rápido. — Pelo menos ele estava calmo, mesmo que cada palavra gutural pingasse com ameaça.

— Você sabe que ela está grávida da alma reencarnada de Lúcifer, e que seu pai é o próprio Satanás?

— Estou ciente. — Havia manchas vermelhas se misturando com o dourado agora, o que significava que ele alcançou um novo nível de raiva. — Chegar a parte

onde a tratou não é o que eu penso. Porque agora estou pensando que você ajudou o inimigo mortal de praticamente todos que eu conheço, e estou querendo saber se fiz a escolha certa em colocar você no comando da clínica com Gem.

— Certo. Tudo bem. — Ela engoliu em seco, desejando ter pegado uma garrafa de água da máquina de fora de seu escritório. — Eu não sabia que era Gethel que ele queria que eu tratasse. Assim que percebi quem era, eu recusei.

O vermelho em seus olhos engoliu o dourado e estava começando a comer até mesmo o preto de sua íris. — Ele a forçou? — Sua voz ressoou como um terremoto de nove pontos.

— Não. — A transpiração frisou em sua testa, mas se era porque estava nervosa ou porque estava recebendo as ondas de calor quando seu disfarce desvanecia, não sabia. — Mas Eidolon, ele me deu a oportunidade de descobrir o que está acontecendo com ela. Tenho uma amostra de sangue. Está no laboratório sendo analisado agora. Estou esperando que você possa usar qualquer coisa que eu descobrir para destruí-la.

O vermelho em seus olhos diluiu, mas só um pouco. — Você sabe onde ela está?

— Não tenho ideia. Revenant me teleportou diretamente para seu covil, então não poderia dizer onde estávamos. Mas algo fodido está acontecendo com ela. Aparentemente, é o resultado de tudo o que os arcanjos fizeram quando tentaram trocar seu bebê com o de

Limos.

Eidolon pareceu considerar o que ela disse. — O que é esse... fodido? Medicamente falando, fodido não é tão informativo.

Ele podia ser um verdadeiro espertinho às vezes. — Ela parece um zumbi, e a cria do inferno é o dobro do tamanho que deveria ser.

— O que ela está comendo?

— Filhotes de demônio.

Ele se recostou na cadeira, seus olhos voltaram ao normal. — Anjos caídos grávidas precisam de uma grande quantidade de sangue jovem não contaminado, — disse ele, e ela, portanto não precisava do lembrete de que sua própria mãe tinha provavelmente jantado seu quinhão de sangue jovem enquanto estava grávida dela. Quantas vidas terminaram para ela viver? — Isso é para uma gravidez normal. Mas um anjo caído como Lúcifer exigiria uma merda de toneladas do mais puro sangue disponível.

— Eu disse a ela para parar de comer crianças e comer mais legumes.

Eidolon piscou. E então, para sua surpresa, ele soltou uma enorme gargalhada. — Legumes?

— Folhas verdes, para ser exata.

Sorrindo, ele balançou a cabeça. — Entre a falta de sangue puro e com a introdução de verduras durante uma fase de dieta puramente carnívora, ela vai estar doente o suficiente para matar um demônio Gargantua.

— Isso é o que eu imaginei.

— Eu gosto da maneira que você pensa. — Ele ficou sério, mas a tensão nele foi embora. Bom, porque ela estava com medo de seu trabalho por um minuto. — O que mais você pode me dizer sobre ela?

— Não muito. Eu não tive a chance de fazer mais do que tirar sangue e verificar os sinais vitais. O bebê infernal quase explodiu meu crânio quando tentei ouvir o seu batimento cardíaco.

Eidolon assentiu gravemente. — De acordo com Reaver, mesmo sem estar completamente formado, Lúcifer é mais poderoso do que a maioria dos anjos caídos. Uma vez que ele nasça...

— Vai ser ruim.

— Essa é uma maneira de colocá-lo. — Soaram passos no corredor, e ele esperou eles se desvanecer, antes de voltar para a conversa. — Falando de ruim, — ele começou, — você tem certeza que eu não posso ajudar a localizar os atacantes da sua mãe?

— Mãe *adotiva*, — corrigiu ela.

— Tudo bem, — disse ele. — Mãe adotiva. — Eidolon apaziguou com um sorriso que gelou até os ossos. Teve a sensação de que ele não acreditava que ela fosse um Anjo Falso, mas não tinha percebido que ele colocaria mais das peças do quebra-cabeça juntos.

Ele pode não saber a verdade, mas suspeitava.

— Eu tenho certeza, — disse ela. — Foi, provavelmente, apenas uma coisa aleatória. Anjos atacando anjos caídos acontecem o tempo todo.

— Se você precisar de alguma coisa quero que

você venha a mim. Pode confiar em mim, Blaspheme.

— Eu sei. — Ela viveu em torno dele tempo suficiente para saber que Eidolon e todos os seus irmãos eram leais como o inferno, mas a sua vida estava em jogo, e confiança não era fácil para ela. Além disso, não queria arrastar pessoas inocentes em seus problemas.

Ele balançou a cabeça de forma decisiva, assunto resolvido em sua mente. — Vou informar Reaver e os cavaleiros dos eventos com Gethel. Deixe-me saber quando os resultados do laboratório voltar. Revenant quer que você a veja de novo?

Você e eu não acabamos. Sem chance. A voz profunda de Revenant retumbou em sua memória, e ela estremeceu com a possessividade que tinha tanto medo e a intrigava.

— Definitivamente. Penso que o convenci de que ela precisa de um ultrassom, mas não espero que ele a traga aqui para mim, vai querer me levar para ela.

O médico pegou um lápis e começou a folheá-lo através de seus dedos. — Se ele vier até você, me dê um toque. Esta poderia ser a chave para se livrar de Gethel de uma vez por todas, mas eu vou lidar com isso no seu lugar.

— Obrigada. E se você pudesse tirar um pouco de líquido amniótico, seria ótimo. — Ao ver o olhar interrogativo de E, acrescentou, — Eu preciso de células-tronco mesenquimais⁽³⁾ de Lúcifer. Uma vez que eles podem se desenvolver em vários tipos de células, acho que posso usá-las para curar minha mãe.

Um lento sorriso se espalhou pelo seu rosto. — Brilhante. As potenciais aplicações médicas com as células-tronco retiradas de um ser tão poderoso como Lúcifer são surpreendentes. Obtendo sangue do cordão umbilical de células-tronco hematopoiéticas seria inestimável, também, mas com um pouco de sorte, ele não vai nascer. — Seu bip tocou, e ele rapidamente verificou a tela. — Eu tenho que ir. Mas Blaspheme... cuidado. E não hesite em vir a mim, se você precisar de alguma coisa. Qualquer coisa. Tenho à minha disposição recursos que você não pode imaginar.

Casualmente, habitualmente, esfregou a pequena cicatriz em seu pulso. Estava ainda menor do que esteve ontem.

Bem, Doutor, tem um Anjo Falso no seu bolso que não se importa em ser sacrificado para manter o meu disfarce? Não? Isso é o que eu penso.

O tempo estava se esgotando.

CAPÍTULO 7

Revenant sentou no alto da cidade de Paris, no topo imponente na cobertura da Catedral de Notre-Dame. Ele testemunhou a construção do edifício antigo, e sempre foi fascinado por ele. A partir da arquitetura gótica francesa para as ruas sinuosas da cidade abaixo, ele amava o tamanho arrebatador, o temor das pessoas em torno da catedral.

Repentinamente pressões dentro do crânio o alertaram para a presença de outro, e ele se virou para ver Reaver de pé a poucos metros de distância, vestido jeans e uma camiseta azul.

— Olá, meu irmão. — Rev não se incomodou em ficar em pé. Em vez disso, esticou as pernas na frente dele, cruzou os pés calçados com botas na altura dos tornozelos, e se encostou a um trilho de apoio. — Queria saber se você iria aparecer.

— Foi difícil ignorar o seu convite. — Reaver cruzou os braços sobre o peito. — É impossível se concentrar em outra coisa quando você está se projetando.

— Hmm. — Revenant sorriu. — Acho que estamos quites, porque posso sentir quando você está

feliz. É nauseante. Literalmente.

— Eu vou te comprar sacos de vômito para o Natal, — Reaver disse lentamente.

— Tão atencioso. — Ele olhou para seu irmão, imaginando o que teria acontecido se eles tivessem sido criados juntos. No céu ou Sheoul. Com um pensamento, ele transformou seu cabelo preto para louro para combinar com de Reaver. Embora eles não fossem idênticos, eles eram gêmeos, poderiam muito bem ser parecidos.

— Você ignorou minha convocação por semanas. Então por que você me contatou agora? — perguntou Reaver.

— Ah, Reaver. Ou devo chamar Yenrieth? Esse é o seu nome de anjo. Seu nome Celestial. Engraçado como eu não tenho um.

As sobrelhas loiras de Reaver subiram. — Nossa mãe o chamou Revenant?

— Desde o início. — Ele olhou para o céu cinzento em cima. A chuva estava chegando. — Não parecia estranho até agora. — Uma pontada de mágoa... um sentimento que há muito tempo pensou que não podia sentir, mas que parecia fazer rondas ultimamente... Ele rapidamente o escovou de lado e preencheu o vazio com uma emoção muito mais amigável. Ele e a raiva que sempre tinha em seu íntimo. — Quanto ao por que eu quero falar agora... vamos apenas dizer que minha memória está de volta, mas ainda tenho dúvidas.

— Como eu.

— Realmente. E o que, exatamente, são suas perguntas?

Reaver estudou Revenant por alguns momentos, olhando para ele como se fosse um macaco. Não querendo decepcionar seu irmão mais velho, Rev coçou a virilha. Cheirou as axilas. Soltou um arrote impressionante. Ele estava prestes a soltar um peido, quando Reaver amaldiçoou.

— Que tal você primeiro, — disse Reaver. — Faça as suas perguntas.

Muito magnânimo. *Deve ser o que nossa mãe viu nele*, Revenant pensou amargamente.

— Vamos começar pelo começo. — Rev materializou um charuto aceso feito das melhores Bloodleaf^[4] de Sheoul. — Quem te criou? Você sabia sobre os nossos pais?

Reaver torceu o nariz na fumaça do Rev. — Eu acreditava que Metatron e sua companheira, Caila, fossem meus pais. Não sabia da verdade até que você veio até mim no Monte Megiddo.

Isso foi em torno de cinco mil anos atrás, logo após a morte de sua mãe. Logo depois dela dizer a ele a verdade sobre suas origens. Ele estava confuso, com medo e raiva como o inferno por ter sido enganado.

— Eu soube a verdade sobre o nosso nascimento apenas algumas horas antes de ir para você, — disse Revenant. — Pensei que tinha nascido um *emim*, que nossa mãe era um anjo caído.

— Por que ela mentiria para você?

A raiva borbulhou dentro dele, tão fresca como foi naquele dia. — Ela não tinha escolha. Satanás ameaçou nos matar se ela revelasse a verdade. — Mas Satanás não teve a chance de matar sua mãe. Não, Rev teve a honra de fazê-lo. Apertando a mão, deu uma tragada em seu cigarro, deixando os efeitos calmantes do Bloodleaf infiltrar-se em seu corpo. — Então, como você cresceu com Metatron?

— Eu não poderia ter pedido por uma vida melhor.

— Como é doce. Fui espancado na maioria dos dias. — Ele continuou, antes que visse pena nos olhos de seu irmão gêmeo. — Se não eu, então minha mãe.

Reaver ficou tenso, os dentes cerrados duros. — Conte-me sobre ela.

Revenant estourou uma longa corrente de fumaça. — Quando você pode pedir com jeitinho...

— Por favor, — Reaver desabafou. — Eu nem sei como ela era. — Ele olhou para fora sobre os telhados de Paris, e em seu perfil, Revenant viu a forte linha da mandíbula de sua mãe. O gracioso arco de sua sobrancelha. O corte cinzelado de suas maçãs do rosto. Na mão de Rev o charuto tremia tanto que não podia dar uma tragada. — Procurei na Biblioteca Akashic na semana passada, mas tudo o que encontrei foi um resumo de suas realizações.

Deve ser bom ter acesso à maior biblioteca do Céu. Inferno, a Biblioteca Akashic supostamente

guardava a verdade por trás de cada grande mistério, cada pedaço esquecido da história. Menos, é claro, qualquer informação que os arcanjos considerassem muito sensível para os plebeus ter acesso.

Agora deveria ser o momento em que ele desapareceu, deixando seu irmão no pó, se perguntando quando suas perguntas sobre sua mãe seriam respondidas. Mas sua mãe sempre quis que Reaver soubesse a verdade sobre seu nascimento e sua vida.

Encontre Yenrieth, ela pediu asperamente quando ela estava morrendo. — Encontre-o e sejam os irmãos que deveriam ter sido.

— Ela era bonita, — disse ele, odiando-se pela gagueira emocional em sua voz. — Mesmo com a sujeira em seu rosto e cabelo que não viu um pente desde que ela foi capturada, ela ainda era linda. — Ele finalmente conseguiu colocar o charuto aos lábios. *Inspire. Expire. Inspire. Expire. Termine a história sem se quebrar como uma bicha.* — Nós compartilhamos uma cela até que eu tinha dez anos. Então fui levado para trabalhar nas minas de Satanás, e não a vi novamente por uma década.

Não por falta de tentativas, no entanto. Fizera um milhão de tentativas de escapar das minas e os demônios que empunhavam chicotes, mas sempre foi pego.

Só mais tarde é que ele aprendeu que, para cada infração que cometia, todas as regras que quebrava, sua mãe pagava o preço.

— Você cresceu em uma cela? — perguntou Reaver. — Como uma cela de prisão?

Ele riu amargamente. — A cela de prisão teria sido um luxo. — Ele colocou o charuto no telhado e, triturou-o com sua bota. — Você sabe, assim como comida e água.

Ele sempre se perguntou por que, às vezes, quando estava com fome ou com sede, ele ficava ansioso, como se não conseguisse comida e água imediatamente, ficaria louco. Agora que ele tinha a sua memória de volta, a ansiedade fazia sentido. Ele e sua mãe padeceram de fome por anos. Ele se lembrou dela implorando por comida, não para si, mas para ele. E em várias ocasiões, ela conseguiu o que precisava, fazendo negócios com a única coisa que ela tinha para oferecer.

Seu corpo.

E não apenas para o sexo. Alguns demônios eram todos sobre tortura e sangue.

Enquanto um milhão de memórias horríveis borbulhava, assim também fazia o conteúdo do seu estômago. Rolando para as mãos e os joelhos, ele vomitou. Como pode o céu deixar que ela sofresse dessa maneira? Como eles puderam ter permitido que vivessem assim? Ser forçada a dar seu corpo para demônios, a fim de alimentar seu filho?

Raiva o atingiu duro e rápido, empurrou para longe a náusea e sofrimento dando boas vindas a raiva.

Reaver observou enquanto ele se levantava. — Você disse que a matou.

— Ainda bem que você não é surdo. — Revenant materializou um pacote de chicletes.

Reaver rangeu os dentes com tanta força que Revenant ouviu raspar o esmalte quando ele desembrolhou um mentolado. — Por quê?

— Por que estou feliz por você não ser surdo? — perguntou Rev, sabendo perfeitamente bem que não era o que Reaver estava perguntando. — Bem, iria tornar a comunicação mais difícil.

De repente, as mãos de Reaver agarraram os punhos de Rev e seu rosto angelical mostrava os dentes, olhos brilhando com fúria Celestial. — *Por que você matou a nossa mãe?*

— O Céu a matou, — Revenant cuspiu. — Quando a deixou apodrecer no inferno, eles assinaram sua sentença de morte.

Reaver sacudiu. Duro. — Mas foi a sua mão que fez isso. Diga-me sobre isso.

— Foda-se. — Rev mostrou os dentes de volta para seu irmão. — Coloquei todas aquelas memórias para descansar. De jeito nenhum estou levantando a tampa daquele caixão.

— Eu tenho o direito de saber.

— Tem? — Revenant jogou Reaver fora dele como um saco de batatas. Seu irmão voando através do ar, atingindo uma das famosas gárgulas de pedra da catedral e quebrando uma de suas asas. — Pelo que me consta, você não tem o direito de saber porra nenhuma sobre a minha vida. Você me abandonou.

Reaver brilhou na frente de Revenant novamente. — Eu te abandonei? Eu era um recém-nascido quando fui levado para o céu. Como eu poderia ter feito alguma coisa?

— Não, — Rev estalou. — Quando vim a você em Megiddo. Quando disse quem eu era. Você se lembra disso?

— Não, — Reaver disse com sua voz cheia de sarcasmo. — Não me recordo de você me dizendo que eu era seu irmão e que tinha assassinado a nossa mãe.

Rev não tinha usado a palavra assassinato, mas o inferno, porque não. Não importava que ela lhe pedisse para fazer e tinha feito isso por misericórdia. A culpa comeu-o como ácido.

— Você se apavorou, porra, — Rev gritou. — Você não esperou por uma explicação. Teve sua auréola toda distorcida, e fez um maldito tumulto. E por causa disso, porque você me deixou ir arrasar algumas aldeias de pastores de cabra e merda, perdemos nossas memórias por milhares de anos. Isso é sobre você, idiota de merda. *Você.*

Certo, certo, ele não estava totalmente isentos de culpa, uma vez que fez sua própria quota de demolição, mas a maior parte da sua ira foi focada em Sheoul, não no reino humano.

Vergonha brilhou nos olhos safira de Reaver. — Eu estava tendo um dia ruim...

— Ah, certo. Você tinha acabado de descobrir que procriara os Quatro Cavaleiros do Apocalipse e que

a sua preciosa Verrine mentiu para você sobre isso. — Revenant revirou os olhos. — Há. Eu cresci no inferno, torturado quase todos os dias. Assisti a nossa mãe sofrer horrores indescritíveis. Sua bunda mimada foi enganada. — Ele apontou Reaver no eterno. — Bem, foda-se você, irmão. Foi uma coisa boa que o Céu levou você em vez de mim, porque sua bunda amor perfeito nunca teria sobrevivido em Sheoul.

Talvez fosse por isso que sua mãe escolheu Reaver. Não porque ela o amava mais, mas porque ela achava que ele fosse muito fraco para sobreviver no Sheoul.

Revenant ia aceitar essa teoria. Era muito mais fácil de engolir do que a alternativa.

E também era menos crível, mas foda-se.

Reaver desviou o olhar, de repente, tornando-se interessado em suas botas. — Nenhum de nós deveria ter que viver assim. — Ele levantou as pálpebras, e seus olhos brilhavam com pesar. Ou talvez tenha sido piedade. De qualquer maneira, isso só o deixou mais irritado. — Mas agora você está aqui, e isso não tem que ser assim.

— Como o que? Como você ser todo perfeito e angelical, e eu sendo um bastardo do mal? — Ele riu. — Desculpe Pollyanna, mas é assim. — A asa da gárgula quebrada parecia olhar acusatoriamente para ele de onde pousara no telhado, e com um pensamento, Revenant reparou a estátua de pedra. Destruir tesouros históricos não era legal.

— Você é um anjo. Deixe-me falar com os arcanjos...

— Você realmente acredita que eles vão me receber de braços abertos? Eles não fizeram isso até agora. E o que faz você achar que eu iria querer isso? Talvez eu goste da minha vida.

— Não acho que goste.

— Você não sabe nada sobre mim, — ele rebateu.
— Não sabe o que fiz em nome do mal.

— Não importa. As coisas são diferentes agora. Você é diferente.

Rev bufou. — Diga-me, irmão, você pode ver alguma coisa através dos óculos cor de rosa?

Ele olhou para as nuvens macias e sinuosas através de um campo azul, lembrando-se da primeira vez que ele viu o céu quando emergiu das profundezas escuras do Sheoul. Ficou infinitamente fascinado, olhando com espanto e tentando descobrir que magia manteve as nuvens no ar. Mas esse menino maravilhado tinha ido embora agora, e com um pensamento, afastou isso de existência. Ele não foi capaz de manipular o clima antes, mas com a elevação a Anjo Sombra ele poderia agitar furacões de grau nuclear se quisesse.

Perguntou quanto tempo levaria para que Satanás lhe mandasse fazer exatamente isso, só para matar seres humanos e irritar o Céu.

Droga. Ele precisava parar de brincadeira. Satanás havia lhe dado uma semana para provar sua lealdade e jogar para a equipe Sheoul, e seu lado mal

estava legal com isso, contanto que ele não tivesse que lambar as botas de Lúcifer. Mas o seu status como um anjo confuso, o fez querer honrar a sua mãe. Não a honraria se escolhesse servir o demônio que fez a vida de ambos insuportavelmente horríveis.

Claro, ela disse a ele um milhão de vezes que, para sobreviver, ele teria que fazer coisas más. Mas duvidava que matar legiões de anjos e causar desastres naturais em cima dos seres humanos fosse o que ela queria dizer.

— Diga você, — disse ele, na esperança de que não estivesse cometendo um grande erro. — Tenho tentado entrar em contato com Metatron. Inferno, eu me contentaria com qualquer arcanjo neste momento. Leve-me para eles, e eu vou ver o que eles têm a oferecer.

Reaver fechou os olhos, nem mesmo se preocupando em esconder seu alívio que talvez seu irmão rebelde finalmente decidisse. — Eu vou falar com eles. Organizar uma reunião.

— Eu não tenho tempo para esperar, — disse Revenant. — Leve-me a eles. Agora.

Reaver balançou a cabeça. — Eu tenho ordens estritas para mantê-lo fora do Céu. Eles não querem que a sua mácula destrua o reino. Se você puder...

— Minha... mácula? — A fúria queimou a cinzas de cada gama de amizade que ele estava dispostos a estender. — Profanar? Eles me deixaram apodrecer no inferno, apagaram minhas memórias, e me deixaram pensar que eu era algo que eu não era por mais de cinco

mil anos de merda, e agora eles têm a coragem de dizer que eu vou profanar o Céu com a minha presença? Bem, foda-se, Reaver. Foda-se você e foda-se eles.

— Droga, Rev! — Reaver gritou. — O que você quer?

O que ele queria? Isso era fácil. Queria pertencer a algum lugar. Queria uma vida a sua escolha, onde não tivesse medo de ser arrastado e esquartejado por alguma pequena infração. Queria escolhas. Respostas. Queria se sentir confortável em sua própria pele novamente. Não, como mal e cruel como fora antes de ele recuperar suas memórias, pelo menos ele sabia quem ele era.

Mas não diria nada disso ao seu irmão. Ele só soaria choroso, e, além disso, Reaver, com sua auréola e vida encantada, não poderia entender.

— Eu quero que você vá se foder, como eu disse. — Ele mudou o cabelo para preto e suas asas de ébano com pitadas de ouro e de prata, lembrando a Reaver como eram opostos, — Bom bate-papo. Vamos ter que fazer isso de novo algum dia. Como dizem os franceses, *Au revoir, mon frère*^[5].

CAPÍTULO 8

Harvester esperou muito tempo depois de Revenant desmaterializar antes de reunir coragem para pisar fora da *quantamun* e se tornar visível para seu ex-escravo. Isso era algo que ela deveria ter feito semanas atrás, no momento em que foi reintegrada como um anjo celestial.

Mas a ansiedade e vergonha a mantinha a distância. E se ele a odiasse por todos esses anos, como seu servo? E se a odiasse porque passou seu vínculo de escravo para outra pessoa? Embora ela não pudesse imaginar que ele odiaria pertencer a Jillian. A humana imortal, graças ao seu vínculo com Reseph, era uma alma gentil com um traço de bondade dentro dela de perder de vista.

Tomando uma respiração profunda, preparou-se e caminhou em direção ao celeiro, a brisa fresca e suave da montanha do Colorado trouxe com ela o doce aroma de flores silvestres e a promessa de chuva. Quando se aproximou, o ronco de um cavalo e os balidos de cabras se juntou ao som de feno movimentado com um tridente. Será que Tracker gosta de seu trabalho?

Não importa, tinha que ser melhor do que gastar todo o tempo em sua antiga residência, onde cozinhava, limpava, e atendia as suas necessidades... Todas elas.

Seu estômago revirou, e parou à beira do caminho de cascalho que ligava o celeiro para a casa principal. Esta foi uma má ideia. Não deveria estar aqui. Tinha outras coisas para fazer, como lavar os cabelos. E o próprio Grim Reaper, Azagoth, há poucos dias a tinha chamado em uma dívida que lhe devia, o que significava, que ela tinha um anjo para caçar. Stamtiel também estava na lista dos mais procurados do Céu, então pregá-lo na parede, literalmente, era prioridade sobre ter uma conversa com seu ex-escravo.

Depois de falar sozinha sobre seu novo curso de ação, acendeu a fagulha de poder que precisava dar o fora de lá, e... desaparecer.

Ver Tracker de novo não era para seu benefício. Era para o dele. Sem dúvida, ele tinha muito a dizer para ela, e ele merecia a chance de dizer. Além disso, como Observadora do companheiro de Jillian, Harvester era obrigada a vê-lo, mais cedo ou mais tarde. Poderia muito bem acabar com isso.

Então, havia o fato de que ela parecia estar enfraquecendo, com a gravidez de Gethel progredindo, ela poderia não ter muitas oportunidades para ver Tracker novamente. Podia sentir Lúcifer cada vez mais forte e, a cada dia que passa ela fica mais cansada e era mais difícil de convocar seus poderes. Só quando ela estava no Céu que se sentia inteira. Quanto tempo levará para que ela seja forçada a residir lá permanentemente? Iria perder seu emprego como Observadora, e nunca mais participaria das reuniões de

família com Reaver, que surpreendentemente, tornara-se uma de suas coisas favoritas. Os Cavaleiros e suas companheiras finalmente a aceitaram como parte da família, e não podia abrir mão disso.

Mas teria se Lúcifer continuasse chupando sua energia como uma sanguessuga horrenda?

Seria possível que poderia até mesmo morrer?

Não disse a Reaver qualquer um desses medos, não disse a ele a extensão da sua fraqueza crescente, mas sabia que algo estava acontecendo. Podia ver isso em seus olhos, podia senti-lo na maneira que ele a tocava como se fosse feita de cristal.

Odiava ser tratada como uma inválida.

Decisão tomada, dobrou a esquina a frente do celeiro e entrou pela porta aberta.

Instantaneamente, Tracker se virou com o Tridente pronto para atacar. Quando ele a viu, ele congelou, com os olhos arregalados de surpresa.

— Olá, Tracker, — ela disse suavemente.

O tridente começou a tremer, e o coração dela, ainda endurecido por milhares de anos de tecido cicatricial, conseguiu quebrar.

— Você não tem que dizer nada. — Ela deu um passo mais perto. Ele não se moveu, mas o controle sobre a ferramenta tornou o nós dos dedos brancos. — Eu não estou aqui para te machucar.

— Você... você é um anjo agora. — Sua voz profunda, rouca, deu a sensação de conforto, ele foi constante em sua vida durante décadas.

— Quem diria, hein? — Certamente não ela.

— Você vai me levar de volta?

Ela não podia dizer se a sua pergunta era esperançosa... ou com medo. — Por quê? Você me quer?

Muito lentamente, o tridente relaxou em suas mãos, e assim a cabeça, até que ele olhava para as botas, o seu cabelo cor de areia ocultando sua expressão. — Não, — ele sussurrou. — Eu gosto daqui.

Alívio cantou através dela. — Bom. Eu quis isso para você.

Sua cabeça ergueu, e o ceticismo em seu olhar perfurou direito através do coração. — Você me queria feliz?

Oh, maldição, isto foi um erro. Ele deve ter sido tão infeliz com ela, mesmo que ela tentasse tratá-lo bem. Sempre que pôde, sem levantar suspeitas, de qualquer maneira. Ser gentil com ele seria como um sinal de alarme para qualquer um que presenciasse. Estava no inferno como um espião para o Céu, e não havia nenhuma maneira que pudesse se expor, nem mesmo ser boa para um escravo.

— Eu sei que você não acredita em mim, mas sim, eu queria isso para você.

Ele olhou para baixo a seus pés novamente. — Obrigado por me resgatar do meu antigo mestre. E obrigado por me dar a Jillian. — Ele estremeceu. — Mas você deve ir agora.

Essa foi a primeira vez que o ouviu falar firme, mesmo que fosse apenas uma tentativa.

— Tracker? Olhe para mim. — Quando ele não o fez, aquele pequeno ato de resistência a fez sorrir. Mas realmente precisava que ele olhasse para ela. — Tracker! Olhe para cima. — Desta vez, ele levantou a cabeça, e o flash de desafio em seu olhar lhe deu esperança. — Da próxima vez que você disser a alguém para sair, olhe-os nos olhos. Você tem o direito à sua própria vida agora. Apenas Jillian pode tirar a sua liberdade, e de alguma forma eu duvido que ela faça. Na verdade, eu suponho que ela te forçou a sua própria cabana privada, não é? E não está fazendo você limpar o estábulo, também. Você precisa de algo para fazer, então ela está deixando você ajudar em casa. Estou certa?

Ele assentiu com a cabeça.

— Bom, — ela disse. — Agora, diga-me para sair, e faça como se deve.

A garganta dele deu um trago, depois dois, mas, finalmente, ele encontrou seu olhar com uma rocha firme. Bem dentro de seus olhos âmbar, o lobisomem dentro dele despertou para a vida, pela primeira vez desde que ela o conheceu.

— Você precisa ir.

— Melhor. — Mesmo que seu peito doesse, ela estava orgulhosa dele. Aproximando, ela tomou sua mão e pressionou uma moeda na palma da mão. — Se você precisar de mim, esta moeda permitirá que você me convoque. Eu virei. Tome cuidado Tracker. — Ela começou a se desmaterializar, mas ele agarrou seu pulso.

— Espere. — Seu aperto era forte, claro, mas sua voz era suave quando ele disse: — Estou feliz que você seja um anjo agora.

Com isso, ele girou e começou a jogar feno ao redor como se ela não estivesse mais lá. Demorou apenas um batimento cardíaco antes de piscar para longe.

Pelo menos ele não viu as lágrimas em seus olhos.

Depois de deixar o escritório de Eidolon, Blaspheme pegou um Harrowgate do hospital para a clínica. As coisas estavam lentas esta tarde, com apenas três pessoas esperando para ser atendidas na área da recepção. Ela ainda estava abalada com menção de anjos nas proximidades, mas estendeu a mão para correr os dedos sobre seu estetoscópio enquanto caminhava, lembrando-se de que ela era uma profissional, e, agora, as pessoas precisavam dela.

Nervos contidos se não completamente aliviada, passou as próximas seis horas com os pacientes, e, em seguida, parou no quarto de sua mãe.

Deva estava dormindo, mas abriu seus olhos injetados enquanto Blas estudava seu gráfico.

— Blas, — ela resmungou. — Eu não vi você há horas. Estou feliz que você está bem.

— É claro que estou. — Não importa se houvesse assassinos angelicais esperando para matá-las. Ela deu um sorriso tranquilizador e se afundou em uma cadeira ao lado da cama. — Como você está se sentindo?

Deva fechou os olhos. — Como se alguém me colocasse em um liquidificador gigante.

— Está muito melhor do que você parecia quando eu te vi ontem. — Pegou a mão de sua mãe, que tinha curado a maioria dos ferimentos de defesa. — O que você lembra sobre o ataque? Quantos anjos estavam lá? Mais de um?

Com os olhos ainda fechados, a mãe concordou. — Havia dois Exterminadores. Eles neutralizaram minhas asas e invadiram a minha casa enquanto eu me preparava para o seu ritual de ocultação.

Blaspheme rangeu os molares. — Eu disse que não. Nós não vamos fazer isso.

Os olhos de Deva se abriram, mas em vez de estar vidrados com dor, estavam acendendo com fúria. — Você vai fazer isso minha filha. Você sabia desde o início que a magia tem um prazo de validade de cento e oitenta anos. Você ultrapassou esse prazo de validade por vinte anos, e que está se desvanecendo. Eu não passei duzentos anos de inferno e me escondendo para você ser egoísta agora.

Ela a estava chamando de egoísta? Por não querer tirar uma vida para preservar a sua própria? Deva era a pessoa mais egoísta que ela conhecia.

— Você está perdendo seus poderes de Anjo

Falso? — perguntou Deva.

Os nós dos dedos ficaram brancos no prontuário médico de sua mãe. — Alguns já se foram, — ela admitiu. — Minhas asas já não produzem pó afrodisíaco. Minha visão de raios-X está falhando. Não consigo cativar as pessoas para que não fique com raiva. — Realmente perdeu esse.

— Você está desenvolvendo todas as habilidades *vyrm*?

— Ainda não.

Deva suspirou. — Não vai demorar. Uma vez que os poderes *vyrm* apareçam, todo mundo vai saber o que você é. — Ela apertou a mão de Blaspheme. — Nós temos que realizar o ritual. Agora. Antes que eu morra.

— Você não vai morrer, e nós já passamos por isso. — Blas bateu o prontuário em cima da mesa de cabeceira. — Não haverá sacrifícios. Vou encontrar outra maneira.

— Este é o único caminho. — Deva lutou para se sentar, ficou grata quando Blas apertou um botão para levantar a cabeceira da cama. — Você está quase fora do tempo. Não pode esperar. Os Exterminadores virão para nós. Tenho um Anjo Falso escolhido para você. Ela é saudável, poderosa, e uma puta. Quando você absorver a sua essência, você vai se sentir como nova. Talvez vá finalmente ficar com alguém.

— Mãe, já lhe ocorreu que este é o meu estado normal? Com o encantamento Anjo Falso fora, eu não sinto a necessidade de enganar ninguém para fazer sexo

ou qualquer outra coisa.

— Você está dizendo que prefere deixar o disfarce desgastar, assim os Exterminadores e Destroyers possam matá-la? Eu não vou deixar isso acontecer. Trabalhei muito duro para mantê-la segura. A morte de seu pai não pode ser em vão.

Blaspheme revirou os olhos. Sempre o sentimento de culpa com seu pai. — Você realmente acha que meu pai ficaria feliz sabendo que sacrificamos a vida de um inocente para manter a minha verdadeira identidade escondida?

— Seu pai era um anjo, — Deva rosnou. — Ele não se importaria se sacrificássemos um demônio. Para anjos, um demônio morto é um bom demônio.

— Mas ele queria que eu fosse feliz, e não posso ser feliz se minha existência custar a vida de outra pessoa.

— Você não conheceu Rifion, — ela retrucou. — Você não saberia o que ele queria.

Blas estava cansada do mesmo velho argumento. — Vamos falar sobre isso mais tarde. Você precisa descansar. — Ela olhou para o relógio. Ficou fora do serviço por horas agora.

Sua mãe escorregou à frente e agarrou seu pulso. — Nós não vamos falar sobre isso mais tarde. Tenho uma armadilha para o Anjo Falso. Ela vai ser pega na minha casa hoje à noite, e pelo tempo que ela sangrar na parte da manhã, você estará segura. Posso realizar o ritual daqui.

Oh... puta merda. — Você é incrível, você sabe disso? — Blas praticamente gritou.

O sangue sumiu do rosto de Deva, e embora Blas desejasse que suas palavras tivessem causado isso, sabia melhor e ajeitou sua mãe para trás na cama. — Você está tonta de se sentar tão rápido.

— Eu não me importo, — Deva gemeu. — Eu preciso que você esteja segura. Você é tudo que eu tenho. Somos tudo que tem uma a outra.

Sua raiva diluiu um pouco, mas não mudou de ideia sobre o ritual. Tinha que evitar que o Anjo Falso caísse na armadilha horrível que sua mãe armou.

— Tenho que ir, mas eu volto. — Entregou a Deva um copo de água. — Beba isso e se mantenha calma ou vou pedir para sedá-la. Entendido?

Engolindo com azedume, Deva assentiu.

Deixou ordens a enfermeira-chefe para sedar Deva de qualquer maneira e não permitir que ela receba visitantes. Mesmo que os anjos não pudessem entrar nas instalações, com exceção de Reaver, não queria correr nenhum risco. Um anjo desesperado para pegar sua mãe poderia subornar, enfeitiçar ou chantagear um demônio para raptá-la. O feitiço Haven da clínica impediria uma tentativa de assassinato, mas uma vez fora da instalação, Deva deixaria de estar protegida.

Sentindo-se confiante de que sua mãe estava em boas mãos, deixou a clínica através do Harrowgate ao invés da saída principal da estação de metrô. Se os anjos estavam observando o hospital e a clínica, eles

poderiam facilmente prender qualquer um que sai para o mundo humano, mas não havia nenhuma maneira de controlar as pessoas através dos Harrowgates.

O Harrowgate abriu a poucos quarteirões de distância da Key West, a casa de Deva em um beco atrás de um restaurante e bar turístico de frutos do mar. Mais uma vez, desejou que pudesse usar seus poderes *vyrm* e piscar diretamente onde precisava estar. Não queria ser pega em campo aberto, quarteirões de distância de um Harrowgate.

Xingando as más escolhas de sua mãe, escorregou para fora do beco e caminhou com um grupo de turistas barulhentos aproveitando os últimos remanescentes do crepúsculo da noite. Key West foi um dos poucos lugares que escaparam da maior parte do recente caos apocalíptico, e por causa disso, tornou-se um refúgio popular para aqueles que procuram asilo temporário a partir do desastre que foi o reino humano.

A casa de praia verde e laranja pastel de Deva localizava-se no final de um passeio tranquilo, flamingos de plástico rosa pontilham o gramado bem cuidado como pulgas em um cão. Quando se aproximou, buscou a habilidade de Anjo Falso para ficar invisível, um dos dons que raramente usava. Mas, quando abriu lentamente a porta da frente, uma vibração desconfortável a sacudiu e olhou para baixo para ver que estava trêmula e saía da invisibilidade.

— Droga, — respirou. Quanto tempo teria antes que estivesse exposta a sua verdadeira identidade?

Deu um suspiro profundo e se preparou para manter o pânico na baía. A porta abriu com um rangido, e puta merda, o lugar estava um lixo. Esperava uma cena de uma batalha, e com certeza, o mobiliário revirado e quebrado, pratos quebrados, respingos de sangue e manchas feias sobre as outrora paredes brancas imaculadas e piso de bambu.

Mas o que não esperava foi o saque. Livros retirados das prateleiras, gavetas esvaziadas, e papéis espalhados por todo o lugar. Alguém estava procurando alguma coisa, mas o que?

Deixando de lado o encantamento de invisibilidade, uma vez que não ia funcionar de qualquer maneira, ela pegou uma faca de açougueiro do balcão da cozinha e testou a lâmina. A faca estúpida estava cega e lascada, como se Deva tivesse a usado para cortar lenha. Como viria a calhar agora ter a capacidade *vyrn* para convocar armas poderosas em vez de contar com o equivalente a uma grande faca de manteiga para sua defesa.

Arma cega na mão, na ponta dos pés foi até o quarto, verificando todos os armários para se certificar de que estava sozinha, não que os anjos que fizeram isso não pudessem piscar dentro de novo a qualquer momento.

Quando foi ao banheiro, um estrondo soou. Com o coração acelerado girou, lâmina pronta para atacar. Do outro lado da sala, a cortina caiu soprada através da janela aberta virada para o mar.

— Droga, — ela murmurou. Ia ter um ataque cardíaco antes que saísse daqui.

Sentindo-se um pouco tola, foi até a sala e se sentou na frente da tela do computador brilhando sobre a mesa. Quando sua mãe não estava na balada e causando problema, ela estava no computador, o que significava que em algum lugar no disco rígido tinha de haver informações sobre o Anjo Falso para quem ela planejou a armadilha.

Uma varredura apressada no histórico do computador mostrou que no dia do ataque, sua mãe estava lendo artigos do site theCHIVE e realizado download de algum fetiche perturbador e pornografia com vampiro que nunca permitiria que ela olhasse sua mãe nos olhos novamente. Havia também mensagens instantâneas de alguém chamado SexySweetXOXO. Um amante, talvez? Será que ela tem um parceiro no crime?

Abriu o aplicativo, e de imediato, uma mensagem apareceu.

SexySweetXOXO: Olá, querida. Você deixou nosso bate-papo tão abruptamente ontem. Está tudo bem?

Blas não tinha ideia de como responder a isso, e sério, sua mãe não poderia ter escolhido qualquer nome, mas HornyAsHell69? Eca. Apenas... E por que diabos seu ícone de identificação tinha um cara negro de boa aparência? Será que ela estava fingindo ser um homem?

Pensou em ignorar SexySweetXOXO, mas de acordo com o tempo da última conversa com SexySweetXOXO essa foi uma das últimas coisas que

sua mãe fez antes de ser atacada.

Ok, então iria jogar por alguns minutos, apesar do ícone de SexySweetXOXO fosse uma bunda com uma tatuagem de anjo na face direita.

HornyAsHell69: Desculpe, tive que ir tão de repente. Tive um visitante inesperado, mas eu estou bem.

SexySweetXOXO: Estamos ainda em um bom tempo?

Bem, porcaria. Não sabia como responder, resolveu se fazer de boba.

HornyAsHell69: Lembre-me o que você considera um bom tempo. Dê-me alguma ideia.

SexySweetXOXO: Eu vou te mostrar o gosto do Céu, meu doce menino.

Menino? Ok, então sua mãe estava disfarçada como um macho. Interessante. E estranho.

SexySweetXOXO: Será que você ainda quer o encontrar?

Encontro? O que, em nome de tudo que é profano Deva estava se metendo?

HornyAsHell69: Deixe-me retornar para você. Tenho algo a espera.

SexySweetXOXO: Ei. :-⁽⁶⁾ Deixe-me lhe mostrar um pouco de algo que pode incentivá-lo a cancelar seja o que for.

A imagem apareceu na tela de IM⁽⁷⁾ de uma fêmea loura nua sentada em uma cama. Ela estava segurando os seios de forma provocativa, com as pernas bem abertas, seus saltos estiletes marfim cavando o colchão.

Asas leves maciças espalhadas por trás dela, o que poderia ter sido falsificado... exceto que não eram. Não se seus pelos pubianos brilhantes, translúcidos fossem reais.

SexySweetXOXO era um Anjo Falso. O sacrifício escolhido.

Sentindo enjoada, Blaspheme se recostou na cadeira de couro de sua mãe. Foi assim que Deva planejou interceptar o Anjo Falso. Fingindo ser um macho humano, Deva estava atraindo essa fêmea para a casa dela, onde, sem dúvida, uma armadilha visível apenas aos olhos de Deva estava esperando para derrubá-la.

SexySweetXOXO: Estou pronta para você. Tenho o seu endereço e estarei em sua casa, às nove horas para fazer cada uma de suas fantasias de anjo se tornar realidade.

Outra imagem apareceu, desta vez com ela inclinada, ainda nua, é claro, a bunda redonda apontando para cima quando ela a espalhou com os dedos. Suas asas se espalharam sobre a cama, onde dezenas de brinquedos sexuais variados jaziam espalhados.

E... isso era o suficiente.

HornyAsHell69: Você é linda querida. Mas mudei de ideia. Não estou em anjos mais.

SexySweetXOXO: Eu posso ser qualquer coisa que você queira que eu seja.

Blas suspirou. *Obrigada, Mãe, seu Anjo Falso*

escolhido, claramente está desesperada e pronta para se entregar a um completo estranho. Com certeza, essa descrição ajusta mais a Anjos Falsos, surpresa Blaspheme não queria estar absorvendo esse tipo de personalidade.

Blas percebeu que deveria ser grata que sua mãe não tivesse optado por sacrificar um *fugwart* comedores de alma ou um demônio Sensor, que vivia para destruir mestiços como ela mesma. Não podia imaginar uma vida que tivesse que matar demônios que tiveram a infelicidade de nascer de pais diferentes do jeito que ela nasceu.

Ok, hora de fazer este Anjo Falso ir embora para sempre. Não confiava em sua mãe para não tentar restabelecer a relação e arrebatado a fêmea não importa quais fossem seus desejos.

HornyAsHell69: Obrigado, mas não. Encontrei alguém para satisfazer as minhas necessidades de fetiche anjo.

Uma imagem de Revenant surgiu em sua mente, e rapidamente o baniu. Ele só não era um anjo, não havia espaço em sua cabeça para ele. Embora não pudesse negar que retratá-lo nu era muito melhor do que ter a imagem da bunda de SexySweetXOXO em seu cérebro.

HornyAsHell69: Não me contacta de novo, e se por algum motivo eu entre em contato com você no futuro, ignore-o. Significa apenas que eu estou bêbado, e eu sou meio que um bêbado.

SexySweetXOXO: Idiota. Boa sorte para encontrar uma foda tão boa como eu sou. Certificarei que você seja chutado fora de cada fórum de fetiche anjo na Internet. Foda-se.

Ah, bom, SexySweetXOXO era um má perdedora também. Deva certamente sabia como escolhê-los.

Sentindo-se como se tivesse se esquivado da bala, Blas encerrou o IM e remexeu no computador um pouco mais, imaginando que enquanto estivesse aqui, poderia muito bem procurar qualquer coisa que poderia relacionar os Exterminadores com a identidade da sua mãe.

Nada. A não ser que os anjos que a atacaram fossem lobisomem pornô e machos vampiros do sexo. Blas teve que admitir, porém, que os vídeos de vampiros eram especialmente quentes.

Outra busca na casa revelou exatamente o mesmo, nada. Frustrada, arrumou o lugar um pouco, e no momento em que a lua subiu no alto, estava morrendo de fome.

Estava prestes a ir para o Harrowgate quando seu celular tocou com toque *Bark at the Moon* do Underworld General Clinic. Rumores diziam que Ozzy havia gravado a música como tema para o hospital, mas Eidolon não confirmou nem negou.

Ela apertou o botão de resposta. — Doutora Blaspheme.

— Blas. — A voz ofegante de Gem raspou através da linha telefônica. — É a sua mãe. Ela está em apuros.

CAPÍTULO 9

Blaspheme bateu o Harrowgate mais próximo em uma corrida. No momento em que a porta se fechou atrás dela, as paredes internas do espaço escuro iluminaram com mapas brilhantes tanto de Sheoul como do reino terrestre, mas não precisava de um desses. Em vez disso, socou o símbolo caduceu do Underworld General Hospital, bem ao lado do símbolo menor da clínica que a teria levado a entrada na plataforma de metrô da clínica. No mesmo instante, o portal abriu no serviço de urgência movimentado do UG.

Apressando-se passou por demônio Croucher que estava segurando sua própria orelha sangrenta na mão, bateu as palmas das mãos na recepção. — Onde está Devo?

A enfermeira, uma nova recruta vampiro chamado Bridgette, ergueu os olhos do computador. — Sua mãe?

Droga, Blas não queria isso, Mesmo que ela ressaltou a coisa *mãe adotiva*, sabia como os rumores funcionavam. A parte *adotiva* da equação seria abandonada em uma conversa informal, e em seguida, a especulação a respeito de como Blaspheme poderia ser um Anjo Falso se sua mãe era um anjo caído iria começar.

— Minha mãe adotiva, sim, — Blas disse entre dentes. — Onde ela está?

— Foi transferida aqui da clínica e levada para a Emergência, — disse Bridgette. — Ela...

Blas não esperou o resto. Decolou velozmente, derrapando em torno dos cantos e batendo em equipamentos e carrinhos nos corredores. Quando a porta para a sala de cirurgia ficou à vista, Gem saiu, seu cabelo azul-listrado escondido sob uma touca cirúrgica.

— Gem! — Ofegante pelo esforço, Blas chegou a um impasse na frente da outra médica. — O que aconteceu?

— Ela teve uma parada cardíaca uma hora atrás. A equipe foi capaz de reanimá-la, e a trouxemos para a cirurgia imediatamente.

— Uma hora atrás? Por que ninguém me chamou?

— Houve uma confusão... Eu sinto muito. O seu número de telefone da casa antiga estava nos registros, e quando isso não funcionou, alguém ficou encarregado de chamar em seu celular... Foi uma confusão. Vamos tratar isso na próxima reunião de equipe para que não volte a acontecer.

Oh, tinham ambos os endereços, inferno. Mas agora, estava mais preocupada com sua mãe.

— Quem está lá com ela agora?

— Dr. Soduchi e Bane, — disse Gem. — Ela está em boas mãos.

Sim, ela estava. Bane, um dos vários irmãos

demoníacos Seminus que Eidolon havia contratado, era extremamente talentoso, mesmo além de suas habilidades de cura naturais. Soduchi foi uma adição mais recente ao Underworld General, roubado da Clínica Mayo dois meses atrás. O cirurgião cardíaco era um lobisomem, e quando a merda apocalíptica veio abaixo, sua verdadeira identidade foi quase exposta em todo o caos. Foi o momento perfeito para Eidolon buscá-lo, e vários outros médicos especialistas *tertaceo* que trabalhavam em hospitais e clínicas humanas.

Pena que Soduchi era um idiota arrogante. Mas então, a maioria dos cirurgiões era. Sem sangue lobisomem necessário para isso. Apenas um diploma de médico.

Gem atirou o braço em volta Blaspheme e a guiou em direção a área de visualização da sala de cirurgia. — Vamos sentar.

Blas, exausta e preocupada permitiu que a outra fêmea a levasse para uma posição, onde ela assistisse Soduchi e o resto da sua equipe trabalhar em sua mãe.

— Posso trazer alguma coisa? — Gem perguntou quando ela se sentou no banco ao lado dela. — Café? Alguma coisa para comer?

— Obrigada, — disse Blas, — mas não. Vá em frente e volte ao trabalho. Ficarei bem.

Os olhos de Gem estreitaram com preocupação. — Tem certeza? Porque eu posso ficar.

Blaspheme gostava de Gem, mas agora só precisava de um pouco de espaço. Tanta coisa havia

acontecido nas últimas horas, e sentia como se fosse quebrar a qualquer minuto.

Sem testemunhas, sua mãe sempre disse. Lágrimas de Anjos falsos — são um afrodisíaco para uns, tóxicos para outros. Você não quer envenenar acidentalmente alguém.

Agora que o encantamento estava desaparecendo, suas lágrimas provavelmente não eram afrodisíacas ou tóxicas, mas não queria testar essa teoria. Não que planejasse chorar, mas tão cansada como estava, não podia correr nenhum risco.

Gem fez promessas de vê-la em breve e a deixou observar a cirurgia em paz. Felizmente, tudo estava indo bem, tão bem que, em algum momento, cochilou. Acordou quatro horas mais tarde ao som da porta se abrindo, e uma enfermeira Guai, semelhante a javali, chamada Chu-hua entrou, seus cascos batendo no chão.

— Gem me pediu para trazer estes resultados de laboratório, — disse ela em sua voz de porquinho. — Ela lhe trouxe um sanduíche e café mais cedo. — Ela apontou para a bandeja de comida com uma mão e entregou uma pasta com a outra.

Blaspheme olhou para a sala de cirurgia, que parecia estar terminando. — Obrigado, Chu-hua. E, por favor, agradeça Gem por mim.

Chu-hua sorriu, o lábio superior pegando suas presas, e então ela saiu ao som dos cascos.

Blas olhou para a pasta. Nome do paciente:

Gethel.

Examinou o conteúdo rapidamente, mas o zumbindo de porta a interrompeu. Olhou pela janela para a sala de operações para ver Soduchi dando-lhe um polegar para cima através do vidro.

Aliviada, saiu da área de visualização, com as pernas duras protestando enquanto foi para o corredor e andou enquanto esperava Soduchi sair da sala de cirurgia.

Após trinta segundos, um formigamento em sua coluna alertou para uma presença, e sabia exatamente o que iria ver quando se virou. Com certeza, Revenant estava passeando pelo corredor, suas longas pernas comendo a distância, o casaco de couro preto batendo em torno de suas botas, seu olhar predador fixos nela.

Nossa, ele foi pontual. Ontem ela lhe disse para voltar amanhã, e lá estava ele, seis horas da manhã, todo olhos brilhantes e imponentes. Ela, por outro lado, devia parecer como se tivesse dormido em uma cama de pregos.

Gemendo baixinho, ela o observava aproximar. Ele podia ser o mais sexy bastardo mal na existência, mas lidar com ele era a última coisa que precisava agora.

— Revenant, — disse. — Posso encontrar com você em 15 minutos? Você pode esperar no saguão do UG ou no meu escritório na UGC...

Naturalmente, Soduchi saiu da sala de cirurgia ao mesmo tempo em que Revenant parou na frente dela.

— Dr. Soduchi, — disse ela rapidamente, dirigindo-o antes que ele pudesse começar o seu relatório sobre *sua mãe*. Deuses, este disfarce estava ficando complicado, confuso e estressante como o inferno. — Como está o paciente?

— Eu não pude fazer nada a respeito do dano anterior, mas está fora de perigo imediato. Bane está terminando com ela. — Soduchi arrancou a touca cirúrgica verde de sua cabeça revelando sua juba loira, áspera e longa, adequada a sua personalidade. — Achei que ela tinha manifestado um coágulo, como resultado de uma complicação cirúrgica, mas aconteceu que havia um agente externo bloqueando a veia da cavidade inferior, que resultou em seu ataque cardíaco.

— Um objeto externo bloqueando? Que tipo?

Ele abriu a palma da mão. Nela havia um pequeno objeto brilhante que parecia ser uma semente de gergelim de cristal. — Eu não tenho ideia do que é isso. Nunca vi isso antes. — Deve tê-lo matado admitir que não soubesse alguma coisa.

Revenant estendeu a mão. — Posso?

Soduchi olhou para Blaspheme, e quando ela acenou com a cabeça, deixou cair a coisa na palma da mão de Revenant. — Eu duvido que você vá ser capaz de determinar sua fonte...

— É um dispositivo de rastreamento, — disse Revenant, e teria sido divertido ver a arrogância de Soduchi despencar, se ela não estivesse tão ocupada envolvendo sua mente em torno do que Rev disse. — De

origem angelical.

A expressão de Soduchi endureceu. — Como você sabe?

— Será que isso importa?

Blaspheme praticamente podia sentir o cheiro da testosterona em choque no ar entre os dois machos quando Soduchi rosnou. — Quem é você?

— Ele é um amigo. — Blas entrou na briga antes que as coisas se deteriorassem além de algo que pudesse controlar. — Bem, sua, ah, amiga, é um de meus pacientes.

— Sua amiga poderia ensinar uma lição de respeito.

Revenant riu, piscando as presas. O que, por algum motivo, a fez pensar no pornô vampiro na casa de sua mãe. Não é que ela precisasse pensar nisso agora. Ainda assim, perguntou-se o que sentiria com as presas de Revenant enterradas em sua garganta.

Pare com isso.

— Qual é seu nome? — perguntou Revenant. — Douche? Bem, Douche, o dia que eu respeitar um vira-lata é o dia em que o meu pau se transforma em um cachorro-quente. Então, porque você não corre e encontra um bom osso e leite.

Os olhos de Soduchi saltaram de sua cabeça. — Seu merda insignificante...

Um minuto, Revenant e Soduchi estavam ali na frente dela, e no próximo, eles estavam a vários metros pelo corredor, com Revenant fixando o médico contra a

parede com o antebraço em toda a garganta de Soduchi. A escrita Haven nas paredes cinzentas, inscrições mágicas, começou a brilhar e pulsar quando a ameaça de violência se levantou de Revenant.

Ela não conseguia ouvir o que ele estava dizendo para o outro homem, mas o que quer que fosse, o médico ficou tão branco como uma alma penada na noite de lua nova.

Um momento depois, Revenant estava ao lado dela, e Soduchi correndo para longe na direção oposta. Se ele tinha uma cauda, esta estaria escondida entre as pernas.

Ela ficou olhando para o cirurgião em descrença. — O que você disse a ele?

Revenant bufou. — Boo.

— Eu não acredito em você. Mas não tenho tempo para brincar de árbitro. — Ela esfregou os olhos, perguntando quando ela veria sua cama novamente. — Você disse que o objeto que Soduchi encontrou dentro da minha ma... ah, minha paciente, é um dispositivo de rastreamento angelical?

Ele assentiu com a cabeça. — São implantados na pele.

Deuses, isso não era bom. — Eles enterram até que atinja um órgão ou obstáculo?

— Não. — Ele revirou o pequeno dispositivo entre os dedos. — Eles são projetados para permanecer apenas sob a camada superficial da pele, e eles são apenas ativos enquanto esteja dentro de um corpo,

esteja vivo ou morto.

Ela franziu a testa. — Como alguém ia tê-lo na veia da cavidade inferior? — No seu olhar vazio, ela editou. — Uma veia que traz o sangue para o coração.

— Ah. — Ele deu de ombros. — Poderia ter sido implantado dentro de uma ferida aberta. Pode ser que caminhou até lá. — Ele olhou para a porta da sala de cirurgia, e apesar de Blas ter certeza que ele não podia ver através dela, ela começou a suar. — Quem é este paciente, de qualquer maneira? Anjos não giram em torno de etiquetar as pessoas, e apenas certos anjos possuem a capacidade.

— Alguns anjos? — Ela engoliu o vomito. — Quais?

— Os Interrogadores, Exterminadores, Executores... alguns mais, provavelmente. — Sua voz ficou grossa com desprezo, enquanto ela tinha certeza que a dela estava ficando estridente com a ansiedade. Por que alguém iria acompanhar sua mãe... A menos que eles estavam tentando localizá-la? Se fosse esse o objetivo, tinha funcionado muito bem. — Eu não sei exatamente sobre operações angelicais. Parece que se esqueceram de me convidar para as reuniões.

Ele esperava ser convidado para as reuniões? Ele pareceu levar o assunto um pouco pessoal.

— Bem, — disse ela, agradecida que a coisa estridente não aconteceu, — vou ter que perguntar a minha paciente quando ela acordar. — Estendeu a mão. — Posso ter o rastreador, por favor?

O sorriso malicioso propagou em seu rosto, e ela gemeu. — Vai jantar comigo.

— Eu não vou ser chantageada para um encontro, especialmente por causa disso. Eu não comprometerei o atendimento ao paciente. Jamais. — Ela fez um gesto de venha-e-dê-isso-para-mim com os dedos. — Então, entrega-me. Eidolon vai querer estudá-lo.

Seu olhar varreu sobre ela, fugaz e quase superficial, e ainda assim ela sentiu como se tivesse sido examinada por horas e despida. — Um anjo falso com princípios. Tão... raro.

Estava começando a odiar o jeito que ele podia encontrar as frestas em sua armadura. E realmente odiava como ela parecia sempre jogar na defesa em torno dele. Se este fosse um dos esportes favoritos de sua mãe, os Anjos Caídos Sheoul teria sempre a bola, estaria sempre à frente em pontos, e do Underworld General Vyrn estaria lutando para chegar apenas no placar.

— Então você se encaixa no molde de anjo caído perfeito? — Ela rebateu. *Gol para o Underworld General Vyrn.*

— Dificilmente. Mas cada espécie é definida por certos traços. Todos os tigres são carnívoros. Demônios Seminus tem que trepar ou eles vão morrer. — Seu olhar tomou um lento passeio pelas partes baixas de seu corpo, e o referido corpo aqueceu. — Anjos Falsos precisam enganar, mentir e seduzir os outros ou vão

definhar. Então, estou querendo saber Blaspheme, como você alimenta suas necessidades, se você é tal modelo de integridade.

Sheoul Anjos Caídos marcam um touchdown.^[8]

Ela deu de ombros como se não fosse grande coisa, mas por dentro estava tremendo. Ela não podia ter alguém questionando o que ela era, especialmente, não um anjo caído.

— Vou a clubes humanos para cumprir as minhas necessidades, — disse ela. — No trabalho, eu sou médica, pura e simples.

— Bom. — Ele largou a pequena semente de cristal na mão dela. — Porque eu desprezo mentirosos e enganadores. — Ele balançou as sobrancelhas. — Sedutores, por outro lado...

Blaspheme revirou os olhos, mas foi poupada de ter que burlar-se da espiritualidade dele quando a porta da sala de cirurgia foi aberta, e os enfermeiros e pessoal de apoio prepararam para mover Deva para sala de recuperação.

— Por que você não vem ao meu escritório, — disse ela às pressas, antes que alguém dissesse algo sobre a paciente ser sua mãe. — Podemos discutir os resultados laboratoriais de Gethel.

— Mostre o caminho. — A equipe de transferência empurrou Deva para fora da sala, quando estavam saindo, e Revenant esticou a cabeça. — É o anjo caído que estava tratando ontem.

Merda. — Você tem uma boa memória.

Por alguma razão, isso o fez rir. — Se você soubesse. — Ele a olhou quando atravessaram os corredores do hospital indo a caminho do Harrowgate. — Blasfeme?

— Sim?

Ele hesitou. E então, — Você se sente como se pertencesse aqui?

Que pergunta estranha. — Você quer dizer aqui? No hospital?

— Quero dizer ajudar as pessoas. Sua espécie não é conhecida por seu altruísmo.

Ela não gostava que ele continuasse a questionar sobre seu Anjo Falso. — Eu suponho que você poderia dizer que eu nunca realmente me encaixei com o meu tipo. Sou um pouco de uma peça quadrada.

Assim, ela não teve que mentir. Nascendo um *vurm* a fez um produto de dois mundos, e ela não se encaixava em nenhum deles, que provavelmente fosse por isso que preferia o reino humano.

— Você já tentou?

— O que, me encaixar em algum lugar? — Em seu assentimento, ela deu de ombros. — Por um tempo, sim.

Incentivada pela mãe a se misturar com outros habitantes de Sheoulic, tentou se conectar com seu lado mal, mas sua metade anjo não lidou bem com isso. A culpa a comia como ácido, e pior, ela se sentia fisicamente doente quando forçada a situações que exigiam uma medida de malevolência. Mas sempre

pensou que era estranho que o oposto não acontecesse. Boas ações não perturbavam sua metade sinistra.

Deuses, ela era uma bagunça.

— Você tem uma família? — perguntou.

— Minha mãe. — Eles entraram no Harrowgate, e ela tocou o símbolo que correspondia a sua clínica. — Você?

— Um irmão.

— Ele está... — Ok, então como é que se pergunta a um anjo caído, se seu irmão ainda estava no céu? Felizmente, Revenant lhe poupou o embaraço.

— Ele é um anjo celestial totalmente aureolado. Todo pau.

Sem ter ideia de como seguir, ela saiu do Harrowgate na área de recepção muito mais confortável. — Meu escritório está à frente. — Ela acenou para Judie, o demônio Sora recepcionista de plantão. — Todas as mensagens?

A cauda vermelha de Judie gorgolejava atrás dela enquanto ela entregava um pedaço de papel para Blaspheme. — Apenas um. Eidolon quer ouvir de você quando obtiver os resultados de laboratório. — Ela bateu um botão de espera no telefone. — Ele não disse sobre quais resultados.

— Está tudo bem. — Blas levantou a pasta na mão. — Eu os tenho aqui.

Uma vez que estavam em seu escritório, Revenant se sentou no sofá em frente a sua mesa, chutando os pés sobre o apoio de braços e deitando de

costas, com as mãos enfiadas atrás de sua cabeça, como se ele pertencesse ali.

— Você não tem problema em fazer-se em casa, não é?

Seu sorriso era um desmancha-prazeres. — É a sua personalidade acolhedora e sua forma calorosa.

— Minha bunda, — disse ela enquanto se sentou em sua cadeira de escritório. — Você gosta de desafiar autoridades.

Ele piscou, provavelmente pensando que estava sendo charmoso. Infelizmente para ela, ele estava certo. — Você está oferecendo sua bunda? Porque eu vou aceitá-la. — Enquadrrou as mãos sobre sua pélvis como se agarrando a cintura de um amante invisível, ele empurrou os quadris magníficos para cima. — Bem aqui. Agora mesmo. Você pode me escarranchar. Assim. Aqui.

Oh, maldito, agora ela estava imaginando exatamente isso, e seu corpo reagiu em uma onda de calor. Sua libido de Anjo Falso, que ela pensava estar desvanecendo, veio à tona, fazendo os seios formigarem e seu sexo doer. Não experimentara uma reação tão forte em meses, e graças aos deuses que ela não estava em público, sendo conduzida a paquerar e se esfregar contra os homens como uma gata no cio. Não, melhor estar em segurança em seu escritório com uma mesa entre ela e o macho mais próximo.

Ela amaldiçoou as mãos trêmulas enquanto pegou a pasta e abriu. — Se você tiver terminado a sua

atuação pornô imaginária, podemos começar a trabalhar.

— Você sabe, — disse ele enquanto se sentou e colocou os pés no chão: — Estou começando a suspeitar que você seja qualquer coisa, menos um Anjo Falso, se você não começar a flertar até mesmo um pouco. — Assim que um nó de pânico começou a se formar em seu intestino, ele inalou. — Mas você está excitada, então talvez o meu pequeno tigre realmente seja carnívoro.

— Você é um pé no saco.

Ele sorriu como se tivesse acabado de lhe dar o maior elogio. Bufando com aborrecimento, ela olhou para o relatório do laboratório.

Como de costume, o laboratório forneceu dado e comparações nos resultados de laboratório do paciente anjo caído, mas em todos seus anos trabalhando no UG, apenas um anjo caído grávida passou pelo hospital, e seus exames de sangue foram substancialmente diferente. Era impossível dizer qual o conjunto de números para cada painel fosse mais normal. Teria que pesquisar outro anjo caído grávida para ver por que ela foi internada no hospital.

— Então, — Revenant solicitou, — o que diz o relatório?

Nada, isso sim. — Os resultados são basicamente sem sentido, uma vez que não temos muito com que compará-los. Anjos caídos grávidas não costumam procurar atendimento médico aqui, e nós

definitivamente não temos registros sobre quaisquer anjos caídos anteriores grávidas com a prole de Satanás.

Ela amaldiçoou em frustração. Ela foi com Revenant ver Gethel na esperança de aprender algo de útil e obter as células-tronco, e ela falhou em ambas.

— Todos esses resultados me dizem que, se ela fosse humana, estaria morta esta noite. Seu colesterol está nas alturas, sua contagem de células vermelhas do sangue está baixo, e tem tantos marcadores tumorais no sangue dela que suas artérias devem estar obstruídas, mas todas essas coisas podem ser normais para Gethel. Sinto muito, mas isso é tudo que posso dizer. — Ela virou a página e notas escritas à mão em vermelho chamaram sua atenção. — Hmm. Os resultados dos testes indicam a presença de uma substância não identificável em seu sangue, mas, novamente, isso poderia ser normal para ela. — Ainda assim, era algo que pudesse vale a pena. Ela definitivamente precisava entregar as informações para Eidolon.

— Quão útil, — disse ele, sem rodeios.

— Talvez você possa obter melhores resultados com a sua própria perícia médica, — disse ela. — Agora, se você me dá licença, eu tenho pacientes a atender. — E tomar uma ducha fria.

Surpreendentemente, ele ficou sem um argumento. Seu bom comportamento era apenas temporário, no entanto, porque em um instante, ele veio por cima da mesa em um salto fluido gracioso e estava em pé na frente dela, seu grande corpo bloqueando

tudo, exceto ele.

— Obrigado Blaspheme. — Levantando a mão em seu rosto, ele acariciou os nós dos dedos sobre a pele de sua mandíbula. — Eu vou voltar mais tarde.

Mergulhando a cabeça com a autoconfiança de um predador que tinha sua presa em sua mira, ele capturou sua boca em um beijo dominante, punindo. Seus sentidos cambalearam enquanto sua língua empurrou passando a barreira dos lábios e dentes a se chocou com a dela. Sexo cru escorria dele, e apesar de sua vontade de ficar longe dele, ela agarrou seus biceps e o arrastou para mais perto.

Era o que ele esperava de um Anjo Falso.

Pelo menos, foi o que ela disse a si mesma quando ele emoldurou seu rosto em suas mãos grandes e a segurou firme para a penetração profunda da língua. Sua pélvis se chocou contra a dela, e ele tinha uma arma no bolso, ou ele estava ostentando um inferno de um pau duro.

Então, ele estava do outro lado da sala, de pé na porta. Ela ainda não o tinha visto abrir a porta. Ela ficou ali, atordoada e com as pernas bambas.

— Eu gostaria de tomá-la, — disse ele asperamente. — Bem aí em sua mesa. Mas tenho algo para fazer, e quando finalmente transar com você, eu não quero nenhuma distração.

— Isso não vai acontecer. — Ela limpou a garganta da luxúria embaraçosa que a fez parecer muito mais devassa do que ela gostaria. — Você não é meu

tipo.

— Todos os machos são um tipo para um Anjo Falso.

— Como você deixou claro mais do que uma vez, eu não sou um Anjo Falso típico.

— E isso, — ele disse, — é por que eu quero você.

Com isso, ele se virou e desapareceu no corredor, deixando-a dolorida, confusa e em um monte de problemas.

CAPÍTULO 10

Revenant ficou no topo do Monte Megiddo, mais uma vez, uma sensação de déjà vu moveu através de seu cérebro, e não porque tentara entrar em contato com Metatron um dia antes. Este era o lugar onde ele gritou para seu irmão pela primeira vez, mas a reunião não foi bem. Reaver não sabia sobre ele, não sabia a verdade sobre qualquer coisa, e ficou irado. Revenant por sua vez, ferido, rejeitado, e se afogando nas mentiras que foi alimentado com toda a sua vida, deixou-se levar pela loucura, e ambos fizeram bastante dano a todos os reinos que suas memórias foram removidas.

Bons tempos, cara. Bom. Fodido. Tempo.

— Arcanjos, — ele gritou. — Metatron, obtenha sua santa bunda aqui embaixo.

Tal como ontem, nada aconteceu. Idiotas do caralho. Estava frustrado como a merda, sua mente cheia com outra convocação de Satanás e suas bolas doendo com inextinguível desejo por Blaspheme. Alguma coisa estava prestes a explodir, e duvidava que fosse seu pênis.

— *Metatron!* — Ele gritou para os céus, e tudo ao redor, a terra tremeu nuvens escuras surgiram do nada, bloqueando o sol e transformando a terra escura como a noite. — *Última chance. Obtenha sua bunda santa aqui agora, ou muitos anjos enfeitarão a parede aureolada de*

Satanás.

Não tinha certeza porque estava dando aos arcanjos uma última chance de lhe darem respostas sobre quem ele era e o que deveria fazer com a sua vida, não depois do que Reaver disse sobre ele contaminar o Céu com sua simples presença. Talvez a nobreza de Blaspheme lhe esfregasse um pouco, ou talvez ele devesse em respeito a sua mãe tentar mais uma vez.

Fosse o que fosse tinha ele de pé sobre esta colina feia, sendo completamente ignorado, como foi no passado. Acabou. Satanás venceu. Tempo para entregar um anjo em uma bandeja.

Expandindo suas asas, começou a levantar na escuridão artificial. Sem dúvida, os seres humanos por perto estavam enlouquecendo, rezando para seus deuses, com certeza outro apocalipse estava prestes a acontecer.

De repente, um assobio suave precedido de um banho espumante de luzes, e uma fração de segundo depois, o arcanjo Raphael estava ali de pé, com o corpo emitindo um brilho suave, dourado como algo saído de um filme de Natal. Mesmo seu cabelo loiro brilhava como ouro polido. Anjos poderiam conter seu brilho no reino humano, o que significava que ele estava sendo intencionalmente idiota.

Bem, bem. Bem quando Revenant decide ignorar o Céu, o Céu fornece uma pista. Se for ou não muito pouco, muito tarde, tinha ainda a ser visto.

— O que é? — perguntou Raphael em voz

notoriamente entediado.

— Você não é Metatron.

— Você não é observador?

— Foda-se, — disse Rev. — Eu quero Metatron.

— Ele está em uma reunião. Você tem que se contentar comigo.

Todos os arcanjos eram idiotas, mas Raphael parecia ser duplamente idiota.

— Em uma reunião? — Revenant sorriu. Nada chama a atenção de alguém como interromper uma reunião.

Olhos de Rafael ampliaram. — Não...

Tarde demais. Revenant brilhou no meio do complexo Arcanjo. Alguns anjos correram pelos corredores, mas nenhum deles lhe deu mais do que um olhar de passagem. Por que eles dariam? Eles não tinham ideia de quem ele era, e a ideia de que um anjo do inferno pudesse simplesmente *pop* em uma das estruturas mais importantes do universo era ridícula.

Ele olhou em volta, sem perder tempo para determinar onde a reunião poderia ser. Reaver agora iria sentir sua presença no Céu, e provavelmente seria apenas uma questão de segundos antes de seu irmão gêmeo aparecer para brincar de leão de chácara.

Rapidamente, se movimentando para o monte de escritórios por um corredor para a direita, onde os sinais nas portas indicavam que as salas foram reservadas para grupos. Contornou a fracamente nomeada Câmara da Eternidade, a Sala de Gênesis, e

Sala de Babel, e foi direto para o Auditório Babilônia.

Bingo.

Um grupo de dez arcanjos estava sentado em torno de uma mesa de mármore gigante no palco, os assentos vazios em estilo teatro olhando-os em silêncio.

— Bem, bem, — disse ele enquanto caminhava pelo corredor central em direção a eles. — Parece que eu estou atrasado para a festa.

Vários dos anjos olharam para ele, claramente indignados que alguém teve a ousadia de interromper. Apenas quatro deles, Gabriel, Miguel, Uriel, e Haniel, sabiam exatamente quem ele era, e eles ficaram de pé tão rápidos que suas cadeiras caíram para trás.

— Revenant, — Uriel engasgou. De repente, os outros saltaram para cima também, as armas em suas mãos tolas.

Um instante depois, Raphael bateu no palco, seu rosto uma máscara de fúria. — Você não pertence aqui, — ele rosnou, e sim, esse era exatamente o problema.

Ele não pertence ao lugar exato em que ele deveria pertencer.

— E você mentiu para mim, — disse Revenant. — Metatron não está aqui.

— A reunião errada, imbecil, — disse Raphael.

Revenant franziu a testa. — Decepcionante. — Ele se jogou em um dos assentos do teatro. — Mas desde que eu estou aqui, vamos conversar.

Um formigamento espalhando sobre seu couro cabeludo indicando a chegada de seu irmão gêmeo.

— Reaver, — Raphael rebateu. — Já era tempo. Tire esse pedaço de víscera fora daqui.

Revenant riu. — Em uma sala cheia de idiotas fedorentos, como é que ele sabe com quem está falando?

Onze arcanjos pareciam prestes a explodir. *Vá em frente e pinte as paredes, rapazes. Seu sangue, vísceras e cérebro só poderiam fazer a decoração berrante menos horripilante.*

Raphael rugiu. — Tire. Ele. Fora!

— Sim, Reaver, — Rev disse, — me tire antes que a minha mácula contamine o lugar.

Reaver, por toda a sua alta potência, não se moveu, apenas cruzou os braços sobre o peito e olhou para Revenant. — Por que você está aqui?

— Porque sou um anjo, igual a você. — Ele olhou para a horda de arcanjos, cada um dos quais carregados de poder, pronto para explodi-lo. Ele era muito mais forte do que qualquer um deles, exceto Reaver, mas ele se perguntou como se comportaria com todos os onze. — Igual a todos vocês.

— Você não é nada como nós, — um dos estranhos cuspiu.

Ele chutou seus pés arrancando a parte de trás da cadeira na frente dele. — Qual o seu nome?

O anjo loiro olhou para Revenant. — Sou Khamael.

— Bem, Khamael, — ele disse. — Chupe minhas bolas. — Com um aceno de sua mão, ele fez o bastardo desaparecer.

Instantaneamente, Reaver estava bem ali, mão na garganta de Revenant. — Onde ele está?

— Esfrie mano. — Rev sorriu, exibindo dentes. — Ele estará de volta em um minuto. Tão logo ele descubra como se desfazer de Sheoul-gra. É claro que, se ele desembarcou em uma piscina de ácido ou um poço de lava, ele não vai parecer tão grande quando ele voltar.

Os dedos de Reaver apertaram. — O que. Você. Quer.

Eu quero o que você tem seu bastardo.

Revenant explodiu de pé, a onda de choque enviou Reaver em cima de uma dúzia de cadeiras de auditório. Rev manteve seu poder perto da superfície, pronto para dizimar esses idiotas se eles tentassem algo.

— O que quero? — perguntou. — O que eu quero é respostas. Quero saber por que esses filhos da puta me deixaram quando bebê apodrecendo em Sheoul. Quero saber por que fui deixado para trás quando levaram Reaver. E realmente quero saber por que não resgataram minha mãe.

Dois anjos pareceram confuso. Outros desviaram o olhar, suas expressões duras com vergonha. Mas ficou claro qual deles esteve envolvido nos acontecimentos de há muito tempo.

Michael deu um passo adiante. — Nós não sabíamos onde ela estava...

— Besteira, — Revenant rugiu. — Reaver, por conta própria, sem a ajuda de vocês desastrados idiotas, conseguiu se esgueirar para a prisão mais segura de

Satanás e resgatar Harvester. Portanto, não sobre fumaça na minha bunda.

— Reaver é especial. — Gabriel abriu as mãos suplicantes. — E ele tinha a profecia e destino do seu lado. Na época de seu nascimento, não tivemos a capacidade de montar uma operação de resgate como essa.

Oh, bem, mais merda de como Reaver é especial.

— Mentiroso, — cuspiu Revenant. — Você não tem as bolas, isso é o que você não tem.

Raphael rosnou. — Reaver, se eu tiver que te dizer mais uma vez para tirá-lo daqui...

— Você vai fazer o que? — perguntou Reaver. — Falar duramente comigo? Brilhar para mim? Não, espere, vai enviar um dos meus amigos em um acasalamento forçado só para me punir?

Revenant não tinha ideia do que Reaver estava falando, mas ele deu um chute no traseiro de Raphael que sua face ficou da cor de um babuíno. — Lilliana e Azagoth vão bem juntos.

— Sorte sua, — Reaver murmurou. Ele apoiou o quadril vestido jeans na parte de trás de uma das cadeiras. — Agora, Revenant não fez outra coisa senão enviar Khamael para uma visita a Azagoth e Hades, acho que devemos ouvi-lo. Ele quer respostas, e, francamente, eu gostaria de ouvir o que você tem a dizer. — Antes que Rev começasse a pensar um monte de recadinhos carinhosos, beijos e abraços, Reaver o atrelou com olhos sérios. — Mas estou avisando. Um

movimento errado, e vou usar o seu sangue para pintar estas paredes berrantes.

— Irmão, — Revenant disse, — como somos parecidos em nosso pensamento. Mamãe ficaria orgulhosa.

Algo brilhou nos olhos de Reaver, mas se foi antes que Revenant pudesse dizer o que era. Mas suspeitava que fosse raiva. Porque, sim, o quão horrível pensar que os dois, porra gêmeos, poderiam ser iguais.

Khamael brilhou com sua roupa carbonizada e em farrapos, o sangue escorrendo em seu rosto e braços. Seus olhos azuis estavam selvagens, e Rev tinha certeza que as sobrancelhas e pestanas do arcanjo foram chamuscadas.

Isso foi alguma merda engraçada.

— Então, — Revenant disse enquanto caminhava lentamente em direção ao palco. — Vocês dissesseram que, no momento do nosso nascimento vocês não tiveram a capacidade de nos resgatar. Mas o que aconteceu depois?

Gabriel esfregou a mão sobre o rosto. — Olha Revenant. Nossas mãos foram amarradas desde o início. Satanás tinha todas as cartas. Tivemos sorte, fomos capazes de fechar um acordo para um bebê, e foi Reaver que trouxeram para nós. Tivemos que aceitar isso.

— A sorte do sorteio, — disse Raphael, mas a forma como ele disse transmitiu o seu descontentamento com a forma que o Céu tratara isso. Claramente, ele tinha um verdadeiro rebarbo até o rabo

quando se tratava de Reaver.

Revenant conhecia a sensação, e odiava que tivesse isso em comum com Raphael.

— Então vocês desistiram. — Ele estava no meio do caminho para o palco agora, e os arcanjos estavam começando a suar. — Deixou que eu crescesse no inferno e minha mãe sofresse. Acabou que vocês nos esqueceram.

— Nós não esquecemos, — disse Michael. — E nós tentamos convencer sua mãe a sair. — Várias cabeças giraram para olhá-lo, e não foi tão interessante. Eles não sabiam sobre o que Michael estava tagarelando.

— O que você quer dizer? — perguntou Revenant. — Como ela poderia ter saído?

Gabriel bateu um cálice de estanho na mesa e bateu novamente o conteúdo antes de fixar seu olhar em Reaver.

— Você está ciente de que sua mãe poderia ter deixado Sheoul com você? — perguntou Gabriel. — Mas que ela escolheu ficar para trás, mesmo sabendo que a possibilidade de sair nunca seria apresentada de novo?

— Metatron me disse isso, — Reaver disse, e pela primeira vez na história, Revenant ouviu um tremor emocional na voz de seu irmão. — A maior parte disso.

Rev só conseguia engolir mais e mais enquanto suas glândulas salivares inutilmente trabalhavam para umedecer a boca ressecada. Ele não sabia nada disso.

Por fim, ele conseguiu com a voz rouca — Por

quê? Por que ela ficaria para trás?

— Para protegê-lo, — disse Gabriel, seu tom deixando claro que ele pensou que sua escolha foi errada. — Ela sabia que Reaver estaria seguro e teria uma vida boa, mesmo que ela não pudesse criá-lo. Mas você foi condenado a um inferno. Ela queria protegê-lo tanto quanto podia. Ela fez um acordo com Satanás que lhe permitiria permanecer com ela até que você tivesse dez anos de idade dos mortais. Estou assumindo que o negócio foi mantido?

Revenant assentiu entorpecido. Ele achava que ela tinha sido presa contra sua vontade depois de seu nascimento. A culpa transformou a medula em gelatina, e de repente ele não conseguia mais andar. Ele parou no tapete vermelho, com os joelhos tremendo, suas entranhas tremendo. Claro... foda. Ela sacrificou tudo por ele. Ela sabia que iria sofrer por toda a eternidade, mas escolheu ficar com ele de qualquer maneira. Ele foi a razão dela ter sofrido.

— Ela... — Ele limpou a garganta da rouquidão humilhante. — Ela ficou comigo. O que Satanás obteve com o negócio?

O olhar de Gabriel abaixo. — Nós não sabemos. Sinto muito.

Revenant começou a tremer tanto que mal conseguia ficar em pé. Ao longe, ouviu gritos e coisas que deixaram de funcionar, e percebeu que não era o único a tremer. O edificio todo. Ele olhou para baixo, e sob suas solas da bota, veias negras começaram a

brotar no chão, espalhando-se pelo auditório como milhões de raízes venenosas invasoras.

— Tire-o daqui!

— Reaver, depressa!

— Ele está sujando a área!

— Nós te avisamos! Ele é venenoso.

Nenhuma das vozes fazia sentido, mesmo que ouvisse as palavras exatas. Sentiu uma mão em seu ombro, e como se o feitiço tivesse quebrado, ele retrucou, atirando relâmpagos de seu corpo em uma dispersão de trezentos e sessenta graus. Ouviu gritos, mais gritos, apelos para Reaver.

Os braços em volta dele em um aperto, de repente ele estava em algum tipo de queda livre louca através do espaço, nuvens e fogo. Uma eternidade depois, a sensação de queda livre chegou a um fim abrupto quando bateu em algo duro como merda, com Reaver em cima dele. Raiva, dor e vergonha giraram para cima em um vórtice maciço de sofrimento.

— Revenant! — A voz de Reaver mal penetrou a névoa preta que ele engoliu. — Relaxe!

Um milhão de libras de pressão construiu dentro dele, a liberação exigente, mas tudo o que sabia fazer era gritar. Gritou como fez quando criança, quando viu sua mãe sofrer por seus atos.

Ele gritou. E gritou. E gritou. E quando acabou, sua voz era crua e seus olhos estavam secos, e tudo ao seu redor, por quilômetros e quilômetros, não havia nada, apenas terra enegrecida, terra arrasada.

Mesmo Reaver foi chamuscado, seu rosto coberto de cinzas, suas roupas fumegantes. Um momento depois, seu irmão voltou ao normal, e foi como se nada tivesse acontecido.

O que tinha acontecido?

Ele deve ter perguntado isso em voz alta, porque Reaver se ajoelhou ao lado dele enquanto ele estava deitado sangrando no chão. — Você disparou como uma bomba. — Ele fez um gesto para a paisagem circundante. — Eu tive a sensação de que era o que ia acontecer. Estamos em um local antigo de teste nuclear, no Novo México. Imaginei que não poderia causar muito dano aqui.

A mão de Reaver caiu sobre seu ombro, e Rev sentiu a conexão, mas nada parecia estar acontecendo. Se qualquer coisa, sua dor piorou. Olhou para si mesmo, e sim, ele estava bem machucado, mas era o corte em todo o comprimento de sua caixa torácica que estava doendo como um filho da puta.

— Por que eu estou ferido? — ele murmurou. E merda, ele estava tonto.

— Metatron me disse que nós nos curamos quase que instantaneamente de qualquer ferimento, — Reaver respondeu. — Exceto aqueles que causamos a nós mesmos.

— Esse conhecimento poderia ter vindo a calhar antes de eu dar um de Hiroshima no meu próprio rabo. — Só que não fez isso intencionalmente. Claramente, ainda havia algumas torções para trabalhar com seus

novos poderes do Anjo Sombra.

Reaver bombeou outra rodada de energia em Revenant, e Rev gemeu, com certeza seus órgãos estavam explodindo. — Droga, — Reaver respirava. — Eu não posso te curar. Devemos levá-lo a UG.

Rev rolou para fora do aperto de Reaver. — Estou bem. — Os pontos pretos apareceram em sua visão. Sim, muito bem.

— Você não está bem. Eu posso ver suas costelas. Suas costelas reais.

A rodada de náusea fez Revenant oscilar enquanto se sentava ali, segurando sua mão sobre o ferimento. — Eu disse que não.

— Burro teimoso, — Reaver murmurou. Enfiou as mãos pelos cabelos e olhou para o chão em ruínas. — O que o levou a isso? — Quando Revenant não disse nada, principalmente porque a dor trancou o maxilar no lugar, Reaver expulsou uma maldição crua. — Diga-me o que aconteceu, Revenant. Diga-me o que aconteceu com a nossa mãe.

Foda-se. De jeito nenhum ia dizer a alguém que ele era o motivo sua mãe sofrer tão terrivelmente. Sim, Reaver agora sabia que ela ficara para trás intencionalmente, mas não precisa saber que cada ponto da dor que experimentou poderia ser colocado na porta do Rev.

— Eu não posso.

A voz de Reaver endureceu. — Não pode ou não vai.

— Isso importa? — Agonia pulsava através de seu torso, e respirou chocalhando. Precisava chegar em sua casa. Lamber suas feridas.

— Droga, — Reaver rosnou. — Você precisa de um médico.

Médico. Oh sim, sim, ele tinha necessidade de um médico. Uma em particular. — Você está certo, — disse ele. — Acho que é o que os irmãos mais velhos fazem.

Com isso, ele reuniu sua última sobra de força e lançou-se para fora de lá.

CAPÍTULO 11

Alguém a estava seguindo.

Blaspheme não tinha certeza de como sabia disso, mas estava certa de que alguém estava seguindo seus movimentos. Quase desde o momento em que deixou a clínica, um sentimento suspeito a tinha agarrado como uma sanguessuga, mantendo-a olhando por cima do ombro e saltando em cada ruído alto.

E Londres tinha um monte de barulhos altos.

Quando ela embarcou em um ônibus, amaldiçoou sua estupidez em alugar um apartamento tão longe de um Harrowgate. *A caminhada ia ser boa*, ela disse a si mesma. *Em dias de chuva, eu posso pegar o ônibus*, ela disse para a mãe.

Grande plano, exceto quando havia uma emergência, quando um maníaco homicida, ou um anjo, possivelmente a seguia.

Ela tentou uma repetição da coisa de invisibilidade, mas desta vez não poderia desaparecer completamente até mesmo por um minuto. Algumas de suas partes do corpo estavam tão visíveis como de costume, enquanto outros estavam completamente imperceptíveis, e outros transparentes, como um fantasma.

Sua aura de Anjo Falso estava escorrendo para

baixo, e poderia ser apenas uma questão de dias antes de anjos e anjos caídos pudessem detectar a verdade sobre suas origens.

Era hora de pedir ajuda a Eidolon.

Vasculhou sua bolsa em busca do telefone e fez uma chamada rápida para verificar sua mãe, e depois de Gem tranquilizá-la de que estava tudo bem, deixou uma mensagem no serviço de atendimento de Eidolon. Precisava se encontrar com ele o mais rápido possível. Ela usou a desculpa de que teve os resultados dos testes de Gethel, que não foi capaz de compartilhar com ele mais cedo. Ele esteve preso em cirurgia durante todo o dia com várias vítimas de um massacre Nightlash, e tinha a sensação de que ele estaria ocupado toda a noite com isso.

O ônibus parou para ela descer, e ela fez uma corrida rápida para seu apartamento a alguns quarteirões de distância. A sensação de estar sendo espionada se foi, mas a sensação nojenta, oleosa de ter sido observada a fez sentir como se precisasse de um banho.

O que significava que o espião misterioso não era Revenant. Se ele estivesse observando-a, ela precisaria de um chuveiro gelado.

Quando ela entrou em sua casa, não achava que estava tão exausta. Jogou a bolsa no chão de seu apartamento e contornou o labirinto de caixas de mudança em seu caminho até cozinha, perguntando se ela tinha energia para fazer um sanduíche. Revelou ter

energia, mas não os ingredientes. Não foi as compras em dias, e praticamente não tinha nada na geladeira.

Amaldiçoando sua estupidez em não pegar algo do mercado de rua, pegou uma cerveja gelada e buscou através dos armários por pipoca de micro-ondas para comer enquanto relaxava na frente da TV com seu programa favorito. *Doctor Who* e o novo episódio de hoje é para ser uma mudança no jogo.

Seu telefone tocou, e ela estava tentada a deixar cair na caixa mensagem, até que o número de Eidolon apareceu no identificador de chamadas.

— Dr. E, — ela disse. — Olá.

— Me desculpe, perdi a sua chamada. — Sua voz profunda retumbou pela linha telefônica. — Tenho a cópia dos resultados de Gethel do laboratório que você deixou na minha mesa. Mas eu tenho uma pergunta sobre o outro item que você deixou.

— O dispositivo de rastreamento. — Sua mão tremia quando ela tomou um longo gole na garrafa de cerveja. — Dr. Soduchi achou dentro da minha mãe.

— Como é que você sabe o que era?

— Revenant me disse.

— Ele estava aqui? — Ele latiu. — Mais uma vez? Você deveria me chamar.

Ela fez uma careta. — Eu não quis incomodá-lo, a menos que ele pedisse a minha ida em outro atendimento em casa no inferno. Além disso, você estava ocupado.

— Ainda estou ocupado. Odeio demônios

Nightlash. — Ouviu-o tomar um gole de algo que ela assumiu fosse café. — Vou investigar este dispositivo. Vou fazer Wraith bisbilhotar também.

O irmão de Eidolon, Wraith, tinha um dom incrível para localizar coisas que ninguém mais poderia. Quando sua companheira vampira, Serena, estava com ele, não havia praticamente nada que não pudessem encontrar.

— Blas, — E disse lentamente, — há alguma razão que você possa pensar por que sua mãe seria marcada com um dispositivo de rastreamento?

Mesmo que decidiu precisar da ajuda de Eidolon, ficou lá por um longo tempo, pesando suas opções e considerando o quanto ela deveria dizer a ele. Em última análise, a verdade inegável de sua situação tornou-se clara. Estava com problemas, e se havia alguém no mundo que podia confiar, era o demônio do outro lado da linha.

— Quem quer que o colocou lá pode estar procurando por mim.

Houve um momento de silêncio e, em seguida, — Eu acho que nós precisamos conversar. Tenha uma boa noite de sono, e me encontre no meu escritório amanhã. Vou te enviar mensagem com o horário.

— Você também chefe.

— E Blaspheme?

— Sim?

— Tenha muito cuidado. Não quero perdê-la. — A linha morreu, e seu estômago azedou.

O que ela fez? Por quase cem anos sua mãe tinha sublinhado que não podia confiar em ninguém com seu segredo, não importa quão honrado essa pessoa pudesse ser. Temidos por anjos e anjos caídos iguais, *vyrms* nasceram com um preço sobre suas cabeças, um preço suficientemente grande que poucos podiam resistir à tentação de denunciá-los às autoridades ou matá-los sem rodeios. Duvidava que Eidolon fosse matá-la por riqueza ou fama ou favores, mas na chance que estivesse errada, estava brincando com não apenas com sua vida, mas a de sua mãe também.

Ela olhou para o relógio e xingou. Agora, além de toda essa merda de hoje, perdeu os primeiros cinco minutos de *Doctor Who*.

Esquecendo a pipoca, correu para a sala de estar... e parou em seu caminho no fedor cru de sangue fresco. Um punho frio de medo apertou seu coração, quando ela voltou lentamente em direção à cozinha, só pensava em pegar uma faca de açougueiro no balcão.

— Blaspheme. — A voz familiar soou pela sala.

— Revenant? — Com muita cautela, ela apertou as costas para a parede e avançou em direção ao som da respiração ofegante. Quando olhou ao virar o cômodo, ela teve um vislumbre das botas gigantes do Rev no chão do outro lado do sofá. — Que diabos?

Apressando-se para frente, ficou chocada ao encontrá-lo sentado no chão, encostado na parede, com as roupas desfiadas e carbonizadas, uma laceração enorme que se estendia desde o seu peitoral direito para

a caixa torácica esquerda. O sangue escorria entre os dedos enquanto ele segurava a pressão contra a ferida.

— Oh, merda, — ela disse quando se agachou ao lado dele. — O que aconteceu?

— Bomba... explosão, — ele respirou. — Eu sou fodido, Blas. Fodido tão duro.

Tinha a sensação de que ele não estava falando sobre a explosão, mas agora o que importava era conter o fluxo. — Vou levá-lo a UG...

— Não.

— Você está em má forma. Você precisa...

— O que há com as pessoas? — Ele rosnou, piscando as presas. — Eu disse que não.

Tudo bem, então. — Deixe-me pegar meu kit médico.

Quando ela levantou, a mão dele serpenteou seu pulso. — Quero dizer. Nenhum hospital.

— Sim, eu entendi. — Ela se soltou. — Eu já volto.

Rapidamente, ela pegou seu kit velho de paramédico do armário sob a pia do banheiro e voltou para ele. Sua cabeça caiu para trás contra a parede, e ele estava mais pálido do que tinha estado um momento atrás, derramando seu sangue em uma piscina por baixo dele. Tanta coisa para ela limpar.

— Deve ter sido uma baita de uma explosão para destruir você assim, — disse ela.

Fechando os olhos, ele assentiu. — Você nem sabe.

— Eu gostaria.

Seus olhos se abriram. — Será que realmente.

O cinismo em sua voz picou algo profundo dentro dela. Será que ele acha que as pessoas estavam sempre sacaneando ele? Talvez fosse uma coisa Anjo Caído, porque Deva era da mesma maneira. Blaspheme pode não ser a pessoa mais confiante no planeta, mas Deva a deixou na poeira.

— Seja o que for, — disse ela lentamente, — você pode me dizer. A confidencialidade médico-paciente.

— Pensei que não seguia os padrões humanos.

Puxa. Que maneira de jogar de volta em seu rosto. — Eu seleciono e escolho. — Ela abriu o zíper do saco. — Então se deite.

Ele fechou os olhos novamente. — Como está a sua mãe?

Uau. Falar em uma mudança de assunto. Mas hei, se isso era que ele queria falar e fosse mantê-lo calmo, ela melhoraria o humor dele um pouco.

— Ela está extremamente tensa, — ela disse enquanto foi buscar um par de tesouras de sua bolsa e começou a cortar sua camisa. — Mas ela faria qualquer coisa por mim. Ela sacrificaria... qualquer coisa. — Incluindo Anjos Falsos.

— Minha mãe era assim. — Suas mãos queimadas apertaram em punhos, e um arrepio passou por ele. — Ela foi uma boba, — ele sussurrou.

Gentilmente, ela moveu a mão longe de sua ferida e pressionou um maço de gases contra ela. — Ela

era uma mãe, — disse ela. — Isso é o que elas fazem.

— Foda-se. — Ele riu, um som desagradável, amargo. — Tem algum álcool?

— Claro que tenho álcool. Eu sou um Anjo Falso, — lembrou a ele. Anjos Falsos bebem bebidas alcoólicas em galão, seus corpos convertendo o material em afrodisíaco em pó que cobrem suas asas. Ela não bebia, por essa razão particular, especialmente agora que não estava mais produzindo o pó, e o que foi deixado sobre as suas asas era tudo o que restava, mas seu disfarce a fez anseiar — Mas não é uma boa ideia beber agora. — Quando o lábio superior enrolou em um grunhido silencioso, ela levantou as mãos em derrota. — Bem. Mas quando você desmaiar por perda de sangue e álcool, não diga que eu não avisei. — Ela pôs a mão dele no maço de gases. — Aplique pressão. Eu já volto.

Ela foi buscar uma garrafa de Smirnoff do armário de bebidas e entregou a ele. Ele imediatamente engoliu a metade. Deuses, ela esperava que ele tivesse uma alta tolerância. Ele era um pé no saco quando estava sóbrio, não podia imaginar como ele seria sob a influência da bebida. Ela apostaria seu grupo favorito de uniformes que ele era um bêbado chato.

Colocando-se ao lado dele, ela expôs os suprimentos que precisava para costurá-lo. Ele a olhou com curiosidade, enquanto ela realizou um exame rápido para determinar a extensão de seus ferimentos, mas além do ferimento, quase uma evisceração, tudo o que encontrou foram queimaduras e escoriações.

Limpou cuidadosamente a área cirúrgica e enfiou uma agulha com fio absorvível. — Eu não tenho nada que irá anestesiá-la, então isto vai doer.

Ele tomou um gole em profundidade. — Confie em mim, você não pode fazer nada que já não tenha sido feito antes.

Colocou a agulha e linha para o lado, desembrolhou um bisturi estéril. — Parece que você teve uma vida violenta.

Ele bufou. — Quem não teve?

— Eu não. — Graças a paranoia da sua mãe, ela ficou em sua maior parte fora do problema.

— Isso não é especial. — Revenant ergueu a garrafa em uma saudação. — Bom para você.

— Sim, bom para mim. — Ela chegou para mais perto de Revenant e tentou ignorar o calor saindo de seu corpo musculoso. — Preciso extirpar a pele danificada nas bordas de sua laceração. Tente não se mover.

Ele não se mexeu. Fechou os olhos, colocou a cabeça contra a parede, e meia hora depois, ela tinha acabado a limpeza e preparado a ferida. Em seguida, os pontos.

— Nas partes mais profundas, eu preciso colocar suturas internas. Isso só deve demorar alguns minutos. — Ela perfurou sua carne com a agulha. — Sorte sua, a maior parte do corte é bastante superficial.

— Você sabe que não precisa ser delicada, — disse ele, sua voz um pouco sarcástica. — Eu sou imortal. Vou curar sozinho, eventualmente.

Ela olhou para ele. — É por isso que não estou preocupada com infecção ou em fazer pontos bonitos. — Ela puxou o fio. — Mas você não deveria ter que sentir dor até se curar.

Suas pálpebras abriram, só um pouquinho, mas sentiu seu olhar intenso queimando sua pele. — Há um longo tempo desde que alguém deu a mínima para a minha dor.

Ela parou de respirar. Poderia dizer a ele que ela só se preocupava porque era seu trabalho, mas percebeu que, quando ele disse: *há um longo tempo*, ele não estava falando de alguns anos, ou mesmo décadas. Talvez nem mesmo alguns séculos. Ele era uma pessoa terrível que ninguém poderia cuidar dele? Ou ele afasta as pessoas de modo que elas não têm a chance de cuidar dele?

De qualquer maneira, era algo de partir o coração.

— Apenas relaxe, e você vai se sentir melhor em alguns minutos.

Um canto de sua boca se curvou em um meio sorriso. — Promete?

— Prometo.

— Vamos ver.

Curvando-se sobre a laceração, ela voltou a trabalhar. — Não está muito confiante, não é?

— Porque as pessoas não são muito confiáveis.

Teria argumentado, porque ela conheceu alguns humanos e demônios confiáveis, mas ele fechou os olhos

novamente, e sua respiração estabilizou em um ritmo profundo e constante.

Ela passou os próximos 45 minutos costurando Revenant em silêncio, e quando ela terminou, o celular tocou com um texto de Eidolon.

Encontre-me em meu escritório amanhã, às 14h00min.

Dr. E nunca foi de medir as palavras. Ela colocou o telefone de lado e se virou para Revenant.

— O que foi aquilo? — A voz de Revenant estava sonolenta e seus olhos ainda estavam fechados, mas de alguma forma ele conseguia irradiar um sentido de alerta que a maioria das pessoas não conseguiu igualar depois de dez horas de sono e cinco xícaras de café.

— Nada.

Suas pálpebras levantaram e suas feições demonstraram irritação. — Há muito pouco que me irrita e uma delas é ser enganado.

— Ok, tudo bem, — disse ela. — Foi alguma coisa, mas isso não é da sua conta. Isso não é uma mentira.

Ele atrelou com seu olhar negro. — Eu não sou o inimigo. Você sabe disso, certo?

— Na verdade, não, eu não sei. — Ela alisou o curativo sobre a ferida. — Você é um anjo caído. Você, mais do que ninguém, deve saber que anjos caídos não são exatamente honrados.

— É aí que você está errada. — A garrafa que ele parecia ter esquecido se tornou sua melhor amiga

novamente, e tomou um gole. — Eu não sou caído. Sou cem por cento, anjo celestial. — Sua voz baixou, tornou-se grossa com álcool. — O que é uma porra de uma piada.

Agora, ele não estava fazendo nenhum sentido. Ela pegou a garrafa. — Deixe-me tirar isso.

Ele empurrou sua mão. — Minha.

Ela bufou. — Como sua médica, eu estou ordenando que voe dê isso para mim.

— Minha.

— Entrega isso para mim, — disse ela entre os dentes cerrados.

Seu olhar vagou sobre ela de forma franca, varredura sem pressa. — Minha, — ele rosnou, e seu corpo liberou calor, como se pensasse que ele estava se referindo a ela.

— Eu desisto, — ela murmurou quando enfiou os suprimentos médicos de volta no saco.

Ele deu um sorriso torto. — Eu gosto que você desista tão facilmente.

— Sim, bem, não espere que eu ceda em qualquer outra coisa. Se você quer uma ressaca para o livro dos recordes, é problema seu. Não venha me pedir aspirina.

Os olhos semicerrados a varreram novamente, e o calor intensificou. — Há uma música de bar sobre como as mulheres melhoram a aparência na hora de fechar. — Ele ergueu a garrafa em saudação. — Você já é quente como o inferno. Mas agora você parece um

anjo.

— Ah, eu aposto que você diz isso para todos os médicos que o costuram.

— Não. Só você. — Ele olhou para ela. Olhou para a garrafa. Olhou para ela. — Eu não sei o que está nesta bebida, mas eu juro que está fazendo você parecer diferente. Como um anjo tentando romper algum tipo de sobreposição borrada.

Ele franziu a testa novamente no frasco, completamente alheio ao fato de que ela estava prestes a hiper ventilar. O álcool lhe deu a capacidade de ver através de seu disfarce?

Faça alguma coisa. Rápido.

— Ah, hei. — Ela apontou para sua ferida. — Você precisa descansar um pouco agora. A ferida deve se curar em um dia.

De pé, ela estendeu a mão para ajudá-lo, mas ele ficou de pé sem ela. E então, como se suas pernas fossem feitas de borracha, ele desmaiou. Apenas a parede e seu raciocínio rápido o impediu de cair no chão.

— Cristo, você é pesado. — Segurando-o com um braço pendurado em torno de sua cintura, ela casualmente tomou a bebida dele e colocou sobre a mesa do café.

Ele se apoiou nela enquanto fez seu caminho através das últimas caixas desembaladas em direção ao quarto. — Ela desistiu de tudo por mim, Blasfeme, — ele murmurou. — Ela... ela... ah, foda-se. — Seu corpo

grande tremia, e sua voz, que era tão profunda e poderosa, tremeu tão forte como o resto do corpo. — A culpa é minha. Tudo o que aconteceu com ela... é minha.

— Shh. — Querendo saber de quem ele estava falando, ela o levou para a cama. — Está tudo bem.

— Não, — ele gemeu. — Não está bem. Isso nunca ficará bem. Ela me disse para não quebrar as regras, mas mesmo assim eu fiz. Ela pagou por isso, mais e mais. E então ela morreu nas mãos de um monstro. — Ele olhou para as próprias mãos, como se não lhe pertencessem.

— Vamos Rev. — Ela o empurrou para o colchão. Ele se sentou pesadamente, mantendo-se assim, com a cabeça pendurada em seus ombros, o peito arfando como se tivesse corrido uma maratona. Ela levantou seus pés e fez girar para que ele fosse obrigado a se deitar, o seu lindo cabelo ébano se espalhando sobre os lençóis azuis. — Descanse um pouco.

— Deita comigo. — Ele olhou para ela, seus olhos vidrados entrando e saindo de foco. Ela tinha visto a dor e intoxicação suficiente para saber que essas coisas poderiam ser a causa de suas respostas visuais, mas era mais profunda do que isso. Por trás da confusão do álcool e da névoa de dor havia uma ferida aberta que nenhum remédio podia tocar.

— Eu não acho que seria uma boa ideia, — ela murmurou.

— Por favor. — Havia tanta vulnerabilidade

numa simples palavra que ela não pôde negar.

Se perguntando como diabos ela se meteu nesta confusão, subiu ao lado oposto da cama e deitou ao lado dele. Naturalmente, ele capotou, pendurou o braço ao redor dela, e a colocou contra ele, em forma de concha. Apesar de sua condição, esperava que ele tentasse algo sexual, mas dentro de alguns instantes, seu corpo parou de tremer, e ele estava respirando forte, respirações constantes.

Quando ela relaxou em seus braços poderosos, percebeu que ele estava certo. Ela cede a ele facilmente.

Muito facilmente.

CAPÍTULO 12

Horas depois que Revenant brilhou longe, Reaver ainda estava olhando para a paisagem carbonizada. Não tinha ideia de como lidar com seu irmão, nenhuma ideia de como chegar até ele. Revenant estava com raiva, mágoa, e ele possuía muito poder instável.

Soube em primeira mão o quão mal isso podia ir, e ele tinha uma vida de arrependimentos para provar isso.

Chegou em seus sentidos para localizar Harvester, brilhou do Novo México para a praia de uma ilha grega que ele conhecia bem.

Harvester estava vadeando com seu vestido de verão azul-e-branco-listrado, as ondas lambiam seus tornozelos. Ela não tinha um estilo suave e feminino, por isso o fato de estar vestida como se fosse a uma partida de polo nos Hamptons era um indício de que estava tendo um dia difícil.

Isso fez os dois deles.

Silenciosamente, ele se sentou na areia, preparado para simplesmente vê-la. Eles ficaram separados por cinco mil anos, e às vezes, como agora, não queria nada mais do que absorver sua beleza e maravilhar-se com o anjo que ela se tornou.

Claro, ela ainda era mal-humorada e combativa, enlouquecedora, e às vezes, francamente ele não queria tê-la de outra maneira.

Ela deslizou um olhar para ele por debaixo da ampla borda de seu chapéu de palha. — Ei.

— Ei. — Ele se inclinou para frente e apoiou os braços sobre os joelhos. — O que está errado? Você não costuma frequentar a casa de Ares sem uma razão.

Ares, o filho de Reaver e o segundo Cavaleiro do Apocalipse, conhecido por muitos como Guerra, não se importava com alguém da família circulando aqui. Mas a relação de Harvester com o Cavaleiro era complicada, a começar pelo fato de que ela era a sua Observadora Celestial... E ela uma vez foi sua Observadora de Sheoulic.

Ela sorriu tristemente, e era sua imaginação, ou ela estava ainda mais pálida do que estava hoje de manhã? — Eu vi Whine hoje. Ele atende agora por Tracker, mas parece tão estranho chamá-lo assim.

— Você se arrepende de liberá-lo?

— Nunca, — disse com um movimento rápido de sua cabeça. — Meu pai o teria torturado ou o matado para me machucar. Além disso, ele tem uma vida melhor com Reseph e Jillian do que eu jamais poderia ter dado a ele.

— Então por que você está tão triste?

Ela fungou com um olhar muito que ele conhecia muito bem. — Não estou chateada. Quando você já me viu sentimental?

— Nunca.

— Lá vem você. — Ela foi em direção a ele, chutando através das ondas. — Mas enquanto eu estava esperando para falar com Tracker, Revenant apareceu.

Reaver entrou em alerta instantâneo. Estava tentando ser paciente com Revenant, dando a seu gêmeo um passe pelo seu comportamento porque ele realmente estava sofrendo, mas não toleraria qualquer um brincar com sua família.

— O que aconteceu?

— Nada, — disse ela rapidamente. — Foi algo que ele disse sobre como é mais fácil ser mal do que bom.

— E?

— E isso me fez lembrar como cheguei perto algumas vezes de ceder ao mal, em vez de permanecer no caminho que eu pretendia. — Ela se sentou na areia ao lado dele, a brisa quente trazendo o cheiro dela, beijo do sol, a ele. — E se eu tivesse feito isso? Quer dizer, eu deixei o céu com um objetivo, mas houve momentos em que eu perdi de vista esse objetivo. Quando parecia muito, eu lutava contra mim mesma, eu ficava me perguntando por que me sacrificava por pessoas que me odiavam.

Alcançando-a, ele pegou a mão dela. — Mas você foi forte, e no final você conseguiu fazer exatamente o que você se propôs fazer. Você salvou o mundo Harvester. Não deixe que os ses a deixe louca.

— Eu não estou. Mas o que dizer de Revenant?

Ele piscou para a súbita mudança de foco. — O

que tem ele?

— Ele está perdido. Descobriu que é um anjo. Um anjo que foi abandonado pelas pessoas que deveriam estar junto dele. E agora que sabe a verdade sobre si mesmo, está lutando com quem ele era, quem ele é, quem ele quer ser, e quem ele acha que deve ser. Não sabe se ele é bom, mal, ambos... Eu sei como é isso, e sei que ele pode ir por uma estrada que o leve para o lugar errado.

Intrigado por sua compaixão que não combina com sua personalidade por alguém que ela odiava, Reaver apenas a olhou. — Por que você se importa?

Ela riu, mas parecia cansada. — Não me importo. Ele é um idiota. — Seus dedos estavam quentes quando ela apertou a mão dele. — Eu me importo com você. Ele é seu irmão, e não importa o que eu penso dele, eu sei que se você não tentar ajudá-lo para o caminho certo, você vai se arrepender para sempre.

— Você é incrível, você sabe disso?

Ela deu outra fungada arrogante. — É claro que eu sei disso.

Não, a transformação de anjo caído em anjo aureolada não mudou Harvester. Ele mudou de posição, colocando o rosto para a brisa salgada. — Como você está se sentindo?

— Você quer dizer, Lúcifer sugando minha energia? — Ela balançou a cabeça. — Eu mal posso senti-lo. Estou me sentindo melhor, na verdade. — Pensou que ela poderia estar mentindo, mas, em

seguida, ela sorriu, aquele sorriso sensual que fazia seu sangue correr para o sul e sua função cerebral parava. — Agora, vamos para casa e vou te mostrar como muito melhor que eu estou sentindo.

Não havia nada que ele gostasse mais, mas havia algo que ele tinha que fazer primeiro. — Pode ser depois? Eu preciso falar com os arcanjos.

— Não demore, — disse ela em sua voz rouca. — Ou eu vou começar sem você.

Imagens eróticas inundaram seu cérebro, e ele gemeu. Sem dúvida, essa ia ser a reunião mais breve na história de um anjo.

CAPÍTULO 13

— Foda-me, Revenant.

A voz rouca de Blaspheme rolou através Revenant em uma carícia de seda. Nua, ela estava debaixo dele, coxas se separaram, seu sexo brilhando como mel enquanto ela esperava por ele afundar seu pau duro em sua vagina apertada.

Já estava na hora maldição. Ele poderia tomá-la agora, tirá-la do seu sistema, e passar para a próxima conquista.

Ele franziu a testa. Por seu padrão habitual não parecia tão fácil desta vez?

— Foda-me, Revenant, — ela repetiu.

Descendo, ela apontou a si mesma, e ele estava perto de gozar. Ele esteve com um monte de mulheres em sua vida, mas nenhuma delas o fez sentir como se precisasse estar dentro delas ou morreria. Basta cair morto.

— Qualquer coisa para você querida. — Ele montou, guiando seu pau para sua entrada gotejando, mas antes que pudesse afundar em seu calor escorregadio, ela bateu as palmas das mãos contra o peito dele.

— Tenha cuidado com a sua ferida.

Sua ferida? Olhou para baixo, viu a bandagem em volta do seu torso. Como isso aconteceu?

— Isso é o que acontece quando você deixa emoção regê-lo. Isso é o que acontece quando você começa a pensar que está no céu. Isso é o que acontece quando você acha que pode ser feliz. — Ela estava divagando agora, suas palavras chegando cada vez mais rápido. — Isso é o que acontece quando você lida com arcanjos. Isso é o que acontece quando você confia em seu irmão.

— Não, — ele resmungou. — Isso não é... Não é assim que isso aconteceu. — Como ela estava batendo em seus pensamentos e sonhos que nem sabia que ele tinha?

— Isso é o que acontece quando você se lembra de sua mãe. Isso é o que acontece quando você percebe que ela sofreu por nada. Isso é o que acontece quando entende quanta decepção você deu a ela. Ela enviou Reaver para o céu, porque ele era o gêmeo bom. Ela nem sequer lhe deu um nome próprio.

Elevando as costas ele tapou os ouvidos. — Não! — Sua respiração queimou em sua garganta quando ele disse mais e mais. — Não, não, não... *nãoooo!*

De repente, Blas tinha ido embora, e ele estava ofegante enquanto estava deitado em uma cama estranha em um quarto estranho. Como diabos ele chegou aqui? E onde era aqui?

Esforçando-se para se acalmar, inalou lentamente. O aroma limpo de Blaspheme encheu suas

narinas, e as coisas começaram a voltar para ele.

Ele foi ferido... Bateu com a mão em seu torso, sentiu as bandagens muito reais sob a palma da mão. Então, essa parte não foi um sonho. Ela o costurou, cuidou dele, colocou-o na cama. Deitada mais para o outro lado do colchão, ele sentiu o calor, mas se ela esteve lá, ela estava muito longe.

Havia um bilhete na mesa de cabeceira.

Estou no jardim do terraço tomando o meu café da manhã. Há uma garrafa e canecas na cozinha, se você quiser um pouco.

Com estilo. Ele adorava café.

Com um pensamento, ele se limpou, o que era uma vantagem incrível de ser um Anjo Sombra. Chuveiro instantâneo e troca de roupa. Vestido com calça de couro preta e uma camiseta preta sob uma jaqueta de couro, serviu-se de uma xícara de café, e foi para o telhado. Qual foi outra vantagem. Como um anjo caído regular, ele só podia piscar para lugares que ele conhecia. Agora, se desejar ele poderia muito bem ir a qualquer lugar.

Sim, muito impressionante.

— Ei, Blas...

Um grito fez seu peito gelar.

Soltando sua caneca, ele trancou em torno do galpão que ele se materializou, e o que ele viu na frente do prédio transformou seu peito gelado em pura lava de fúria. A raiva o consumia. Ele não pensou. Não fez mais do que respirar.

Ele se chocou contra o anjo, que tinha Blas presa contra o edifício e estava prestes a mergulhar um punhal em seu coração. Ambos atingiram o telhado, grunhindo como cerca de cinco centenas de libras combinadas de anjo caindo na estrutura. O punhal, um *aurial* antigo forjado especificamente para matar os anjos e os anjos caídos, caiu no chão.

Revenant poderia ter demolido o filho da puta, o incinerado, picá-lo em pedaços, parti-lo ao meio como o bom e velho esquartejamento medieval. Mas Rev tinha muita raiva dentro dele para usar seus poderes. Precisava de uma briga. Precisava sentir osso lascas e sangue pulverizar sob os punhos.

Precisava proteger sua fêmea a maneira que machos fazem. Não importava que Blaspheme não fosse tecnicamente sua ainda. Ela seria, mesmo que apenas por uma noite.

Uma noite não será suficiente.

Ele baniu esse pensamento quando esmagou o punho na mandíbula do outro macho. O anjo deu um bom soco em suas costelas, mas, em seguida, ambos capotaram aos seus pés, e a batalha começou.

O anjo sorriu quando ele enviou uma corrente de relâmpago líquido no torso de Revenant. — Morra Caído.

Calor escaldante atingiu Rev. Doeu como o inferno, mas mesmo quando a fumaça se levantou de sua carne queimada, seu corpo cicatrizou. Surpresa e pânico iluminaram os olhos do outro macho quando Revenant caminhou em direção a ele, nem sequer

desacelerou pela arma angelical.

— Revenant! — A voz aterrorizada de Blaspheme veio de trás dele. — Ele vai te matar!

Ela estava preocupada com ele. Que doce.

Revenant parou, deixando o fluxo do relâmpago do anjo em seu corpo, absorvendo o poder, memorizando o intrincado padrão que compôs este talento particular. Toda a sua vida usou armas de anjo caído, nunca soube que ele tinha a capacidade de usar armas de anjo também.

Agora ele podia. Tudo o que ele tinha a fazer era aprender.

O outro macho, um cara careca com asas de seda, olhou incrédulo quando sua arma falhou. Não apenas falhou, mas saiu pela culatra.

— Acostume-se com isso, filho da puta. — Rev revestiu o fluxo do anjo de luz e o enviou de volta para ele, uma centena de vezes mais quente.

O careca gritou e caiu para trás, seu corpo escaldante e fumegante. Nunca desperdiçou a oportunidade, Revenant foi para matá-lo. Pegando o punhal do anjo que esteve pronto para usar em Blaspheme, ele correu para o anjo.

Um chicote apareceu na mão do careca, um chicote em chamas como um fluxo de lava. Faísca laranja atingiu o telhado, queimou o asfalto enquanto o anjo estalava o chicote em um arco feito para tirar a cabeça de Revenant fora. Ele se abaixou, a ponta do chicote atingiu seu ombro em um silvo, a carne pegou

fogo.

Esse cara ia morrer.

Revenant saltou e girou, aterrissando um chute na garganta do outro anjo que esmagou ossos, tecidos e esôfago. O careca bateu no chão com toda força, mas sua inconsciência não ia salvá-lo.

— Diga boa noite, filho da puta. — Escarranchado na forma inconsciente do careca, ele mergulhou a lâmina para baixo.

— Revenant! *Pare*.

A lâmina voou de suas mãos. Então, como se um enorme punho se fechasse em torno dele, sua respiração foi espremida para fora de seus pulmões e seu corpo amassando em si mesmo.

Reaver.

Seu gêmeo estava no último piso, com os olhos piscando fogo azul. Blaspheme tinha pegado o punhal destinado a acabar com sua vida e estava de pé contra a porta no último andar, o olhar voando entre Rev, Reaver e o anjo inconsciente.

Com um rugido, Revenant saiu do aperto mágico de seu irmão e mandou um soco invisível de energia de volta para ele. Reaver grunhiu e voou para trás, o sangue pulverizando de sua boca e nariz.

— Revenant, não! — Blaspheme correu em direção a ele. — Ele é um Radiant...

— Para trás! — Reaver jogou um movimento de mão, e uma explosão de vento a prendeu contra a porta.

— *Não toque nela*. — Um véu negro do ódio

encheu a visão de Revenant, até que tudo o que podia pensar era dor para o macho que estava segurando Blaspheme contra sua vontade.

Ele foi para cima de Reaver com uma espada de fogo e faísca, e com um único poderoso golpe, cortou seu irmão na metade do ombro até o quadril. Grito horrorizado de Blaspheme soou, mas Reaver recuperou em um instante e retornou o favor, cortando as coxas de Revenant e girou até a costeleta de sua própria lâmina.

Revenant bateu no chão, a agonia de curta duração, enquanto seu corpo regenerou.

— Esta luta é inútil, irmão, — Reaver gritou. — Somos iguais.

— Não é inútil se você sente a dor, — Revenant gritou de volta.

Mas pelo menos Blaspheme estava livre da prisão de Reaver. Na verdade, antes que ele pudesse detê-la, ela abriu a porta da escada e fugiu. Bom, agora ela estava fora do campo de batalha e não sofreria danos colaterais.

Torcendo ao redor, Revenant puxou seus poderes e se preparou para fritar o careca. Isso ia acabar.

— Não mate o anjo, — Reaver rugiu, piscando para interceptar a arma de Rev.

— Ou o que? — Este era o bilhete de Revenant à segurança em Sheoul. A única maneira que poderia provar a Satanás que ele era confiável.

Sim, porque ser o braço-direito do príncipe da Mentira era um trabalho de sonho.

Não importava. Não tinha escolha. O céu não o queria, e se Satanás não o quisesse, o rei dos demônios o descartaria como um cigarro gasto.

— Ou você nunca será bem-vindo no Céu.

Revenant riu. Forte. Quando ele finalmente ficou sóbrio, ele realmente sentiu pena por seu irmão. — Realmente? Você acha que os arcanjos, em um milhão de anos, vão me abraçar como uma família? Você está delirando.

— Eu falei com eles, — disse ele. — Eles estão dispostos a fazer isso direito. Tudo o que aconteceu com você quando era criança... eles querem corrigir.

— Corrigir? — Revenant praticamente estalou quando se levantou. — Como no grande reino da foda eles podem corrigir o que me fizeram passar? O que eles fizeram a nossa mãe passar?

— Eles disseram que seu sangue está contaminado por Satanás, mas que a mancha pode ser removida.

Esperança acendeu, mas não ia ficar muito animado. A esperança era para os tolos. — Besteira.

— Ouça-me, — disse Reaver, sua voz quase implorando. — Eu não confio em Raphael, mas se há sequer uma chance de que você possa ser admitido no céu sem o risco de corromper qualquer coisa, você tem que tomar.

Não tem que fazer nada. Mas não podia resistir a perguntar: — Qual é o problema?

— Você tem que provar sua lealdade.

Caramba, isso soava familiar, não é? — E como é que eu faço isso?

As mãos de Reaver apertaram em punhos. — Gethel.

Claro. — Deixe-me adivinhar. Você quer que eu a mate.

— Não. Eu quero que você traga-a para mim para que eu possa matá-la.

Rev flexionou suas mãos, apreciando a sensação de sangue seco do careca sobre os nós dos dedos. — De alguma forma eu duvido que os arcanjos façam parte do negócio.

— Eles disseram que vão purificar seu sangue quando Gethel estiver em suas mãos. Eles não disseram que ela tinha que estar viva. — Reaver estendeu suas asas douradas brilhantes. Asas que o tornava único entre todos os anjos. — Bem? O que é que vai ser?

— Eu preciso pensar sobre isso.

O olhar fixo de Reaver falava alto sobre o que seu irmão gêmeo pensava disso. — Você tem que pensar sobre isso? Sêrio? Você não sabe se prefere servir o bem ou o mal?

— Você é um jumento hipócrita, — Revenant rosnou. — É tão fácil para você julgar, não é? Você, que cresceu no céu com uma família que amou você. Você, que foi dado todas as oportunidades para alcançar a grandeza, e você ainda conseguiu estragar tudo. Se você apenas me ouvisse quando fui a você no Monte Megiddo todos esses anos atrás, se tivesse me ajudado em vez de

me odiar, nós poderíamos ter evitado cinco mil malditos anos de perda de memória e o inferno!

— Você está certo, — Reaver rebateu. — Mas isso foi há muito tempo. Precisamos passar por isso...

— Foram semanas atrás! — Não tecnicamente, mas apenas duas semanas atrás, que a verdade veio à tona e as memórias foram restauradas, e ele ainda estava trilhando através de eras das merdas. — Você tem as suas memórias de volta, junto com uma companheira, filhos, netos, uma tia, um tio, e, provavelmente, duas mansões douradas. Você sabe o que eu tenho? Ameaças de ambos os lados. Preciso fazer o seu lance ou dar uma caminhada. Assim vai se ferrar idiota. Preciso de tempo para decidir de que lado, bem ou mal, vai me foder mais forte. — Ele foi para a porta que Blaspheme passou.

— Ver...

Ele girou de volta para seu irmão e apontou o dedo em seu esterno. — Não. Não se atreva a jogar bonito agora. Pega o seu anjo precioso e volte para o céu, onde você pertence. Eu vou dar os arcanjos minha decisão em breve.

— Revenant, — Reaver disse calmamente, — há uma data que expira sobre esta oferta. Se Gethel der à luz antes de entregá-la a nós, o negócio está desfeito.

Claro que estava. O céu não poderia lhe oferecer o santuário simplesmente porque ele era um anjo. Não. Tinha que haver compromisso para algo que deveria ter sido seu por nascimento.

— Por que você estava aqui com Blaspheme, afinal? — perguntou Reaver.

— O que você tem com isso?

— Eu trabalhei com ela durante anos no Underworld General quando eu era Anjo Caído, e eu a considero uma amiga. Não a machuque, Revenant, ou você vai se ver comigo.

Revenant fez um teatro, um gesto sarcástico com as mãos. — Puxa, assustador.

— Falo sério.

Tanto Faz. Estava cansado dessa merda. Devia apenas matar o anjo que a atacou e acabado com ele. Só que quando ele olhou para onde o desgraçado estava, ele tinha ido.

Instantaneamente o alarme tocou. Blaspheme pode estar em apuros.

E Deus ajude o careca se ele a machucar, porque desta vez, não daria ao filho da puta a cortesia de morrer no reino humano.

Ia arrastar aquele bastardo aureolado para Sheoul e matá-lo lá.

Onde a sua alma podia definhar na miséria por toda a eternidade.

CAPÍTULO 14

Eles eram irmãos. *Irmãos*. Como se não fosse chocante o suficiente, eles eram gêmeos, a outra revelação explodiu para BlaspHEME.

Reaver disse que ele e Revenant eram iguais. Reaver é um Radiante... O que significava que Revenant era um Anjo Sombra.

Um fodido *Anjo Sombra*, o ser mais poderoso de Sheoul, exceto Satanás. Se pensou que Revenant fosse problema como anjo caído, isso não era nada comparado ao que ele realmente era.

Sua respiração veio em rajadas aterrorizadas, enquanto descia as escadas escapando do fogo, passando pelo andar do seu apartamento, desceu até que atravessou a porta na base do edifício e correu até a calçada. Não tinha ideia para onde estava indo, apenas que tinha que ficar longe dos dois indivíduos mais perigosos que já existiu.

Deuses, sua mãe ia matá-la.

Ei, mãe, adivinhem? Você sabe como temos que manter nosso perfil baixo e ficar longe de anjos e anjos caídos? Sim, bem, eu consegui atrair a atenção de ambos. Oh, e a melhor parte? Um deles é um Radiante e o outro é um Anjo Sombra. Incrível, não é?

Parando para recuperar o fôlego, ela se inclinou

contra um poste de luz e cobriu o rosto com as mãos. Como poderia sua vida ter saído do controle tão rápido? Seu encantamento de Anjo foi rapidamente perdendo o efeito, tanto ela como sua mãe foram atacada, ela se tornando obstetra para a mãe do bebê de Satanás, e agora ela desembarcou no centro de algum tipo de disputa familiar entre dois indivíduos extremamente letais. Tudo o que ela precisava agora era ser demitida de seu emprego ou atropelada por um caminhão.

Não sabia quanto tempo ficou ali tentando reunir seus pensamentos e encurralar sua ansiedade, mas, então, um homem idoso com uma bengala parou para perguntar se ela estava bem. Ela agradeceu pelo empurrão de volta à realidade.

A realidade em que se esqueceu de pegar sua bolsa quando fugiu, o que significava que não tinha celular, nem passe de ônibus e nem dinheiro. Ela podia ouvir a voz de sua mãe agora.

Eu não eu te ensinei nada sobre estratégias em caso de emergência?

Se perguntando como coisas muito piores poderiam acontecer, estendeu a mão com seus sentidos e localizou um Harrowgate cerca de oitocentos metros de distância. Se pudesse chegar ao UG sem que ninguém a atacasse, estaria segura. Mas realmente seu novo apartamento foi comprometido. Tinha acabado de se mudar, e não podia dar ao luxo de quebrar o contrato de aluguel, perder seus depósitos e pagar um em outro lugar.

Além disso, encontrar um lugar em uma área que não foi devastado pelos acontecimentos apocalípticos do ano passado, não foi fácil.

Ela caminhou tão rápido quanto podia passando uma loja de peixe e batatas fritas, bares, e uma quitanda numa esquina movimentada, o rebocador do Harrowgate ficou mais intenso a cada passo. Finalmente, quando disparou entre uma livraria e um açougue, ela viu o portal cintilante contra a parede de tijolos da livraria. Com nenhum humano perto ela abriu, acenando-lhe com a promessa de segurança.

A partir do nada, ela ouviu a ponta de asas gigantes. Terror apertou seu coração, cortando seu grito quando ela mergulhou para o portal. Braços vieram ao seu redor, e um segundo depois, ela estava de pé no meio do que parecia ser uma cabana de madeira, se cabanas de madeira fossem construídas de madeira carbonizada e enxofre.

A pele peluda de uma espécie de animal demoníaco estava deitado no chão de terra batida, e algumas peças de mobiliário foram espalhadas aleatoriamente, como se quem vivi ali não fez muito para estar realmente ali.

Os braços a soltaram e ela girou, preparada para lutar por sua vida com unhas e dentes, se é o que tinha que fazer. Mas quando ela viu Revenant de pé lá, em suas calças de couro e correntes de costume, ela não tinha certeza se devia estar aliviada... ou mais apavorada do que nunca.

— O que diabos você está fazendo? — O despejo de adrenalina fez questão de sair como uma mensagem, mas neste momento, ela não deu à mínima. — Por que me arrebatou assim? Onde estamos?

— Esta é a minha casa.

Esse casebre sem janelas, estéril era a sua casa? A ideia de que estava de pé no covil de um Anjo Sombra, sem dúvida profundamente dentro Sheoul, com nenhuma forma de dizer a ninguém onde estava, levou um pico de medo diretamente através de seu coração.

Isso também a irritou. Se ele ia matá-la, ela não ia medir seus pensamentos ou suas palavras. — Você precisa de um novo corretor de imóveis.

Suas sobrancelhas escuras se uniram em irritação. — Sim, bem, quando você é um anjo caído sob o controle de Satanás, você não tem muitas opções.

— Sêrio? — Ela retrucou. — Porque estou apostando que Anjos Sombras podem muito bem ter o que querem.

Ele passou a mão pelo cabelo com um empurrão frustrado. — A coisa de Anjo Sombra é relativamente recente.

Esfregando os braços porque fazia muito frio aqui, ela relaxou um pouco, imaginando que, se ele não fosse matá-la, pelo menos, teria a acorrentado a uma parede e até agora ele não fez. Esperava.

— Recente é uma questão de perspectiva, — disse ela. — Para um imortal, recente pode significar uma coisa que aconteceu nos últimos mil anos.

— Foi um pouco mais de duas semanas.

— Oh. — Isso levou um pouco de ar a seus pulmões. — Bem, obrigada por me mostrar suas escavações, mas eu realmente tenho que ir.

Ele olhou para a lareira, que se acendeu com um assobio. — Não até que você me diga por que um anjo estava tentando matá-la.

Havia tantas maneiras que ela poderia jogar isto, mas ela foi para o óbvio. — Porque eu sou um demônio. Anjos matam demônios por esporte. Isso foi uma pergunta séria?

— Sim. — Sua jaqueta de couro rangeu quando ele cruzou os braços sobre o peito. — Eles não apenas *pop* em telhados aleatórios na esperança de ter sorte e encontrar demônios para matar. Ele estava caçando você. Por quê?

Fechando os olhos, ela repetiu a cena em sua cabeça... Uma cena que tinha começado com céu azul, sol brilhante e o trio de pombos que andam nas bordas do telhado.

Vyrm.

O ódio do anjo escorria de sua voz enquanto ele se materializou na frente dela. Ela soltou um grito, deixando cair à xícara de café enquanto se levantava da cadeira. A xícara quebrou e café espalhou, mas ela mal notou. A única coisa que podia ver agora foi o grande guerreiro que estava no telhado vestido para combate, com o corpo carregado de armas.

C-como você me encontrou?

Um punhal aurial projetado especificamente para matar os anjos e os anjos caídos, apareceu em sua mão.

— Eu não respondo perguntas vyrmin.

Fofo, quando ele transforma vyrm em vermes. Ela desejou viver para apreciar o jogo de palavras.

— Blasfeme?

A voz de Revenant invadiu sua memória não tão afeiçãoada. O que ele perguntou a ela? Por que o anjo a estava caçando?

Ela encolheu os ombros, esperando que ele fosse comprar sua falsa indiferença. — Eu não faço ideia. Talvez haja incentivo extra esta semana para o abate a Anjos Falsos. E você sabe, talvez você pudesse explicar como você me encontrou? É melhor que você não tenha colocado rastreador, ou...

Ele ergueu sua bolsa Coach, que, aparentemente, ele puxou para fora de sua bunda, porque ela jurava que não estava a segurando há pouco. — Vi que você não pegou sua bolsa, então eu imaginei que você teria que usar um Harrowgate para o transporte. Verifiquei o Harrowgate mais próximo de seu apartamento. — Seus olhos negros brilharam. — Isso foi estúpido. Qualquer um com metade de um cérebro teria sabido e a atocaiado naquele Harrowgate.

Ela ficou boquiaberta com indignação. — Então agora eu sou idiota?

Ele jogou a bolsa sobre uma de suas cadeiras raquíticas. — Agora você está segura.

De alguma forma, ela duvidava disso. Oh, ela estava certa de que ninguém ia passar por ele para chegar até ela. Mas alguém poderia passar por ele para salvá-la?

— Eu estaria segura se tivesse chegado ao Underworld General.

Revenant estendeu a mão para esfregar a parte de trás do seu pescoço, fazendo a camisa subir em seu músculo duro do abdômen. — O hospital foi violado antes.

Ele tinha um ponto. Mais ou menos. E homem, essa faixa de pele entre a bainha de sua camisa e parte superior de suas calças de couro era perturbadora. Culpendo isso para os instintos Anjo falso, deixá-la com tesão em qualquer situação inadequada.

— Não por forças celestiais, — ela fundamentou, irritada com a reação dela a ele. — Os anjos não podem entrar.

— Reaver entrou.

Como Radiante, Reaver era exceção, mas não se preocupou com isso, desde que raramente Reaver vinha ao hospital. Mas agora que Exterminadores sabiam o que ela era, quanto tempo teria antes Reaver descobrir e pisar no hospital para confrontá-la?

Pânico derramou nas bordas de seu controle, e ela começou a olhar ao redor por uma fuga. Não era lógico, mas o treinamento de sua mãe incutiu nela uma necessidade de localizar todas as saídas de onde quer que fosse, especialmente se ela se sentia presa ou com

medo.

— Hei. — Revenant suavizou sua voz e se moveu em direção a ela. — Eu prometo que você está segura.

— Segura dos anjos, talvez, mas o que dizer de você?

— Você acha que vou te machucar? — Ele colocou a mão em torno de sua nuca, seu toque surpreendentemente suave. — Eu quero você na minha cama, e não em um túmulo.

Oh, deuses... sim.

Não!

Ela se encolheu para longe dele, mesmo que a menção a sua cama fez seu coração bater um pouco mais rápido. — Eu não penso assim. — Ele só a queria, porque ele achava que ela era alguém que ela não era. Não queria estar dentro de mil quilômetros quando ele descobrisse a verdade. Ele já admitiu que pensou em sentenças de morte que seriam razoáveis para as pessoas associadas com *vurm*. Como ele se sentiria sobre um *vurm* real?

— Por que não? — perguntou. — Você não comeu um macho desde Yuri.

O queixo dela caiu. — D-desculpe-me?

Seu sorriso conseguiu ser divertido e zombeteiro. — Yuri. Tenho certeza que você lembra seu nome. Por todas as contas, você era muito para ele.

Ela engasgou de indignação. Primeiro de tudo, não foi pelo cirurgião arrogante. Na época, ela acreditava que ele estava começando a suspeitar a verdade sobre

ela, então ficou íntima com ele. Fingia adorar os tapas espinhosos e merda.

Em segundo lugar... — Você andou verificando sobre mim? Como você se atreve! Eu disse que ia aos clubes para suprir as minhas necessidades.

— Sêrio? — Mais de diversões. Mais de zombaria. — Quais?

— Na semana passada eu festejei pra caramba em Thirst. — Na verdade, ela foi ao clube vampiro com algumas enfermeiras da clínica com o único propósito de brincar de vadia Anjo Falso, e ela paquerou muito, mas foi para casa sozinha. — E como é que você sabe sobre Yuri afinal?

— Eu sou talentoso Blaspheme. Posso saber o que eu quiser. É apenas mais fácil perguntar. Então, por que você não me diz o que você está escondendo.

— Por que você está tão certo de que estou escondendo alguma coisa?

Ele olhou para a espada enorme na parede, a sua magnífica lâmina de dois gumes entorpecida pela idade e à luz esfumaçada no seu covil. O punho ébano decorado com uma cruz com dentes afiados fluía de forma harmoniosa para o punho em forma de caveira. A coisa adequada também, bonita, má... e de alguma forma manchada.

— Por milhares de anos, meu trabalho foi caçar alguém que Satanás ou Lúcifer considerava indesejável ou um inimigo. Isso incluiu mestiços, anjos, *vyrn*, traidores. — Ele arrastou o dedo ao longo da borda da

lâmina, e por um breve momento, ela o imaginou empurrando a espada em seu coração *vyrm*. — Eu aprendi a reconhecer a fraude.

Merda. Apenas... merda. Em um esforço para evitar soar aterrorizada, sorriu levemente. — E como você faz isso?

Um filete de sangue escorreu para baixo na borda da espada, mas antes de chegar a ponta, o metal absorveu cada gota.

— Normalmente, eu posso sentir o cheiro. Vê-lo. Senti-lo. — Ele se afastou da espada e a pregou com olhos negros tão intensos que ela deu um passo para trás espontaneamente. — Mas você... é como estar pegando um segredo, mas algo está bloqueando. Eu vou descobrir o que é, Blaspheme, então por que você não me diz agora.

— Por que você não vai se foder?

— Prefiro transar com você.

Suas palavras grosseiras formaram imagens em sua mente, e caramba, seus desejos Anjo Falso, porque agora tudo o que ela queria era transformar as imagens e as palavras em ação. Suar, nua, ação latejante.

Além disso, estaria enganando a si mesma se achava que ele desistiria de tentar dormir com ela, e ele claramente era um cão do inferno com um osso quando vinha com o que ele acreditava que ela estava escondendo. Tentar ficar longe dele não estava funcionando, e não tinha dúvida de que ele não ia desistir.

Estava na hora de optar pela cirurgia preventiva e cortá-lo fora de sua vida como um tumor. E como qualquer bom médico, ela usaria todos os métodos que tinha à sua disposição, incluindo o pouco que lhe restava de afrodisíaco sobre as suas asas, se necessário.

— Ok, então. — Sua boca, na verdade, regada na expectativa de que ela estava prestes a dizer. — Eu tenho uma proposta para você.

Uma sobrelanceira preta disparou. — Eu estou ouvindo.

Convocando cada grama de magia do Anjo Falso que lhe restava, ela passeou por ele. Lentamente. Sedutoramente. Ele pensou que ela era diferente, então ela iria lhe mostrar exatamente como ela era idêntica à espécie que estava fingindo ser.

A coisa louca foi que isso tudo pareceu tão natural. Louco, porque o encantamento AF deveria estar desligado, não intensificando seus desejos.

— Sexo, — disse ela, baixando a voz para uma configuração rouca profunda de Anjo Falso que atraía homens como um ímã. — Eu vou te foder, se você me levar ao Underworld General. — Seu olhar escureceu perigosamente. — Mas apenas uma vez. Apenas o suficiente para que você possa me tirar do seu sistema.

Triunfo masculino acendeu sua expressão. — Concordo, — ele rugiu. — Tenho certeza que uma vez será suficiente. Sempre é.

Ela deveria ter ficado feliz ao ouvir essas palavras. Na melhor das hipóteses, o sexo nunca foi

nada, senão uma diversão agradável da vida real, e na pior, uma cobertura necessária para sua pessoa Anjo Falso. Mas por alguma razão, a aquiescência casual de Revenant a picou. Não fazia sentido, era completamente ilógico.

E, no entanto, quando ela encontrou seu corpo duro e sua ereção pressionando em sua barriga, tudo o que podia pensar era que seu interesse por ela nunca tinha sido sobre *ela*.

Sempre foi sobre seu pau.

— Só mais uma coisa, — disse ela.

Suas mãos se fecharam em seus quadris, agarrando-os possessivo. — O que?

Muito deliberadamente, ela agarrou os braços e os empurrou longe de seu corpo. — Você não me toca, a menos que eu lhe diga para tocar. Não com as mãos, não com a boca, e não com suas presas.

Parecia que ele tivesse levado um tapa. — Diga de novo?

— Essas são as regras. Durante o sexo, você não me toca. Depois do sexo, você me leva para UG.

— Por que diabos eu não posso tocar em você? — ele rosnou.

— Porque eu não confio em você. Mostre-me que pode manter sua palavra. Mostre-me que pode manter-se sob controle.

Uma veia em sua têmpora latejava. — Esta é uma regra...?

— Sim.

Por um longo tempo ele esteve ali, tão imóvel que ela não conseguia nem ver a ascensão e queda do seu peito. E então ele inclinou a cabeça, seu cabelo preto, meia-noite, caindo para frente em uma cortina sexy que ela queria envolver em torno de seu corpo.

— Se essa é a única maneira que eu posso ter você, então que assim seja.

Lançou lhe um sensual sorriso Anjo falso, ela deslizou os dedos debaixo de sua cintura e o puxou para o que esperava ser seu quarto. Se não, sua atitude de maior responsabilidade ia fracassar como uma fogueira encharcada pela chuva, e ela pareceria uma idiota.

Mas, ela supôs que, parecer tola era melhor do que estar morta.

CAPÍTULO 15

O corpo de Revenant estava em chamas.

Quando ele deixou Blaspheme levá-lo ao seu quarto, ficou maravilhado com a facilidade com que seu pequeno Anjo Falso tinha chegado a conceder a suas exigências. Ele sempre controlou os encontros sexuais, dizia quando, onde e como tudo aconteceria. Inferno, quando uma fêmea gozava, era porque ele queria.

E agora esse lindo e misterioso Anjo Falso estava conduzindo-o ao redor de seu pênis, literalmente, e ele estava permitindo isso.

Mas então, no final do dia, ele era o macho, e faria praticamente qualquer coisa pelo sexo. Verdadeiramente, se as fêmeas compreendessem o poder que detinham sobre os machos, elas governariam todos os reinos.

Ele fez as velas nas arandelas de parede acender quando eles entraram no quarto.

— Calabouço chique, — Blaspheme disse, pegando as algemas fixadas às paredes de pedra. — Bem. E um pouco clichê, você não acha?

— Existem clichês por uma razão. — Ele aproximou dela, amaldiçoando, e segurou as mãos. Regras eram regras. Mesmo que fossem irritantes.

Ela parou no pé da cama e se virou para ele, sua mão ainda segurando sua cintura. As pontas de seus dedos roçaram a cabeça de sua ereção quando ela moveu, e seu corpo reagiu instantaneamente, acelerando sua frequência cardíaca, a pressão arterial, a respiração... Merda, ele ia derramar a primeira vez que ela realmente lhe tocasse...

— Tire a roupa, — ela ordenou.

— Você não vai tirá-las para mim?

Ela enfeitou com um sorriso sedutor que era tão feminino e sexy que ele não esperou por sua resposta. Despojou-se de roupas, e *poof*, elas foram embora.

No mesmo instante, sua jovial provocação mudou para algo mais quente. Mais intenso. Se soubesse que ficar nu fosse o suficiente, teria puxado a magia a primeira vez que a conheceu.

Seus olhos ergueram, flexionando seus músculos, onde o seu olhar pousou. Até o momento que ela chegou ao seu pau duro, todo o seu corpo estava tão duro, preparado para o que ela quisesse.

— O que você acha que um Anjo Falso faria agora? — perguntou ela.

Ele não tinha ideia do que um Anjo Falso faria, mas sabia o que ele iria sugerir. — Ela lamperia minhas bolas.

Ela levantou uma sobrancelha loira. — Realmente. — Ela pode estar jogando com calma, mas o aroma delicado de sua excitação se levantou, aumentando a dele.

— Realmente.

Não achava que ela faria isso, então soltou um gemido estrangulado, quando ela caiu de joelhos e apertou seus lábios macios, sedosos contra seu saco. Santo inferno, ela estava fazendo isso, estava lambendo e chupando, mordendo e...

— Maldição, — ele respirou quando ela chupou um testículo em sua boca e cantarolava em torno dele. Ele se conteve antes que ele espalmasse a cabeça e guiou a boca para pegar a versão de que estaria vindo em qualquer segundo.

Mas antes que ele atingisse o status da missão crítica, ela estava de pé, seu sorriso maroto, deixando claro que ela sabia exatamente o quão perto ele tinha estado.

E quanta agonia que ele estava agora.

Anjos Falsos eram más.

— Na cama, — ela ordenou, e tanto quanto ele detestava que lhe diga o que fazer, ele caiu em seu colchão em tempo recorde, deitado de costas, enquanto a observava tirar a roupa.

Ela não o provocou. Com a mesma eficiência que a viu cuidando dos ferimentos dele, ela tirou suas roupas, deixando-as em um belo monte ao pé da cama. Então ela ficou lá, olhando tanto hesitante quanto ansiosa, embora como ela conseguisse isso, ele não tinha ideia.

Ele também não se importava. Não quando ela estava de pé aos seus pés, seu corpo elegante, macio,

uma maldita obra de arte. Seus seios eram cheios e pesados, os mamilos escuros atingiram o pico de excitação. Sua cintura fina feita para um homem enlaçar suas mãos em torno, para levantá-la e baixá-la em seu pênis.

E entre as pernas ela era suave, seus lábios inferiores gordos se separaram um pouco, apenas o suficiente para mostrar uma dica de carne rosa brilhante.

Santo inferno, seu pau doeu.

— Eu pensei que Anjos Falsos fossem orgulhosos de seus... ornamentos especiais.

— Como nós estabelecemos, eu não sou uma Anjo Falso normal. — Ela subiu na cama, o colchão afundando sob o seu peso. — Eu sou melhor.

Ele gemeu. — Eu gosto.

Ela se arrastou até seu corpo, suas mãos deslizando para cima de suas canelas para as coxas, os olhos brilhantes com fome. — Você quer me tocar? — Sua voz rouca vibrou todo o caminho até as bolas que ela tinha apenas sugado com tanta habilidade.

— Foda-se, sim.

Seu sorriso era absolutamente sinistro. — Muito ruim.

Baixando a cabeça, ela roçou os lábios sobre a cabeça de seu pênis. A coisa virou, batendo-lhe na boca. Como punição, ela lhe beliscou sobre a costura sensível apenas sob a coroa.

A sensação de dor e prazer fez as algemas

chocalhar na parede.

— Bem, bem, — ela murmurou. — Alguém gosta disso.

— Alguém nunca teve quem fazer isso para ele antes. — Em cinco mil anos, nenhuma fêmea jamais fez isso. E ele teve algumas parceiras ásperas na foda. — Faça isso de novo.

— Eu tenho uma ideia melhor.

Melhor do que isso? De jeito nenhum...

Oh, merda, sim. Escarranchando-o, ela roçou para frente, fenda doce chegando mais perto e mais perto de seu rosto. Sua boca começou a aguar e suas presas começaram a pulsar, e até mesmo seu pau estava vazando.

Ele nunca ficou tão desesperado para estar íntimo com uma fêmea dessa maneira. Era como se ele morresse de fome se ela se não abaixasse contra os seus lábios nos próximos dez segundos.

Quando ela agarrou a cabeceira da cama e se posicionou acima dele, ele fechou suas mãos em seus lados, rezando para se controlar. As regras... ele não podia quebrar as regras. Mas que droga, seus dedos coçaram para tocá-la. Para espalhá-la. Para penetrá-la.

— Anjos Falsos supostamente teriam gosto de maçãs. — Lambendo os lábios, ele levantou a cabeça para encontrá-la quando ela inclinou seus quadris, colocando seu sexo em contato com a boca. Ela gemeu quando ele deslizou a língua entre suas dobras. Seu mel liso inundou sua boca com um nítido gosto de maçã

vermelha, mais suave do que ele esperava, misturado com seu próprio tempero feminino ele iria experimentar a fruta qualquer dia.

Dor subiu de seus pulsos, e percebeu que estava cerrando os punhos com tanta força que as unhas cavaram em suas palmas. Disposto que suas mãos relaxassem, ele perfurou com sua língua.

— Sim, — ela respirava. — Como isso.

Ah, então ela gostava quando ele empurrava sua língua profundamente em seu interior? Muito ruim. Ela estava torturando-o, ele faria o mesmo.

Ele sempre foi sobre o-que-vai-volta.

Mudando sua cabeça por um ângulo melhor, ele arrastou sua língua através de seu vale, sacudindo a ponta sobre o clitóris no final do movimento ascendente. Ela amaldiçoou sombriamente, seu corpo tremia quando ele fez isso de novo. E mais uma vez. Na quarta passagem, ele permaneceu em seu nó inchado de nervos, circulando-a enquanto seus quadris rolaram para combinar com o seu ritmo.

Seu orgasmo estava perto, tão perto que o ar ficou carregado com sua necessidade. Seu pênis e bolas latejavam, e ele esperava como o inferno que a ordem de não tocá-la não se aplicasse a ele, porque ele se espalmou e apertou, segurando o que seria, sem dúvida, um clímax para o livro dos recordes.

— Eu vou gozar... Rev... oh, Rev ... sim. — Ela gritou, tensa quando o estremecimento após o tremor acumulou em seu corpo.

Agora seria o momento em que ele deveria jogá-la de costas e mergulhar nela. Ou deslizar sob ela, enfiar a cabeça no travesseiro e levantar os quadris, e dirigir nela por trás, suas bolas batendo em seu sexo molhado com cada impulso duro.

Mas não podia tocá-la. Quase gritou de frustração quando seus suspiros de prazer diminuíram. Suas pernas tremiam quando ela deslizou e afundou pesadamente sobre seu abdômen. Deuses, ela estava linda quando ela olhou para ele, o cabelo selvagem, com o rosto vermelho e brilhante com uma fina camada de suor, os olhos vidrados de prazer, seus lábios inchados separaram enquanto ela ofegava.

— Deixe-me tocar em você agora, — ele rosnou.

Inclinando-se para frente, o cabelo caindo como uma cortina em volta deles, ela escovou sua boca sobre a dele. — Não.

— Querida, você tem um inferno de uma raia cruel.

Ela sorriu e começou um lento deslizar para baixo de seu corpo, sua boca beijando um rastro vermelho-quente. Fechando os olhos, ele deixou seu corpo acariciá-la, a pele na pele transformando seu corpo em um brinquedo sexual hipersensível, ele desejava que ela se apressasse.

Quando ela avançou mais baixo, seu calor engolfou sua ereção quando ela deslizou entre suas dobras gordas. A sensação súbita o abalou com força, erguendo todo o seu corpo para fora da cama, enquanto

ele tentava penetrá-la. Mas ela não queria nada com isso, e até mesmo quando ele arqueou seus quadris para cima, ela aliviou para trás, quebrando o contato.

— Blaspheme. — Sua voz era uma combinação de rosnado e necessidade. — Você está brincando com fogo.

— Bom, — disse ela com uma piscadela impertinente. — Porque está frio aqui.

— Foda-se. — Ele jogou a cabeça no travesseiro, pressionando as palmas das mãos em suas coxas, desejando se manter no controle. Para não circular a cintura com as mãos, segurá-la firme e empalá-la com seu pênis dolorosamente duro.

— Hmm. — Revirando o lábio inferior entre os dentes, ela brincou com ele, traçando as veias de seu eixo com o dedo. — Isso foi um convite?

— Sim, — ele grunhiu. — Um convite. Uma ordem. Um apelo filho da puta. Chame do que você quiser, basta me foder.

— Mostre-me suas presas.

As presas instantaneamente surgiram. Mostrar a ela suas presas foi como fazê-lo gozar. Estendendo a mão, ela tocou a ponta de um canino.

— Presas de vampiro são zonas erógenas, — ela ronronou. — Eles podem até gozar, se tocarem em suas presas por tempo suficiente.

— Então? — A ideia dela tocando a presa de algum sanguessuga o fez querer matar o próximo vampiro que visse. Outro dedo se juntou ao primeiro, e

Revenant se encontrou recebendo seu primeiro FJ^[9].

— Então... é a mesma coisa com os anjos caídos?

Como se sua ereção estivesse sendo acariciada, sentiu a construção do orgasmo em suas bolas.

— Aparentemente, — ele engasgou, agarrando seu pau novamente e apertando até que a dor passasse acima do prazer. Puta merda, quando ele finalmente gozasse, ele ia fazer uma mangueira de incêndio parecer como uma pistola de água.

— Interessante.

— Interessante? — Ele resmungou. — Você sabe o que seria interessante? Se você me deixasse te tocar.

— E por que isso?

Seu controle estava escorregando. Ele sentiu-o na forma como seu coração estava batendo contra sua caixa torácica e suas mãos estavam fechadas a ponto de sangrar. Ouviu-o no tom gutural de sua voz. Provou-o no sangue de sua língua mordida. Cheirou-o na excitação que se misturavam com a dela.

— Porque eu a teria contra aquela parede, minhas mãos prendendo as suas para que você soubesse como é se sentir assim, e eu desejaria que você sentisse o que você me fez sentir por um mês. E depois que ambos gozassem, eu teria você no chão em um sessenta e nove que não terminará até que eu provasse uma dúzia de seus orgasmos. Antes que você pudesse sequer pensar em recuperar, eu ia te foder em todos os sentidos que um macho pode foder uma fêmea. E eu não pararia. Não até que você pedisse. — Ele bateu os

punhos no colchão. — Droga, Blasfeme, eu preciso estar dentro de você. — Ele respirou fundo e áspero. — Deixe-me... dentro de você.

Seus olhos queimaram, e pela primeira vez, ele entendeu como Anjos Falsos atraem os machos. Não com a sedução, mas com inocência. Ela estava com os olhos arregalados, mas respirando com dificuldade, tremendo delicadamente, mas revestindo seu eixo com sua excitação. Cada instinto masculino dentro dele gritava para tomá-la, e para fazê-lo duro e rápido, e, novamente, devagar, cuidadosamente. Ele queria conhecer cada centímetro de seu corpo até que cada polegada respondesse a ele. Queria mostrar o que o deixava louco, e então ele limparia todos os outros homens de sua memória.

E o que diabos ele estava pensando? Esta era a magia do Anjo Falso trabalhando, porque é certo que não era o seu próprio cérebro jogando fora tudo a merda. Ele nunca quis reivindicar uma fêmea para si mesmo. Claro, ele tinha amantes casuais, mais do que poderia contar. Mas no momento em que ele começava a olhar para o futuro e a via como uma amante era o momento de cair fora do relacionamento.

Inferno, se ele estivesse nesta posição com Blaspheme há apenas um mês, ele duvidava que ficasse tão apaixonado. Não, ele não tinha dúvidas. Ele sabia. Sua ética e bondade o teriam repellido como DEET repele mosquitos. Mas, com suas memórias de volta tinha chegado novas emoções, lamento e dor, e de alguma

forma BlaspHEME bateu nisso, fazendo-o querer mais do que apenas sexo... quando ficou claro que ela só queria sexo.

A respiração de BlaspHEME soltou dentro e para fora, os seios subindo e descendo como se acenando por seu toque. Ele estendeu a mão para ela...

Não!

Todo o seu corpo tremia com a força que levou para parar suas mãos. Santo inferno, seu controle tinha escorregado para nada. Ela tinha estabelecido uma regra, e ele estava a ponto de quebrá-la. Tremia mais duro, mas, as mãos macias, tão quentes seguraram seu pênis e acariciaram para cima e para baixo, trabalhando em conjunto para massageá-lo em conformidade.

— Ai está, — dizia ela com uma voz suave. — A maneira mais rápida para aliviar a sobrecarga de adrenalina é o sexo.

Sobrecarga de adrenalina? Talvez a habilidade de Anjo Falso içando nas glândulas suprarrenais tenha rendido seus parceiros incapazes de seguir as ordens. Era uma explicação tão boa como qualquer outra, e ele estava feliz em colocar a culpa por sua escorregada nela.

Sentindo-se melhor agora, arqueou em suas mãos e fodeu os punhos, bombeando-o.

— Depressa, — ele rosnou. — Eu preciso estar dentro de você.

— Pela primeira vez eu concordo com você.

Movendo, ela se levantou de seu pênis e se posicionou sobre a ponta. Em seguida, ela fez uma

pausa, e ele apertou os dentes com a demora angustiante.

— Espere. — Ela mordeu um lábio inchado. — Proteção.

— Anjos Falsos só pode cruzar com Anjos Falsos, — disse ele, e ela não deveria saber disso?

— Sim eu sei. Mas você é um tipo de super anjo caído. E se...

— Eu sou um anjo, — ressaltou. — Os anjos não são férteis em Sheoul. Isso impede demônios de capturá-los e usá-los para reproduzir abominações híbridas.

— Como é possível que você seja um anjo, afinal? — Ela franziu a testa, perdendo o atrevimento e merda, ele tinha que voltar para a coisa do sexo.

— Eu nunca caí do céu. É uma longa história. Eu vou te dizer depois. — Ele arqueou-se, lembrando-lhe que agora não era o momento para falar. Era hora de foder.

— Deve ser uma boa história. — Ela acariciou seu pênis em seu punho, dando-lhe duas boas bombadas antes de colocá-lo em sua abertura.

Ele prendeu a respiração quando ela se abaixou, cabeça jogada para trás, os lábios entreabertos, seu sexo engoliu sua ereção, em ritmo de tortura, lentamente. A visão erótica o fez gemer, seu sexo chutando forte dentro dela como se pedindo a ela para se apressar.

— É isso aí. Porra, isso, assim, — ele respirou. — Você está tão molhada.

Um gemido faminto quebrou de seus lábios enquanto ela o levou profundamente. Ela rodou seus quadris e se levantou até que ele quase se soltou de seu calor apertado, e, em seguida, sentou-se de novo, mais rápido desta vez, mas ainda muito lento para o seu gosto.

Ele esperava que ela fosse acabar com a coisa de controle, mas ela estava ligada, porque era a sua vez.

Na próxima estocada, ele cravou os calcanhares no colchão e arqueou os quadris para revertê-la, levantando os joelhos para fora da cama e forçando-a a cair à frente. Quando as palmas das mãos dispararam para amortecer o corpo dela em seu peito, ele revirou os quadris, penetrando-a profundamente.

Seu suspiro de prazer se juntou ao dele quando o ritmo pegou, a respiração tornou-se frenética, e ao som de corpos batendo deixou-os cair em um turbilhão de êxtase. Seus seios, corados e pesados com a excitação, saltaram enquanto ela o montava, e quando ela segurou um, apertando o mamilo entre os dedos, ele quase gozou.

— Mostre-me suas asas Blaspheme, — ele murmurou, ofegante. — Eu quero vê-la toda.

Ele pensou ter visto um lampejo de alarme em seus olhos, mas um segundo depois, asas delicadas espalharam em suas costas, estendendo-se para o alto. Ao contrário das asas do verdadeiro anjo ou anjo caído, elas não eram nem de couro, nem em camadas com penas, eram cintilantes e translúcidas, como o véu de

uma noiva polvilhado com glitter.

Elas eram tão transparentes, de fato, elas pareciam piscar dentro e fora de existência até que, finalmente, ela as dobrou ordenadamente atrás das costas e as deixou desaparecer completamente.

— Linda, — ele sussurrou.

Ela encontrou seu olhar, pegando seu lábio inferior entre os dentes. A intensidade em sua expressão, o brilho sensual de seus olhos e lábios... caramba, ele estava pronto para derramar nela, para fazê-la gemer seu nome daquela boca sexy.

— Assim é você — Ela arqueou, a graciosa curva de seu corpo o epítome da perfeição do Anjo Falso. — Você é um filho da puta, Revenant, mas um belo.

Ninguém nunca tinha lhe elogiado tão preciosamente, e por alguns instantes ele congelou, guardando as suas palavras na memória.

Revirando os quadris, ela apertou os músculos internos e o levou tão profundo que jurou que sentiu a batida de seu coração na ponta do seu pênis. Seu saco esticou com o iminente orgasmo, pois encontrou a carne quente entre as pernas dela com cada movimento erótico que ela fez.

Dada à intensidade da sua tortura, ele durou mais tempo do que imaginava, mas não pôde prever que quando seu clímax viesse, ele ia bater em outro maldito plano de existência.

Quando suas bolas latejaram todo o seu corpo paralisou, torturado com prazer tão intenso que ele só

pôde rugir em agonia requintada. Ao longe, ouviu os gritos suaves de Blaspheme, sentiu-a apertar em torno dele em ondas. Outro orgasmo encerrou o primeiro, e ele foi lançado para a estratosfera novamente quando seu corpo explodiu.

Putá... merda.

Quando o mundo entrou em foco novamente, ele não conseguia se mexer. Sentiu desencarnado, só podia ficar ali, tonto, sem osso, quente, preso a Blas, o que ele ficaria feliz em tê-la toda a noite.

Ela estava deitada em cima dele, respirando pesadamente, sua pele suada colada a dele. Ele se perguntou se parte do acordo que estabeleceram tinha se encerrado, e ele finalmente pudesse passar as mãos pelo cabelo sedoso que se espalharou sobre os ombros. Mas então ele decidiu que não podia levantar os braços de qualquer maneira, então o acordo era irrelevante.

— Não posso me mover, — Blas murmurou, sua respiração sussurrada pela garganta.

Mover? Revenant não conseguia nem falar. Conseguiu um grunhido que ele esperava que soasse como uma concordância, e sentiu sua curva dos lábios em um sorriso contra sua pele. Aquela intimidade minúscula, um segredo, um sorriso satisfeito enquanto eles ainda estavam ligados, envolto em torno dele como um caloroso abraço.

A sensação era tão intensa como era desconhecida. Ele amava as fêmeas e adorava sexo, e teve um monte de ambos. Mas esta foi a primeira vez

que se sentiu assim, como se não conseguisse o suficiente. Não apenas sexo, mas de uma fêmea. De Blaspheme.

Ele poderia deitar assim para sempre. Talvez a Terra parasse de girar, os reinos parassem de lutar, e todo mundo deixasse Blaspheme e ele no inferno sozinhos. Revenant nunca foi de sonhar... todos os sonhos que poderia ter tido foram destruídos no morro Megiddo todos aqueles anos atrás, quando Reaver deixou claro que irmãos ou não, eles não eram família e Rev não pertencia ao Céu.

Mas ali estava ele, sonhando. O que era insano, considerando que sua vida estava no pior lugar possível que poderia estar, agora, com o céu e o inferno enroscando com ele. Nenhum dos lados era conhecido por ser especialmente misericordioso quando se tratava de batalhas entre o bem e o mal, o que significa que não importava o que ele fizesse, alguém ia chover um monte de merda em sua cabeça. Literalmente, se Satanás fosse a quem ele chateasse.

Então, sim, deitado na cama e sonhar com um futuro onde ele estava de qualquer maneira feliz era estúpido. Mas, quando Blaspheme soltou um suspiro de satisfação, ele percebeu que estava feliz neste exato momento. Ia abraçá-la. Saboreá-la.

Porque algo lhe disse que não ia durar.

CAPÍTULO 16

Revenant acordou com o toque dos dedos de Blaspheme em seu esterno. Ele tinha adormecido? Sério? Ele nunca deixou de funcionar após o sexo.

Abrindo os olhos, ele olhou para o relógio na parede, e sim, ele tinha perdido duas horas. Ele inclinou a cabeça para o lado, sorrindo quando viu Blaspheme de frente para ele, seu corpo esticado contra o seu enquanto ele estava deitado de costas, com a mão correndo para cima e para baixo em seu peito.

— Oi. — Ela devolveu com um tímido o sorriso.

— Oi. — A voz dele foi baqueada, mas em um bom caminho pós-coito.

— Então, — disse ela, não perdendo tempo, — como é que você e Reaver são irmãos? E por que Reaver não mencionou isso antes?

Gemendo, Rev jogou seu braço sobre os olhos. — Você tem algo contra café antes de conversa?

— Não. Mas enquanto você estava dormindo eu vasculhei sua cozinha, e não consegui encontrar nada. — Ela apontou-o nas costelas. — Então? Derrame.

Descobrimos que ele não podia evitar voltar para a vida real, Revenant enfiou o braço atrás da cabeça e olhou para o teto. — Reaver não mencionou ter um

irmão, porque ele não sabia até duas semanas atrás. Nem eu.

— Como pode ser isso?

— Nossas memórias foram apagadas. Duas vezes.

Sentando-se, ela enlaça um cobertor do pé da cama e se cobriu. Muito mal. Ele podia olhar para seus seios cremosos durante todo o dia. — Estou perdida.

Ele estava perdido também. — Sim, bem, eu ainda estou tentando descobrir milhares de anos de memórias de mim mesmo. — Alcançando, ele tocou uma mecha de seu cabelo sedoso, enquanto considerava o quanto dizer a ela. Não confiava em ninguém, mas Anjos Falsos, com suas mentiras, formas sedutoras, eram ainda menos confiáveis. E Blaspheme, enquanto ela não era como qualquer Anjo Falso que ele já tinha conhecido, sem dúvida, escondia alguma coisa dele. Poderia ter estado bêbado quando viu algum tipo de deformação na aura dela em sua última noite em seu apartamento, mas estava perfeitamente sóbrio agora, e ainda sentia que havia algo errado com ela.

Dito isso, ele não sabia como ela poderia usar qualquer coisa que ele dissesse a ela contra ele.

— Nossa mãe era um anjo de batalha, — disse ele finalmente. — Ela estava grávida de um potencial Radiante, e ela foi traída por um anjo para as forças de Satanás. Nosso pai foi morto na batalha, e ela foi levada para Sheoul. Ela deu à luz a gêmeos. O Céu fez um acordo para assumir uma das crianças, e Sheoul levaria

o outro.

— Oh, — ela sussurrou. — Então é assim que você é um anjo e não um anjo caído. O Céu levou Reaver, não é?

— Sim. Eu fui deixado para trás, cresci em uma cela de quatro por quatro em uma masmorra. — As lembranças vieram para ele como golpes, mas rapidamente bloqueou e fugiu dessa parte confusa da história. — Anos mais tarde, depois que eu soube a verdade, eu fui a Reaver, e não foi bem. Ele tinha acabado de descobrir que a mulher que ele amava o traiu e que ele tinha quatro filhos crescidos. Ele estava chateado, eu estava chateado... vamos apenas dizer que entre os dois de nós, causamos muita destruição.

— O que é muita?

— O tipo que requereu milhares de anjos para reescrever a história na mente dos seres humanos.

Ela engoliu em seco. — Eles podem fazer isso?

— Aparentemente, eles já fizeram isso várias vezes.

— Puta merda, — ela respirou.

— Sim. — Ele esfregou a mão sobre o rosto. — Então, eu perdi minha memória. Satanás me disse que eu era um anjo caído, e que eu não me lembrava do meu tempo no céu, porque às vezes anjos caídos perdem a memória quando eles caem em desgraça. Eu acreditei. Acreditei quando ele me disse que eu fui expulso do Céu por assassinar companheiros anjos. — Ele bufou. — Eu fiz parte da linha do mal como um campeão. Porra, eu

preciso de uma bebida. Você?

Ela balançou a cabeça.

— Você tem certeza? — Ele girou para fora da cama e caminhou nu para o bar portátil no canto. — Não pense que eu já conheci um Anjo Falso que não fosse exuberante.

— Eu tenho que trabalhar mais tarde. Por alguma razão, Eidolon franze as testas para membros de sua equipe que vão trabalhar bêbados.

Serviu-se de uma dose de absinto mais fino do Sheoul, feito à moda antiga com absinto crescido nos cadáveres de diabinhos. — Ah, isso é certo. Você é um Anjo Falso com ética.

— Sim. Ética. — Ela esfregou as têmporas como se sentisse uma dor de cabeça. — Então, quanto tempo você ficou sem suas memórias e ficou pensando que fosse um anjo caído? Além disso, — ela murmurou, — você deve colocar algumas roupas. Você é uma ameaça à sociedade, quando você está nu.

Ah, seu ego amou a carícia. Ele definitivamente não ia se vestir agora. — Eu acreditei que eu fosse um caído por cinco mil anos, mais ou menos. — Ele bebeu novamente o licor verde-néon, saboreando o ardor queimar a garganta. — Então, um pouco mais de três décadas atrás, Reaver fez algo ruim novamente. Ele quebrou uma regra enorme e foi punido. Quer adivinhar como?

— Ah... a perda de memória?

— Sim. Bem, isso e ele perdeu suas asas. Passou

a trabalhar em seu hospital. E aqui está o retrocesso. O acordo feito com o Céu e Sheoul quando nascemos diz que tudo o que é feito para um de nós tinha de ser feito ao outro. Assim, a minha memória foi apagada. Mais uma vez.

A picada de álcool em sua garganta ficou amarga. Quebrando regras resultou em caos, dor e todos os tipos de merda, e o descaso do Reaver pelas regras fizeram exatamente isso.

— Jesus, — ela sussurrou. — Então, você perdeu cinco mil anos de memórias em um instante?

Ele assentiu com a cabeça. — Reaver pelo menos sabia que ele estava sendo punido. Eu? Um minuto eu estava... ah... fazendo coisas de anjo caído, e no próximo eu estava me perguntando por que diabos eu estava de pé na região Horun de Sheoul, coberto de sangue, e de pé sobre o corpo de algum *vyrm*.

A cor desapareceu do rosto de Blaspheme. Sua médica deve ter ficado chocada com o assassinato que ele tinha feito.

Serviu outra bebida. — Como eu disse antes, caçar *vyrm* e outros indesejáveis era o meu trabalho. Eu era o pequeno assassino ajudante de Satanás. Eu não sabia isso, no momento. Só me lembro agora.

Ele foi o tipo fodão em destruição, e era orgulhoso disso. Agora, sabendo que ele tinha sangue de Satanás correndo em suas veias, corroendo seu corpo e alma como Drano^{10}, as memórias o deixaram confuso. Ele foi mal, como ele poderia não ser? Mas também era

um anjo cuja mãe o tinha amado. Seus dedos se enroscaram em torno do copo tão forte que sua mão tremia. Foda-se, ele estava perdido.

— Fiquei vagando por um ano após a segunda memória ser limpa, batalhando por uma vida fora de Sheoul, transformei em um mercenário. E então os asseclas de Satanás vieram a mim. Ele me disse que o *vyrm* deve ter apagado minha memória antes de eu o matar, e que eu fui um anjo caído por milhares de anos, e um monte blá blá de merda.

A pele de Blaspheme ainda estava pálida, mas algumas das cores começaram a voltar. Bom. Ele não gostava de vê-la chateada.

— E então a sua memória voltou duas semanas atrás? — ela perguntou. — Como isso aconteceu?

— Reaver novamente. Você está sentindo um padrão? — Revenant foi atingido por um desejo de procurar seu irmão e começar outra briga. — Ele resgatou Harvester de Sheoul e salvou os reinos ou alguma porcaria. Por suas ações, ele foi elevado a Radiante e dada a sua memória de volta. E porque tudo o que é feito para um de nós tem que ser feito para o outro...

— Você foi transformado em um Anjo Sombra.

— Você pegou isso. — Ele ergueu a taça em um brinde relutante. — Para o meu irmão gêmeo herói e sua brilhante auréola.

— Mas por que você não seria um Radiante? Quero dizer, você é um anjo, certo?

O licor desceu mais suave desta vez. — Porque só pode haver um em um determinado momento. Tem que haver um Anjo Sombra para o equilíbrio, e Reaver herói ganhou na loteria quando eu fui alimentado com o sangue de Satanás quando criança. Ele me corrompeu e me deu todas as qualidades e habilidades de um anjo caído. — Ele lambeu uma presa. — Incluindo estas.

— Portanto, o seu anjo interno é mascarado, — Blaspheme ponderou. — Interessante. — Ela saiu da cama e começou a se vestir. Que pena. — Você disse que sua mãe foi presa quando estava grávida. O que aconteceu com ela depois que você nasceu?

Ele deveria ter esperado a questão, mas ainda assim o apunhalou no coração. — Ela morreu depois de duas décadas de tortura.

— Eu sinto muito, — disse ela enquanto abotoava o sutiã. — Você a conheceu?

— Sim. — O álcool em sua barriga azedou, e tudo o que ele queria agora era vomitar. — Não podemos não falar sobre isso?

— Eu devo ir de qualquer maneira. — Ela puxou sua calça. — Nós tínhamos um acordo, lembra?

Sim, ele se lembrava. E estava se chutando nas bolas por fazê-lo. Não estava pronto para deixá-la ir. Devia, pois nunca teve problema de abrir mão de uma fêmea no passado. Mas, de repente, estava doente com o pensamento de despedir dela.

É a maldita magia de Anjo Falso.

Claro. Isso ia desaparecer uma vez que ela

estivesse fora de sua vista. Mas e se não acontecesse? E se ela intencionalmente está lançando o encantamento? Esse era um dos muitos métodos de um Anjo Falso encontrar seu sustento. Eles usavam seus feromônios e habilidades sedutoras para encantar, o seu pó afrodisíaco para seduzir, e então eles rompiam os laços diplomáticos e empanturram sobre a agonia emocional que causaram. Quanto mais partido fosse o coração de um homem, mais energia ela tomava. Se ela tivesse sorte e ele morresse, ela festejaria.

Isso não iria acontecer a ele. Ele era mais forte do que isso. Se Blaspheme pensava que poderia interpretá-lo, ela ia ficar brutalmente decepcionada.

Ele vestiu-se em um instante, com jeans e uma camiseta preta com os quatro pequenos pôneis do Apocalipse, e, em seguida, ele a olhava acabar de se vestir, perguntando se ela faria algum tipo de jogo sedutor para atraí-lo ainda mais. Com certeza, quando ela calçou os sapatos, ela lançou um sorriso maroto.

— Isso foi divertido. — Atirando sua bolsa por cima do ombro, rebolou até ele e roçou o dedo pelo seu peito, parando em sua cintura. — Escolha interessante de camiseta.

— Isso irrita os garanhões dos Cavaleiros.

— Tenho a sensação de que você gosta de cutucar coisas perigosas com paus, não é?

— Se a vara é afiada o suficiente, nenhuma coisa é perigosa.

Ela levantou uma sobrancelha loira. — Sério?

Porque não acho que eu poderia encontrar uma vara afiada o suficiente para torná-lo menos perigoso.

— Eu não sou um perigo para você, BlaspHEME.
— Colocando os dedos em sua garganta, ele acariciou a pele sedosa sobre sua veia jugular. — Não se você for honesta comigo.

Em um instante, seu comportamento mudou, intensificou-se, quase como se ela tivesse uma personalidade dividida, e a outra tinha saído para jogar. Foi-se a médica descontraída, e em seu lugar estava uma mulher sedutora com lábios carnudos e olhos semicerrados. Suas asas delicadas alargaram para fora e se afastaram, mais uma vez, e à luz esfumaçada das arandelas de parede, ele podia ver as partículas brilhantes flutuando no ar.

Pó afrodisíaco. Ela estava tentando encantá-lo com isso. E tudo bem, de repente ele sentiu um pouco amoroso, mas não ofuscou a decepção rolando através dele que ela tão descaradamente tinha usado um truque Anjo Falso nele. Ela realmente achava que ele ia cair loucamente apaixonado por ela e, em seguida, entrar em colapso em uma pequena poça triste de dor quando ela o deixasse alto e seco?

— Eu sou o que sou, — disse ela, em voz baixa, rouca que encheu seu cérebro com fantasias com ela na frente de uma lareira. Uma fogueira, um incêndio florestal, um fogo maldito na Pits of Pain, ele não se importava. — Obrigada pela distração. Agora preciso voltar para a clínica.

Soltando o braço, ele enlaçou sua mão. Ele não ia deixá-la ferrar com ele mais do que ela já fez. — Eu diria que seria ainda melhor da próxima vez, mas não haverá uma próxima vez.

— Então estamos de acordo.

O que estava fazendo não funcionaria com ele agora que sabia o que ela estava fazendo. Raiva borbulhava, mas ele a socou para baixo, imaginando que ele tinha a vantagem agora, e uma vez que tinha, não desistiria dela.

Ainda segurando-a, ele materializou no estacionamento do Underworld General.

— Bem, — disse ela secamente, chicoteando o cabelo sobre o ombro, — Eu acho que é isso. Bom conhecer você, Revenant.

— Não, — ele disse, — não é isto. Eu ainda preciso de você com Gethel.

Agora que o Céu o havia feito uma oferta, ele precisava que Lúcifer morresse mais do que nunca. Sua morte significaria que Rev não perderia seu status em Sheoul, mas também poderia lhe obter um passe para o céu. De qualquer maneira, ele teria o poder de escolher o seu destino. Ganhar e ganhar.

Claro, isso assumindo que Blaspheme e seus amigos médicos iriam elaborar um plano para livrar os reinos de Lúcifer. Eles precisavam. A família de Eidolon estava muito amarrada a Reaver e os Cavaleiros, e não havia nenhuma maneira que eles não pudessem tramar para destruir Gethel, e com ela, o pirralho de Satanás.

Ela caminhou até a porta de vidro que levava ao pronto-socorro. — Eu lhe disse para trazê-la aqui.

— Eu não posso fazer isso.

— Então eu vou encontrar outro médico para você, — ela chamou de cima de seu ombro.

— Inaceitável.

Ela se virou, e um frio repentino infundiu sua voz. — Sim, bem, aqui está a coisa. Você pode ser um Anjo Sombra com poderes e influência que não posso sequer compreender. Mas aqui, neste centro médico, eu determino a lei. Então, vamos nos separar sem uma cena, não é?

Revenant depositou sua frustração. Ele estava acostumado a conseguir o que queria, mas, neste caso, ia recuar. Por enquanto. Mas estaria de volta, e não iria se contentar com qualquer outro médico. Não, ele não estava tão terminado com Blaspheme como ela gostaria de pensar.

A partir de agora, ele iria dirigir o espetáculo de Revenant / Blaspheme e quaisquer reviravoltas que surgirem seria orquestrada por ele, e só ele.

Blaspheme estava tremendo tanto no momento em que ela entrou no serviço de urgência do UG que sua cabeça doía e seu cérebro fazia barulho dentro de seu crânio.

Ela tinha tido relações sexuais com Revenant.

Bom sexo. É *realmente* um bom sexo.

E ele não tinha sequer encostado um dedo nela.

Quando ela caminhou pelos corredores no caminho para o escritório de Eidolon, seu corpo quente corou com as lembranças.

E, então, esfriou quando se lembrou da história que Revenant disse a ela enquanto estavam deitados no rescaldo da sua paixão. Ele era um anjo nascido e criado no inferno, forçado a se tornar algo que ele não era.

Soou familiar.

Odiava que ela pudesse ter se relacionado com ele, especialmente desde que ele admitiu ter matado *vyrm* como se não fossem nada mais do que moscas que precisavam ser golpeados. Se ele soubesse a verdade sobre ela, ele iria destruí-la com tanta indiferença?

Ele a aterrorizou quando disse que não era um perigo para ela... enquanto ela fosse sincera com ele. Então, o que ela fez? Tentou usar seus poderes de sedução sobre ele, afrodisíaco e tudo, na esperança de que o distraísse. Fazendo-o sentir algo por ela para que assim não a matasse.

Claramente, não funcionou, uma vez que ele disse que não haveria uma próxima vez.

Ela deveria ter ficado feliz com isso, mas, por algum motivo, sua rejeição a picou. Deuses, ela era uma idiota. Queria ele fora de sua vida, e mesmo assim, quando ele concordou, ela ficou chateada.

Como é que ele poderia ser tal perigo para ela,

mas, ao mesmo tempo, fazer ela se sentir segura...? Porque ela se sentiu segura com ele. Ele a salvou de um anjo assassino e, em seguida, levou-a em um lugar onde só alguém que abrigasse um desejo de morte iria tentar chegar até ela.

Então, houve a simples química entre eles. Ela estava completamente atraída por ele. Seu poder e escuridão a chamaram, mas por baixo de tudo isso, por trás da parede arrogante como mecanismos de defesa, ele era um macho que ninguém tinha amado por um tempo muito longo.

A médica nela queria curá-lo. O Anjo Falso nela queria seduzi-lo. A fêmea queria confortá-lo. O *vyrm* queria correr.

Em vez de correr, ela caminhou calmamente pelos corredores do hospital e fez uma chamada rápida para Gem, que garantiu a ela que sua mãe estava estável, mas que estava levantando o inferno com a equipe. Arremessar de coisas era ruim o suficiente, mas Deva também tentou morder uma enfermeira, ganhando uma puta dor de cabeça quando o feitiço Haven a chutou.

— Eu sinto muito, Gem, — Blas suspirou. — Eu vou falar com ela.

Ótimo. Esta era a última coisa que ela precisava.

Quer saber o que mais poderia dar errado hoje, Blas desligou quando o escritório de E apareceu, e ela o encontrou dentro, um sanduíche de presunto meio comido e uma tigela de frutas na frente dele sobre a

mesa. Seu estômago roncou, lembrando-a de que ela não comeu nada desde a metade de um muffin de farelo com seu café esta manhã.

— Blaspheme, — disse ele, olhando por cima da pilha de papéis que ele estava passando. — Você veio cedo.

— Pensei em obter uma vantagem inicial sobre o meu dia. — Ela apontou para a cadeira em frente a sua mesa. — Posso? — Em seu aceno, ela se sentou e foi direta. — Você sabia que Revenant é irmão de Reaver?

Uma sobranceira escura arqueou. — Sim.

Sim. Como se não fosse grande coisa. — E você não pensou em me dizer?

— Isso não me veio a cabeça.

— Sério? E acho que o fato de que ele é um Anjo Sombra deslizou de sua mente também?

Eidolon recostou-se na cadeira, com os olhos negros como carvão planos e frios. — Eu entendo que você está sob muita pressão agora, mas tenha cuidado, Blaspheme.

Ela se encolheu interiormente ao perceber que ela estava murmurando para seu chefe. Não só isso, ela nunca soube que Eidolon fosse injusto. Ainda assim, esta era a sua vida, e ela estava em apuros. Se tivesse que irritar algumas pessoas, que assim seja.

Bem, ela provavelmente não deveria irritá-lo.

— Eu sinto muito, Eidolon. Eu estou apenas... Eu estou em um lugar ruim agora. — Ela fechou os olhos e tentou colocar seus pensamentos em ordem.

Quando os abriu novamente, sua expressão se suavizou.
— Eu fui atacada em meu novo apartamento hoje.

Ele sacudiu para cima em sua cadeira. — Por quem?

Ela hesitou, embora soubesse que era hora de esclarecer as coisas. — Por um anjo.

— Como você escapou?

— Revenant me salvou. — Ele foi como um anjo vingador, escuro e terrível, e ainda assim ela nunca foi mais feliz em ver alguém.

— Por que ele estava lá?

Ela balançou a cabeça. — História longa. Então Reaver apareceu e eles lutaram... foi um desastre.

Eidolon jurou. — Você não pode voltar para seu apartamento.

— Eu sei. — Ela olhou para seu colo e mexia com o fecho dourado em sua bolsa Coach. Ela nunca se inquietava. — Eu posso conseguir um quarto de hotel, talvez mudar a cada dois dias...

— Você vai ficar aqui. É para isso que os quartos de plantão servem. — Ele estendeu a mão para seu telefone celular. — Vou mandar alguém buscar o que você precisa em seu apartamento.

— Eu não acho que seja necessário, — disse ela, odiando ser um caso de caridade.

— Você e sua mãe têm anjos atrás de vocês, — ressaltou ele, como se ela não tivesse conhecimento. — Agora não é o momento de tomar riscos desnecessários. O que significa que você precisa ficar longe de Revenant

e Reaver também. Infelizmente, graças às suas atualizações de poder, ambos podem entrar no hospital.

Obviamente, seus próprios pensamentos foram por esse caminho, mas por que Eidolon foi? A menos que ele soubesse a verdade sobre ela. Ela jogou de muda, testando as águas antes de colocar tudo a perder. — Por que você acha que Revenant e Reaver viriam atrás de mim?

Seu olhar escuro a prendeu. Duro. — Acho que é hora de pararmos com os jogos, não é?

Pega, tudo o que ela podia fazer era proferir um rouco — Sim.

— Bom. Agora, eu vou lhe fazer algumas perguntas, e quero algumas respostas diretas. — Em seu aceno, ele continuou. — Deva não é a sua mãe adotiva, é? Ela é sua mãe biológica.

Seu coração bateu tão forte no peito que pensou que poderia ter se ferido. — Sim, — ela sussurrou.

— Mas você não é *emins*, não é? Seu pai não era caído. Ele era um anjo.

Desta vez, não teve saliva suficiente para responder, então apenas balançou a cabeça.

— Quanto tempo antes de seu encantamento de Anjo Falso falhar?

— Como... — Ela limpou a garganta. — Como você sabe?

— Você se lembra de alguns anos atrás, quando Yuri foi um pouco longe, durante uma de suas sessões de...?

Como poderia esquecer? Um sádico completo, Yuri nutria um amor para a tortura sexual, e ele aparentemente não tinha ideia do que fosse uma *palavra de segurança*..

— Sim.

— Eu me ofereci para curá-la, mas você se recusou.

— Recusei porque se você usasse seus poderes de cura em mim, você saberia que eu não era um Anjo Falso.

— Eu suspeitei que você estivesse escondendo alguma coisa, mas não sabia o que. Então, há alguns meses atrás, você me ajudou durante a cirurgia. O demônio Slogthu eviscerada, lembra? Você estava massageando seu coração quando eu enviei uma onda de energia para ele. Naquele momento, senti o anjo dentro dele. Desde que os anjos de raça pura não podem entrar no hospital, isso significava que você era uma mestiça. Mas Anjos Falsos não pode cruzar com outras espécies, por isso eu coloquei dois e dois juntos.

Ela se sentiu mal do estômago. Tornando-o pior foi o fato de que ela só agora entendia que isso era mais do que ela e sua mãe. O conhecimento de Eidolon de sua situação poderia condená-lo à morte.

— Houve mais algum avistamento de anjo?

Ele inclinou a cabeça. — Bane confrontou um no estacionamento esta manhã. Eu curei sua mandíbula quebrada.

Ah, deuses. — Eu sinto muito, Eidolon. Eu

coloquei o seu hospital e clínica em risco, — disse ela. — Eu vou assim que eu possa arrumar minha mesa...

— O inferno que você vai. Nós precisamos de você.

— Mas a minha presença está causando problemas, e isso só vai piorar.

Ele riu. — É quase como se você não trabalhasse aqui durante décadas. Este lugar é praticamente abastecido por problema. Ou você nunca conheceu meus irmãos? E companheiras. E sogros. Eu poderia ir. — Ele empurrou o sanduíche de lado e apoiou os braços sobre a mesa, juntando as mãos quando ele se inclinou em direção a ela. — Olha, Blaspheme, nós cuidamos da nossa família aqui. Se eu realmente achar que o hospital ou clínica esteja em risco, nós vamos tomar outras providências. Mas uma coisa que não fazemos é abandonar a nossa família. Você é família, e eu não vou deixar nada acontecer com você.

Por toda a vida de Blaspheme, sua mãe tinha sublinhado que as duas eram a única família que elas tinham. Tinha acreditado. Mas em algum momento, a equipe do Underworld General tornou-se a sua família, assim, ouvindo Eidolon digamos que fez o mundo do lado de fora parecer um pouco menos assustador.

— Mas o que dizer de Reaver? — perguntou ela, falando de assustador. — Ele é a sua família também, e se ele descobrir o que eu sou, ele vai me matar.

— Nós não sabemos isso. Ele tem uma tendência a não seguir o rebanho quando se trata de protocolo.

Mas quando, e se ele souber quem você é, deixe-me preocupar com isso. Eu vou lidar com Reaver. Agora, — ele disse, — quanto tempo até que o seu encantamento desapareça?

— Poderia ser qualquer dia, — disse ela miseravelmente. — Minha mãe disse que uma vez que os meus poderes *vurm* começarem a aparecer, a minha falsa aura vai desaparecer completamente, e minha verdadeira identidade será visível para todos os anjos e anjo caído que me vê. — Ela olhou para ele. — Você está ciente de que se você me entregar será premiado com mais riquezas do que você pode contar.

— Eu sei.

— E se você não me entregar pode ser provado que você estava abrigando um *vurm* e você terá de enfrentar mais torturas que você pode contar antes que suas próprias espécies do Conselho mate você.

— Você está tentando me convencer de não ajudá-la? Porque isso não vai funcionar.

— Eu só estou me certificando de que você compreende os riscos.

— Eu era um Justice Dealer antes de me tornar um médico. Estou bem ciente das consequências de minhas ações. Então não vamos falar sobre isso novamente, não é? — No seu aceno relutante, ele continuou. — Então o que você tem planejado para renovar seu disfarce? Outro sacrifício de Anjo Caído?

Ugh. A própria ideia a fez querer gritar. — Minha mãe está planejando isso, mas não vou fazer isso.

— Por que não? — Ele apontou para o fruto, mas ela balançou a cabeça.

— Eu não vou sacrificar um inocente.

Ele arrancou uma uva da tigela. — Não há tal coisa como um Anjo Falso inocente.

— Então você está dizendo que você acha que eu deveria fazê-lo? — ela perguntou, incrédula.

— Não. — Ele bateu a uva em sua boca e mastigou lentamente antes de continuar. — Eu estou dizendo que eu entenderia se você fizesse. Você tem outro plano?

Ela soltou um longo suspiro. — Passei décadas pesquisando uma alternativa, mas não encontrei nada.

— Eu fiz uma pequena pesquisa, — disse ele, ela deslumbrou. Ele estava tentando ajudar já? — Eu não encontrei muita informação sobre *vyrm*, provavelmente porque eles são geralmente mortos antes que eles atinjam a idade adulta. Mas encontrei isso. — Ele deslizou um pedaço de papel para ela.

Ela franziu a testa enquanto estudava o escrito. — É um ritual de alteração permanente.

— Isso supostamente funciona somente em anjos caídos, mas talvez já que você é metade anjo caído, vá funcionar em você também. Aparentemente, o feitiço pode transformar um anjo caído em qualquer espécie de demônio, enquanto eles têm os ingredientes certos.

Ela continuou lendo, sua esperança crescendo... e depois caiu. — O que ele requer... não faz sentido. A essência da morte? O que diabos isso significa?

— Não sei. — Frustrado, ele passou a mão pelo cabelo curto, deixando tufo indisciplinado atrás. Se houvesse alguma coisa que Eidolon odiava mais do que não saber alguma coisa, ela não poderia dizer o que. — Mas eu não acho que o que eu encontrei foi o ritual completo.

— Onde você encontrou isso? A biblioteca do hospital? Um dos seus contatos Justice Dealer? — Ela baixou a voz, percebendo o ridículo de fazê-lo, uma vez que eles estavam em um escritório particular. Mas é melhor prevenir do que remediar. — Um mago das trevas?

Ele deu de ombros. — [DemonicSpellsdot.com.](#)⁽¹¹⁾

Ela arregalou os olhos. — Sêrio?

— Sim. — Ele estalou outra uva, e ela ouviu as sementes rachar enquanto mastigava. — Mas é apenas um trecho de um maior. Eu não pude encontrar o título, mas parece ser um livro de feitiços necromante. Tenho Wraith trabalhando nisso. Ele pode localizar praticamente qualquer coisa, mas até que ele saiba exatamente o que é, ele está procurando isso como perseguir fantasmas.

Magia necromancer não era algo a ser tratada com leviandade, mas neste momento, ela estava ficando sem opções. E, na verdade, ela conhecia certo médico demônio Seminus cujo conhecimento em necromancia e fetiche por Falsos Anjos poderiam ajudar. *Bane, amigo, você pode apenas tornar-se meu melhor amigo hoje.* Ela fez uma nota mental para lhe fazer um convite, logo que

ela terminasse aqui.

— Obrigada, Eidolon. O que você fez... isso significa o mundo para mim. Eu não sei como posso pagá-lo.

— Não morra. Isso é pagamento suficiente. — Ele se levantou, um sinal claro de que esta conversa acabou. — Sobre a sua mãe, ela pode ficar aqui também, durante o tempo que você precisar depois que ela esteja curada.

Seus olhos ardiam em sua bondade. Oh, ela sabia que uma grande parte de sua motivação era mantê-la como médica, mas ele também era leal.

— Obrigada mais uma vez, — disse ela. — Você quase me faz acreditar que eu posso sair dessa viva.

Quase.

CAPÍTULO 17

— Bem, bem, se não é o meu anjo caído favorito.

Revenant sentou-se no bar Underworld conhecido como Quatro Cavalheiros, trabalhando em sua... décima...? caneca de cerveja Pestilence enquanto ele descansava na mesa de canto e viu passear um súcubo cheia de curvas em direção a ele. Ela carregava sua própria caneca de cerveja temática Cavalheiro, Famine ale, se ele não estava enganado.

— Laylach.

Seus lábios rubis curvaram em um sorriso sedutor que ele já tinha embrulhado seu pau todo, uma ou duas vezes. Esperou que seu pênis se lembrasse e ficasse todo animado, mas não pareceu querer sair para brincar.

Lay, como ela apropriadamente gostava de ser chamada, deixou-se cair na cabine e sentou ao lado dele. Sua saia curta subiu, revelando sua falta de calcinha e muito mais. O cheiro de sua excitação tomou conta dele, mas ainda se sentia morto abaixo da cintura.

Sua mão desceu sobre sua coxa. — Quer ir para o quarto dos fundos? — ela deslizou a palma da mão até a curva de sua virilha. — Ou eu poderia fazer com você aqui.

Do outro lado da sala, outro súcubo estava fazendo exatamente o mesmo a um demônio Bathag, seus gemidos soaram através do ar quando ela lhe chupava debaixo da mesa.

— Agora não, — disse ele, mantendo os olhos fixos na entrada da frente. — Você pode me acariciar o quanto quiser, mas não é por isso que eu estou aqui.

— Sim? Por que você está aqui, então?

Ele agarrou seu pulso e empurrou-o em seu colo.
— Nunya.

Ela franziu a testa. — Nunya?

— Sim. Nunya, negócio. — Em outro estande um Oni macho corpulento tinha se juntado, ao casal, levantando a súcubo no banco para que ele pudesse transar com ela enquanto ela chupava o Bathag. Os clientes no bar estavam retorcendo e fazendo comentários irreverentes, e tinha a sensação de que uma orgia estava prestes a começar.

Seria a segunda da noite.

Ele devia estar em um frenesi sexual agora, mas caramba, tudo o que podia pensar era em Blas e como ela tinha provado. Como ela tinha sentido. Como ela gemia quando gozava.

Agora seu pênis se juntou a festa, e Lay, não costuma desperdiçar uma sugestão, tinha lhe desempacotado e foi acariciá-lo num piscar de olhos. Por um momento, ele fechou os olhos e a deixou trabalhar nele, seu perito toque o acelerou em um instante.

Mas ela cometeu o erro de sussurrar em seu

ouvido, dizendo o quanto ela queria chupá-lo. Mas a sua oferta não foi o erro. Seu erro foi que ela não era um anjo falso chamado BlaspHEME.

Foda-se, ele estava mal. Sim, ela era sexy, loquaz e linda de morrer. E tinha um traço de decência nela que o atraía, o fez querer ser decente também. Mas também era de uma espécie que usava artifício para satisfazer as suas necessidades, e por todas as contas, nenhum Anjo Falso jamais se estabeleceu com um único macho. Mesmo quando acasalava com um Anjo Falso macho para fins de reprodução, só ficavam juntos até eles conceberem.

E por que diabos ele estava mesmo pensando sobre isso?

Rosnando, ele empurrou Laylach para longe, fechou o zíper, e afastou antes que ela percebesse que ele ia desinflar em cerca de dois segundos.

— Desculpe, — disse ele com a voz rouca. — Eu te disse. Não estou aqui para isso.

Ela fez beicinho lindamente. — Talvez na próxima vez?

— Claro, querida, — disse ele vagamente. — Próxima vez.

Ela sorriu, satisfeita com a resposta, agarrou a cerveja, e se dirigiu para o seu próximo alvo. Quando ela se aproximou de um Ramreel no final do bar, a porta da frente abriu, e o demônio que ele esperava entrou.

O Orphmage, um demônio Neethul poderoso o suficiente para ganhar o status de mago pessoal de

Satanás, avistou Revenant instantaneamente e se aproximou. — Estou surpreso que você quisesse me encontrar aqui, — disse Gormesh. — É muito público.

E foi exatamente por isso que escolhera este local. A palavra deste encontro voltaria a Satanás, e ele queria ter certeza de que não parecesse que estava tentando esconder alguma coisa.

Uma pontada de dor atravessou sua cabeça, Satanás estava enviando uma intimação. Não era urgente, a dor aumentaria à medida que a urgência crescesse, e agora era apenas um aborrecimento. Mas ainda assim, o momento era curioso.

Gormesh se sentou em frente à cabine de Rev e mostrou a boca cheia de dentes afiados, brancos. — Você sabe que eu não me encontro com alguém fora da minha residência. Eu quase não vim.

Revenant bateu com o punho na mesa, assustando o bastardo arrogante. — Não brinque comigo, — ele rosnou. — Você estava salivando sobre a oportunidade de se encontrar com um Anjo Sombra para ver o que eu queria. Então, vamos cortar a merda.

O sorriso desprezível de Gormesh fez Rev querer arrancá-lo de seu rosto. — Vamos fazer isso, então. O que é que você quer de mim?

— Informações. Eu quero saber o que você fez para Gethel para acelerar o nascimento de Lúcifer. — Na verdade, não dava a mínima. Mas a única maneira que ia obter as informações que precisava era fingir que isso era sobre a anjo caído grávida.

— Ah. — Laylach chamou a atenção de Gormesh, e ele a olhava liderar o Ramreel de volta a sala enquanto ele inclinou para trás em sua cadeira. — Foi um feitiço sangue. Mas não deu certo, graças a interferência dos arcanjos.

— Seu feitiço fez alguma coisa, — disse Rev. A orgia do outro lado tinha ganhado mais dois participantes. Alguém teria que desinfetar aquela mesa. — Lucifer está o dobro do tamanho que ele devia estar.

Gormesh deu de ombros. — O que você quer que eu faça?

— Quero saber se isso significa que ele vai nascer em breve, ou se ainda há três meses.

— Eu não faço ideia. Gethel tem que procurar um médico.

— Caramba, — Rev disse lentamente. — Eu não tinha pensado nisso.

— Não há necessidade de ficar irritado. — O ar se tornou carregado de sexo, tangível o suficiente para Rev sentir isso patinar em sua pele em um formigamento elétrico. Gormesh sentiu também, e começou a se esfregar através de sua calça de musselina. — Só estou dizendo que eu não posso dizer quando Gethel vai deixar cair o pequeno bastardo.

Merda. Revenant não estava pronto para tomar quaisquer decisões precipitadas em relação a entregá-la a Reaver, mas definitivamente não queria adiar e arriscar que ela desse à luz antes que ele pudesse decidir se, quando e como ele a levaria a Reaver.

Neste momento, a única coisa que tinha certeza era que se escolhesse entregar Gethel, ele a levaria para o Céu em seus próprios termos, e não porque um bando de arcanjos idiotas disse que iria purificar seu sangue em troca dela.

— Ela teve um check-up pré-natal dois dias atrás, — disse Revenant quando Gormesh ficou mais sério com as carícias. — Os testes revelaram uma substância desconhecida em seu sangue. Sabe o que pode ser? E coloca seu pênis em suas calças antes que eu o corte e alimente o garanhão do inferno lá fora.

Xingando baixinho, Gormesh empurrou seu pau de volta dentro de suas calças. — Foda-se, se eu sei. O médico acha que isso está a prejudicando?

Apenas a palavra, médico, deixou seu pau duro. Blaspheme chegou de uma forma muito profunda, sob sua pele.

Revenant se colocou em uma posição mais descontraída, dando Gormesh a impressão de que a próxima pergunta não significava nada para ele, quando o oposto era verdade.

— Os médicos estão perplexos. Se isso a está prejudicando, você sabe se isso pode ser removido? O seu sangue pode ser purificado?

Revenant não dava a mínima se o sangue de Gethel poderia ser purificado. Isso era tudo sobre ele. Se puder purificar seu próprio sangue da mancha de Satanás, então ele não precisava da porra dos arcanjos para fazê-lo. O que significava que não poderia

chantageá-lo, e ele poderia ir ao Céu, tanto quanto ele quisesse.

Sim, vai ser ótimo ir às pessoas que não querem você lá.

Então o que? Ele não tinha necessidade de ser querido. Precisava tomar o que era seu, se ou não os arcanjos aprovassem.

Gormesh lançou um olhar de saudade na orgia na outra cabine. — Purificação depende do que é a substância.

Revenant olhou para o Orphmage sobre a borda da caneca de cerveja. — E se é sangue?

— Ela tem sangue em seu sangue?

O idiota estúpido. — E se ela bebeu sangue de Satanás?

O olhar de Gormesh estreitou e Revenant começou a suar. — É claro que ela ingeriu o seu sangue. Ele fazia parte do ritual necessário para preparar o seu corpo para hospedar Lucifer.

— Como você sabe?

— Porque eu estava lá, — disse Gormesh, uma leve sugestão de um sorriso que deslocou até seus lábios azulados.

— Quando Lúcifer foi concebido?

Gormesh estendeu a mão para sua virilha novamente, mas sabiamente empurrou a mão. — Sim.

Ok, agora que eles estavam chegando a algum lugar. — Ela pode ser limpa do sangue de Satanás?

Diga que sim. Por favor, diga sim.

— Não.

Decepção azedou sua cerveja. Merda poderia muito bem ser vinagre. — Você tem certeza?

Gormesh rosnou. — Sou o mago mais poderoso que jamais existiu. E quando eu digo isso, eu não quero dizer em Sheoul. Quero dizer em todos os três reinos. — Ele se inclinou para frente, batendo as mãos sobre a mesa. O cara ficou irado. — Nem mesmo o céu tem um anjo que pode usar magia, assim como eu. Então me questiona novamente em seu próprio risco.

Revenant riu suavemente, seu corpo lânguido do álcool, mas sua mente estava clara. — Você se lembra de quem eu sou.

O Orphmage, embebido em seu ego alimentado pela magia sexual no ar, zombou. — Mesmo você não pode superar a minha capacidade de controlar o ambiente. O seu poder é de âmbito limitado, enquanto o meu é... — Ele cortou em um chiado estrangulado quando o poder limitado de Revenant estrangulava o idiota.

Revenant ainda não tinha movido um músculo. Não achou que ele poderia, dado o efeito relaxante da cerveja Pestilence.

— Ontem mesmo, eu estava no Arcanjo Hall e enviei um arcanjo para Sheoul-gra. Um arcanjo. Você sabe o que é um arcanjo, estúpido? Enviei-o para o cemitério demônio guardado por Hades e o Grim Reaper levou menos esforço do que conseguir uma ereção. — Ele apertou a garganta de Gormesh mais forte. — Agora,

você realmente quer ver qual pau é maior?

Os olhos cinzentos de Gormesh estavam inchados e selvagens. — Não, — ele chiou.

— Bom. Você é mais esperto do que parece. — Revenant soltou Orphmage, que agarrou seu pescoço e puxou grandes golfadas de ar. — Vamos tentar isso de novo. Tem certeza que o sangue de Gethel não pode ser purificado do sangue de Satanás?

Gormesh tossiu, ainda segurando seu pescoço com ternura. — Sim.

— Como você sabe?

O Orphmage hesitou por um instante. — Porque eu tentei em seu pai.

— Você... o que? — Rev balançou a cabeça, incapaz de processar isso. Por fim, ele resmungou, — Sandalphon morreu na batalha quando minha mãe foi capturada.

— Tecnicamente... não, ele não morreu. — Gormesh sinalizou a garçonete por um War Lager. — Seu pai foi gravemente ferido. Morrendo. Ele foi levado para Satanás, que decidiu fazer uma experiência. Ele forçou seu pai a beber seu sangue. Sandalphon se curou, foi submetido a torturas horríveis e experiências, e então eu fui trazido para tentar remover a mancha de sangue de Satanás. — Antes que pudesse perguntar por que, Gormesh levantou a mão para detê-lo. — O sangue do Príncipe das Mentiras transformou seu pai num escuro. Satanás queria mandá-lo para o céu como um espião, mas precisava ter certeza que a mancha não

pudesse ser removida. O anjo que traiu seus pais a Satanás se juntou a mim em meus esforços para remover a mancha, mas não conseguimos fazê-lo. A tentativa o matou. Tentamos novamente com um Seraphim capturado, desta vez o deixamos retornar anjo para o céu, mas depois ficamos sabendo que um processo de purificação que os arcanjos usaram o matou também. Eu lhe asseguro, remoção de sangue de Satanás é impossível.

Revenant não podia acreditar no que estava ouvindo. Seu pai forçosamente se transformou em mal, e depois ele morreu em Sheoul, assim como sua mãe... O que significava que a sua alma estava sofrendo o tormento eterno no inferno, incapaz de sair e se juntar a todas as outras almas angélicas no Hall of Heroes do Céu. E tudo porque ele foi traído por alguém que ele confiava.

— Quem é esse anjo que traiu minha mãe a Satanás? — Ele grunhiu. A pele que cobre as âncoras de suas asas coçava como o desejo de espalhá-las e achar o bastardo que os traiu.

Ele acabou de escolher seu sacrifício angelical a Satanás.

Gormesh coçou o queixo, pensativo. — Ba'addon. O pai de Raphael.

O pai de Raphael estava prestes a morrer uma morte horrível. Raphael seria o próximo. Todos os arcanjos seriam o próximo. Mentiram para ele sobre a limpeza de seu sangue para que ele pudesse permanecer

no Céu. Porra, eles mentiram.

Seu sangue começou a ferver, literalmente, fazendo com que sua pele emitisse vapor e estalasse. Teve que se esforçar para se acalmar. Fúria só levantaria suspeita sobre por que ele estava tão irritado, e certamente não o ajudava a obter quaisquer respostas de Gormesh se ele explodisse o pub e todos nele.

— Por que Ba'addon traiu o Céu assim? — Ele rosnou. O Céu sabe? Onde ele está?

Gormesh agitou seus dedos manchados de sujeira enquanto falava. Um dedo — Ele está morto. Satanás o matou. — Dois dedos. — Eu duvido que Deus saiba o que ele fez. — Três dedos. — Tenho certeza de que ele não viu o que fez como uma traição. Ele queria poder. Prestígio. Ele acreditava que o nome dele, Ba'addon, era uma forma de Abaddon, o anjo profetizado para fazer a batalha com Satanás. Ao trazer seus pais para o Lorde das Trevas, Ba'addon pensou que poderia chegar perto o suficiente para fazer isso. Seus ossos agora compõem a sede do trono de Satanás.

Conveniente, Rev supôs, que o anjo que traiu seus pais agora apoiasse a bunda de Satanás.

Abalado com o anúncio, mal podia encadear palavras coerentes para sua próxima pergunta. — Mas... por que todo mundo acha que meu pai morreu na batalha?

— Porque nós devolvemos o corpo para ao local da batalha com uma mensagem que nós tínhamos a sua mãe. — Gormesh lançou outro olhar faminto na orgia, e

Revenant decidiu que ele tinha o suficiente. De Gormesh. De Sheoul. De meias-verdades e totais mentiras.

Ninguém, apenas sua mãe foi honesta com ele e, de repente, ele precisava de conforto, tanto quanto precisou dela quando criança.

E ele sabia exatamente onde obtê-lo.

CAPÍTULO 18

Eidolon tinha acabado de colocar seu filho para dormir quando Reaver chegou. E coisa boa foi que ele bateu de leve em vez de usar a campainha. Depois de uma hora explosiva, gritaria exaustiva da criança, Eidolon estava grato por ter conseguido que o menino adormecesse. Mataria quem o acordasse.

— Ei, cara, — disse Eidolon quando conduziu Reaver para a cozinha. — Obrigado por ter vindo.

Reaver se sentou em um banquinho do balcão no bar. — Você disse que era importante. E eu sempre gosto de conviver com Sabre. — Ele olhou em volta. — Onde está o pequeno bárbaro?

— Cochilando. E se você acordá-lo, você vai lidar com ele.

Reaver sorriu. — Justo. Onde está Tayla?

— Ela deve estar em casa em duas horas. Ela está fora com Kynan e Decker investigando uma suspeita de ataque Soulshredder no Missouri.

— Então, ela ainda está com DART^[12], hein? Não

voltou com o Aegis?

Eidolon balançou a cabeça. — Mesmo com os principais líderes Aegis mortos, a organização tem ido por um caminho escuro. Matar demônios primeiro e perguntar depois. Tay diz que O Aegis está perdido pela corrupção e extremismo. Mas a boa notícia é que a DART está crescendo como desertores do Aegis que encontram espaço na organização.

Na opinião de Eidolon, O Aegis sempre foi uma causa perdida, tão secreta e cheia de ódio que eles não podiam ver que nem todos os demônios eram maus. A DART começou com desertores Aegis e trabalhando em conjunto com as autoridades policiais humanas, operando como uma unidade CSI demônio, investigando suspeita de atividade demoníaca e eliminando as ameaças verificáveis para a humanidade. Demônios considerados inofensivos foram deixados de lado.

— Bom. — Reaver assistiu o furão de Tayla, Mickey, ele traçou através da cozinha e deslizou sob a cristaleira na sala de jantar. — Eu ouvi algumas fofocas hoje. Sobre Idess e Lore.

Foi a vez de Eidolon sorrir. — Nós a engravidamos.

— Nós?

— Bem, nós não sabemos quem é o pai ainda, mas, sim, nós fizemos o procedimento na semana passada.

Lore, irmão mestiço de Eidolon, era estéril, mas ele desesperadamente queria filhos com sua

companheira, Idess. Então Eidolon e seus outros dois irmãos, Wraith e Shade, haviam doado esperma, e Eidolon os implantou profundamente dentro do útero de Idess. Todos concordaram que não importa quem seja o pai biológico, a criança seria criada por Idess e Lore.

Reaver levantou uma sobrancelha loira. — Eu sei que um demônio Seminus não pode ter orgasmo sem que seja, ah, dentro de sua fêmea, assim como...

Eidolon riu do desconforto do anjo. — Nossas companheiras tiveram que ajudar. Existem soluções alternativas. — A memória da boca quente de Tay trabalhando fez seus lombos agitar, e caramba, agora ele esperava que ela chegasse a casa muito mais cedo do que duas horas.

— Você sabe, — Reaver disse, — há dez anos eu nunca teria previsto que suas vidas se transformariam dessa maneira.

— Confie em mim, — Eidolon murmurou. — Estou tão chocado quanto você.

O cão de Eidolon, Mange, trotou dentro da cozinha e farejou em torno do aparelho de porcelana de seu amigo. Às vezes, como agora, ele não podia acreditar que tinha um cachorro, um furão, um filho e uma companheira, e ele só podia agradecer os poderes constituídos que lhe foi dado sorte de ter tal presente.

O sorriso de Reaver desapareceu, e ele apoiou os antebraços sobre a bancada. — Então por que você me pediu para vir aqui?

Eidolon suspirou. Hora de voltar para o mundo

real. — O que você sabe sobre *vyrm*?

Reaver piscou. — Você tem um paciente *vyrm*?

— Não. — Eidolon deixou por isso mesmo. Confiava em Reaver com sua vida, mas não estava certo de que confiasse nele com a vida de alguém cuja espécie era caçada impiedosamente. — Mas como você sabe, este é um assunto delicado.

Reaver assentiu. — *Vrym* é conhecida por olhar nos olhos de um anjo ou anjo caído, e um momento depois, todos em sua família caem morto. Você pode ver porque eles são caçados. — Ele se mexeu, enganchando um pé em um degrau do banquinho. — Mas eu nunca cacei um, muito menos matei um. *Vrym* é produto do bem e do mal, o que significa que eles têm uma chance maior do que a média em não se tornarem canalhas maus. Por isso, eles não devem ser mortos por causa das habilidades que podem usar.

— Fico feliz em concordar com isso. — Eidolon respirou e continuou. — Você pode me dizer como eles podem se disfarçar? Sem um sacrifício.

— Sem sacrifício? — Reaver soltou um assobio. — Eles precisam de um feitiço malditamente potente, e não importa o que, eles precisam de sangue ou uma parte do corpo de alguém incrivelmente poderoso. Alguém com qualquer anjo ou anjo caído em sua composição genética. Vou ver o que posso descobrir.

— Obrigado. — Eidolon sentiu os pés minúsculos de Mickey escorregar sobre seus sapatos. — Então... o que está acontecendo com o seu irmão?

Reaver amaldiçoou baixinho. — Sei lá. Ele está machucado e amargo e, francamente, eu não sei o quanto eu posso confiar nele. — Sua voz abaixou com raiva. — Acho que ele pode entregar Gethel para mim, mas então... Eu não sei. Não deve ser um pedido. Ele só deve fazê-lo. Depois de tudo o que Satanás fez com ele e nossa Mãe, por que diabos ele mesmo se diverte com a ideia de jogar para a equipe do mal?

— Talvez porque o time bom nem sempre é... bom. Eu odeio dizer isso, amigo, mas pelo menos você sempre soube que nunca deve confiar no mal. Mas você sabe melhor do que ninguém que o Céu tem uma agenda, e se a sua não corresponder a deles, você está ferrado.

Reaver deu um murro no balcão, com os olhos faiscando de raio azul. — Não importa. Os arcanjos lhe deram uma saída. O Céu tem seus problemas, mas ainda é infinitamente melhor do que Sheoul.

Eidolon amava Reaver como um irmão, mas o anjo, por vezes, se perdia dentro de sua própria visão fechada.

— Você está ciente de que Wraith cresceu em uma situação semelhante à de Revenant, e por muito tempo depois que ele escapou, ele não sabia o seu lugar no mundo. As pessoas que deveriam ter se importado com ele o machucaram. — Eidolon atirou uma caixa vazia de biscoitos de criança no lixo. — Por quase cem anos, ele manteve todos a uma distância e sempre tomou o caminho de menor resistência. Parece que

Revenant está fazendo o mesmo, olhando para o caminho menos doloroso para sua sobrevivência.

Reaver bufou. — Por que você está defendendo ele?

— Porque eu gostaria que alguém tivesse feito isso por Wraith.

Xingando, Reaver esfregou a tatuagem de caduceu do Underworld General que ele recentemente tinha feito em seu bíceps devido a uma aposta perdida com Eidolon. — Como você lidou com Wraith quando você fez, contanto?

Mange cutucou a mão de Eidolon, exigindo um bom arranhão atrás das orelhas. — Wraith... foi um desafio.

— Eu sei. Eu estava lá. Ainda não consigo acreditar que ele está mesmo vivo, muito menos se estabeleceu com uma companheira e uma criança.

— Ninguém está mais surpreso com isso do que eu. — Eidolon tirou uma garrafa de sua cerveja belga favorita da geladeira e a jogou para Reaver. — A chave foi encontrar algo que ele se importava o suficiente a ponto de mudar a sua vida.

— Serena.

— Sim. — Ele deu de ombros. — Olha, eu não tenho um monte de conselhos quando se trata de irmãos insanos. Eu não me saí tão bem com Wraith ou Roag. Pelo menos Wraith ainda está vivo. Mas posso dizer que a raiva de Revenant provavelmente vem do medo. O medo da rejeição, medo de ser ferido, o medo

do desconhecido. Se você puder identificar o medo, você pode passar por isso.

— Abandono.

— O que?

— Eu tenho certeza que Revenant tem problemas de abandono. E ele é obcecado com regras. Não faço ideia do motivo. — Ele tomou um gole de sua cerveja. — Mas, porra, E, eu não sei se eu posso sempre confiar nele. O sangue de Satanás corre em suas veias. Ele foi criado em Sheoul e tem cinco mil anos de história ruim atrás dele.

— Você não pode dizer quase o mesmo sobre Harvester?

— Sim, mas ela sempre trabalhava para o bem maior.

— E ainda assim ela era um anjo caído, onde Revenant é um anjo.

— Então, Raphael, — Reaver rosnou. — E ele é um bastardo. Anjo não é um código para o bem.

— Tudo o que eu estou dizendo é que eu quase desisti de Wraith uma ou duas vezes. Teria sido um erro. Até que você saiba com certeza que Revenant está além da salvação, você não pode desistir. — Eidolon deixou Reaver mastigar isso por alguns minutos antes de dizer: — Dito isso, eu estou um pouco preocupado com o seu relacionamento com a Blaspheme.

— Sim, eu já tenho percebido este desenvolvimento perturbador. — Reaver enfiou a mão pelo cabelo, que caiu de volta no lugar em ondas

douradas perfeitas. — Eu não tive a chance de avisá-la para não se meter com ele. A última coisa que ele precisa é de um envolvimento emocional com um Anjo Falso. Ele poderia matá-la.

— Isso não é o que está acontecendo, — Eidolon disse suavemente.

— Você tem certeza?

— Sim. — Eidolon se abaixou para Mange novamente, mas Mickey escolheu aquele momento para passear em torno do aparelho de porcelana e beliscar a cauda do cão. Os dois decolaram como um tiro, e agora era só uma questão de tempo antes de ouvir o barulho de móveis. — Ele está obcecado por ela, e ela é a única que ele vai permitir tratar Gethel.

A mão de Reaver congelou com a garrafa de cerveja a meio caminho da boca. — Diga-me que você não se limitou a me dizer que um médico do Underworld General está dando assistência médica ao monstro do mal que tentou assassinar o meu neto. — A garrafa na mão de Reaver quebrou, pulverizando cerveja e sangue de anjo por todo o balcão.

— Acalme-se, homem. — Eidolon pegou o rolo de papel toalha. — Você sabe que eu não iria autorizar sem uma boa razão.

— Estou à espera.

Eidolon limpou a bagunça enquanto ele falava, esperando que o anjo não quebrasse algo pior, como sua cabeça.

— Blaspheme realizou um breve exame e obteve

uma amostra de sangue. Ela não chegou a tratar Gethel, e se alguma coisa, ela deu as piores orientações para a cadela, em vez de melhorá-la. — Ele encontrou o olhar safira firme de Reaver. — Isso nos dá a oportunidade de chegar até ela. Não podemos deixar isso passar, por isso, se você tiver alguma ideia brilhante, agora é a hora de compartilhar.

O silêncio se estendeu enquanto Reaver coçou o queixo. — Há alguns séculos, — disse ele lentamente, — o Céu experimentou algo chamado solarum. Eles esperavam usá-lo para acabar com o mal em uma escala maciça. Infelizmente, é impossível produzir solarum rapidamente ou em grandes quantidades, por isso eles desistiram. Mas, para algo como isto... — Ele balançou a cabeça, como se estivesse falando para si mesmo. — Você está dizendo que você pode chegar perto de Gethel?

— Se Revenant me levar.

— E se ele não o fizer? Se ele insistir que Blaspheme seja o médico de Gethel?

— Seria escolha dela se deve ou não, ela quer ajudar a destruir Lúcifer.

Reaver deu um aceno relutante. — Concordo. Mas você entende que qualquer um que ajuda Gethel e sua cria profana será considerado meu inimigo.

— Entendido, — disse Eidolon.

Reaver fez o menor gesto com a mão, e o sangue, a cerveja e o vidro quebrado desapareceram. — Eu... — Ele parou de falar com uma maldição. — Falando de inimigos, tenho que ir. Revenant está no céu de novo.

CAPÍTULO 19

O céu era enorme. Vasto até mesmo além da compreensão de Revenant. Também era bonito. Rev se sentiu quase triste enquanto passeava por um campo verdejante pontilhado com árvores floridas e emoldurado por montanhas cobertas de neve, suas pegadas deixavam para trás gramas morrendo e flores em decomposição. Enquanto observava, a propagação da decadência se perguntou se elas continuariam a existir depois que ele saísse. Será que o dano que estava causando com a sua presença seria reparado quando ele se fosse, ou o céu ficaria permanentemente maculado por seu mal?

Quando ele olhou para uma águia que sobrevoava, ele sentiu um formigamento na parte de trás do seu pescoço, sabia que Reaver tinha chegado para expulsá-lo. O lado positivo, o alerta da presença de Reaver foi muito melhor do que a dor de cabeça perfurante de Satanás, o que parecia ter sido cortada pela barreira Celestial. Com estilo.

— O que você está fazendo aqui Revenant? — A voz de Reaver veio de trás dele.

Revenant não se virou. — Caminhando.

Reaver apareceu vários metros na frente dele,

olhando ofensivamente angelical com calça cinza escuro, uma camisa azul, e suas asas de vinte e quatro quilates, arqueadas imperiosamente por trás de seus ombros. — E você não poderia ter feito isso na Terra ou no Sheoul?

Rev estalou suas próprias asas, imaginando que serviria muito bem se a briga de galos começasse. — Por que eu deveria? Tudo isso me pertence também, não é? Eu sou um anjo, depois de tudo, igual a você. — Ele parou a alguns metros de distância de Reaver e esperou o inevitável, *Você não é igual a mim.*

Assim, ele ficou surpreso quando seu irmão gêmeo se virou para olhar para as montanhas. — Você já tomou uma decisão a respeito Gethel?

— Sim.

— E?

Revenant esperou até Reaver se voltar para ele. Ele queria ter certeza que seu irmão sabia que isso não era um truque de besteira para torcer mais promessas fora dos arcanjos. Que este não era um jogo. Rev sempre foi um jogador, e não ia mudar agora que sabia que ele era um anjo.

— Eu não vou entregá-la para os arcanjos.

Reaver fechou os olhos. — Então, não somos iguais, — ele murmurou.

— Não, merda. Um de nós não está contaminado pelo sangue de Satanás.

Os olhos de Reaver se abriram, suas profundezas faiscaram. — Isso não tem que ser assim! Os arcanjos...

— Mentiram! — Revenant gritou. — Eles

mentiram para mim sobre purgar o sangue do meu sistema em troca de Gethel.

A surpresa brilhou na expressão de Reaver, mas isso se foi um momento posterior. Acho que ele não estava tão chocado que arcanjos mentissem.

— Eles me deram a sua palavra. Não vou deixá-los dar para trás, — disse ele. — Nem Metatron.

— Metatron, — Rev assobiou. — O nosso tio amoroso sabe sobre este acordo?

Reaver franziu a testa. — Eu não sei. Por que você acha que eles estão mentindo?

— Porque fazer um acordo com arcanjos foi besteira, — ele retrucou. — Eles trouxeram a oferta para a mesa sabendo o tempo todo que eles não poderiam honrar a sua parte do acordo. Purificar o meu sangue não pode ser feito.

Reaver fez uma careta. — Você tem certeza?

— Você acha que eu estaria chateado se não tivesse? — Ele esmagou as pétalas delicadas de uma flor amarela sob sua bota, na esperança de obter alguma satisfação em destruir alguma coisa, mas tudo o que fez foi fazer ele se sentir um lixo. — Eles armaram para mim. Se eu tivesse trazido Gethel para você, ou a eles, não há lugar no universo onde eu pudesse me esconder de Satanás. E você sabe muito bem que os arcanjos não vão me oferecer um santuário no Céu se a minha presença mata tudo ao meu redor.

Reaver olhou tristemente para a flor destruída como se Rev tivesse abatido um cordeiro. — Tem que

haver algo que podemos fazer.

Revenant soltou um riso amargo. — Estou aberto a sugestões.

— Vamos trabalhar juntos nisso.

— Trabalhar em conjunto? Por quê?

— Porque nós somos irmãos.

— Sério? É isso aí? Estamos separados por nascimento e cinco mil anos. Somos irmãos tanto quanto Genghis Khan e Elvis seriam.

— Isso é uma porcaria, e você sabe disso. — A voz de Reaver foi quase gritada agora. — Somos irmãos, e nós podemos superar qualquer coisa. Eu assisti a relação dos irmãos SEM quase destruída por sua própria luta interna uma vez, mas eles conseguiram puxar sua merda juntos e agora eles estão mais juntos do que nunca. O vínculo entre irmãos não é algo a ser tomada de ânimo leve. Você viu o que aconteceu com Reseph.

Isso foi uma merda. No momento em que o Selo de Reseph quebrou Revenant ainda não era Observador dos Cavaleiros, e ainda acreditava que era um anjo caído, então torcia pela equipe do mal quando Reseph se tornou Pestilence. A Equipe Mal tinha perdido, mas o preço da vitória para os Cavaleiros foi alto. Eles ainda estavam consertando cercas, mas não tinha certeza de que ele e Reaver pudessem fazer o mesmo.

— Você diz que nós podemos superar qualquer coisa, — disse ele. — Mas como é que eu vou superar o fato de que nós não estaríamos nesta situação se não

fosse por você. Foram suas ações, por duas vezes, que causaram a nossa perda de memória. E então, por cinco mil anos de merda, eu fiz coisas que iria derreter sua auréola. Então me diga, querido irmão, como podemos superar isso.

— Nós não podemos superar qualquer coisa até que nos falamos, — disse Reaver, soando como um maldito conselheiro de relacionamento. — Nós temos duas coisas que nos arrependemos. Nós dois fomos enganados por arcanjos. Nós dois perdemos nossos pais. Temos mais coisas em comum do que não.

As bonitas palavras de Reaver não mexeram com ele. — E, no entanto, apenas um de nós pode ficar neste lindo prado e não matar tudo o que toca.

Reaver enfiou a mão por sua juba perfeita. Apenas por ser um burro, Rev mudou a cor do cabelo para combinar.

— Por que aqui? — perguntou Reaver suavemente. — Por que você escolheu este lugar, especificamente?

— Porque a nossa mãe costumava falar sobre isso. — Ele fechou os olhos como se quisesse calar a memória, mas parecia que a questão tinha destravado a porta que Rev preferiria não abrir. — Às vezes, depois de ter sido espancado por qualquer infração que um menino poderia cometer, ela tentava me distrair da minha dor com histórias de beleza do Céu. Este, o Prado de Azna, era um de seus lugares favoritos para andar quando ela estava grávida de nós.

Reaver ingeriu. Olhou para a paisagem com renovado brilho em seus olhos. — Ela falava sobre o nosso pai?

— Logo antes de morrer, ela disse que Sandalphon era um grande guerreiro, e que ele teria sido um pai ainda melhor. Ela disse que eles costumavam sentar neste prado e planejar nosso futuro. Ele fez berços para nós dois, e jurou nos proteger de todo o mal. — Revenant rosnou. — Ele foi um mentiroso. Igual aos arcanjos.

— Às vezes é impossível proteger aqueles que amamos. — O arrependimento na voz de Reaver diluiu um pouco a ira de Rev. Os próprios filhos de Reaver foram criados sem ele, e com exceção de Thanatos, suas vidas foram menos do que o ideal, no caso de Reseph e Limos foram horríveis.

À distância, cantos líricos soaram com uma canção de ninar, sua canção um tilintar zumbido no ar fresco. As memórias de Revenant colidiram com tanta força que ele tropeçou. Sua mãe tinha colocado palavras para sintonizar os líricos quando ela o abalava para dormir.

— Revenant?

A voz de Reaver soou no fundo enquanto Revenant afogava em memórias tão poderosas que não conseguia respirar. A voz de sua mãe era mágica, tão pura que, quando ela cantava, até os demônios nas celas próximas a eles choravam e os guardas paravam em suas posições para ouvir.

O luar e luz do sol, as nuvens e os mares, toda a parte de muitos mundos que eu quero que você veja. Não tenha medo do desconhecido, nem as profundezas da noite, pois nada pode prejudicá-lo quando te abraço apertado.

A respiração de Revenant estourou dele em uma corrida angustiante. Assim como sua mãe cantara essas palavras a ele, ele cantou para ela quando ela estava morrendo em seus braços.

Ele olhou para o belo prado, agora cheio de marcas pelo apodrecimento de seus passos. Ele veio aqui para encontrar algo de sua mãe... E ele tinha.

Mas sua presença envenenara seu amado prado. Não conseguia parar de machucá-la, poderia? Ela ficou presa por causa dele. Torturada por causa dele. Assassinada por causa dele.

E agora, seu lugar favorito no universo foi arruinado. Por causa dele.

Estava na hora de encarar os fatos. Ele não é do céu, e ele nunca seria.

Piscando para clarear a visão aguada, ele se recompôs, cavando fundo em seu poço sem fundo de ódio.

— Diga aos arcanjos que fiz a minha decisão.

— Rev, não...

— Eu não vou entregar Gethel. — Não, ele se certificaria que Lucifer morresse no útero de Gethel, e, em seguida, ele governaria Sheoul ao lado de Satanás. — Eles podem ir se foder.

Com isso, ele brilhou fora do Céu.
Para Sempre.

CAPÍTULO 20

Blaspheme tinha acabado de passar a noite mais miserável em uma cama ao lado da mãe na sala de plantão. Em seguida, a água do chuveiro estava apenas morna. Agora, o secador de cabelo não funcionava. Ela ia gritar.

O lado positivo era que sua mãe estava ficando mais forte. Eidolon tinha dado pessoalmente a ela uma verificada ontem à noite, e enquanto ele estava preocupado que os danos internos causados pela arma *grimlight* ainda pudessem causar problemas, ele percebeu que se ela continuasse a melhorar, estaria pronta para receber alta em uma semana ou assim.

— Blaspheme, — sua mãe gritou através da porta do banheiro. — Seu bip está apitando.

— Obrigada mãe, — ela murmurou.

— O que você disse?

Blas levantou a voz. — Eu disse, obrigada, mamãe!

— Você não tem de gritar.

Blaspheme encostou a cabeça no espelho. Como elas ocupariam não só o mesmo espaço, mas o mesmo espaço minúsculo por sei lá quanto tempo?

Prendeu o cabelo, tinha que começar a trabalhar. E daí se era uma hora mais cedo? É possível que ela

possa trabalhar um turno extra hoje à noite também.

Ela pegou uma toca verde que combinava com o jaleco e prendeu o cabelo molhado em um rabo de cavalo alto. Depois de escovar os dentes, ela deslizou para a sala de plantão do tamanho de uma caixa de pão, onde sua mãe estava chutando a cama e assistindo *The Today Show*.

— Acalme-se hoje mamãe, — disse ela. — Você ainda está se curando. Não ofenda mais a equipe.

— Então, você não devia ter arruinado meus planos para interceptar o Anjo Falso.

Blas cerrou os maxilares, fechou tão apertado os dentes até latejaram. — Eu tenho que trabalhar com essas pessoas, mãe, — fundamentou. — Então, se comporte. Eu vou trazer o almoço.

Deva silenciou Al Roker⁽¹³⁾ com um clique impaciente com o controle remoto. — Eu não posso ficar aqui para sempre.

— E você não pode ir para casa, — Blaspheme apontou.

Sua mãe revirou os olhos. — Eu tenho muitos amigos com quem eu posso ficar.

— E você está realmente disposta a arriscar a vida dos seus amigos desse jeito?

Sua mãe bufou. — Sim. Eles arriscariam minha vida também. É o que as pessoas do mal fazem Blaspheme. — Ela estendeu a mão para a mesa de cabeceira para uma xícara de chá de limão Jell-O. — Eu estou malditamente impressionada que você está

fazendo a mesma coisa.

— Isso é diferente.

— Sério? Como? Você está colocando seus amigos e este hospital em risco, não acha?

— Sim, mas... — Blaspheme parou. Mas o que? Mas nada. Oh, deuses, ela era tão ruim quanto sua mãe, não era? Eidolon tinha assegurado que ficar aqui seria bom, e ela estava tão ansiosa para salvar sua própria pele que ainda não tinha argumentado além de um protesto simbólico. — Você está certa, — disse ela. — Não podemos ficar aqui. Mas não estamos colocando ninguém em risco também.

Deva balançou a cabeça. — Como eu consegui criá-la para ser tão escrupulosa? Você é metade anjo caído, amor. Aja como um.

— Você costumava ser um anjo uma vez, — Blas apontou. — Você não se lembra?

— Lembro-me de ser muito chato. Há uma razão para que eu tentasse agitar as coisas entre as fileiras de arcanjo.

— Tentou agitar as coisas? Você foi expulsa do Céu!

Deva arremessou o controle remoto do outro lado da sala, quebrando a coisa em um acesso de raiva. — Você não sabe como é lá, — ela disse, balbuciando um pouco enquanto seus dentes alongavam com sua raiva crescente. — A hierarquia angelical é muito importante, e Deus me perdoe se alguém tenta subir acima da sua posição. Alguns de nós queríamos mais poder, e Raphael

ia nos dar isso. Se não fosse por seu amigo, Stamtiel, dando-me uma missão suicida a qual me pegaram, teríamos feito uma revolução.

Esta foi a primeira vez que ouvi falar do envolvimento de um arcanjo na trama que sua mãe e seu pai se meteram.

— Rapaz, quando você faz algo, você faz grande, não é?

Deva deu de ombros e se recostou contra os travesseiros, agora que sua ira tinha acabado. — O que é que os seres humanos dizem? Faça grande ou vá para casa? — Ela apontou para o controle remoto destruído. — Seja um bom diabinho e me pega um novo.

Blaspheme jogou as mãos em derrota. — Desisto. Eu tenho que ir trabalhar. Não deixe o hospital, e, por favor, tente ficar no quarto. — A última coisa Blas precisava era sua mãe vagando ao redor da clínica e causando o problema. — Eu vou voltar mais tarde.

— E depois?

— Eu não sei, — Blas admitiu. Deuses, ela odiava a ideia de esperar para ver, o que era engraçado, pois era isso que noventa por cento de ser médico fazia. Esperar e ver como um paciente responde ao tratamento. Espere e veja se a cirurgia foi um sucesso. Espere e veja se o seu paciente morreu porque você não pôde fazer o suficiente para ele.

— Acho que eu deveria ficar com os amigos, e você deve ficar aqui. Eu não posso estar aqui, Blas. Este lugar é muito... estéril. É malcheiroso. É cheio de

peessoas doentes irritantes. Como você pode suportar isso?

Talvez não fosse uma ideia ruim sua mãe ficar com os amigos. — Olha mamãe, — ela disse encolhendo os ombros em seu jaleco, — vamos falar sobre isso mais tarde. Eu tenho que ir.

Ela pegou seu estetoscópio, telefone celular, bip e bolsa e correu para o corredor, fechando a porta atrás dela. Realmente poderia levar algum tempo longe de sua mãe. Deva era um pouco difícil de conviver.

Tomando uma respiração profunda, relaxante, dirigiu-se para o Harrowgate da clínica. Desde que tinha quase uma hora antes da troca de turno, queria fazer alguma investigação sobre a informação que Eidolon havia lhe dado ontem. A Biblioteca de UG era extensa e eclética, cheia de não só os textos médicos, mas também textos místicos e livros de não-ficção relacionados com o reino do demônio. Eidolon especialmente gostava de colecionar livros específicos para as raças de demônios individuais e espécies. O menor detalhe pode significar a diferença entre vida e morte durante uma emergência.

Seu bip tocou novamente, e ela quase se atrapalhou quando conciliou seu estetoscópio e o pequeno dispositivo. Quando ela viu a tela, parou sua caminhada.

Revenant está aqui. Mais uma vez. Ele não quis esperar e nós não pudemos detê-lo. Ele está solto na clínica.

Solto. Como um animal selvagem. Só muito pior.

— Blasfeme!

Seu coração pulou uma batida com a voz muito familiar atrás dela. Pavor e emoção duelaram dentro dela quando se virou para vê-lo no final do corredor, vestido dos pés à cabeça em couro preto. Botas góticas com sola grossa acrescentaram mais alguns centímetros à sua forma já alta, e as armas amarradas a seu corpo enviara uma mensagem de que, se você não se intimidou o bastante, já era hora de fazê-lo.

Seus cabelos ébano brilhante balançavam atrás dele enquanto ele andava, e ela conscientemente se lembrou de seu próprio, amarrado, molhado e pendurado pelas costas.

Seu coração batia mais forte a cada passo que ele dava mais perto. Como ela poderia estar feliz ao vê-lo, mas ao mesmo tempo nervosa como o inferno? Quanto a ele, ela não tinha ideia do que ele estava pensando. Sua expressão poderia ter sido esculpida em pedra, e os óculos escuros escondiam seus olhos atrás de um escudo preto.

Limpando a garganta, ela se preparava para dizer oi, mas assim que abriu a boca, uma porta no final do corredor abriu e sua mãe saiu. Mil cenários passaram em sua cabeça em um instante.

Nenhum deles terminava bem.

Quase como se estivesse em câmera lenta, Deva olhou para a esquerda em Revenant. Em seguida, à direita em Blas. Havia um sorriso quando Deva a viu. E então seu cérebro encontrou com seus olhos e ela

chicoteou a cabeça para trás em torno de Revenant.

De repente, Deva tropeçou nos próprios pés quando ela virou para Blaspheme.

— Corre, — ela murmurou.

Antes que Blaspheme pudesse detê-la, Deva evadiu em direção a estação do túnel de saída da clínica.

— Espere! — Blas gritou. Ela começou ir atrás dela, mas quando ela e Revenant encontraram o cruzamento no corredor, a mãe dela desapareceu em torno de um canto.

— O que está rolando? — perguntou Revenant.

Blas só podia ficar lá como uma idiota. Mostrar muito interesse seria levantar suspeitas. — Eu acho que ela queria ir para casa.

— Foi esse anjo caído que eu vi antes. — Seus lábios melados mergulhado em uma profunda carranca. — Ela parecia familiar. Qual o nome dela?

Sua mãe havia mudado seu nome a cada poucos anos, mas se ela realmente parecia familiar para Revenant, Blaspheme não queria dizer qualquer um de seus nomes para ele.

— Eu não posso te dizer isso. Confidencialidade médico-paciente, — disse ela, feliz por invocar os padrões humanos quando a situação exigia isso. — Mas não sei por que ela parecer familiar para você. Talvez seja parte de sua coisa de memória?

— Talvez. — Ele não parecia convencido. — Talvez eu trepei com ela antes.

Oh, Cristo. Blaspheme só não queria ir por aí. A

ideia de que ela e sua mãe transaram com o mesmo cara era muito nojento.

— Meu Deus, não posso esperar até que você comece a falar de mim assim. Uma garota sem nome com quem você trepou.

Sua cabeça virou, e, embora ela não pudesse ver seus olhos, sentiu a sua intensidade, enquanto olhava para ela. — Eu nunca falaria de você assim, — ele prometeu sombriamente. — E nunca vou esquecer o seu nome.

Ok, *então*. Fale sobre trepar e alguém está ofegante. Blaspheme lutou para inalar sem soar como se tivesse corrido uma maratona. Nenhum homem jamais falou com ela assim antes, como se importasse. Anjos Falsos eram o que a maioria dos demônios considerava uma espécie *grande encontro*, mas não para acasalar, — de modo que os machos raramente estavam nisso para longo prazo. A menos, claro, que fosse seduzido e encantado. Quando isso acontecia, todas as suas palavras bonitas não significavam nada.

Ela teve a sensação de que o que Revenant acabara de dizer significou o mundo.

— É bom saber, — disse ela com uma casualidade que não sentia. Precisando fazer alguma coisa, qualquer coisa, que não fosse ficar sem jeito no corredor, ela se dirigiu para seu escritório. Esperava que sua mãe chamasse logo para dizer se estava bem. — Por que você está aqui?

— Gethel está sangrando, — disse ele quando a

alcançou. — Não é ruim, mas você deve vê-la. E não me diga para trazê-la aqui, porque isso não é possível.

— Sinto muito, mas estou ocupada. Eidolon se ofereceu para ir em meu lugar. Deixe-me apenas dar um bip...

Revenant agarrou seu pulso quando ela enfiou a mão no casaco de laboratório para seu telefone. — Ninguém além de você.

Ela suspirou. — Revenant, nós já passamos por isso. Nós já terminamos.

— Isto não é sobre você e eu. É sobre o fato de que eu não confio em mais ninguém.

Ela lhe deu um olhar cético, mas sua expressão dura e intransigente disse algo. — Mas você confia em mim?

— Eu não confio em ninguém. Mas confio em você mais do que ninguém aqui.

— Por quê? — Ela baixou a voz quando uma enfermeira vampiro passava para não ter fofocas rolando. — Porque nós tivemos o sexo?

— Não. Porque você me ajudou quando precisava fazê-lo.

— Você estava com dor, — disse ela. — Eu sou médica. Não gosto de ver as pessoas sofrerem. Além disso, eu não podia exatamente expulsá-lo do meu apartamento. Você é meio... grande.

Ele era grande em todos os lugares. O pensamento a fez corar inadequadamente.

Um lábio enrolou em diversão, piscando um

pouco a presa. — Mas você não tinha que ser tão boa quanto você foi também.

Ok, ela daria isso a ele. — Revenant, — ela suspirou. — Eu realmente não posso fazer o que você está pedindo. Eu estava indo na direção da biblioteca para fazer alguma pesquisa...

— Que tipo de pesquisa? Eu posso ajudar.

Ela pensou, considerando seriamente a sua oferta. Com seus milhares de anos de conhecimento acumulado, para não mencionar o fato de que ele era superpoderoso, talvez pudesse ajudar. Estava no ponto de desespero, e, enquanto não poderia lhe dizer a verdade completa, ela supôs que ela pudesse compartilhar o seu problema com um pouco de reorganização dos fatos.

— Estou à procura de um encantamento que vai me disfarçar de anjos. Fazendo-me parecer como outra espécie ou algo assim.

Seus lábios se curvaram de novo, mas desta vez, não havia nenhum indício de diversões. — Isso tem algo a ver com o ataque?

— Sim. Obviamente, eu estou sendo perseguida por algum motivo. Poderia ter algo a ver com um paciente que eu tratei ou talvez eu esteja sendo confundida com outra pessoa. De qualquer forma, é claro, eu não estou segura, e não posso ficar mais no UG. Eu não posso colocar alguém em risco.

Ele fez uma parada abrupta. — Coloque-me em risco.

Ela se virou para encará-lo. — Desculpe?

— Você pode ficar comigo. Pense nisso, — disse ele, enquanto acariciava o cabo de uma lâmina em seu quadril. — Ninguém em seu juízo perfeito viria atrás de você comigo ao redor.

É verdade, mas quanto tempo seria antes que ele fosse o único do qual ela tivesse correr? Seu bip tocou em um tom de urgência. — Espere. — Ela olhou para a mensagem, e seu coração parou.

Sua paciente blanchier de ontem com vesícula biliar é o código 12. Depressa.

— Eu tenho que ir! — Ela correu em direção ao Harrowgate que levava para o hospital, e não poderia deixar de perceber que Rev estava em seus calcanhares. Não se incomodou em tomar tempo para dizer a ele para ir embora. Ele não ia ouvir, e sua mente estava correndo de qualquer maneira.

A operação de *blanchier* era rotineira e normal, então o que aconteceu? Ela bateu o Harrowgate em uma corrida, com Rev deslizando atrás dela. Houve apenas um piscar de luz no interior, que era o símbolo do Underworld General. Ela tocou-o, e imediatamente o portal se abriu em uma sala de emergência movimentada do hospital.

Ela correu para a ala cirúrgica e o bloco de quartos reservados para pacientes no pós-operatório, e a atividade insana fora da segunda porta à direita lhe disse que era o quarto do *blanchier*.

Vários funcionários estavam freneticamente

tentando reviver o pequeno e delicado demônio pálido. Slash, outro dos vários irmãos Seminus que Eidolon contratou recentemente, estava segurando o tornozelo do *blanchier*, sua dermoire brilhou loucamente quando ele canalizou poder de cura para ele. Infelizmente, o *blanchier* era uma espécie que não responde bem ao poder de cura de um demônio Seminus.

— Foda-se, — ele gritou. — Alguma coisa está encerrando todos os seus sistemas.

Bane, seu irmão, pegou o soro na bolsa de polo. — Este soro é fisiológico? Este é fudidamente salino.

Ah Merda. Blanchiers eram altamente alérgicos a solução salina. Quem teria encomendado uma gota de solução salina? Ou será que alguém acidentalmente colocou um saco de soro fisiológico em vez de glicose? Blas agarrou o prontuário do demônio e procurou pelas ordens médicas.

Eidolon tinha encomendado os exames laboratoriais. Bane deu uma injeção de peróxido de hidrogênio. Blaspheme tinha encomendado... soro.

Tudo ao seu redor, os sinais sonoros alarmados de equipamentos hospitalares e as vozes das pessoas que tentavam salvar o demônio desapareceu em um zumbido distante. O pulso de Blaspheme vibrou em rajadas convulsivas quando a culpa esfaqueou no peito como uma lâmina cega. Ela havia marcado a maldita caixa errado.

— Não, — ela sussurrou.

Revenant apareceu ao seu lado e olhou para o

prontuário em sua mão. — O que é isso?

Náuseas acumularam, roubando a sua voz, e quando ela finalmente pôde falar, sua voz era quase um sussurro. — A culpa é minha. Eu quis marcar D5W. Lembro-me agora. Eu estava distraída e... foda. Eu nem sequer assinei o meu nome no prontuário. — Empurrando por entre a equipe até o pé da cama, pulando em ação. — Alguém lhe dê uma injeção de glicose. Depressa!

— Nós já fizemos isso. Ele está morrendo, — disse Slash.

— Você tentou adrenalina? Cefazolin? — Ela se arrastou para as gavetas e armários abertos, derrubando coisas fora do caminho enquanto procurava desesperadamente todas as drogas conhecidas para ajudar o *blanchiers*. — Acetazolamida?

— Nós tentamos tudo! — A voz estridente doe Dr. Shakhvhan soou, mas Blaspheme não parou, rasgando suprimentos, derrubando seringas, ataduras, e quem sabia-o-que-mais para o chão.

Atrás dela, ela ouviu a maldição baixa de Revenant. Ela parou sua busca frenética para vê-lo empurrar o seu caminho através da multidão de médicos e enfermeiros.

— Hei!

— O que você está fazendo, idiota?

— Você não pode estar aqui...

Revenant ignorou todos e pôs a mão na testa do demônio. Por um momento, todo mundo ficou em

silêncio enquanto a sala se encheu com uma estranha energia elétrica. Um instante depois, o paciente inalou uma grande quantidade de ar ofegante, e todas as máquinas que estavam soando em alarme de repente voltaram ao normal.

Expressões chocadas rapidamente cederam ao alívio, e, em seguida, a corrida para estabilizar o cara começou.

— Você o salvou, — Blas resmungou, com a boca seca da sobrecarga de adrenalina. — Oh, droga. Você fez isso. — Sua mão tremia quando ela pegou um copo de papel do distribuidor, e o encheu com água e bebeu para aliviar a boca seca. Quando ela podia falar sem soar como um fumante de três maços por dia, ela perguntou: — Como você fez isso?

Ele deu de ombros. — Eu sou poderoso como merda.

— Se você já está cansado de seu outro trabalho, tenho certeza que Eidolon iria contratá-lo, — disse ela, apenas metade brincando.

Revenant ficou tenso. — Eu não curo Blaspheme. Eu mato.

Suas palavras a atingiram estranhamente, como se ele estivesse morto por dentro, quando ele falou, como se não tivesse escolha a não ser matar. Mas ele salvou a vida dela. Acabou de salvar o *blanchier*. Sim, ela estava com medo de que ele descobrisse a verdade e a matasse, mas, por algum motivo, ela estava mesmo começando a questionar isso. Ele foi muito bom para

ela, seu toque suave, a sua gratidão genuína.

— Se tudo o que você faz é matar, — disse ela, — então por que você curou o *blanchier*?

Revenant olhou para a enxurrada de atividades em torno do demônio. — Então você me deve.

Isso, ela não tinha dúvidas, mas não dava a mínima para qual fosse sua motivação. Ele salvou o paciente, e pode muito bem ter salvado o seu trabalho.

Deixando o paciente em boas mãos, ela deslizou para fora da sala, seguido por Revenant, Slash e Shakvhan. Shakvhan imediatamente acusou Blas.

— Você, pentelha estúpida, — ela retrucou. — Você poderia ter matado aquele paciente. Se não fosse por seu amigo aqui, o *blanchier* estaria morto.

— Eu sei, — disse Blas.

— Eu disse a Eidolon que ele estava cometendo um erro quando ele colocou você no comando da clínica com Gem. Estou relatando isso a ele.

Revenant retirou seus óculos de sol, e Blas estremeceu com o gelo em seus olhos escuros. — Faça isso, e estará morta no momento em que você pisar fora deste hospital, — Revenant disse, sua declaração sem emoção foi muito mais assustadora do que se estivesse com raiva.

— Calma, — Blas disse, colocando a mão no ombro dele. — Dra. Shakvhan está fazendo seu trabalho. — Ela estava sendo uma idiota sobre isso, mas ela estaria tão chateada se a situação fosse o contrário. — Vá em frente e me reporte ao Eidolon. Eu vou falar

com ele quando ele chegar aqui para o seu turno de qualquer maneira.

Shakvhan inalou. Então ela olhou Revenant sob uma nova perspectiva, agora que ela se acalmou um pouco. Como um súcubo, a médica estava hiper sintonizada a todos os homens, especialmente aqueles que eram especialmente... viris.

— Quem é você? — ela perguntou.

— Ele é o irmão de Reaver, — disse Blaspheyme.
— Revenant.

Os olhos de Shakvhan queimaram. — Achei que você parecia familiar. — Ela olhou para o relógio. — Eu tenho algum tempo antes da minha próxima cirurgia... Quer ver o interior de um armário de suprimentos?

Armário de suprimentos era um código para o sexo, e Blaspheyme eriçou. Não importava que ela não tivesse nenhuma pretensão com Revenant. Inferno, ela nem o queria. Mas por alguma razão, não queria que ninguém mais o tivesse também. Especialmente a súcubo mal-intencionada.

Blas não lhe deu a chance de responder. — Desculpe Shakvhan, mas estamos indo em um atendimento domiciliar.

— Eu não sei, — disse Revenant, enquanto olhava a mulher curvilínea de cima e abaixo. — Não há pressa.

Seu filho da puta. Então ela viu o brilho malicioso em seus olhos. Ele estava tentando deixá-la com ciúmes. E porra se isso funcionou.

— Tudo bem, — disse ela. — Não tenha pressa. Mas eu começo o meu turno em cerca de 45 minutos agora, o relógio está correndo.

Ela não esperou para ver se seu blefe funcionou ou não. Caminhou para os escritórios administrativos, esperando Eidolon chegar como ele sempre fazia. Se não, ela esperaria do lado de fora da porta de seu escritório.

Revenant a alcançou antes que estivesse a três metros de distância. Ela estava estranhamente aliviada que ele não tivesse ficado com Shakvhan.

— Blasfeme?

— O que?

— Por que você admitiu o seu erro? Você poderia ter mentido e escapado da punição.

— Alguém teria sido punido. Principalmente erros como esse não são ignorados. Eidolon e seus irmãos não deixam essa merda deslizar, e não devem. Não posso deixar alguém pagar por minha incompetência.

Ele olhou para ela por tanto tempo que o calor liberou em seu rosto e ela começou a andar mais rápido, como se pudesse escapar de seu olhar. — O que? Por que você está me olhando desse jeito?

— Porque, — ele disse calmamente: — Eu decidi que não concordo com você. Não tão cedo.

— Oh, vamos lá, — ela gemeu.

De repente, ele ficou tenso, e ela seguiu seu olhar para o corredor, onde Eidolon caminhava em direção a

eles, sua expressão séria, com os olhos dourado ardendo. Parecia que Shakhvhan já o tinha chamado.

— Você quer me dizer o que diabos aconteceu com o demônio blanchier?

— Eu o ferrei. — Ela amaldiçoou o tremor em sua voz. — Assumo total responsabilidade pelo que aconteceu.

Eidolon fez uma careta para Revenant antes de voltar para ela. — Posso falar com você em particular?

— Claro.

Uma sombra passou pelo rosto de Revenant, mas ele conseguiu um sorriso forçado de todos os dentes e presas e sem diversão. — Eu vou esperar aqui.

Eidolon levou alguns passos pelo corredor. — O que está acontecendo Blasfeme? Isso foi um erro grave, e não combina com você.

— Eu sei. Não sei em que estava pensando. Estava distraída com tudo que está acontecendo com a minha mãe e meu... você sabe. Não estou me desculpando o que eu fiz, — acrescentou rapidamente. — Eu vou compensar. Tomo turnos extras. Faço faxina. Tudo o que você precisa.

— O que eu preciso é que você ponha a cabeça no lugar. — As palavras de Eidolon eram duras, mas seus olhos perderam o brilho dourado com raiva. — Entre o trabalho, sua mãe, e seu... outro problema, sua atenção está muito dividida. A partir de agora, eu não quero que você trate os pacientes. Dever administrativo só até encontrarmos uma maneira de reparar seu

disfarce.

— O que? Espere, não...

— Minha decisão é final, — ele interrompeu em um tom que desencorajou seu argumento.

Lágrimas encheram os olhos. Seu trabalho era tudo o que tinha, especialmente agora que seu apartamento foi comprometido e sua mãe estava ao vento.

— Olha, — disse ele, sua voz perdendo a severidade. — Isto não afetará seu status aqui. Você ainda está no comando da clínica. Mas você está abalada. Precisamos de você no seu melhor.

Ele estava certo, mas não podia deixar de sentir para baixo. Ela deixou todos na UG para baixo. Tudo o que ela queria em toda a sua vida, mesmo durante os anos em que ela e sua mãe se mudavam de cidade em cidade, de forma que nunca ficava fixa, era ser médica. O desejo de ajudar os outros sempre era forte dentro dela, e igualmente forte era o desejo de pertencer a uma comunidade unida.

Agora, ela não poderia ajudar as pessoas, e a comunidade unida, certamente a veria como uma trapalhona que ninguém podia confiar. Lágrimas quentes queimaram seus olhos, mas as conteve antes que pudessem cair. Deuses, sentia-se como um tola.

— Nós todos já ficamos onde você está Blaspheme, — Eidolon disse gentilmente. — Às vezes questões pessoais interferem em nossas vidas profissionais, e uma delas tem de ser resolvida antes

que possamos seguir em frente com a outra. — Ele olhou para Rev, que os observava como um falcão, e baixou a voz. — Falei com Reaver sobre a situação de Gethel. Ele teve uma ideia que pode ou não pode funcionar, mas não temos uma escolha. Dado o tamanho de Lúcifer, Gethel poderia dar à luz a qualquer momento. Deixe-me saber quando Revenant estiver pronto para levar alguém há um atendimento domiciliar.

— É por isso que ele está aqui agora. Ele quer me levar a ela.

Eidolon deu um breve aceno de cabeça. — Eu vou.

Ela agarrou seu braço, e ela jurou que ouviu um grunhido suave vindo da direção de Revenant. Para estar segura, ela soltou o médico. — Ele não vai lidar com qualquer outra pessoa, e eu não posso colocar ninguém em risco. Eu vou.

— Esta não é sua luta Blaspheme.

— Eidolon, você arriscou sua vida um milhão de vezes por este hospital. Mas você tem uma família agora que precisa de você. Eu não. E Revenant... Eu não confio nele com você, e ele não vai levá-lo de qualquer maneira. Se alguém está segura com ele, sou eu.

— Blasfeme...

— Por favor, não discuta. Você sabe que eu estou certa.

Eidolon fechou os olhos e soltou um longo suspiro. — Pegue o saco de obstetrícia azul no meu escritório. Há uma seringa especialmente marcada nele.

Vai ter um atraso de trinta minutos. Você saberá o que fazer.

— O que há na seringa?

— Algo chamado solarum. Foi ideia de Reaver.

Ela ouviu rumores de uma substância produzida para erradicar o mal, criada por liquefação de raios solares. Solarum era esse produto?

Um bip veio pelo interfone para Eidolon, e as rotativas luzes vermelhas nas paredes começaram a piscar, indicando uma situação de emergência na entrada de ambulância.

— Eu tenho que ir, — disse ele. — Mas Blaspheme, sua suspensão não muda nada. Você ainda é uma parte vital do hospital e clínica, e Wraith e eu estamos à procura de alguma coisa que vá ajudá-la com seu problema. E tenha cuidado. A sua segurança é a coisa mais importante no momento. Entendido?

Ela assentiu com a cabeça, principalmente porque não podia falar com um nó na garganta.

— Bom. Vem direto aqui depois de ver Gethel. Entendeu?

Assentiu com a cabeça de novo. Eidolon decolou, e Revenant estava lá instantaneamente, tão rápido que ele deve ter piscado para ela.

— O que aconteceu? — perguntou ele. — Ele fez você chorar. Você quer que eu o mate?

— Não, — ela resmungou. — E, por favor, não mexa com Shakvhan, tampouco. Para matá-la ou... de outra forma.

Não podia acreditar que ela apenas lhe pediu para não ter relações sexuais com a súcubo, mas, em seguida, ela não podia acreditar que quase tinha matado um paciente, tampouco.

— Então o que? Não gosto de te ver... — Ele parou, amaldiçoando, como se estivesse se batendo por admitir ter sentimentos como pessoas normais. — Você está chateada. Posso fazer alguma coisa, Blaspheme?

Ela virou para ele, desesperada por algo que ele pudesse fazer para tirar a mente dela do que ela tinha feito. Ela cometeu um erro quase fatal, e agora que ela perdeu o emprego. Mesmo que a suspensão fosse apenas temporária, provavelmente uma questão de dias dado o quão rápido seu encantamento estava falhando, isso a fez sentir como se tivesse sido demitida. As pessoas já estavam olhando para ela, olhando para ela como se fosse uma assassina.

— Meu escritório, — disse ela. — Eu preciso sair daqui...

De repente, eles estavam de pé ao lado de sua mesa. — O que mais? — Sua mão estalou e ele a segurava pelo queixo. Ela respirou fundo na possessividade em seu olhar, a maneira como ele aqueceu sua pele como uma queimadura solar erótico. — Por favor, Blaspheme. Deixe-me ajudá-la.

— Por quê? — Ela respondeu asperamente. — Por que você quer me ajudar? Por que você está tão obcecado por mim, porra?

— Não sei. — Ele alisou o polegar ao longo de sua

mandíbula, e ela se inclinou para ele, mais carente de contato do que ela gostaria de admitir. — Alguma coisa em você me chama. Anjos Falsos são sempre escuros, mas há uma luz em você que escoa para fora e me aquece.

Deveria estar com medo que ele notasse ainda outro segmento desgastado em seu disfarce, mas lhe ocorreu que cada vez que ele apontava algo que a fazia diferente, era um elogio. Gostava que não fosse um padrão de emissão Anjo Falso.

Mergulhando a cabeça, ele roçou os lábios nos dela. — Eu não me sinto aquecido em um tempo muito longo, Blaspheme.

Suas palavras foram como um bálsamo, uma carícia que tanto a acalmou como a despertou. De repente, ela sabia o que queria, e, embora soubesse que fosse errado, não teve coragem de evitar. Lamentaria isso por mais tarde.

— Foda-me, — disse ela. — Faça-me esquecer tudo isso.

No mesmo instante, os braços vieram ao redor dela. — Tem certeza?

— Eu tenho certeza. — Neste exato louco momento ela nunca teve mais certeza de algo.

CAPÍTULO 21

Se Revenant pudesse bloquear esse momento em uma cápsula do tempo, ele o faria. Se pudesse esticar esse momento e fazer isso durar para sempre, ele o faria.

Não desde que sua mãe estava viva alguma mulher precisou dele. Realmente precisava dele, e algo dentro dele quebrou.

Foi por isso que ele realmente salvou o demônio *blanchier*. Não porque queria que Blaspheme o devesse, mas porque ela precisava dele, mesmo que não soubesse disso na hora. E algo sobre ela o fez querer fazer o bem, mesmo que tudo o que ele fez foi salvar a vida de um demônio que provavelmente não teria levantado um dedo para salvar alguém.

Ele olhou para a bela fêmea que está diante dele, os olhos líquidos, com a dor que estava tão claramente a rasgando, e ele sabia que faria qualquer coisa que ela pedisse. Ele era um idiota, um idiota que ainda estava ignorando as malditas convocações de Satanás, mas agora não se importava.

Esta era uma mulher nobre que ele não merecia, e sabia com certeza depois de vê-la admitir um grande erro que ela poderia facilmente ter coberto. Em vez

disso, ela enfrentou seu chefe como uma guerreira e aceitou sua punição.

Ela era única, não só entre os Anjos Falsos, mas entre a maioria dos demônios.

Nesse momento, ela se tornou a pessoa que ele mais confiava no mundo.

Ele sentiu o impacto desse conhecimento por todo o caminho para a sua alma, danificado como ele era, e tinha a estranha vontade de dobrar suas asas ao redor dela no mais íntimo dos abraços angelicais. Nunca tinha feito isso antes, mas o que fez o desejo verdadeiramente estranho foi que os anjos só experimentavam esse impulso quando o seu parceiro era um anjo. Não pensava que Anjos Falsos contavam.

— Revenant, apressa-se.

Seu coração batia com a visão do desespero emaranhado com o desejo em seu olhar.

— Não há regras, certo? — Suas mãos fizeram um rápido trabalho com suas roupas. — Não há regras estúpidas sem tocá-la.

— Não, — ela gemeu quando ele abaixou a boca em seu peito e lambeu um mamilo através do laço delicado de seu sutiã. — Não há regras.

— Foda-se, sim. — Ele a empurrou de volta contra sua mesa e caiu de joelhos para beijar a extensão lisa, nua de sua barriga. — Abra suas pernas.

Apoiando as palmas das mãos na borda da mesa, ela obedeceu, arqueando contra ele enquanto ele beijava seu caminho até o abdômen, admirando os músculos

ondulando com flexões enquanto ele se dirigia até o elástico da calcinha bege de cintura baixa. Seu pênis duro empurrou dolorosamente contra o couro, mas ignorou o filho da puta carente quando ele usou uma presa para rasgar a calcinha na frente.

— Eu gosto dessa, — ela murmurou.

— Eu gosto mais delas no lixo. — Ela estava nua para ele agora, e ao contrário de quando eles estavam em sua casa e suas mãos estavam presas ao seu lado, agora não tinha aquelas regras idiotas para contê-lo. Ele arrastou as palmas das mãos dos quadris para seu sexo e usou os polegares para espalhar seus lábios.

Ela estava pronta para ele, brilhando com a excitação. Seu sangue pegou fogo, queimando com a intensidade do desejo. Esteve desesperado para saboreá-la antes, mas agora sabia qual era seu gosto e sua boca encheu de água.

Ele não perdeu mais um segundo. Enterrou o rosto entre suas pernas, pressionando a sua língua com força contra seu núcleo, usando seu próprio pulsar contra ela com uma batida constante, mas suave. A pressão a fez contorcer e arquear quando ela segurou sua cabeça e o segurou como se tivesse medo que ele parasse de repente.

Não ia acontecer.

A adrenalina surgiu através dele, quente e potente quando ele arrastou a língua através de seu vale em uma varredura preguiçosa e deslizou um dedo dentro de seu núcleo gotejando. Seu profundo gemido

vibrou em sua boca quando ele começou a lambê-la a sério agora, saboreando seus ruídos descarados e sussurros suplicantes.

— Eu amo isso, — ela respirava. — Você é tão... bom.

Talvez, mas ele sabia de um fato que nunca esteve presente para ele, esta fome de carne feminina. Beijou-a profundamente, puxou o broto pulsante entre os lábios, sacudindo a língua sobre a ponta, e depois o chupou. Forte.

— Santo... merda... Rev... eu vou... — Ela rompeu com um grito. Suas unhas marcaram seu couro cabeludo, e seu canal apertou em torno de seus dedos enquanto ela montou sua mão e língua.

Ela olhou para ele, pegando seu olhar quando ele afastou, puxando o dedo para fora dela enquanto continuou a acariciá-la levemente com a língua. Sua boca se separou com respirações ofegantes, e suas bochechas estavam coradas com paixão. A visão dela fez seu pau esticar dentro de suas calças, exigindo a libertação.

Então, quando o brilho sexual diminuiu, a tristeza em seus olhos reapareceu.

Foda-se. Ele não daria mais um segundo para ela pensar em nada, a não ser ele.

Ele se levantou, agarrou seus quadris, e a puxou com força contra ele. Seu calor chamuscando-o mesmo através de suas camadas de couro.

— Agora, — ele rosnou em seu ouvido, — nós

fazemos isso do meu jeito.

Blaspheme realmente esperava que Revenant fosse áspero e cru, porque agora, era isso o que ela precisava. Queria. Ansiava.

A sala girou quando Revenant rodou em torno dela para que sua coluna fosse contra seu peito. — Suas asas, — ele rosnou em seu ouvido. — Mostre para mim.

Não lhe ocorreu recusar, mesmo que a última vez em que ela convocou suas asas de Anjo Falso durante o sexo com ele piscara dentro e fora de existência. Cuidando para não liberar qualquer pó afrodisíaco restante, ela deixou suas asas alargarem para fora, enchendo o espaço estreito entre seus corpos. Revenant gemeu, e ela fechou os olhos enquanto suas mãos derivavam a partir da base das asas por todo o caminho até as pontas. Seu calor cercava enquanto estavam assim, esfregando um contra o outro, com ele acariciando em lugares que ninguém nunca tinha tocado.

Nunca abriu suas asas durante o sexo. Elas eram uma ferramenta usada por Anjos Falsos para seduzir e enganar, mas agora, ela era a única que estava sendo seduzida. E se divertia com isso.

Muito rápido, ela sentiu o enfraquecimento revelador de sua aura, sabia que as asas mudariam. Relutante, ela as fez desaparecerem, e o silvo de

desagrado de Rev vibrou sua espinha.

— Eu não disse a você para guardá-las.

Ela se aproximou e cravou as unhas em sua coxa. — Você não ganha me dizendo para guardá-las.

Sua respiração era quente contra seu rosto quando ele tomou o lóbulo da orelha entre os dentes e mordeu com força o suficiente para fazê-la suspirar. — Este é o meu show, meu anjo.

Não houve aviso. Tudo de uma vez, ele deu um passo para trás e a inclinou sobre a mesa com uma mão na parte de trás de seu pescoço. As palmas das mãos e rosto bateram na madeira, ao mesmo tempo, o suficiente para doer, não feri-la. Segurando com uma mão forte, ele dirigia a outra entre as pernas, colocando-a em seu sexo inchado. Ainda estava latejando de seu orgasmo, e quando ele colocou um dedo entre suas dobras e esfregou, os primeiros sinais de um segundo começou.

Quando ela empurrou de volta contra ele, desesperada por mais pressão, ele apertou ainda mais em seu pescoço e retirou seus dedos talentosos. Ela gemeu com a perda da sensação, sentiu seus dedos escovar seu traseiro quando o som de um zíper soou.

Antecipação foi tão forte que viu sua respiração condensar na superfície da mesa.

A ponta de seu pênis empurrou para dentro dela, lentamente, e depois empurrou forte. Ela gritou de prazer. Ele se afastou e empurrou de novo, com mais força, e sua mesa deslizou no chão. Ele não pareceu

notar, manteve o delicioso ataque.

Ele sabia exatamente o que ela precisava. Sem tempo de inatividade. Sem falar. Nenhuma emoção. A pressão de sua pele nua na madeira juntou os sons eróticos de respirações ofegantes de Rev e o tapa de suas coxas na parte de trás dela. Seus ossos do quadril bateram na mesa, e ela sabia que teria contusões para mostrar para ele, mas oh, que contusões belas elas seriam.

— É isso que você queria? — Sua voz gutural enviou formigamentos através de sua pele. — Você quer mais?

— Sim, — ela respondeu asperamente. — Mais.

— Essa é meu anjo, — ele sussurrou.

De repente, ele a puxou na posição vertical, e uma picada, dor intensa percorreu em seu pescoço, seguido imediatamente por um êxtase tão intenso que ela gritou. Nunca foi mordida antes, nunca quis estar tão vulnerável. Não sabia o que estava faltando, mas não iria cometer esse erro novamente.

O prazer intensificou quando seu braço veio ao redor de sua cintura para segurá-la enquanto ele a fodia, levantando-a do chão com cada impulso poderoso. O barulho suave de pele contra a pele era como uma carícia erótica, e o pensamento de que ele estava totalmente vestido foi a última gota. Seu orgasmo caiu sobre ela como uma onda do mar, caindo eternamente em êxtase e afogando-a em bem-aventurança.

Nunca se sentiu assim antes. Teve um monte de

sexo e um monte de orgasmos, mas isso era mais do que um lançamento físico. Foi emocionante, assim que Revenant endureceu e sua semente quente espirrou em seu interior, pressão encheu sua cavidade torácica.

O sexo foi incrível e exatamente o que ela precisava, mas ele só tinha adiado o inevitável, a percepção de que a sua vida foi ao inferno e esperança era tudo o que ela queria.

CAPÍTULO 22

Isso, Revenant pensou, foi o melhor sexo de sua vida. Sempre gostava de foder desse jeito rude, sujo, sem tabus, e isso definitivamente contava. A mesa de Blaspheme tinha derrapado para outro lado da sala, foram empurrados para um armário de arquivo agora amassado, e seu pescoço estava manchado de sangue. Quando ele saiu dela, a sua descendência derramava fora dela, marcando-a com o seu perfume.

Normalmente, agora seria o momento em que ele vestiria e deixaria a fêmea saciada e sonolenta, e iria encontrar outra. Mas não queria outra. E não queria sair. Não queria sexo vazio com as fêmeas, cujos nomes não sabiam ou não se lembrava dez minutos depois.

Não fazia sentido. Bem, teria se Blas tivesse usado seus poderes de Anjo Falso sobre ele, mas ele observou, esperando que ela usasse seu charme ou afrodisíaco, e nada aconteceu. Ela lhe pediu para fazer sexo, mas não para seduzi-la ou até mesmo se divertir com seu pau. Ela precisava dele, tinha se exposto, dando-lhe acesso ao seu corpo e alma.

Em milhares de anos, ninguém tinha feito isso, e seu coração acelerou com uma estranha sensação, que o fez se sentir como se tivesse bebido uma dúzia do

melhor champanhe francês.

Merda. Ele tinha sentimentos genuínos por ela, não tinha? E não era que num momento malditamente inconveniente? Mesmo se ele não tivesse o Céu e Sheoul respirando no seu pescoço, não queria esse tipo de complicações que o apego emocional traria. Não, como realmente seu relacionamento com Reaver provou ser.

Retraindo suas presas, ele lambeu os furos na garganta de Blaspheme, demorando um pouco mais do que era necessário, saboreando cada gota de seu sangue doce. Ela estremeceu quando ele puxou e a liberou com cuidado para que ela não caísse.

Ela imediatamente agarrou a mesa para apoiar as pernas trêmulas. Ele conhecia esse sentimento. Suas próprias pernas estavam moles com a paixão gasta. Claro, ele tinha fodido muito no passado, mas de alguma forma, neste breve, intenso encontro com Blaspheme, sua mente e seu corpo desgastaram mais do que jamais fizeram.

Afastando, ele se limpou mentalmente, enfiou seu pau semiduro de volta em suas calças, e fechou. Com outra ordem mental, ele limpou Blaspheme também, e depois se inclinou para recolher suas roupas.

— Devemos ir ver Gethel agora, — disse ele, totalmente modo negócios em um esforço para deixar a merda emocional por trás.

Ele jogou a toca, o jaleco, o estetoscópio em cima da mesa... e casualmente deslizou sua calcinha destruída no bolso. Nunca foi um psicopata que

guardava lembranças de suas conquistas, mas por alguma razão, não foi capaz de deixar a de BlaspHEME ir, e pensou que talvez escondendo algo dela fosse ajudar.

Sim, essa é uma racionalidade forçada. Mantenha algo que pertence a fêmea que você precisa deixar ir. Isso vai ajudá-lo a esquecer.

Irritação com sua própria estupidez fez sua voz mais dura do que pretendia quando disse, — Vamos lá. Gethel não está ficando menos grávida.

Os ombros de BlaspHEME soltaram, e ela fez um som que ele congelou no lugar.

— Blasfeme? — Ela fez o som de novo, e o alarme disparou por ele. — Você está bem?

— Sim, — ela resmungou. E, em seguida: — Não.

De repente, soluços acumularam seu corpo e ela escorregou para o chão em um agachamento, com o rosto enterrado nas mãos enquanto ela chorava.

A emoção crua se apoderou dele, lutando em seu interior e colocando-o na beira da hiper ventilação. Ele não podia lidar vendo uma fêmea chorando. Memórias de sua mãe amontoada na parte de trás de sua cela enquanto ela balançava para frente e para trás, e chorava trouxe-o de joelhos na frente de BlaspHEME.

Muito gentilmente, ele a puxou contra ele e usou seu corpo para amortecer seus soluços violentos. Ele não disse nada, o que havia para dizer? Não estava totalmente certo do que estava errado. Tudo o que sabia era que ela estava com dor, e estava impotente para

fazer algo a respeito.

Depois do que pareceram horas, ele a deixou chorando, só o tempo para ele chegar até a mesa e pegar um tecido da caixa. Ele encontrou um pedaço de papel com algum tipo de escrita enigmática sobre ele, e, em seguida, seus dedos encontraram o que ele estava procurando.

Ele apertou um tecido em sua mão. — Espere um segundo, ok?

Ela assentiu, virando-se para assuar o nariz quando ele se levantou e recolheu suas roupas. Ele colocou o pedaço de papel e seu telefone celular dentro de sua bolsa, e, em seguida, levantou-a em seus braços e os piscou para o seu quarto.

Ele esperava que ela discutisse quando ele cuidadosamente a colocou na cama, mas ela estava mole como um macarrão cozido, o que era devido sua exaustão.

— Eu sinto muito. — Sua voz era um sussurro abafado no travesseiro. — Eu não costumo ter colapsos como este.

— Está tudo bem. — Ele subiu na cama e a puxou contra ele, quando os soluços se tornaram fungadas e, finalmente, ela não fez qualquer barulho, exceto um ronco suave.

Fechando os olhos, ele relaxou. Verdadeiramente relaxou pela primeira vez em... ele não conseguia se lembrar. Mas o que sabia era que isto parecia certo, não importa o quão duro ele tentou dizer a si mesmo que

isso não fosse. E quando as âncoras da asa em suas costas começaram a coçar, mais uma vez teve o desejo mais bizarro...

Foi quando tudo aconteceu. Suas asas brotaram das fendas perto as omoplatas. A da esquerda, bloqueada pelo colchão, era inútil contra suas costas. Mas outra espalhou em ébano, ouro, prata e glória, e ele não lutou contra o instinto quando baixou sobre o corpo de Blaspheme, cobrindo-a com um casulo protetor de penas.

Ele tinha dado a ela um abraço de Anjo, um ato de carinho, promessa... ou amor.

Deuses, ele era um tolo.

Blaspheme acordou com o aroma apetitoso de carne grelhada. Ela abriu os olhos inchados, devido a crise de choro. Sempre pareceu estranho que um excesso de lágrimas pudesse produzir uma sensação de ressaca.

Espera... ela estava chorado em seu escritório. Na frente de Revenant. Ela gemeu e cobriu a cabeça com os cobertores.

Cobertores que cheiravam a Revenant.

Deus, como ela poderia ter caído tão assim? Não tinha certeza de que, exatamente, a levava a desabar, mas o que sabia era que não poderia acontecer novamente. Ela era mais forte do que isso. Tinha que

ser, por sobreviver tanto tempo.

— Hei. — Sua voz, rouca e ressonante, interrompeu seus pensamentos, mas não tinha certeza se era uma coisa boa ou ruim. — Eu tenho comida.

Ela colocou a cabeça para fora das cobertas e espiou para ele quando ele entrou no quarto com um saco de papel marrom. — Comida?

Ele levantou o saco manchando de gordura. — Fresca e entregue do meu bar do submundo favorito.

A fome bateu constrangendo-a, e ela se sentou, percebendo no último segundo que estava nua. Apressadamente, ela enfiou os cobertores entre os braços e costelas para manter-se coberta.

Não que Revenant não tivesse visto cada centímetro de seu corpo até agora. Ainda assim, nua durante o sexo era diferente do que nua e emocionalmente exposta. Sentiu como se tivesse visto não apenas seu corpo descoberto, mas sua mente também.

Algo brilhante chamou sua atenção, e ela estendeu a mão sobre o edredom azul pálido, seus dedos encontraram uma pena linda. Quase do tamanho de uma pena de águia americana, era um cetim azul-preto luxuoso permeado com dourado e prata.

— Uau, — disse ela. — Seu?

Revenant ficou cerca de dez tons de vermelho. Ora, ela não tinha ideia. Se suas penas fossem assim, ela as estaria mostrando o tempo todo. Infelizmente, as dela eram translúcidas com um brilho rosado que todos

os Anjos Falsos tinham, e, enquanto elas pareciam exóticas à distância, de perto elas pareciam de papel crepe fino e destinada somente para show.

Não que ela estivesse reclamando. Não tinha ideia do que suas asas reais pareciam, e não queria saber. Saber significava que seu falso encanto acabou, e ela provavelmente estaria morta antes que ela pudesse ficar íntima com suas penas.

— Ah... sim. Ela é minha. — Revenant afundou-se na cama e tirou quatro caixas fora do saco, além de guardanapos e de utensílios de plástico. — Há costelas defumadas, almôndegas picantes e bisteca.

— Nenhum legume, hein?

Ele abriu a última caixa para revelar batata frita dourada. — Voilà. Legumes.

— Como médica, eu diria uma merda sobre isso. — Colocou cuidadosamente a pena de lado, estendeu a mão para a caixa cheia de costelas defumadas, mas afastou a mão no último segundo. — Atrevo-me a perguntar que tipo de carne que é isso?

Ele rolou um ombro largo em um encolher de ombros preguiçosos. — Não sei. Quão forte é o seu estômago?

Tinha a sensação de que ele estava brincando, mas não ia testar essa teoria. Ela cutucou uma almôndega com um garfo de plástico e devorou a coisa em duas mordidas. Em seguida, colocou uma costela, não se importando que Revenant estivesse olhando com um sorriso satisfeito no rosto.

— O que? — Ela murmurou com a boca cheia de batatas fritas. — Nunca viu ninguém comer antes?

— Eu gosto de ver você comer. Eu teria gostado de cozinhar a comida eu mesmo, mas não queria deixá-la sozinha, enquanto eu fosse à caça.

— Isso é muito gentil de sua parte, — disse ela, mesmo quando se perguntou quantas vezes ele cozinhou para uma fêmea. — Mas definitivamente não vou perguntar o que você teria ido caçar.

— Isso provavelmente é sábio.

Eles terminaram de comer em um confortável silêncio, e quando ela terminou, Revenant desapareceu no banheiro. Voltou com uma toalha molhada e que a surpreendeu quando ele ternamente limpou o rosto, enxugando sob seus olhos com o maior cuidado. Em seguida, ele se moveu para a boca e as mãos, limpando o molho pegajoso e a gordura.

Tinha a sensação de que ele tendia a alguém assim antes. Era difícil imaginar que este Anjo Sombra grande e mau pudesse ser tão gentil e carinhoso.

Quando ele terminou, ela cobriu a mão dele. — Quem era ela?

Ele sabia o que ela queria dizer, e as sombras esvoaçavam em seus olhos. — Minha mãe, — disse ele em voz baixa.

E então, como se um bastão de choque atingisse sua bunda, ele se levantou e jogou a toalha em uma pilha de roupas no canto. Ele pegou uma camiseta preta dos Guns N'Roses de sua gaveta e entregou a ela.

— Eu não tenho nenhuma roupa que vá lhe caber, mas acho que tenho um moletom que irá funcionar se você enrolar na cintura. Você sabe, muito.

— Está tudo bem. Eu posso usar meu uniforme. Eu deveria ir de qualquer maneira.

— Onde? Voltar para o hospital, onde acabou de ser suspensa?

Suas palavras a picaram... por que ele estava certo. Sua vida era uma espiral fora de controle, e a suspensão foi a última gota. Anjos foram atrás dela, o encantamento de Anjo Falso estava desvanecendo, sua mãe estava sumida, e perdeu o emprego. Então fez sexo incrível com Revenant que sentiu nada mais do que casual.

Suas emoções estavam desgastadas, mas por alguma razão, aqui no covil de Revenant, foi fácil deixar tudo isso ir.

— Revenant? Por que você me trouxe aqui?

— Você estava chateada. — Ele recolheu as caixas, e o lixo, empurrou tudo dentro do saco. — Você precisava estar segura. Este é o lugar mais seguro para você estar.

— Mas por quê? Eu estava a salvo no hospital também.

— É uma... regra.

Ela saiu da cama e começou a se vestir. — Uma regra?

Ele assentiu com a cabeça. — Quando uma mulher está em perigo, você tende a ela. — Ele pareceu

considerar o que ele tinha acabado de dizer. — A menos que ela tente matá-lo. Nesse ponto, é um jogo justo.

Blaspheme escorregou em suas calças de uniforme. O que havia com ele e as regras? Ele as aceitou, não a tocou a primeira vez que tiveram relações sexuais. Na época, pensou que fosse estranho, mas ela as determinou com Revenant porque não queria abrir mão do controle. Mas parecia que isso era algo muito, muito diferente.

— Então... você segue todas as regras?

— Existem regras por uma razão, — disse ele com a voz rouca, como se ela não devesse questioná-lo.

— E se elas são estúpidas?

— Não importa. Se é uma lei, é lei.

Ela revirou os olhos quando deu de ombros em sua parte superior do uniforme. — Eu li uma vez que há uma lei em algum lugar na Califórnia, que diz que você não pode limpar o pó do mobiliário com cuecas sujas. Você está me dizendo que você acha que as pessoas deveriam ser presas por limpar o pó de seus móveis com cuecas sujas?

— Não. Essa é uma lei imbecil, e as pessoas não devem ir para a cadeia por isso. — No seu sorriso triunfante, ele ergueu a mão. — Mas se é, de fato, uma lei, as pessoas não devem ficar chateadas por ter sido preso porque a quebrou. Estúpida ou não, é a lei. — Ele apertou na parede, e um painel oculto deslizou para fora do caminho, abrindo seu quarto para uma floresta ao ar livre de árvores retorcidas e arbustos deslocados com

espinhos tão grandes quanto sua mão. — Mas eu mataria qualquer um que esfregasse suas roupas íntimas na minha mobília. Porra desagradável.

Ele jogou o saco de lixo e restos de comida do lado de fora, e quase que instantaneamente, uma dúzia de coisas peludas que ela só poderia descrever como guaxinim-aranha correram e demoliram o saco e seu conteúdo. O painel se fechou de novo, e ela pôde apenas balançar a cabeça na estranheza que era tão normal para ele.

Ela teve muita sorte que sua mãe tinha escolhido criá-la no mundo humano, onde, comparativamente, muito pouco era arrepiante.

— Revenant?

Ele girou de volta para ela. — Sim?

— Por que você é tão defensor de regras? Quer dizer, eu sei que você é tecnicamente um anjo, mas você vive e trabalha em Sheoul. Você foi criado aqui. Sheoul é tudo sobre o caos e anarquia. Então, por que as regras são tão importantes para você?

Ele engoliu em seco, seu pomo de Adão subindo e descendo, e de repente ela soube que isso estava relacionado com sua infância infernal.

— Está tudo bem, — disse ela. — Você não tem que me dizer.

— Não. — Ele engoliu em seco novamente. — Eu quero. Eu não sei por que, mas eu quero. — Ele fez um caminho mais curto para o pequeno bar portátil no canto, mas antes que chegasse, ele parou, a cabeça

baixa, como se não pudesse suportar a dar mais um passo. — É a sua magia Anjo Falso agindo em mim? É por isso que de repente eu tenho este desejo ardente de confiar em você?

— O que? Não. Claro que não. Esta sou eu. Não algum tipo de encantamento.

— Mas você é um anjo falso. Está na sua natureza encantar e enganar.

Ele tinha um ponto sobre a natureza de um Anjo Falso, mas não tinha ideia de como convencê-lo de que não estava usando todas as habilidades Anjo Falso nele. Inferno, ela não sabia se ela ainda podia.

— Como um Anjo Falso, — disse ela, sentindo-se estranhamente desconfortável em dizer que: — Eu posso escolher o momento de usar meus dons e quando não. Juro para você, eu não vou usá-los.

Ele a olhou e ela se encontrou desesperadamente querendo que ele acreditasse nela. Confiasse nela.

E, ao mesmo tempo, a vergonha era um peso no centro do peito, porque queria que ele acreditasse em uma mentira. Quão estranho era isso?

E então a verdade da situação bateu com tanta força que quase deu um passo para trás. Ela estava apaixonada por ele. Apaixonada por um homem que admitiu ter matado *vurm*. E não era o fechamento perfeito neste dia épico péssimo.

— Vou confiar em sua palavra Blaspheme, — disse Revenant. — E eu nunca fiz isso, então não me faça arrepender. — Antes de seu cérebro pudesse

processar uma resposta, ele continuou. — As regras, — disse ele, felizmente voltando para o tema em questão, — são importantes porque quebrá-las sempre tem consequências graves. Minha mãe me ensinou isso.

— Como assim, você a conheceu? — Blas tinha assumido que ele foi criado sozinho na cela que ele mencionou no outro dia.

— Ela... escolheu ficar para trás comigo depois que Reaver foi levado, — ele disse. — Ela costumava me dizer que as leis devem ser criadas com moderação, porque a quebra de uma lei, mesmo que parecesse insignificante ou estúpida, tem consequências. Mas eu não ouvi. Eu era um garoto rebelde com sangue de Satanás voando de dentro de mim. Meu playground era uma câmara de tortura, e os meus melhores amigos eram os mesmos que me torturaram, os guardas da cela.

Blaspheme só podia olhar com horror. Pensou que sua infância foi ruim, mas ela nunca reclamaria novamente. Nunca.

— Revenant, estou tão...

Ele a cortou com um gesto, por favor, não. Ela entendeu, ela odiava pena também.

— Então, minha mãe tentou me avisar. Implorou-me para seguir as ordens dos demônios e nunca desobedecer a suas leis. É claro que eu fiz tudo que podia para entrar em apuros. Eu não dava a mínima se eles me batessem. — Ele enfiou as mãos nos bolsos e olhou para baixo, com a cabeça solta em seus

ombros curvados. — Não me ocorreu que minha mãe tinha que ver. E porque não me ocorreu, eu quebrava as regras. Então, um dia, enquanto eu observava, eles a espancaram. Eu não tive a intenção de quebrar as regras depois disso, mas às vezes... porraa.

Ele esfregou a mão sobre o rosto, e quando ele terminou, ele parecia cansado. Derrotado.

O coração de Blaspheme sangrou por ele. Não podia sequer começar a imaginar o tipo de terror que ele deve ter sentido assistindo sua mãe ser abusada por algo que ele fez. Sua culpa deve comê-lo como ácido. Morrendo de vontade de confortá-lo de qualquer maneira que podia, ela moveu para frente, mas ele recuou, claramente não querendo ser tocado no momento.

— Quanto tempo você teve que viver assim? — Deuses, sua voz era tão instável como suas emoções estavam no momento. Queria chorar por ele. Gritar de indignação. Matar os bastardos que fizeram isso com ele e sua mãe.

— Eles me levaram para longe dela quando eu tinha dez anos, — disse ele. — Enviaram-me a uma mina que cavava cristais de magma.

Cristais de magma, encontradas apenas em Sheoul, eram raros e preciosos, cobiçado por necromantes para usar em feitiços poderosos. Por todas as contas, a mineração era tão perigosa que ninguém se oferecia para fazê-lo. O trabalho escravo era a única maneira que as coisas podiam ser adquiridas.

— Eu tentei escapar, — continuou ele em uma voz rouca, atormentada. — Há dez anos eu tentei encontrar uma maneira de voltar para a minha mãe. O que eu não soube até mais tarde foi que toda vez que eu tentei fugir, ela foi torturada. Estuprada. Todas as coisas habituais que fazem com uma fêmea. Então, sim. Você segue as regras de merda, não importa o quê, porque se você não fizer isso, merda ruim acontece.

A garganta de Blaspheme contraiu, como se ela fosse a única a ter compartilhado essa história horrível. Ter compartilhado os gritos que sem dúvidas foram arrancados dele.

— Revenant, — ela sussurrou.

Sua cabeça veio com um grunhido. — Não.

Ignorando-o, ela se moveu para frente, e mais uma vez, ele recuou. Mas desta vez, ela não parou até que ele bateu na parede do quarto. Ele rosnou novamente, mostrando suas presas. Como um animal ferido, seu comportamento era defensivo, não agressivo, e ela sabia instintivamente que ele não iria machucá-la.

— Calma. — Muito lentamente, ela segurou seu rosto entre as mãos e encontrou seu olhar assombrado. — Obrigada por me contar. Você não precisa dizer mais nada. Mas se você quiser, eu estou aqui para você.

Seus olhos escuros percorreram seu rosto, procurando, ela assumiu, por sinceridade. Pouco a pouco, os últimos vestígios de resistência desapareceram, e ele a puxou contra ele. Seus braços fortes a cercaram, mas ela teve a sensação de que era

ela quem estava segurando-o quando ele a abraçou com força, enterrando o rosto em seu cabelo, seu corpo rígido como um escudo.

Ficaram assim por um longo tempo, até que ele finalmente murmurou, — Você é de verdade, Blasfeme?

Ela se afastou, encontrou-se olhando dentro daqueles olhos negros insondáveis. — O que você quer dizer?

— Eu quero dizer que tenho merda que vem em mim de todos os lados... do meu irmão, do céu, do Sheoul. Você é a única coisa que faz sentido agora. Não posso ser fodido por você também.

Como bizarro era que ambos estavam em situações muito semelhantes, e que só a fez sentir extremamente culpada por ter mentido para ele. Talvez ela devesse dizer a ele a verdade. Ou, pelo menos, uma ponta em torno da verdade para ver como ele se sente sobre... Sobre o que? Que ela era *vurm*? Confessar seus pecados a alguém que caçava quem ela era? Mesmo que ele não quisesse matá-la por ser uma *vurm*, ele provavelmente faria por mentir para ele.

Finalmente, ela se decidiu por uma resposta que estava cem por cento verdadeira. — Eu nunca iria machucá-lo intencionalmente. Por favor, acredite em mim quando digo isso.

Revenant abriu a boca para dizer algo, mas um zumbido abafado atraiu a atenção de ambos a sua bolsa no chão.

— Eu não teria pensado que teria serviço de

celular por aqui.

Ele deu de ombros. — Os técnicos demônios podem fazer praticamente qualquer coisa. — Ele apontou para a bolsa. — Vá em frente e atenda. Devemos ir de qualquer maneira. Gethel espera.

O lembrete a fez gemer. Um gemido que foi interrompido pelo burburinho distinto que indicava uma mensagem instantânea de sua mãe.

Pegou o telefone de sua bolsa quando Revenant a deixou sozinha no quarto. A tela piscou, e o ícone, gatinho, de Deva apareceu. Sua mãe adorava gatos. Praticamente viveu com Cat Saturday no theCHIVE.

Querida, onde está?

Blaspheme digitou sua resposta com um dedo. *Estou aqui, mamãe. Onde você está? Você está segura? Como você está se sentindo?*

Eu me sinto bem. Estou segura. E vc?

Porra, Blas odiava a porcaria de atalho. Fazia questão de digitar tudo corretamente, mesmo que levasse um milhão de vezes mais tempo. *Estou bem. Por que você correu?*

O macho na clínica. Ele é o que eu disse p vc.

Blaspheme franziu a testa. *O que você me falou?*

Houve uma pausa, por um momento muito longo. Tempo suficiente para que Blas desse quatro voltas ao redor do quarto antes que seu telefone finalmente vibrasse em sua mão. Quando ela olhou para baixo, o que ela viu, parou seu coração em seu peito.

O macho chamado The Destroyer. Blaspheme, o

anjo caído na clínica... ele é o destruidor. Ele é o filho da puta que matou seu pai.

CAPÍTULO 23

Revenant esperou Blaspheme em sua varanda, olhando para o abismo sem fundo que circulava sua casa e os dez hectares de terras que o rodeiam como um fosso sem água. Ele viveu nesta fortaleza impenetrável por três décadas, aquecendo-se a privacidade que só era quebrada quando ele trazia alguém aqui ou tornava a ponte de pedra visível para aqueles que ele convidava.

Como o cara que entrega a comida.

Ele gostava daqui, supôs, mas agora queria algo diferente. Melhor. Mais condizente com alguém como Blaspheme.

Ela não pertencia a um lugar como este. Inferno, ela não pertencia a Sheoul.

Quando ele olhou através das profundezas escuras do canyon às vastas montanhas escarpadas de sofrimento eterno, ele sentiu vergonha que ele a trouxe aqui. E como era estranho sentir vergonha quando, há quase cinco mil anos nunca sentiu nada do tipo.

Mas Blaspheme o deixava fora de equilíbrio, inundou-o com novos sentimentos inesperados e tirou a poeira sobre emoções que ele não tinha usado desde que sua mãe morreu.

Eu estou aqui para você, ela disse. Eu estou aqui

para você.

Calor cobriu seu coração, substituindo o gelo que tinha amortecido o músculo. Era como se o órgão batesse pela primeira vez, e a leveza, a energia que ele sentiu, era incrível.

Tomado com uma vontade de beijá-la, ele voltou para dentro, encontrou-a sentada rigidamente em seu sofá, a bolsa por cima do ombro, as mãos cruzadas sobre o colo.

Algo não estava certo.

— Hei, — ele disse. — O que está errado?

— Nada. — Ela se levantou, mas evitou seu olhar. — Nós devemos ir. Nós podemos parar no UG para que eu possa pegar uma maleta de obstetrícia e a máquina de ultrassom portátil.

Talvez ela recebesse algumas notícias más enquanto ela estava no quarto. Ele queria perguntar, e ontem ele teria. Mas algo havia mudado entre eles desde então, e ele entrou em uma dinâmica estranha que não estava familiarizado.

Ele não era exatamente a pessoa mais paciente do planeta, mas ele daria isso a ela dessa vez. Talvez ela dissesse a ele por conta própria, quando estivesse pronta.

Só esperava que ela estivesse pronta em breve. Seu novo interesse na tentativa de ser mais paciente provavelmente não iria durar.

A mão dela estava rígida e fria quando ele a segurou e os levou diretamente para seu escritório.

— Espere aqui, — disse ela, ainda não encontrando seu olhar.

Ela saiu, e ele perdeu tempo, verificando todas as bugigangas em sua mesa e em suas prateleiras. Ela parecia ser um fã de borboletas. Pequenas estatuetas de cristais em cores brilhantes e alegres decoravam o escritório, e em suas paredes, duas pinturas enormes de borboletas azuis e amarelas e certificados de premiação médica.

Tudo o que ele tinha em suas paredes eram prateleiras de armas e dois crânios de inimigos.

Blaspheme retornou com dois grandes sacos pendurados sobre seus ombros. Para ser cavalheiresco, algo completamente novo, ele pegou os dois.

— Você gosta de borboletas, — disse ele, afirmando o maldito óbvio. — Por quê? — Para ele, elas não eram nada exceto vermes alados.

— Porque, — disse ela, segurando sua bolsa. — Elas passam a primeira parte de suas vidas disfarçadas, feias, sem saber o seu potencial. Mas, quando elas podem finalmente ser elas mesmas, elas podem voar e ser as belas criaturas que nasceram para ser. — Um fio de tristeza infundiu sua voz. Achava que ela realmente tinha uma coisa por vermes alados.

E ela ainda não olhava para ele.

— Blasfeme?

— O que? — Ela retrucou.

Uau. — Eu fiz alguma coisa para te chatear?

Os cílios grossos loiros que emolduravam seus

intensos olhos azuis viraram para cima. — Não, — ela disse rapidamente. Muito rapidamente. — Só tenho muita coisa na minha mente, e, francamente, não estou contente em tratar um monstro do mal.

Ele sentia que havia mais do que isso, e enquanto ele poderia ignorar o humor feminino, ele tinha a sensação de que ela só iria ficar mais irritada se ele a empurrasse mais.

— Nós não vamos ficar lá por muito tempo, — disse ele. — E se você está preocupada com a sua segurança, saiba que vou matar qualquer um que tente prejudicá-la.

— Sim, — ela disse em um tom desagradável, — porque isso é o que você faz, não é? Você mata. Como é fácil para você? Quantas borboletas você esmagou sob as suas botas, Revenant?

Surpreso por sua súbita raiva, ele lutou para manter a calma quando realmente queria atacar. O que era a primeira vez.

— Eu sou, para todos os efeitos, um anjo caído, — disse ele, sem rodeios. — Matar é da minha natureza. Apreciá-la é da minha natureza. Você sabia disso quando você me fodeu pela primeira vez. E a segunda. E agora você está tendo problemas com isso? Isso é como estar com raiva de um tubarão por matar uma foca. Está em sua natureza.

— E esse é o problema, — ela sussurrou. — Esse é o problema em poucas palavras.

Revenant piscou BlaspHEME à residência de Gethel sem outra palavra. No momento em que se materializaram, Gethel acusou Revenant com gritos ensurdecadores sobre a demora em trazer um maldito médico.

— Relaxa, — disse ele enquanto afundava em uma cadeira perto de uma das lareiras. — Não é como se você fosse morrer de um pequeno sangramento.

BlaspHEME levantou uma mão. — Suficiente. Gethel eu preciso que você se deite no sofá. Vou realizar um ultrassom e obter uma amostra de líquido amniótico.

— Vai doer?

— Sim.

Gethel sorriu. — Bom.

BlaspHEME apenas balançou a cabeça enquanto se agachou e vasculhou a mochila com os suprimentos necessários para a amniocentese. Seus dedos se fecharam em torno de algo estranho... Cenho franzido, ela tirou um pequeno pedaço de papel fixado em torno dele com um elástico.

Quando Gethel se posicionou no sofá e levantou a blusa esfarrapada para expor sua barriga, BlaspHEME verificou o papel.

Uma palavra, escrito na letra de Eidolon: AMNIOINFUSÃO.

Ela olhou para as letras, tentando dar sentido a

elas. Em seguida, entendeu. A seringa estava cheia com a solarum que Eidolon tinha mencionado. Ao invés de injetar solução salina no saco amniótico durante um tratamento normal, ela deveria injetar *amnioinfusão*, o solarum...

Ela sobressaltou, quase deixando cair a seringa. Veneno. O líquido amarelo pálido dentro da seringa era veneno para seres do mal, e quanto mais mal, mais venenoso era. E Lúcifer, sendo o filho de Satanás...

Oh, maldição.

Ela olhou para Revenant, que tinha apenas empurrado seus pés sobre os pilares. Ele não parecia estar interessado no que estava acontecendo, mas Gethel bufou.

— Você só vai se sentar aí, sua vaca estúpida?

— Não, — disse Blas distraidamente. — Claro que não. — Da forma como ela estava nervosa não pode não pular para trás afastando a mãe do mal, e quando Revenant lançou um olhar em sua direção, ela soube que tinha que continuar sob controle.

Primeiro, ela precisava coletar o líquido amniótico. Levou apenas alguns minutos configurar a máquina de ultrassom, que usaria para determinar a posição do feto e a melhor localização para inserir a agulha. Como a máquina aquecida, ela fez uma tentativa de envolvê-la na visão de raios-X do Anjo Falso... e ficou chocada quando isso cintilou à vida.

Calor infundido seu corpo quando o dom pegou com uma sensação quase orgástica. Era como se o

encantamento Anjo Falso estivesse tomando o seu último suspiro, e tinha a intenção de usá-lo por tudo o que valesse a pena. Rapidamente, concentrou-se na barriga inchada de Gethel, e imediatamente o bebê tomou forma. Esperava ver o contorno de um monstro, mas em vez disso, ela viu o que parecia ser um bebê comum, não é diferente do que ela veria em um hospital humano.

Não é um bebê. Não é humano. Não é nem um demônio. É filho de Satanás. Encarnação do mal.

Mantendo esse pensamento em mente, escolheu um local para colocar a agulha que usaria para retirar líquido amniótico.

— Você vai sentir uma picada... — Ela inseriu a agulha, usando sua visão especial para garantir que atingisse a bolsa de líquido e não a criança. Um momento depois, ela retirou a seringa cheia, tampou-a e a colocou na mochila. Coleta de células bem sucedida.

A seringa cheia de solarum ao lado da máquina de ultrassom, o seu conteúdo brilhando à luz esfumaçada da câmara.

Faça isso.

Blas fechou os olhos. Ela tinha tomado a missão de fazer isso, destruir Lúcifer no útero. Fez para manter Eidolon fora do caminho do mal. Ela poderia fazer isso. Tinha que fazer.

Tomando uma respiração profunda, recolheu a seringa e orientou a agulha para que pudesse espetá-lo diretamente abaixo, na parte de trás do crânio de

Lúcifer.

Sua visão Anjo Falso apagou, mas isso não importava. A agulha estava posicionada, e mesmo que a perdeu, bastava injetar o material no líquido amniótico que faria o truque.

Isso iria destruir Lúcifer.

Faça.

Mas ela era uma médica. Como poderia tirar uma vida, mesmo que a vida fosse o mal? Ainda era uma vida, e ela nasceu para curar, não destruir.

Faça isso!

Sua mão tremia e seus olhos ardiam, e na boca do estômago, a comida que tinha comido com Revenant revolvía. Por que isso foi acontecer com ela? Se Lúcifer a estivesse atacando, ela poderia lutar. Poderia matar. Mas isso era diferente. Isso feriria sua alma como uma contusão para o resto de sua vida.

Mas matando-o, você poderá salvar milhares de vidas.

Centenas de milhares de pessoas. Milhões talvez. Quando viesse o tempo do apocalipse bíblico, Lúcifer lutaria ao lado de Satanás,orquestrando o sofrimento de todos os seres vivos do planeta.

— O que diabos você está fazendo? — Gethel estalou. — Eu não tenho o dia todo. Tenho uma cesta cheia de gatinhos para comer.

Blaspheme empurrou a mão. — Gatinhos? Eu te disse *folhas verdes*.

— Você disse para não comer crianças.

— Nenhuma carne. Qualquer uma. Ordens médicas.

Gethel assobiou. — Eu não acredito em você. — Ela apontou para a seringa pronta sobre sua barriga. — E o que é isso?

— Solução Contraste, — Blas mentiu. — Isso vai ajudar com o ultrassom.

O som de botas pesadas do Rev bateu contra o chão chegando perto, e o pulso de Blaspheme disparou. Ele viu através da mentira?

— Depressa. — Gethel deixou cair à cabeça contra o apoio do braço do sofá. — Quando estiver pronta eu vou comer os filhotes e mandar alguém me arranjar uma criança humana ou duas.

Rev estava quase em cima dela. Blaspheme agarrou a seringa. Não mais falaria pelos cotovelos. Esta cadela e seu filho monstro estavam indo para baixo. Se a culpa a atormentasse pelo resto de sua vida, que assim seja.

Sua mão tremia ainda mais forte e náuseas borbulhavam, mas ignorou os dois e começou a enfiar a agulha.

De repente, algo se chocou contra ela, derrubando-a e enviando a seringa voando para fora de sua mão. Revenant caiu no chão, e quando ele se levantou, a bota esmagou a seringa, quebrando-a e salpicando seu conteúdo por todo o chão.

— Oh, me desculpe. — Ele deu um sorriso tímido. — Eu tropecei sobre a máquina de ultrassom.

Espero que eu não tenha estragado algo.

Ele tropeçou? Sr. Super ágil tinha tropeçado?

— Tolo! — Gethel latiu. — Lucifer vai esfolar você vivo o momento em que ele aprender a manejar uma espada.

— Ele é bem-vindo para tentar. — Revenant chutou de lado os pedaços de seringa. — Mas, até lá, é preciso mantê-lo saudável, por isso ouça a médica e coma a maldita merda verde. — Ele olhou para Blas. — Conclua isso. Eu estou pronto para dar o fora daqui.

CAPÍTULO 24

Revenant se afastou de Blaspheme, amaldiçoando-se mais e mais enquanto ele andava. Solução de contraste. Ela afirmou que a seringa continha *solução de contraste*.

Poderia ter acreditado nela se ele não visse o drama se desenrolando em sua expressão quando ela posicionou a agulha sobre a barriga de Gethel. Seja qual for a substância que estava prestes a injetar em Gethel a teria envenenado, e Blaspheme ficaria atormentada pelo assassinato que ela estava prestes a cometer.

Primeiro Revenant a animou mentalmente. *Faça isso! Destrua o bastardo!* Mas quando a mão de Blaspheme começou a tremer e os olhos dela ficaram assombrados, seu entusiasmo tinha levado um golpe duro. De repente, ele não podia suportar a ideia de que a mulher que dedicou sua vida para salvar os outros fosse manchar sua alma com o assassinato.

Com certeza, ele não considerava matar Lúcifer como um assassinato, e imaginou que noventa e nove por cento da população do Céu, Terra e Sheoul tampouco. Mas Blas, um por cento, ela nunca se recuperaria.

Ele não podia colocá-la nisso, e como o tolo

autodestrutivo que ele era, ele fingiu ser um desajeitado para que ele pudesse sabotar sua tentativa.

E o pior de tudo era que tinha feito, mesmo depois de Blaspheme tê-lo insultado.

Como ela ousa julgá-lo pelo que ele era? Ele a julgou por ser um Anjo Falso? Ok, talvez. Mas ele conseguiu passar por isso. Ele viu além do que ela era, quem ela era. Pelo menos, gostava de pensar que sim.

Não, ele sabia. Ele viu ela mesma, até seus erros. Viu a bravura quando ela se levantou e foi até ele. Quando ela o chamou para fora em sua arrogância. Ele recebeu sua generosidade e carinho. E sentiu sua vulnerabilidade quando ela acreditava que seu mundo estava desmoronando ao seu redor.

Então, por que ela não podia vê-lo? O que foi tudo aquilo, *eu estou aqui para você*, besteira, apenas isso? Besteira?

Maldição! Sem pensar, ele bateu com o punho em um dos pilares de apoio no grande salão de Gethel, colocando uma nova rachadura do chão ao teto.

Gethel e Blaspheme olharam para ele, mas ele não dava à mínima.

Finalmente, depois do que pareceram horas, Blaspheme arrumou suas coisas e se aproximou. — Ela está bem por agora, — disse ela em voz baixa. — Preciso que um especialista em obstetrícia avalie o ultrassom, mas vou te dizer, duvido que ela sobreviva ao nascimento.

Ele deu de ombros. — Satanás não se preocupa

com ela. Ele está preocupado com Lúcifer.

A expressão de Blaspheme azedou. — A pequena abominação parece saudável.

Saudável. Algo que poderia ser colocado aos pés de Revenant. Graças ao seu ato impulsivo de compaixão por Blaspheme, ia perder seu status como o segundo ser mais poderoso de Sheoul. Não podia perder esse status, não agora que ele tinha desistido de seu sonho patético de ser acolhido no céu. Uma vez que ele matasse seu primeiro anjo, ele ia queimar todas essas pontes.

Então, não, não ia desistir de sua posição ao lado de Satanás, especialmente não para Lúcifer, que passou sua primeira encarnação tornando a vida de Revenant miserável. Sim, se Revenant pudesse, ia destruir o filho da puta no útero no momento. Mas sem um lugar para se esconder de Satanás, isso seria uma sentença de morte.

— Podemos ir agora? — perguntou Blaspheme.

Revenant começou a dizer que sim, mas uma porta no final do corredor abriu, e dois guardas Ramreel arrastaram um vampiro sangrando no interior.

Gethel gesticulou para o rack em frente à espreguiçadeira onde ela estava descansando. — Coloque o servo de Thanatos lá. Eu quero vê-lo morrer lentamente.

Porra. Como Observador dos Cavalheiros, ele não poderia deixar isso acontecer.

— Vamos lá, — ele disse quando pegou a mão de Blaspheme. — Vou levá-la de volta para a clínica. — Ele

lidaria com Gethel e seu brinquedo sanguessuga uma vez que Blaspheme estivesse a salvo de volta no Underworld General.

Ele os aterrissou no estacionamento do UG, e o segundo que se materializou, Blaspheme afastou para longe dele. — Você só vai deixar aquele vampiro morrer? Leve-me de volta. Deixe-me ajudá-lo.

— Você não vai voltar. O vampiro não é da sua conta.

— Ele foi ferido, — disse ela, incrédula. — É claro que ele é da minha conta!

Raiva súbita rolou nele como uma onda gigantesca. Por que ela não podia ser egoísta, mesquinha e imoral como um Anjo Falso adequado deve ser?

— Acorda, — retrucou. — Você não pode salvar todos os gatinhos, vampiros e borboletas. E às vezes você tem que esmagar algo sob sua bota para obter o que deseja. Lide com isso.

Ela lhe deu um tapa. Forte o suficiente para fazer a sua bochecha arder. — Seu filho da puta. — Ódio cru, ardente saiu dela em uma onda que chamuscou sua pele. — É tão fácil para você ignorar o sofrimento?

Ela realmente queria ver o pior nele, não é? — O que mudou Blasfeme? Que tipo de mensagem você conseguiu no seu telefone que fez você de repente me odiar tanto?

— Odiar você? — Sua voz o chicoteou, impressionante tão maldosamente quanto os demônios

tinham feito quando ele foi escravizado nas minas. — É a mim que eu odeio. Eu sabia que não devia deixar. Eu sabia que não deveria me permitir me importar com você. Mas fui uma tola, e agora eu tenho que conviver comigo mesma.

Ela se preocupava com ele? E isso agora era passado? — Eu odeio dizer isso, anjo, mas todos nós temos de conviver com nós mesmos.

Ele não esperou por uma resposta. Ela estava muito alterada, e ele tinha uma situação para manusear. Sem mencionar a broca de uma intimação em sua cabeça que estava ficando pior quanto mais tempo ele ignorava o remetente. Satanás não gostava de ficar esperando, e se não obedecesse logo, ele estaria em um bom açoitamento ou outro órgão arrancado.

Engraçado como ele costumava responder às demandas de Satanás imediatamente, mas agora que ele tinha a sua memória de volta, ignorava-o. Revenant ia atrasar até o limite. Provavelmente não é a coisa mais brilhante a fazer, mas parecia que o lado rebelde que ele teve enquanto trabalhava nas minas de Satanás quando criança estava retornando.

Revenant piscou de volta para o lugar de Gethel, onde os Ramreels amarram o vampiro ao rack. — Isso, meninos, é um não, não.

Ele lançou seu pulso, e os demônios chifrudos voaram pela sala para pousar amontoados inconscientes no chão de ladrilhos.

Gethel se levantou negra de raiva, propagando

suas asas, veias azuis serpenteavam através de sua pele. Seus olhos ficaram oleosos, e uma aura de poder pulsava ao redor dela.

— Você não vai arruinar a minha brincadeira, — ela resmungou.

Ele a ignorou quando caminhou até o sanguessuga quase inconsciente. Abriu as algemas de metal e pegou o vamp quando ele caiu. Uma explosão de energia bateu no crânio de Revenant, derrubando-o no rack e enviando-o no chão.

— Você puta. — Ele se virou, preparando seu próprio poder, mas Gethel preparava outra carga, desta vez com força suficiente para quebrar o queixo. Curava quase que instantaneamente, mas agora estava chateado.

Largou o vampiro e pegou Gethel pelo braço. Ela amaldiçoou e atacou com explosões sem escalas de poder que estalou os ossos e esmagou seus órgãos. Cada passo que dava era pura agonia, mas não diminuiu a velocidade, não parou até que ele a jogou contra o rack caído e a amarrou.

— O que você está fazendo? — ela gritou.

Guardas correram de cada porta, armados e prontos para derrubar a ameaça à Mãe Negra, mas quando viram que Revenant era a ameaça, derraparam até parar como uma unidade e ficaram ali, sem saber o que fazer.

— Deixe-a assim, — Revenant lhes ordenara. — Deixe-a até de manhã. Se eu voltar e ela estiver livre,

quem quer que a liberou vai responder a mim.

Ignorando suas maldições e gritos, ele recolheu o vampiro e, em seguida, com uma dúzia de maldições obscenas em uma dúzia de idiomas, ele foi para a despensa e pegou a cesta da porra dos gatinhos e piscou para o castelo de Thanatos na Groenlândia. Thanatos e sua esposa, Regan, estavam sentados em sua mesa de jantar com seu filho, Logan, que tinha purê de ervilhas por todo o rosto. O cão do inferno do menino, Cujo, arreganhou os dentes imediatamente para Revenant, baba escorrendo das mandíbulas escancaradas que poderia engolir um cordeiro inteiro.

— Cujo, para! — Than latiu, e a fera do tamanho de um boi, ainda não totalmente crescido, derrapou até parar. Mas isso não significa que de repente ele fosse amigável. Não, o vira-lata se agachou, ainda rosnando, ainda pensando que poderia chutar o seu traseiro.

Porra, Rev odiava essas coisas.

Com um olhar que prometeu ao cão do inferno um golpe com um jornal enrolado do tamanho de um navio petroleiro, Rev despejou o vampiro no chão e colocou a cesta de gatos miando ao lado dele.

As tranças loiras de Thanatos balançaram em sua têmpora. — Ewan, merda. — Ele se agachou ao lado do vamp sangrando no chão. — Ele perdeu a chamada esta manhã. Nós achamos que ele ficou fora até muito tarde e teve que se esconder ao amanhecer. Você fez isso com ele? — Ele fez uma careta para a cesta de gatinhos. — E o que há com isso?

— Presente para Logan. E não, eu não fiz isso ao seu vampiro, mas obrigado por pensar o pior de mim, — Revenant disse lentamente. — Eu o salvei de Gethel. De nada.

Sabendo que não ia obter uma salva de palmas, nem nada, Revenant se preparou para piscar fora de lá, mas antes que ele fizesse, Thanatos o apertou contra a parede e estava em seu rosto, dentes à mostra, tanto como o cão do infernal.

— Onde ela está? — Ele rosnou. — É melhor você me dizer que ela está morta.

— Ela está viva, passa bem e dará à luz a qualquer momento, — Revenant disse, apreciando a fúria que construía na expressão de Thanatos com cada palavra. Não era que ele não gostasse de Thanatos... ele simplesmente não gostava de ser atacado por nenhuma razão, porra.

— Seu pedaço de merda. — Thanatos agarrou as lapelas da jaqueta de Revenant e bateu contra a parede novamente. — Ela tentou matar o meu filho. E você pode casualmente falar dela como se ela fosse uma dona de casa feliz com uma gravidez brilhante?

Foi realmente tentador colocar o Cavalheiro fora de si, mas a visão de Regan de pé na sala de jantar com Logan colocado protetoramente perto de seu peito fez algo tombar dentro de seu próprio peito. Quantas vezes sua mãe o segurou assim quando demônios abriram a porta da cela? Quantas vezes ela sofreu assistindo seu filho ser arrancado dela, e então ou ele ou ela poderia

ser torturado?

Assim, tanto quanto ele gostaria de rasgar Thanatos por ser um idiota, não faria isso na frente de uma mãe e seu filho. Em vez disso, ele usou um fio de seu poder para lançar o Cavaleiro para trás, direto para o cão do inferno estúpido. O vira-lata gritou, e Thanatos bateu no chão, só para aparecer de volta a seus pés, totalmente armado e blindado.

— Não faça isso, Cavaleiro, — Revenant advertiu. — Eu tenho uma dor de cabeça satânica e pouca paciência. E tenha em mente que eu não tinha que trazer de volta o seu vampiro.

— O que, você quer um prêmio por fazer a coisa certa? — Thanatos sinalizou para Cujo parar seu avanço em direção Revenant. — Você quer elogios? Traga-me Gethel.

— Não posso fazer.

Thanatos embainhou a espada, mas permaneceu blindado. — Você sabe, quando descobrimos que era o nosso tio, que você é um anjo como o nosso pai, nós esperávamos que você, pelo menos, tentasse se tornar parte da família. Mas você não sabe o que é família, não é? — A acusação de Thanatos não devia incomodá-lo, mas como antes, quando Blaspheme o acusou, as palavras cortaram profundo, porque não, ele não sabia o que era uma família. E não tinha percebido até o momento que ele queria saber. — Família não protege o monstro debaixo da cama. Só monstros protegem outros monstros. — Ele jogou a mão na porta. — Saia, tio. Vá

para o inferno, onde você pertence.

Revenant saiu, mas quando se desmaterializou, percebeu que Thanatos estava certo. Ele fazia parte do inferno, e ele sempre fez.

CAPÍTULO 25

Apesar de uma infância louca que envolveu uma série de movimentos e mudanças de nome, Blaspheme sempre sentiu que estava no lado certo da sorte. Mas, ultimamente, parecia que a sorte tinha acabado, e talvez fosse uma coincidência, mas tudo parecia ter começado no momento que Revenant entrou em sua vida.

Ela sabia melhor, mas ele era como um verme fazendo o seu caminho, passando suas defesas com seu charme excêntrico e vulnerabilidade quando ele disse a ela sobre sua infância de cortar o coração. E então ele foi e salvou um paciente que ela quase matou, ganhando sua eterna gratidão.

Em seguida, descobriu que Revenant era exatamente quem ela achava que ele era desde o início. Um assassino frio sem consciência.

Deuses, que idiota ela foi. E, realmente, não tinha ninguém para culpar além de si mesma. Ela não podia nem culpar Revenant. Ele era um tubarão que comia carne, como ele disse, e ela esperava que ele se tornasse um vegetariano. Os tubarões-tigre não podem mudar suas listras, e nem poderia um Anjo Sombra.

Naturalmente, *vrym* poderia mudar suas listras, não podia? Tudo o que precisava era de um sacrifício de sangue e alguns cânticos mágicos. Talvez ela devesse ter

feito o ritual que sua mãe queria que ela fizesse. Se tivesse, ela teria reunido forças para destruir Lúcifer hoje. Em vez disso, seu lado *vurm* estava se mostrando, subindo como uma Phoenix a partir das cinzas de sua aura Anjo Falso para lhe dar consciência.

Como resultado, ela agora estava fora da equipe do Underworld General dizendo a Eidolon que ela não conseguiu injetar o solarum em Lúcifer. Reaver também estava lá, ouvindo atentamente a cada palavra.

Não importava que ninguém estivesse com raiva, sua decepção era ainda pior.

— Eu tentei, — disse ela. — Eu só... não pude.

Ela não conseguiu nem colocar a culpa pelo seu fracasso em Revenant, não importa o quanto ela quisesse. Ela hesitou, desde o início, e, finalmente, foi culpa dela que Gethel ia dar à luz o mais maligno dos males.

— Nós podemos tentar de novo, — disse Eidolon. — Reaver pode obter outra dose de solarum...

— Não, — ele disse, — eu não posso. Levou centenas de anos para destilar apenas esse montante. Era tudo o que tínhamos. — Ele amaldiçoou. — Tem que haver outra maneira. Harvester está ficando mais doente, e eu não posso sentar e deixar que isso aconteça.

— Harvester? — Blas franziu a testa. — O que ela tem a ver com isso?

Eidolon empurrou um copo de papel sob o bico de máquina de café e apertou um botão com o polegar.

— Lucifer está retirando energia de seus irmãos. Ele a está enfraquecendo. Fiz um atendimento em casa hoje cedo... ela perdeu nove quilos durante a noite.

Reaver cerrou os punhos, e o azul de seus olhos se voltaram tempestuoso, como um raio atingindo a superfície do oceano. — Wraith localizou dois dos filhos de Satanás e uma filha, e todos eles estão definhando. Outro supostamente morreu esta manhã.

Oh... oh, deuses. Se Harvester morresse, seria culpa dela. A morte de Harvester e todos os anjos caídos se sentavam inequivocamente sobre seus ombros, e por quê? Porque ela foi muito hipócrita para pôr fim a um grande mal, simplesmente porque ele ainda não poderia se defender?

Não, isso não era inteiramente verdade. Lúcifer tinha quase esmagado seu crânio quando ela tentou ouvir o seu batimento cardíaco, então se ela tivesse conseguido injetá-lo? Ele teria sido capaz de se defender? Teria matado a ela?

Não importa o que, ela deveria ter tentado.

— Eu sinto muito, Reaver. Eu não...

Ele a silenciou com um gesto. — Nós não temos tempo para arrependimentos. Precisamos de ação. Vou vasculhar Sheoul de cima a baixo para encontrar Gethel, e eu não me importo se eu tiver que lutar com o próprio Satanás para fazê-lo.

— Reaver, pense... — Eidolon parou quando Reaver desapareceu. — Filho da puta. Esse maníaco vai se matar. — Ele bateu sua xícara de café fora da

plataforma da máquina. — Você, pelo menos, obteve uma amostra de líquido amniótico? — Sem palavras, ela lhe entregou a seringa. — Bom. Vou preparar uma injeção para sua mãe. Você pode trazê-la aqui esta tarde? Ouvi dizer que ela meio que desapareceu.

— Eu vou enviar uma mensagem agora.

A porta se abriu, e Bane enfiou a cabeça loira dentro do quarto. — Blas, você tem um minuto?

Ao ir a frente ao aceno de Eidolon, ela saiu para o corredor com o outro demônio Seminus. Na noite passada, ela havia lhe pedido um favor, e ela esperava que ele estivesse aqui para dizer que fez o que ela pediu. Se assim for, lhe devia dez fins de semana de folga.

— Diga-me que você tem o livro, — disse ela, resistindo à tentação de cruzar os dedos como uma mandinga supersticiosa.

Ele sorriu. — Sim. Venha.

Ela seguiu o Sem para o Harrowgate do hospital. A parede iluminou com contornos do mapa multicoloridos, ele bateu até que a porta abriu em uma área escura, uma caverna inexpressiva.

— Hum... Eu pensei que você disse que você tinha.

Ele deu de ombros, os ombros largos rolando debaixo de sua parte superior de seu uniforme azul. — Minhas mães têm. Elas não dariam para mim, até que encontrasse você. — Um sorriso tímido adicionou um molde juvenil em seu belo rosto. Como incubos, todos os demônios Seminus eram incrivelmente quentes, mas de

alguma forma Bane e seus irmãos levaram quente para um novo nível escaldante. — Ok, isso é uma mentira. Você tem que pegar com elas. — Ele deu um tapinha nas costas quando eles andaram fora do portal. — Boa sorte.

— Espere... suas mães? — Apesar da falta de luminárias, uma luminosidade nebulosa de cima lhe permitiu ver Bane... mas nada mais. — Como mais do que uma?

Ele assentiu com a cabeça. — Com poucas exceções, os demônios Pruosi nascem do sexo feminino, e as irmãs ficam juntas por toda a vida. Elas acasalam ao mesmo tempo com o mesmo homem, e os jovens resultantes são atendidos por todas as fêmeas. Nenhum dos meus irmãos ou eu sabemos que mulher deu à luz nós. Elas são todas as nossas mães.

Hum. Ela sabia que Pruosi, era uma espécie de necromante súcubos, geralmente nascidas do sexo feminino e de raça pura, não importa que espécie de homem desejou a elas, mas não sabia que elas viviam em comunidades-irmãs.

Blas olhou de cima a baixo. — Gostaria muito de estudar a maneira como Pruosi e DNA Seminus se enfrentam para determinar as espécies resultantes. Suas mães sabem que os demônios Seminus sempre nascem puros-sangues do sexo masculino quando acasalaram com o seu pai?

— Elas sabiam. — Ele deu de ombros. — Mudança de ritmo para ter filhos, eu acho. — Ele

apontou para um novo brilho verde suave que emana de uma abertura na parede escura à frente. — Elas estão lá. Vou esperar aqui. Ah, e Blas? Não importa o que você faça, não minta para elas.

— Eu não sonharia com isso, — disse ela.

A mão dele coberta com o mesmo tipo de glifos que cada demônio Seminus tinha estalou para pegar seu pulso em um aperto firme. — Eu quero dizer isso, — ele disse, sua voz cheia de advertência. — Elas não respondem bem a mentira, e prometo a você, elas vão saber. Estas são os demônios que trabalham em magia negra e morte. São a porra de quatro pontos-de-cinco na escala *Ufelskala*. Não ferre com elas.

Ela engoliu em seco e se afastou. — Entendido.

Blas esfregou a cicatriz em seu pulso enquanto caminhava pela porta. Além dela, em um inexpressivo quarto escuro que nem sequer parecia ter paredes, dez mulheres que poderiam ter passado como seres humanos albinos se sentavam em um círculo, seus corpos envoltos em tecido translúcido que escondia absolutamente nada. No centro do círculo Pruosi, velas pretas formavam outro círculo em torno de uma tigela de madeira que segurava o que parecia ser sangue.

— Blaspheme, — todas entoaram uma só vez, e seu cabelo ficou em pé. Então, muito assustador. — O que você busca?

— Eu procuro um livro de feitiços de necromancia.

As fêmeas ainda tinham que olhar para ela. —

Por quê?

Não importa o que você faça, não minta para elas.

— Estou à procura de um feitiço para me disfarçar. — Não é uma mentira, mas não é muito detalhada, de qualquer modo.

— Para que?

Por que elas continuam a falar em uníssono? — Para me esconder das pessoas que querem me matar.

— Quem quer matá-la?

— Eu não sei. — Certamente não contava como uma mentira. Não era como se ela soubesse os detalhes.

As fêmeas se apoiaram em seu círculo, e um burburinho de sussurros vibrava o ar como um milhão de abelhas furiosas. Merda. Ela fez asneira?

Ela esperou, suando e lutando contra dores de estômago. Finalmente, assim quando ela começou a pensar que não poderia aguentar mais o suspense, elas se endireitaram novamente. E ainda que não encontrassem o seu olhar.

— O livro que você procura está atrás de você, — elas disseram. — Mas nós sugerimos que você se apresse para usá-lo.

Pressa? Elas precisariam dele imediatamente? — É claro, — ela respirou. — E obrigada. Muito obrigada.

— Não fazemos isso por bondade em nossos corações, curandeira. Fazemo-o por pagamento.

Oh. Claro. — Eu não tenho muito dinheiro, mas posso pedir algum, ou eu posso oferecer serviços...

— Não pagamento de você. — Cada cabeça veio

para cima ou viraram completamente ao redor, e olhos vermelhos brilhantes com foco como lasers. — O pagamento de quem caça *vyrn*. Elas sorriram, seus lábios pálidos alongaram cruelmente sobre os dentes afiados manchados, e o coração de Blaspheme fraquejou. — Então se apresse curandeira. Pressa.

O terror a deixou desajeitada quando ela virou, pegou o livro esfarrapado fora de um carrinho de madeira que ela sabia que não estava ali antes, e disparou pelo o Harrowgate, onde Bane esperava.

— Você poderia ter me dito que elas queriam pagamento, — ela gritou enquanto ela praticamente mergulhou dentro do portal.

— Eu pensei que você soubesse. — Ele bateu o símbolo do Underworld General com um baque de seu punho. — Elas são Pruosi. Não fazem nada de graça. Inferno, elas esperam que os seus próprios filhos as paguem por ter nascido.

Na escuridão, iluminada apenas pelo brilho dos mapas dentro do Harrowgate, ela olhou para o demônio. Demônios Seminus eram considerados de raça pura, mas eles sempre herdavam dons e habilidades únicas das espécies de suas mães. Blaspheme realmente não tinha considerado o que aconteceria se um Sem tivesse nascido de uma mãe realmente malévola.

— Então, como é que a sua reprodução Pruosi o afeta?

Ele deu de ombros. — Meus irmãos e eu podemos reanimar cadáveres.

Eca. — Você deve ser a alma na festa no Dia das Bruxas.

— Lembro de uma vez... — A temperatura dentro do pequeno espaço despencou, e a pele do Bane ficou branca enquanto seus olhos ficaram vermelhos, assim como todas as fêmeas no círculo Pruosi. — Eu posso ver a morte chegando, — ele disse, sua voz profunda totalmente desprovida de tom. — Está tudo ao seu redor Blaspheme. Está vindo, e não pode ser interrompida.

A cabeça de Revenant estava explodindo na hora que ele chegou a residência de Satanás, apenas para ser dito que o Lorde das Trevas esperava por ele no calabouço.

Isso não poderia ser bom.

Revenant se arrastou pela escadaria de pedra circular claustrofóbica, sua carne rastejando quando as imagens, cheiros e sons de sua infância voltaram para ele. No interior, os seus órgãos tintilaram como se lembrasse tão bem e não queria ser derramado por todo o chão.

Mais uma vez.

Sua bota bateu no chão da masmorra imunda com um baque que ecoou pela câmara de tortura. Aparentemente foi um dia calmo hoje, com nenhum dos aparelhos em uso e apenas dois demônios pendurados em correntes na parede oposta. Dois salões

interrompiam a partir da câmara principal, levando a que tinha sido sua área de lazer na infância: blocos de celas, cozinhas e quartos reservados para armazenamento, reparação de equipamentos e tortura especializada.

Ah, as memórias.

Instintivamente sabia onde iria encontrar o rei dos demônios, tomou o corredor à direita. O corredor que levava para a cela onde sua mãe foi mantida.

Com certeza, sentado em um banco de madeira no interior da cela estava o Príncipe da Mentira. Ele estava recostado contra a parede de pedra, vestido como se estivesse em um dia de trabalho em um escritório de advocacia. Apenas os enormes chifres pretos brotando da cabeça impediam de parecer um advogado.

Ou talvez os chifres completassem o look.

— Interessante escolha para atendimento, — Rev disse casualmente, embora sentisse algo.

— Achei que você ia gostar. — Satanás passou a mão quase amorosamente sobre o banco. O desgraçado conhecia sua fraqueza, e estava usando-a bem. — O sangue de sua mãe ainda mancha a madeira.

Revenant tinha muita prática em controlar suas emoções, e a raiva que brotava agora não era exceção. Lá dentro, ele estava queimando com isso, mas do lado de fora, ele manteve sua expressão vazia, a boca fechada. Mas algum dia, ele jurou, faria Satanás pagar pelo que fez para Mariel. Como, não tinha ideia, especialmente tendo em conta que ele não tinha o apoio

do Céu.

Satanás olhou para cima. — Como está Gethel?

— Tão hedionda como sempre. O médico acha que ela não vai sobreviver ao nascimento de Lúcifer.

— Que vergonha, — Satanás disse, mas não parecia tudo o que se esperava. — Este médico... o nome dela é BlaspHEME, sim?

Putá. Porra. Revenant rapidamente socou o pânico repentino, tentando voar seu caminho através dele. Ele não gostava que Satanás soubesse sobre BlaspHEME.

— Sim.

Satanás assentiu. — Traga-a para mim.

Oh, inferno não. — Meu Senhor, eu não acho que...

— Traga-me! — O grito de Satanás ecoou por toda a masmorra. — Desde que você não conseguiu entregar um anjo, eu quero a sua fêmea.

— Você me deu até Sanguinalia para entregar um anjo, — Revenant apontou. — Mas eu vou pegar um agora.

— Oh, — Satanás disse suavemente, — você vai me trazer um anjo. Mas agora eu quero a sua fêmea.

O demônio estava tendo muito interesse em BlaspHEME, o que significava que ele suspeitava que ela significasse algo ele. De alguma forma, ele tinha que convencer Satanás do contrário.

— Ela não é minha mulher, — disse Rev. — Eu mal a conheço.

— Realmente. — O olhar do demônio se estreitou perigosamente. — Você não a levou para a sua casa? Duas vezes? Você não sai daquela unidade médica demônio como um assediador patético?

O pulso de Rev chutou para cima de alguns entalhes. — Você está me espionando?

— Eu disse que questiono sua lealdade, agora que você sabe que é um anjo. Na verdade, eu mesmo vi Gethel amarrada em sua residência. Ninguém pode tirá-la, apenas eu. — Ele acariciou o banco novamente, seus dedos traçando o contorno de uma poça de sangue desvanecida. — Eu acho que você poderia questionar sua própria lealdade, dado o que foi feito para você e sua mãe.

O que foi feito. Ele disse isso, como se ele próprio não tivesse encomendado cada coisa horrível que acontecera com ele e sua mãe.

Revenant deu de ombros, mas inferno santo, seu coração estava disparado. — Merda acontece. Não sou bem-vindo no céu. Eu fiz a minha escolha em servi-lo.

Como Revenant decidiu não entregar Gethel para os arcanjos desgraçados mentirosos, isso não quer dizer que ele ia beijar os pés com garras de Satanás também.

— Então você vai me trazer a fêmea. Viva.

Revenant franziu a testa. — Por que eu iria trazê-la para você morta?

— Você realmente não sabe, não é? — Satanás murmurou.

— Saber o que? — disse Rev entre dentes.

Deuses, ele odiava jogos.

— Sua pequena Anjo Falso é exatamente isso. Falsa.

Nesse momento Rev não deu ao demônio a satisfação de uma resposta. Ele acabou por esmagar um brinquedo que ele nunca ia alcançar.

Finalmente, percebendo que Rev ia ficar ali em silêncio, Satanás se levantou, seu sorriso definindo a palavra malévola.

— Um passarinho Pruosi me visitou hoje. Disse-me que o Anjo Falso é um *vyrm*. A própria *vyrm* que você estava caçando quando sua memória foi tirada de você pelos arcanjos na segunda vez, — disse ele lentamente, e o coração de Revenant congelou em um bloco sólido de gelo.

Não. Satanás estava mentindo. Ele tinha que estar.

E ainda, quando a mente de Revenant raciocinou com que razões o demônio iria mentir, as coisas começaram a fazer sentido. Como Blaspheme parecia tão diferente de outros Anjos Falsos. E por que ele acreditava que ela estava mantendo um segredo desde o início.

Ela mentiu para ele. Ela o fez jurar manter as mãos longe dela enquanto ela transou com ele porque ela não confiava nele. E todo o tempo, foi ela quem o embebeu no engano. Ela o fodeu, certo. Em mais de um sentido. Raiva e mágoa torceram dentro dele, atou em um enorme emaranhado de fúria. Ele se abriu para ela.

Ele a ajudou. Protegeu-a. Ele confiou nela, quando não confiou em ninguém em milhares de anos. Confiou nela. Filho da puta! Ele deveria entregá-la a Satanás como ele ordenou.

— Então a traga a mim. Eu não me importo que condição ela esteja quando você a trouxer, contanto que ela esteja respirando. — Satanás olhou ao redor da cela como se fosse um velho amigo. — Ela vai ficar bem aqui, você não acha? Assim como sua mãe.

CAPÍTULO 26

Seis horas depois de voltar para a segurança do Underworld General, Blaspheme fizera alguns progressos na informação enigmática que Eidolon deu a ela a respeito de uma solução para o seu problema de Anjo Falso. O livro Pruosi de necromancia era definitivamente a fonte da informação de Eidolon. Bane, depois de se recuperar, sem memória, a partir do estado de transe que ele entrou no Harrowgate, foi capaz de traduzir um pouco dele, mas ela fez a maior parte do trabalho de tradução por si mesma, e ela achava que tinha um bom controle sobre isso.

Ela precisava do DNA de qualquer espécie que ela fosse se disfarçar, mais... o sangue de algum poderoso ser imortal que ela ainda não podia definir. O DNA seria a parte mais fácil. Obter o sangue de algum estranho imortal seria o desafio.

A sensação de estar sendo observada por alguém se aproximando dela a fez olhar para cima de sua mesa no refeitório da clínica para ver Gem caminhando em sua direção. As listras azuis brilhantes no cabelo preto da Gem combinavam com seu uniforme, mas ela usava medonhos tamancos de borracha laranja que combinavam com absolutamente nada. No universo.

— Local interessante para trabalhar, — Gem disse, olhando sobre Blaspheme para papéis e livros por toda a mesa redonda.

— Eu me sinto como se estivesse sozinha no meu escritório ou na biblioteca, — disse ela, varrendo uma pilha de lixo para dar espaço para Gem. Mesmo com os olhares de lados, ela percebeu que os membros da equipe devem ter ouvido a fofocas sobre ela foder com o demônio *blanchier*, ela preferia estar aqui para enfrentar isso por si mesma. A atividade no refeitório a fazia se sentir segura. E a impedia de enlouquecer. Ou pensar em Revenant.

Gem não sentou, em vez disso ficou de pé em frente à mesa de Blas. — Há algo... diferente em você hoje.

— Eu não sei o que, — Blas disse levemente. — Nada mudou.

Tudo tinha mudado. Ela só queria que não tivesse que mentir sobre isso.

— Não, definitivamente é algo diferente. — Gem inclinou a cabeça, estudando Blaspheme tão intensamente que ela se contorceu. — Eu não conseguia ver nenhuma cicatriz em você até hoje.

Blaspheme eclodiu em um suor frio. Gem era meio Soulshredder, um demônio que podia ver as cicatrizes físicas e emocionais que eram invisíveis para todos os outros. A raça, um das mais más na escala *Ufelskala*, explorava essas cicatrizes, alimentado da dor e sofrimento da vítima. No que diz respeito Blas sabia,

que Gem mantinha esse lado dela sob controle, mas isso não significava que não possuem ainda o desejo de usar as habilidades e instintos originais a sua espécie.

— Não se preocupe, — Gem disse calmamente. — Não vou contar a ninguém o que vejo.

Blaspheme tinha medo de perguntar, mas poderia muito bem saber. — O que você vê?

— Eu vejo uma sobreposição estranha, como uma segunda pele que está descascando de você. — As mãos de Gem flexionando em seus lados. — Isso me faz querer rasgá-la e expor tudo o que está embaixo. — Os olhos verdes de Gem despertaram com um brilho estranho, e a tatuagem em seu pescoço, a qual ela cobriu para conter seu demônio interior, começou a pulsar. — Blaspheme, tudo o que está acontecendo com você, você precisa corrigi-lo, porque isso não está parecendo... certo. — Ela saiu como se seus pés estivessem em chamas.

Merda. Sério, as coisas poderiam ficar pior?

Enquanto ela amaldiçoava, as luzes no refeitório começaram a piscar. E então, do nada, Revenant apareceu em um turbilhão de relâmpagos e as nuvens negras. Suas asas estavam espalhadas, quase tocando o teto, e seus olhos, querido Senhor, seus olhos... as íris negras engoliram os brancos, deixando-o como piscinas oleosas de ódio emoldurados por grossos cílios escuros. Ele estava horrível e bonito, aterrorizante e magnético, e medo a agarrou.

As pessoas na cafeteria gritaram como a força da

tempestade em torno de Revenant os levantando fora de seus pés e os batendo nas paredes.

A escrita nas paredes cinzentas, os feitiços e encantamentos que impediam a violência, brilhavam com uma intensidade que nunca tinha visto. E eles claramente não estavam funcionando.

— Você mentiu para mim. — A voz retumbante de Revenant poderia ter dragado as profundezas mais profundas e obscuras do inferno e puro terror tomou conta de seu coração.

Levantou-se tão rápida que a cadeira caiu no chão. — Revenant não sei o que você está...

— Eu confiei em você. Eu gostava de você. Porra, salvei sua alma, e você mentiu! — Mesas e cadeiras foram derrubadas, e bandejas com alimentos e pratos caíram no chão. Qualquer pessoa que ainda estava consciente corria para as saídas.

Oh, Sangue do inferno. Ele sabia. O pânico nublou seus pensamentos, e a única coisa que podia fazer era brincar de muda. E aguardar... ele salvou sua alma? Ela não ia perguntar.

Ela fez uma pausa, dando a última pessoa consciente no refeitório no momento tempo para sair. Este não era um lugar seguro para ela, muito menos para qualquer outra pessoa.

— Eu ainda não tenho certeza do que você está falando, — disse ela, quando a porta de metal ressoou fechada.

Trovão sacudiu o prédio. — Você honestamente

vai negar que você é... *vyrmin*?

Um arrepio de medo se arrastou até sua espinha, e as palavras anteriores de Bane gritaram por seu cérebro. *Eu posso ver a morte chegando. Está ao seu redor Blaspheme. Está vindo, e não pode ser interrompida.*

Ela estava morta. A única questão era saber se ele faria sua morte acontecer rapidamente ou lentamente. Misericordioso ou doloroso. De qualquer maneira, supôs que não tinha nada a perder.

— Você me culpa? — ela perguntou, amaldiçoando a instabilidade em sua voz. — Você é um anjo. Você mata o meu tipo por esporte. — Raiva súbita ofuscou seu medo, fazendo-a imprudente enquanto ela se movia em direção a ele. — Você matou meu pai, seu filho da puta.

— Seu pai? Quem diabos era o seu pai?

— Um anjo chamado Rifion, — ela rosnou. — Você o abateu.

— Rifion? — Revenant riu. O desgraçado realmente riu. — Você nem o conheceu?

— Eu nunca o conheci — ela cuspiu. — Porque você o matou antes de eu nascer.

— Quem lhe disse que ele morreu antes de você nascer?

Ela parou na frente dele, com os punhos cerrados. Talvez ela o golpeasse antes que ele esmagou-a. — Minha mãe.

— Então, sua mãe é uma mentirosa. — Ele

mostrou suas presas, que pareciam duas vezes maiores do que ela já tinha visto. — Eu não deveria estar surpreso. Tal mãe, tal filha, certo?

— Você não sabe nada sobre a minha mãe.

— Não? Ela é o anjo caído que você está tratando aqui, não é? Ela é a única que se assustou quando me viu na sala no outro dia. Tudo faz sentido agora. Ela sabia quem eu era. E ela é quem te mandou uma mensagem na minha casa. Ela é a razão que de repente você me odiava.

Não havia nenhum ponto em negá-lo. Tudo o que ela poderia fazer era uma ameaça vazia ou implorar pela vida de sua mãe.

— Deixe-a em paz, — ela implorou. — Por favor. Ela não fez nada...

— Ela mentiu para você. — Ele parecia gostar de dizer isso.

Blas cerrou os dentes e entre dentes: — Não, ela não fez. Ela amava meu pai, e ela queria que eu o conhecesse, mas eu nunca tive a chance, *porque você o abateu!*

— Sim, — ele falou. — Eu fiz. E eu apreciei cada segundo disso. — Ele deflagrou suas asas, e a tempestade em torno dele morreu. — Você teve sorte de não conhecê-lo. — Ele ficou bem na sua cara, praticamente espumando pela boca. — Quando eu o peguei, ele implorou por sua vida.

— Então? — Ela o empurrou com força no peito, mas poderia muito bem ter tentado mover uma pedra. —

Quem não imploraria?

— Eu não faria.

— Sim, bem, bom para você. Mas nem todo mundo é um grande e poderoso Anjo Sombra com um coração preto.

Ele rosnou. — Ele não apenas implorou por sua vida. Ele fez uma troca. E você quer saber o que ele deu em troca? — Ele não lhe deu a chance de perguntar. — A sua vida, e de sua mãe.

— Eu não acredito em você.

— Não? Bem acredite nisso. Ele chorou como um bebê. Disse que poderia me dizer onde encontrar sua companheira e filha *vyrm*in se eu poupasse a sua vida. — Revenant cuspiu as palavras como balas, cada uma golpeando um órgão vital e fazendo-a tropeçar para trás. Seus ombros enormes rolaram enquanto ele rondava atrás dela, pressionando, perseguindo, nunca a deixando. — Disse que poderia me contar tudo sobre as maquinações de sua mãe caída com um anjo chamado Stamtiel. Agora, como eu poderia saber isso, se seu pai não tivesse chorado como uma criança assustada? Ele estava pronto para desistir de você para salvar sua própria pele. Isso é o que eu matei. Um covarde patético que não merecia uma família. Não um anjo que era pai de um *vyrm*.

— Não, — ela sussurrou.

As costas dos joelhos esbarraram em uma cadeira, e ela quase caiu. A mão de Rev atirou para pegá-la, e não era cavalheirismo dele para impedi-la de

se ferir antes de matá-la? Mas, supôs, até mesmo prisioneiros no corredor da morte tem uma última refeição antes de enfrentarem o carrasco.

— Sim, — Revenant sussurrou de volta quando ele soltou o braço dela. — Ele era escória, e ele não merece a sua negação.

Ela queria negar. Precisava negar. Mas mesmo quando ela balançou a cabeça em recusa teimosa, as coisas começaram a fazer sentido. Algo sobre a forma como sua mãe falou sobre seu pai sem emoção. E isso foi nas raras ocasiões em que foi capaz de levá-la a falar dele.

Lá no fundo, a versão de Revenant da vida de seu pai e morte ressoou com ela.

Mas se Revenant estava dizendo a verdade, ele quis dizer que seu pai viveu mais tempo do que o que sua mãe disse. Poderia tê-lo encontrado. Conhecido ele. Talvez pudesse tê-lo salvo.

— Mesmo que eu acredite em você, você ainda o matou. Você mesmo disse que costumava caçar *vrym*. Realmente espera que eu acredite que você não iria me matar se eu te dissesse a verdade? Você sabe muito bem que *vrym* não estão a salvo de anjos ou anjos caídos. Que há uma ordem permanente em ambos os lados para nos matar. É uma regra Revenant. A porra da regra. Então me diga *Destroyer*, se você fosse eu, o que você teria feito?

Um silêncio frágil caiu, interrompido apenas pela voz no interfone avisando de uma perturbação no

refeitório. Esperava que nenhuma força de segurança fosse tentar entrar, porque ela não duvidava da capacidade de Revenant de matar cada um deles com um simples pensamento.

Finalmente, as piscinas negras oleosas nos olhos recuaram, e ele deu um aceno de cabeça lenta e superficial. — Eu teria feito a mesma coisa, — disse ele com a voz rouca.

Ela soltou um suspiro aliviado que nem sabia que estava segurando. Ela o conseguiu relaxar com a mentira, que, com a verdade, ela começou a se sentir culpada. Até que ela soube que ele tinha matado seu pai. Mas só porque ele já não estava girando ventos com força de furacão não significava que ele não ia abatê-la onde ela estava.

— Então para onde vamos a partir daqui? — Ela olhou para a saída, como se ela tivesse alguma chance de escapar. — Você vai me matar?

Suas asas espetaculares dobraram contra suas costas e desapareceram. — Por me enganar ou por ser um *vurm*?

— Os dois, eu suponho. — Que bom que eles poderiam assim civilmente discutir sua morte.

— Há três semanas eu teria matado você. — disse ele, sua voz tão fria e afiada como uma lâmina congelada. — Eu pensei que eu era um anjo caído com uma ordem para matar *vurm*... e todos os seres considerados abominações. Satanás odeia os mestiços.

— E agora? — Um arrepio acumulou em seu

corpo, e ela odiava isso, porque o medo não era a única coisa que executa o show. Apenas em pé perto de Revenant fez vibrar seu coração e seu sexo doía, e quão louco isso era? Fale sobre suas mensagens contraditórias. *Por favor, não me mate. Mas se você fizer isso, você pode me dar um orgasmo primeiro?*

E ela não podia nem culpar o encantamento Anjo Falso, porque se Gem estava certa, havia muito pouco dele. Um olhar para a cicatriz em seu pulso confirmou seu pior medo. Foi tudo, apenas desapareceu, apenas um pontinho de carne branca desbotada era visível acima de uma veia azul na base da palma da mão.

— Agora... Eu não sei. — Ele cerrou os punhos, como se isso fosse impedi-lo de envolver as mãos em volta do pescoço.

Fechando os olhos, ela esfregou as têmporas, na esperança de que pudesse massagear seu cérebro a pensar com mais clareza.

— O que você quis dizer quando disse que salvou a minha alma? — Ela abriu os olhos e encontrou seu olhar, que tremulavam com alguma emoção não identificável.

— Eu evitei que você matasse Lúcifer.

Seu coração caiu a seus pés. Oh, deuses. Ele sabia? Como? Ela abriu a boca para negar, mas seria apenas mais uma mentira. Em vez disso, a raiva indignada lhe deu uma voz.

— Besteira, — ela retrucou. — Você não me parou porque você se preocupa com o estado da minha

alma. Você me parou porque Lúcifer é mal e ele joga no seu time.

O ar, que cheirava como se alguém tivesse deixado varas de peixes assando no forno quando fugiram do refeitório, era ainda estranho.

— Não, Blaspheme, — disse ele, sua voz tão escura e vazia como o interior de um saco, — eu queria vê-lo morto. Ele atormentou minha mãe e eu todos os dias durante anos. Ele profanou... — desviando o olhar, ele inalou irregularmente, e o coração de Blaspheme apertou dolorosamente. — Ele nos torturou. Em seguida, ele passou milhares de anos me maltratando, me enquadrando numa merda só para assistir Satanás me torturar... babaca. O dia que ele morreu foi o melhor dia da minha vida. Agora ele está de volta, e eu ser mais poderoso do que ele não significa merda nenhuma. Satanás irá favorecê-lo. O céu não me quer, então tudo o que eu tenho é o inferno. E confie em mim, você tem que cumprir as ordens de Satanás, ou você quer ser seu braço direito, ou você quer voar sob o radar. Eu não estou mais sob o radar. — Seus olhos ergueram, e Blas viu em suas profundezas sombrias uma dor inimaginável. — Eu não posso ser o segundo de Lucifer novamente. Não posso. Mas eu não podia ver você fazer algo que iria assombrá-la para sempre. Você é uma curadora, não uma assassina.

Oh, doce inferno. Ela não podia sequer começar a entender o que ele passou, mas ela agora entendia o quanto de um sacrifício que ele fez para ela.

— E, — disse ele com um giro de seus olhos, — Eu voltei para Gethel e levei o vampiro. — Ele baixou a voz para um murmúrio, mesmo que não houvesse ninguém por perto para ouvi-lo, e ela jurou que suas bochechas coraram um pouco. — E os gatinhos.

Blaspheme olhou, e por um instante, quase acreditou que deve fazer parte do Soulshredder, porque o grande, perigoso, mortal Anjo Sombra que irradiava como uma usina de energia malévola se transformou em outra coisa diante de seus próprios olhos. Algo mais relacionável. Algo admirável. E, no entanto, não algo menos perigoso.

— Eu sinto muito, — ela resmungou. — Eu deveria ter injetado em Lúcifer. Eu deveria ter sido mais forte. Eu estraguei tudo...

Em um instante, ela estava em seus braços, segurou firme contra ele, sua boca esmagando a dela em um beijo punitivo. Seus sentidos cambalearam quando ele enfiou a língua entre os lábios antes de falar. — Não. Matar não está na sua natureza. Nunca se desculpe pelas coisas que não estão no seu controle.

Suas palavras minaram a energia de seus músculos, e ela caiu contra ele, agarrando-se a seus biceps vestidos de couro com um aperto de nós dos dedos brancos. — Nós vamos destruí-lo. De alguma forma, nós vamos encontrar uma maneira de livrar o mundo dele para o bem.

Enfiou a cabeça contra seu peito largo e acariciou seus cabelos com uma ternura que a deixou

tonta. — Minha prioridade é tirá-la do perigo.

— Estou com medo, — ela sussurrou aliviada por finalmente confiar nele. — Meu encantamento Anjo Falso está falhando...

Ele se afastou tão de repente que ela balançou. — Então, nós vamos repará-lo. — A determinação em sua expressão a teria aterrorizado se ele não tivesse acabado de jurar que ele não iria machucá-la. — Agora.

— Eu estou tentando, mas eu não vou sacrificar alguém para fazê-lo. — Ela apontou para os papéis e livros. — Eu encontrei uma maneira... Eu acho. Eu só não consigo entender tudo isso.

Ele a soltou com cuidado, como se ele tivesse plena consciência de que suas pernas pareciam de borracha. — Você tem um livro Pruosi de necromancia. Como você conseguiu isso? O Pruosi não dão isso.

— Eu tenho um amigo.

— Um amigo, — ele murmurou enquanto ele apoiava os punhos na mesa e se inclinou para olhar para suas anotações. — Essência da morte?

— Sim. Isso é o que estou tendo problemas. — Ocorreu-lhe que ela estava discutindo como salvar a vida dela com o macho que matou seu pai, mas se Revenant poderia ajudá-la, ela tinha que tentar. — Essência de morte ou as lágrimas da fome. Preciso de um desses ingredientes. E o sangue de uma lenda ou algo assim. — Ela esfregou as têmporas. — Eu não sei. As traduções estão chutando a minha bunda, e estou correndo contra o tempo.

O olhar de Revenant voltou para dentro. — Minha mãe costumava falar da essência da morte. Não tenho a menor ideia do que ela estava falando, mas ela alegou que a essência da morte também é um elixir da vida para aqueles que não podem morrer.

Blaspheme piscou. — Isso não faz sentido.

— Tente ouvir isso quando menino de cinco anos de idade, — disse ele secamente.

Seu celular tocou, e quando Revenant atravessou a confusão de papéis em cima da mesa, ela o agarrou, de alguma forma, não surpreendeu que Eidolon estivesse do outro lado da linha. — *O que diabos está acontecendo no refeitório? Você está bem?*

— Eu estou bem, — disse ela, fazendo seu melhor para manter a calma... para mantê-lo calmo. — Revenant está aqui. Mas, por favor, E, mantenha todos fora.

— Eu não posso fazer isso, Blaspheme.

— Você tem. — Ela agarrou o telefone com tanta força que ela esperava na tela quebrasse. — Ele sabe a verdade sobre mim, e está bem com isso. Mas não vamos hostilizar a situação. Vou sair em poucos minutos.

— Você tem dez. — A linha ficou muda.

Revenant não perguntou sobre a chamada. Ele olhou para as notas por vários minutos, e então ele folheou o livro, estudando várias páginas antes de gemer.

— O que? — Ela olhou para as páginas, mas ela

só viu o mesmo script sem sentido que ela esteve debruçada o dia todo. — O que?

— O sangue de uma lenda é o mesmo que a essência da morte. Você precisa do sangue da Morte. Thanatos. Ou lágrimas da fome, ou de fome.

Compreensão amanheceu. — Limos. Então eu preciso de sangue de Thanatos ou lágrimas de Limos?

Cabelo ébano brilhante de Revenant varreu seus ombros enquanto ele balançou a cabeça. — Esqueça as lágrimas de Limos. Você quer o sangue de Thanatos. Confie em mim, à última coisa que alguém quer é fazer Limos chorar. Seus irmãos e companheiro são psicoticamente protetores. — Ele baixou a voz para um sussurro rouco. — Não que eu não entenda isso.

O calor a percorreu com o tom possessivo e as memórias de quão protetor ele foi ao longo dos últimos dias, lutando contra um anjo que tentou matá-la, ameaçando Shakvhan, cuidando dela depois de seu colapso. Olhando para ele, tudo escuro e coberto de couro e armas, ninguém diria que ele poderia ser tão suave quanto ele era letal.

— Vou pedir a Reaver para tirar o sangue, — disse ela. — Talvez se eu falar com ele, explicar tudo isso...

— Foda-se, não, — Revenant interrompeu. — Você não pode confiar em ninguém, Blaspheme. Ele é um anjo, e eles são mais obstinados quando se trata de matar *vyrm* do que anjos caídos.

Sim ela sabia disso. — Mas ele é Reaver. Eu o

conheço. Não iria me matar. — Esperava.

— Você está disposta a apostar sua vida nisso?

— Eu não tenho uma escolha.

— Sim, — ele disse, — você tem. Eu irei obter o sangue para você.

Blas exalou com um suspiro de alívio e gratidão, mas que foi interrompido como um potencial problema que surgiu em sua cabeça. — Espere... certamente um Observador tomar sangue de um cavaleiro para usar em um feitiço é proibido.

— Deixe-me preocupar com isso.

Seu intestino torceu. — Eu estou certa, não estou? É contra as regras.

Na expressão de pedra que caiu sobre seu rosto, ela sentiu o sangue fugir dela. Obedecer as regras não era apenas um código para ele, era a sua vida, amarrado de forma irrevogável a sua juventude traumática e morte de sua mãe. Blaspheme nunca mais iria colocá-lo em uma posição que poderia tentá-lo a quebrar uma regra, muito menos lhe pedir para quebrar voluntariamente uma.

Só que ela já estava fazendo isso, pedindo-lhe para não matá-la.

— Não. — Ela agarrou o braço dele, desesperada para fazê-lo entender que ele não poderia fazer isso. — Eu não vou deixar. Eu vou encontrar outra maneira.

— Não há outro caminho. — Muito gentilmente, ele retirou a mão e deu um passo para trás. — Eu estarei de volta em breve.

— Não! — Mas com o tempo que o grito dela desapareceu no ar, ele se foi.

CAPÍTULO 27

Blaspheme explodiu pela saída cafeteria e derrapou para o corredor da clínica, onde dezenas de pessoas se reuniram, incluindo Eidolon e seus irmãos, Shade, Wraith, e Lore. Cada um deles estavam eretos e pronto para uma luta, perigo e fúria irradiando deles em ondas escaldantes que picavam sua pele.

— Ele se foi, — disse ela, mas Shade, Wraith, e Lore passaram por ela de qualquer modo.

Eidolon pegou pelo braço e puxou-a para o lado. — O que aconteceu? Você tem certeza que está bem?

— Sim. — Ela teve um vislumbre de sua mãe movimentando em direção a eles, porque sim, isso era exatamente o que ela precisava agora. — Eidolon, — disse ela apressadamente. — Você pode entrar em contato com Reaver? Revenant vai fazer algo estúpido. Preciso parar isso. Rápido.

— Eu posso tentar.

— Mande-o para o castelo de Thanatos. Por favor, depressa. — Eidolon decolou, e ela encontrou sua mãe no meio do corredor. — Nós precisamos conversar.

Deva franziu a testa. — O que aconteceu lá? Eu vim para obter essa injeção que você mandou uma mensagem, mas todo o inferno foi se soltando...

— Isso não é importante. — Ela apontou para sua mãe entrar em uma sala de exames vazia. Uma vez lá dentro, ela fechou a porta. — Eu preciso te perguntar uma coisa, e preciso de você seja sincera.

Deva piscou com os olhos arregalados inocentes. — Claro.

Blaspheme pegou um copo de papel do distribuidor na parede e colocou-o sob a torneira. — Você sempre disse que você caiu do céu, porque estava ajudando um anjo a localizar um objeto que o Céu não queria que fosse encontrado, e que o *Destroyer* matou meu pai antes de eu nascer. Mas tudo isso foi uma mentira, não foi? Por favor, mãe, preciso da verdade. É importante.

Deva mordeu o lábio inferior com força suficiente para tirar sangue. — Se eu te disser, você pode estar em perigo...

— Eu já estou em perigo! Preciso saber a verdade sobre a sua queda e morte do papai. A história toda.

Deva suspirou, e o coração de Blas afundou. Por mais que ela quisesse acreditar em Revenant, ela queria saber que sua mãe estava sendo honesta também.

— Não foi tudo uma mentira, — disse Deva. — Não a parte sobre o objeto, de qualquer maneira. Seu pai se envolveu com um grupo rebelde no Céu que queria substituir Metatron por Raphael. Raphael fez um acordo com seu amigo, Stamtiel, para recuperar um objeto místico que permitiria Raphael destruir Metatron. Stamtiel teria o lugar de Rafael como arcanjo, e Raphael

ocuparia o lugar de Metatron.

Oh, querido... Deus. Rebelião no Céu era ruim o suficiente. Mas conspiração contra não apenas um arcanjo, mas O Arcanjo era além dos limites.

— Eu estava com medo que seu pai fosse pego. Ele era tão imprudente e muito aberto sobre seus sentimentos em relação a Metatron, e as pessoas estavam começando a falar. Então eu concordei em ajudar Stamtziel enquanto seu pai manteve a paz no Céu. — Deva chutou para o lado uma corrente que era usada para manter os pacientes combativos e se sentou a mesa de exame. Enfiando as mãos entre os joelhos, ela fechou em si mesma, e, pela primeira vez, BlaspHEME viu vulnerabilidade em uma fêmea que ela sempre viu como um pilar de rocha pura de força. — Eu fui pega, cortaram as minhas asas, e me expulsaram do Céu. Mas me tornar um anjo caído não mudou nada entre mim e seu pai. Nós roubamos momentos secretos juntos até que eu soube que estava grávida. Nesse ponto, eu fui para o esconderijo até depois que você nasceu.

— E depois? — BlaspHEME ofereceu sua mãe um copo de água, mas ela recusou.

— Ele ainda estava conspirando com Raphael e Stamtziel, e ele não podia dar ao luxo de ser ligado a nós. — Sua mãe tomou uma respiração profunda, estremeando. — Ele ficou com outra fêmea e desapareceu de nossas vidas. Eu só o vi uma vez depois disso.

BlaspHEME mal podia acreditar nesta nova versão

dos acontecimentos. Toda a sua vida foi mais mentira do que ela pensava. — O que aconteceu quando você o viu?

— Ele me atacou. Ele não quis ter nada a ver comigo ou com você, e eu não sabia disso, mas Raphael colocou um preço na minha cabeça. Ele não podia permitir que qualquer um fora de seu círculo íntimo soubesse que ele estava tramando contra Metatron. Talvez Raphael ainda esteja tramando contra ele.

Blaspheme afundou em um banquinho com rodinhas antes de suas pernas cederem. — Então você acha que o ataque a você foi Raphael amarrando as pontas soltas? Ou foi porque eu sou um *vyrn*?

Deva deu de ombros. — Poderia ser qualquer um. Ou ambos. Não importa. Eu deveria ter dito tudo isso antes, mas eu estava tentando protegê-la. É por isso que eu disse que seu pai morreu antes de você nascer. Eu não queria que você perdesse seu tempo tentando encontrá-lo, apenas para enfrentar a mesma rejeição que eu. — Ela olhou para cima, seu olhar com lágrimas não derramadas. — Eu o amava. Eu caí em desgraça por ele, e ele nos abandonou.

Deva não sabia da missa a metade, e não ia. Blas ia manter a vontade sobre seu pai entregar a sua ex-companheira e filha para salvar a si mesmo de Revenant.

— Eu sinto muito Mãe, — ela sussurrou.

Deva levantou rapidamente. — Não se atreva a sentir pena de mim. Eu não fui completamente inocente. Eu merecia cair, e aceitei o que aconteceu depois. — Ela

apontou o dedo no peito de Blaspheme. — Portanto, não sinta pena de mim. Por que você está perdendo tempo com isso, afinal? Você deve estar se preparando para a cerimônia do Anjo Falso...

— Quantas vezes eu tenho que te dizer que não vou fazer isso? — Blaspheme arremessou seu copo no lixo sem ter tomado um único gole. — Estou trabalhando em outra coisa. Algo que você não vai ficar feliz, mas é a minha escolha.

Os olhos de Deva escureceram perigosamente. — Filha, — ela resmungou. — O que é que você fez?

Isso não ia ficar bem. — O Destroyer, — disse ela. — O nome dele é Revenant. Ele é um Anjo Sombra. E ele sabe a verdade sobre mim.

— Ele o que? — O grito de Deva sacudiu as imagens e modelos anatômicos penduradas nas paredes. — Como? E por que diabos você está aqui de pé como se não fosse grande coisa quando você deveria estar se escondendo?

— Porque, — Blas disse: — Eu sou a única que lhe disse. E... Eu estou dormindo com ele.

Sua mãe, a coluna sólida de força, perdeu toda a cor em seu rosto... e desmaiou.

CAPÍTULO 28

Depois de pegar um frasco de um dos armários de abastecimento da Underworld Generais, Revenant materializou fora do castelo de Thanatos, imaginando se ia pedir um favor enorme, ele poderia muito bem fazer isso com um bom começo e não em um *pop* no salão azul. Preparando-se para o confronto, ele bateu na porta. Um minuto depois, Thanatos estava ali de pé, com a expressão fechada, mas a tatuagem de escorpião 3-D em sua garganta estava se contorcendo.

— O que você quer? — Thanatos fez uma careta.
— E desde quando você bate?

— Você prefere que eu não faça?

— Não. Não importa. — Então saiu e fechou a porta atrás de si. — Bem?

Isso não ia ser fácil. Lidar com o cavaleiro nunca foi. — Eu preciso de um favor.

Thanatos cruzou os braços sobre o peito. — Diga.

Sim... não é fácil. Mas tinha que proteger BlaspHEME. Se ela pudesse disfarçá-la como outra espécie de demônio, Satanás nunca seria capaz de encontrá-la, e faria qualquer coisa para evitar que isso acontecesse.

Mesmo que isso fosse contra as regras de

Observador.

— Eu preciso de um pouco de sangue.

Uma sobrançelha castanha ergueu. — Nunca ouvi falar de um banco de sangue?

— Eu preciso do seu sangue.

A outra sobrançelha se juntou a primeira. — Eu vou dizer não, mas para merdas e risos, me diga por que.

Revenant cerrou os dentes para não atacá-lo. Ele estava aqui para ser agradável, depois de tudo. — É para alguém. Ela vai morrer sem ele.

— Huh. — Thanatos se virou para a porta. — Muito ruim. Adeus tio Rev.

Revenant o agarrou pelo ombro e virou-o de volta. Ele estava preparado para implorar, mas ele lutaria se fosse preciso.

Tão, contra as regras.

— Você disse que eu não sei o que é família, — disse Revenant, — e você estava certo. Eu realmente nunca soube até agora. Esta fêmea é a família.

Olhos amarelos pálidos de Thanatos se estreitaram quando ele considerou o que Revenant disse. Mas quando sua boca achatou em uma linha sombria, Revenant sabia que ele tinha perdido.

— Por favor, Thanatos. — Porra, ele estava mendigando. Ele não fez isso desde que sua mãe estava viva, quando ele pedia aos demônios para não machucá-la. No dia que Satanás lhe concedeu autoridade, ele abateu cada demônio que a machucou. Cada demônio,

menos Lúcifer, que era muito mais poderoso que Revenant.

— Ela é tudo que eu tenho, — ele acrescentou, porque o maldito Cavaleiro não estava cedendo.

Só que ele não a teria por muito tempo. Uma vez que ela estivesse disfarçada, ele nunca poderia vê-la novamente. Não havia nenhuma maneira que ele arriscasse levar o rei dos demônios a sua porta. A realidade caiu sobre ele como uma mortalha de morte, fria e claustrofóbica, e lutava para evitar quebrar aqui mesmo, na frente de um Cavaleiro do Apocalipse que iria gostar disso.

— Traga Gethel para mim, — Thanatos disse, com a voz mais suave do que era antes, — e vamos conversar.

— Eu não posso fazer isso. — Ele faria, se isso significasse que Blaspheme estivesse segura, mas agora que Gethel foi amarrada no lugar, Revenant não poderia fazer uma maldita coisa.

Thanatos deu de ombros. — Então eu não posso te dar o meu sangue.

Pânico perfurou a bolha do controle da Revenant. O Cavaleiro não ia jogar bonito, e Revenant precisava disso tanto quanto ele precisava de ar.

— Droga, Thanatos! — O grito de Revenant trouxe Cujo do nada. A besta bateu em Revenant por trás, derrubando-o em Thanatos, e, de repente, o pátio tornou-se um borrão de aço, dentes e garras.

Dor o atacou de todos os lados quando o cão o

rasgou e Thanatos fatiou e cortou com uma foice que podia separar os membros mesmo dos seres mais poderosos. Rev curou quase que instantaneamente, mas isso não quer dizer que a cada refeição, amputação, não doeu e o irritou.

Ele jogou um raio contra o maldito vira-lata, controlando a intensidade no último momento para não matar o animal. Tão ruim quanto o seu relacionamento com sua família e que era agora, se ele abatesse o animal de estimação e guardião do Logan, não haveria volta a partir daí. Nunca.

Cujo gritou e caiu a vários metros antes de pousar em um monte perto de uma parede de pedra. Xingando, Thanatos balançou sua foice em um arco que teria cortado o topo do crânio de Revenant se ele não tivesse se abaixado no último segundo. Quando Thanatos recuperou do balanço, Revenant deu um soco no rosto do cavaleiro. O nariz explodiu em uma névoa rosa de sangue, e isso era tudo que Rev necessitava.

Ele chicoteou o frasco que pegou do bolso, abordou o Cavaleiro, e colocou-o no chão com a mão no pescoço de Than. Enquanto o grande macho amaldiçoou e resistiu, Rev escavou sangue para dentro do frasco e tampou com uma mão antes de pular fora.

Tinha acabado de quebrar uma regra importante. O conhecimento o deixou tonto, ofegante, como se tivesse corrido uma maratona, que foi, provavelmente, por que ele não sentiu o perigo.

Ele mal sentiu o formigamento de aviso antes que

ele fosse tirado de seus pés por uma força invisível e lançado na mesma parede que o cão infernal tinha batido. Mas o corpo de Revenant a atravessou, seus ossos quebrando junto com as pedras. Ele caiu pesadamente no chão, a agonia de seus ossos quebrados se juntando novamente o tirou do equilíbrio quando Reaver e Harvester caminharam em direção a ele com suas expressões de raiva.

Ambos o acertaram com explosões de energia, a de Harvester carregada com fogo, a de Reaver com uma onda de choque que estourou seus tímpanos e transformou seus órgãos em geleia enquanto sua pele queimou. Ele gritou com a dor, sua visão ficou escura enquanto seus olhos derretiam.

— Eu avisei Revenant, — Reaver rosnou. — Eu avisei que se você prejudicasse a minha família, de qualquer maneira, eu viria para cima de você com toda a força que tenho.

Enquanto seu corpo curava, bateram-lhe com outra explosão, e outra, mantendo as lesões e dores constantes para que ele não pudesse se recuperar rápido o suficiente para contra-atacar. Com cada gota de concentração que conseguiu reunir, pensou em Blaspheme, retratado o rosto em forma de coração e olhos azuis brilhantes, e piscou para ela.

— Oh, diabos.

— Que porra é essa?

— Merda, de novo não!

Na cacofonia de vozes, Blaspheme olhou para cima da pilha de lixo que estava varrendo do chão da cafeteria. Ofegante, ela largou a vassoura, e ficou ali, atordoada.

Revenant estava em um joelho no centro da sala, suas asas chamuscadas, o sangue escorrendo pelo seu rosto e corpo. Tufos de fumaça enrolando em mechas finas de suas roupas enquanto ele as estendeu plenamente, a altura impressionante.

— Revenant! — Ela correu para ele. — O que aconteceu? Você está bem?

Ele abriu a palma da mão para revelar um pequeno frasco contendo algumas gotas de que ela assumiu fosse sangue.

— Thanatos foi... não cooperativo.

— Oh, Deus, Revenant, — disse ela. — Eu sinto muito...

— Está tudo bem. Nada que eu não possa lidar. Já estou quase curado.

— Eu não estava falando sobre os ferimentos.

Seus olhos negros injetados travaram nela, e para os próximos 30 segundos, tudo o que podia fazer era pensar que, de todas as mulheres que ele pudesse olhar daquele jeito, ele tinha escolhido ela.

— Não se desculpe Blaspheme. — Sua voz estava rouca, enfumaçada como sua roupa. — Seja qual for as consequências de minhas ações, eu estarei feliz em

pagá-las.

Seus olhos ardiam e ela não sabia o que dizer... e que acabou por que ela não precisava dizer nada, porque de repente, Revenant deslocou em modo de batalha. A expressão pedregosa e corpo tenso, ele foi para o livro de feitiços Pruosi e bateu o frasco de sangue em cima da mesa.

— Você tem certeza que isso vai funcionar? — perguntou.

Ela virou para a página que foi para os detalhes do procedimento. — Deveria. Tudo que eu preciso é o DNA de qualquer espécie que vá me disfarçar. Temos amostras de DNA Anjos Falsos armazenadas, para que eu possa manter o meu disfarce...

— Você tem que se disfarçar com algo mais. E você vai precisar de um novo emprego.

Ela olhou para ele. — Você bebeu? Eu não vou sair UG.

— Você precisa. — Ele enfiou a mão pelo cabelo exuberante. — Satanás quer você.

— Engraçado, Rev. — Quando ele não sorriu, seu coração apreendeu. — Espera... você não está brincando, não é? — Satanás a quer? Satanás?

Revenant inalou uma respiração instável, segurou, em seguida, exalou suavemente. — A culpa é minha. Apeguei-me a você, e agora ele quer usá-la para garantir a minha lealdade. A única maneira que você estará segura é se você receber uma nova identidade e uma nova vida.

Houve um tempo em que obter uma nova identidade e uma nova vida foi um evento regular, mas fincou raízes aqui, e não podia jogar isso para alto. — Eu não posso fazer isso. Coloquei tudo neste trabalho. Este lugar. Essas pessoas. Esta é a minha vida, Revenant.

— E vai ser a sua morte, se você ficar.

Ela afundou atordoada em uma cadeira. — Isto é inacreditável. Eu sempre vou ser o verme, não vou?

— O verme?

— O que não se transforma em uma borboleta. Eu sabia que me re-disfarçar como um Anjo Falso novamente não seria eu, exatamente, mas pelo menos eu sei o que esperar. Eu me senti como um anjo... das sortes. Agora vou estar presa novamente, dentro de um corpo que eu não quero.

— Você não vai estar presa. Você vai ser... — Ele parou quando Eidolon entrou na cafeteria e correu, sua expressão calma, mas ela conhecia o olhar em seus olhos.

O problema estava se formando.

— Temos uma situação, — disse ele, baixando a voz para que ninguém apenas Blaspheme e Rev ouvisse. — Os anjos cercaram o hospital e a clínica, e de alguma forma, eles conseguiram desligar o Harrowgate. Ninguém pode entrar ou sair sem passar pelos anjos.

— Eu posso, — disse Revenant.

Eidolon inclinou a cabeça. — Você e Reaver são, provavelmente, os únicos que ainda podem piscar

dentro e para fora.

— O que eles querem? — Perguntou BlaspHEME, embora soubesse.

— Eles querem você. E sua mãe. E eles disseram que não vão sair até que lhes entreguem a ambas.

Revenant observou o demônio Seminus que dirigia o hospital, na esperança de que as próximas palavras da sua boca não fossem *venha, BlaspHEME vamos entregá-la*.

Porque o médico teria que morrer.

— BlaspHEME, — Eidolon disse: — não se preocupe. Nós vamos resolver isso.

— Eu posso piscar BlaspHEME e sua mãe fora daqui, — disse Revenant. — Vou levá-las para a segurança. E então eu vou lidar com os anjos. Acabarei com o monte deles.

E saborear cada segundo disso. Quando ele terminasse, ele se pareceria com ogros gigantes teria uma luta no estacionamento do hospital.

A luta sangrenta.

— Isso vai ser uma medida temporária, na melhor das hipóteses. — BlaspHEME enfiou as mãos nos bolsos do casaco de laboratório. — Eles sabem quem eu sou. Onde eu trabalho. E não acho que...

Um flash de luz encheu o refeitório, e em seus saltos o formigamento do aviso exclusivo para Reaver.

Um instante depois, o anjo materializou, ainda parecendo chateado como esteve na casa de Thanatos. Seu olhar assassino zerado com Revenant.

Aqui vamos nós outra vez.

— Esta rivalidade está se tornando cansativa, — Revenant disse arrastado.

Reaver, sem nenhum senso de humor que Rev podia ver, assobiou. — Eu vou lidar com você mais tarde. — Ele olhou para Eidolon. — O que está acontecendo lá fora? Há toda uma legião de anjos formando uma barricada no hospital.

— Você acha que eu não percebi isso? — Eidolon se virou para pedir uma enfermeira para testar o funcionamento do Harrowgate entre o hospital e a clínica.

Reaver olhou Revenant. — Isto é obra sua? Isso tem alguma coisa a ver com o motivo pelo qual você atacou Thanatos pelo seu sangue?

— Ele não tem nada a ver com os anjos, — Blaspheme disse, colocando-se entre Rev e Reaver. O que era adorável. — Quanto ao que aconteceu com Thanatos, é minha culpa. Revenant tem o sangue para mim.

Reaver fez uma careta. — Para você? Por quê?

— Não, — advertiu Revenant, mas o brilho no olhar que Blaspheme lhe deu disse que ela estava determinada a dar com a língua nos dentes.

Revenant reuniu seu poder, apenas no caso de Reaver reagir mal. E, em seguida, seu irmão veria o

quão longe Rev iria para proteger aqueles com quem ele se preocupava.

— Porque eu sou um *vyrm*, — Blaspheme desabafou. — E eu preciso de sangue para completar um feitiço que irá esconder a minha verdadeira natureza.

A testa de Reaver subiu e quando ele olhou para Eidolon. — Era sobre Blasfeme que você estava falando o outro dia? — Ao aceno do médico, Reaver exalou uma maldição. — Você poderia ter me dito por que você precisava do sangue de Thanatos, Revenant.

— Sim, porque foi tão fácil falar enquanto estava envolvido em fogo. Oh, e os pulmões esmagados não ajudou com isso também.

— Você fez isso com ele? — As mãos de Blaspheme apertaram como se ela quisesse socar Reaver. Revenant ficou tentado a anular o feitiço antiviolação do hospital para que ela pudesse. — Ele é seu irmão! Como você pôde?

Eidolon levantou a mão. — Nós podemos lidar com assuntos de família mais tarde. Agora nós temos que fazer algo sobre os anjos. Pacientes feridos não podem entrar, e há pelo menos dois Sems acasalados, inclusive eu, que não conseguem chegar a suas companheiras. A situação ficará crítica em poucas horas a menos que possamos pegar uma carona com Reaver e Revenant.

Ah, certo. Como demônios Seminus incubos precisavam de sexo para sobreviver, e enquanto os não

acasalados poderia obtê-lo de qualquer lugar, os Sems acasalados eram limitados ao sexo com suas fêmeas.

— Então, todos esses anjos estão aqui por Blaspheme? — perguntou Reaver. — Parece um pouco drástico, mesmo para os extremistas, como Exterminadores.

Blaspheme praguejou baixinho. — Eu não acho que isso seja inteiramente sobre eu ser um *vyrm*. Eles não iriam enviar toda uma legião de anjos por isso. Isto é maior, e estaria disposta a apostar que, se você cavar fundo, vai descobrir que um arcanjo chamado Raphael é responsável por isso.

Revenant pensou que a cabeça de Reaver ia explodir. — Diga-me, — Reaver rosnou. — E não deixe nada de fora.

Blaspheme compartilhou a informação que ela retirou de sua mãe antes, e quanto mais tempo Reaver ouvia, mais Rev podia sentir a fúria construir nele. Seu irmão era uma bomba com um pavio aceso, apenas esperando por alguém acendê-lo. Revenant tinha a sensação que Raphael iria, muito em breve, experimentar uma explosão.

Bom. Se Reaver pudesse cuidar do embargo dos anjos do UG, Revenant poderia se concentrar sobre o que fazer sobre a obtenção de Satanás nas costas de Blaspheme. Infelizmente, não havia nenhuma solução fácil para isso.

Blaspheme definitivamente tinha que realizar o feitiço Pruosi, mas contanto que Raphael estava vivo e

Satanás ainda estava procurando por ela ou a mãe, ela estava em perigo. E se um deles pegasse Deva e torturasse para revelar a localização de sua filha e nova identidade? Revenant não confiava na capacidade do anjo caído para enfrentar o tipo de tortura que os babacas pudessem aplicar.

Frustrado, ele folheou o livro Pruosi, esperando que um milagre pudesse saltar para fora para ele. Algo que salvaria Blaspheme sem ela ter que perder tudo. Talvez houvesse um feitiço que enganaria Raphael. Ou desfazer a capacidade de Satanás de espioná-lo. Inferno, neste momento, ele ficaria feliz em jogar o Lorde das Trevas em um poço sem fundo e...

Calou-se quando um pensamento lhe ocorreu. Poderia ser tão simples?

— Revenant? — Blaspheme descansou a mão sobre seu ombro. — O que foi?

Virando a cabeça, beijou-lhe a mão antes de virar a página que ele apenas olhou antes. E lá estava ela. As divagações loucas de um demônio Pruosi cujas palavras tinham sido feitas imortal entre as páginas da própria Demoníaca.

Eles tentam um após o outro enviar o animal para o abismo. Todos falham, mas o único tem a chave.

Era um tiro no escuro, completamente louco, mas neste momento, isso era tudo que ele tinha.

CAPÍTULO 29

Enquanto Revenant contemplava a logística envolvida em seu plano, Blaspheme em conjunto com Eidolon e Reaver dedicaram a situação dos anjos fora UG. Poucos minutos depois, o irmão loiro de Eidolon, Wraith, passeou na cafeteria.

— Oi Blaspheme. Sua mãe está de pé no interior das portas de Emergência insultando os anjos no estacionamento. Eu gosto de dizer que os anjos são tanto quanto uns babacas, e ela jogou algumas vespas justas, mas eles vão começar a atirar veículos no prédio, se você não impedi-la.

Blaspheme gemeu. — Eu estou nisso.

Com Blaspheme saindo, Rev achou que era um bom momento para ter uma conversa com seu irmão. Naturalmente, Reaver lhe deu um olhar maligno quando se aproximou.

— Eu acho que encontrei uma maneira de eliminar alguns dos nossos problemas, — disse Revenant. — Ou seja, Satanás, Gethel e Lúcifer.

— Eu estou ouvindo.

Revenant olhou ao redor da cafeteria, que estava lotada com pacientes e funcionários que estavam assustados com a presença dos anjos fora do hospital e

a clínica.

Rev não confiava em nenhum deles, a não ser, talvez, Eidolon. Não gostava do cara, mas ele teve que admitir que o médico era o capitão do navio e parecia valorizar sua família, amigos e funcionários. Não é de admirar que BlaspHEME gostasse de trabalhar aqui.

— Encontre-me em Meggido. — Ele piscou, materializando, ao mesmo tempo em que Reaver no topo da colina israelense.

— Por que aqui? — perguntou Reaver.

Revenant olhou sobre as terras que viram batalha após batalha ao longo de milhares de anos. Apropriado, talvez, que Revenant e Reaver, nada fizeram além de lutar entre si, estavam aqui agora para o que esperava que fosse a última vez.

— Porque é tempo de eu responder a sua pergunta, — Rev disse, — e este foi o lugar onde você perguntou a primeira vez.

— E que pergunta é essa?

— Você perguntou o que aconteceu com a nossa mãe.

— E você disse que a matou. — Reaver esfregou o peito, e Revenant perguntou se ele sentia a mesma dor que ele quando discutia sobre ela. — Mas você nunca disse por que ou como.

Revenant fechou os olhos, preparando-se mentalmente para voltar a esse tempo e lugar horrível. Para seu crédito, Reaver não o apressou, apenas esperou em silêncio. Finalmente, Rev abriu os olhos e

olhou para seu irmão no olho. Ele merecia isso, pelo menos.

— Eu te disse que fui separado de nossa mãe e levado como escravo as minas de cristal de magma, sim? — No curto aceno de Reaver, Rev continuou. — Dez anos mais tarde, eu fui levado para Satanás. Cheio de mentiras e meias-verdades. Prometeu poder e influência. Uma vez que ele achava que eu era leal a sua causa, ele me enviou para buscar a nossa mãe do calabouço onde ela foi mantida durante duas décadas. Eu não sabia o que ele faria com ela, mas sabia que não seria bom. Ela também sabia disso.

Deuses, ele ainda podia sentir seu quadro frágil quando eles estiveram juntos naquela cela imunda, onde ele passou a maior parte de sua infância. Os anos não foram gentis com ela, e ela era apenas uma concha do anjo lindo que ele se lembrava.

E, no entanto, nas profundezas de seus olhos cansados e sem fundos, havia uma centelha de vida que ardia brilhante quando ela o viu. A respiração que estremeceu de seus pulmões cheirava desespero, mas a sua força brilhou mesmo com seu desgastado corpo.

— Eu a escoltei para fora do calabouço, mas não podia levá-la para Satanás. Tentei correr com ela, para tirá-la de Sheoul, mas fomos cercados e presos pelas forças de Satanás. Ela não tinha nenhum poder com ela, e eu não era poderoso o suficiente para piscar com outra pessoa, por isso, nos escondemos em uma caverna e esperamos a morte. Foi quando ela me contou a verdade

sobre quem eu era.

— Quem você achava que era antes disso?

— Eu cresci pensando que eu fosse *vyrn*. Nossa mãe me contou que Satanás disse a ela para dizer isso, que ela era um anjo preso por acasalamento com um anjo caído. Mas enquanto estávamos escondidos, ela me disse sobre o nosso pai. Sobre você. Ela estava desesperada para eu encontrá-lo e para que fôssemos uma família. Era a sua maior esperança de que de alguma forma você poderia me ajudar a livrar o meu sangue da mancha de Satanás. — Ele tomou uma respiração profunda, estremeando. — E então ela me implorou para matá-la.

Reaver fechou os olhos. — Ah, porra.

O ar ao redor deles ficou imóvel e frio. Rev não sabia quem era o responsável por isso, ele próprio ou Reaver, mas o frio úmido liquefez no fundo dos seus ossos, tornando-os doloridos tanto quanto sua alma.

— Eu não poderia fazê-lo, — disse Revenant. — A princípio, não. Eu me recusei, argumentei, estava preparado para lutar contra as forças de Satanás até a morte. Mas à medida que se aproximavam, eles gritavam suas ordens... o que eles pretendiam fazer com a gente antes de nos levar acorrentados ao seu senhor. Eu não me importava sobre mim, mas sabia que seu sofrimento seria além da medida. — Ele estendeu a palma da mão. — Dê-me sua mão.

Reaver hesitou, a desconfiança entre eles engrossando como uma parede invisível.

— Eu vou mostrar para você, — disse Revenant.
— Você precisa saber. — E ele não achava que sua voz seria suficiente para passar o acontecido.

Finalmente, Reaver pressionou a palma da mão contra a Revenant. Rev puxou a memória que ele tinha tentado tão difícil de esquecer.

— *Por favor, Revenant. — Deitada os braços frouxos, Mariel olhou para ele com olhos que eram outrora brilhante azul safira, mas agora eram pálidos e turvos. — Eu estou tão fraca que você não precisa de uma arma especial. — Ela cobriu o rosto com uma mão trêmula. — Alimente de mim. Drene-me tanto quanto você puder. Meu sangue vai fortalecê-lo e enfraquecer-me que a sua lâmina poderá terminar o serviço.*

— *Mãe, não. Não posso fazer o que você está pedindo. Sua alma será presa aqui embaixo*

— *Você deve. Depressa. Eles estão vindo. — Uma lágrima escorreu de seus olhos e caiu em seu braço, e tudo que ele conseguia pensar era nela e o seu sangue escorrendo.*

— *Por favor, não, — ele sussurrou.*

— *Faça isso! — Ela baixou a voz para um murmúrio suave, quase inaudível sobre os passos batendo e risos grosseiros dos demônios que se aproximavam. — Eu amo você, filho. Diga a Yenrieth que eu o amo também. Espero que ele possa me perdoar por abandoná-lo.*

As lágrimas de Revenant juntou as delas quando ele se inclinou e apertou um beijo carinhoso na testa. —

Eu te amo, — ele murmurou.

— Depressa.

Contra todos os instintos que gritava para não fazer isso, ele mostrou suas presas e mordeu sua garganta tão ternamente como podia. Em seus braços, ela ficou tensa, mas gradualmente seu corpo relaxou, até que seu pulso forte tornou-se mais forte enquanto seu corpo tentava compensar o sangue perdido.

Ele chorou enquanto se alimentava, e, eventualmente, seu coração não poderia manter-se. O pulsar de seu batimento cardíaco contra seus dentes ficou mais fraco e mais lento, até que ele não podia senti-lo afinal.

Ela não estava morta, mas ela estava perto. O ronco do exército avançando de Satanás fez o chão tremer fora da caverna na qual eles se esconderam dentro. Tinha um minuto. Talvez dois.

— Perdoe-me, Mãe, — ele sussurrou enquanto espalmou a adaga na cintura. Com o maior cuidado, ele escovou os cabelos para trás de seu rosto pálido e cantou a canção de ninar que ela tinha cantado para ele quando era pequeno.

— Luar e luz do sol, as nuvens e os mares, toda a parte de muitos mundos que eu quero que você veja. Não tenha medo do desconhecido, nem as profundezas da noite, pois nada pode prejudicá-lo quando te abraço apertado.

Ele mal podia ver através das lágrimas quando empurrou a lâmina entre as costelas e perfurou seu

coração. Em seus braços, seu corpo ficou mole, e em um instante, ela se foi.

Em algum momento durante o replay instantâneo, Revenant e Reaver caíram de joelhos no chão, os dois estavam ofegantes e agitados.

— Eu a matei, — Revenant engasgou, sentindo-se como se tivesse batido a lâmina em seu próprio peito. — Eu a matei e tentei piscar com seu corpo, mas ela estava certa. Eu não podia levá-la comigo. E uma vez que a capacidade de piscar só é permitido para mim para algum lugar que eu já estivera, eu estava ferrado. Eu materializei em um dos lugares na nossa rota de fuga, e de lá eu corri como o inferno. Eu estava na corrida para... foda, eu não sei quanto tempo. Eu finalmente encontrei um Harrowgate e o usei para chegar ao reino humano, onde entrei em contato com você.

— E eu ferrei com tudo. — O olhar de Reaver estava atormentado. Há poucos dias, horas atrás, Revenant teria saboreado a dor de seu irmão como a sobremesa mais delicada. Agora revirou seu estômago. — Eu sinto muito Revenant. Porra, eu sinto muito. Não sabia o que você passou...

— Teria importado? — Ele se levantou abruptamente, a agonia de perder sua mãe e, em seguida, ser rejeitado por seu irmão estavam tão frescas e vivas, como se tivesse acontecido ontem. — Você me odiou a primeira vista.

— Não Revenant. — Reaver ficou de pé

lentamente, como se estivesse preocupado que um súbito movimento levaria Rev a desaparecer. Ele olhou para suas botas, seu cabelo perfeito caindo para frente para esconder o rosto, e Rev percebeu que, pela primeira vez, ele não tinha mudado sua própria cor do cabelo para combinar com seu irmão. — Eu me odiava. Podemos não ser os gêmeos idênticos, mas em você eu me vi. Eu vi alguém que tinha sido enganado, e eu vi isso sobre mim, quando deveria ter sido sobre nós. — De repente, ele puxou Revenant contra ele, e foi um alívio descobrir que Reaver estava tremendo com tanta força quanto ele. — Eu não posso fingir que entendo o que você passou com a nossa mãe, mas você precisa saber que nada do que aconteceu com ela foi sua culpa. Foi escolha dela ficar com você, e foi escolha dela morrer.

Ficaram assim por um longo tempo, até Reaver se afastar e dizer as palavras que Revenant queria ouvir por tanto tempo, mas não podia admitir até para si mesmo.

— Eu não vou abandoná-lo novamente, — Reaver jurou. — Nós somos irmãos, e já passou da hora de agirmos como tal.

Revenant não tinha ideia de como fazer isso. Para essa matéria, ele não sabia se eles ainda tinham uma chance.

— Eu gostaria que tivéssemos tempo, — Rev disse, com a voz ainda refletindo a viagem pela estrada da memória. — Mas eu tenho que proteger Blaspheme, e quanto mais eu espero, o pior pode vir para ela.

— Você mencionou algo sobre Satanás, Gethel e Lúcifer?

Rev assentiu. — Eu tenho um plano, mas eu vou precisar de um anjo.

Reaver levantou uma sobrancelha. — Um anjo?

— Satanás quer provar minha lealdade. O que significa que ele quer tanto Blaspheme e um anjo. Eu não darei Blaspheme a ele. Não suponho que você conheça um anjo que mereça um destino pior que a morte.

Reaver sorriu sombriamente. — Por uma questão de fato, eu faço.

— Se você está pensando no mesmo idiota que eu, este plano pode funcionar.

— Que plano?

— Um que poderá nos levar a morte.

Reaver bufou. — Caso conduza a isso. Estou dentro.

Claramente, imprudência corria na família. — Você não ouviu o plano.

— Então me diga, — disse Reaver. — Nós vamos fazer essa coisa, e vamos fazê-lo juntos, do jeito que nascemos.

E a maneira como eles provavelmente iriam morrer.

— Olá, Raphael.

O arcanjo quase pulou para fora de sua pele, o que Reaver achava muito engraçado. Raphael gostava de fingir que era legal e recolhido, muitas vezes imitando Metatron. Agora Reaver sabia por que ele fazia isso.

Ele queria o trabalho de Metatron.

— Que porra você está fazendo na minha casa?
— Raphael olhou as asas douradas de Reaver, que Reaver tinha estendido para lembrar ao arcanjo que ele tinha cerca de mil vezes mais poder do que Raphael.

— Eu vim perguntar quanto tempo você estava conspirando para derrubar Metatron.

Raphael riu, parecendo genuinamente divertido.
— Eu não tenho ideia do que você está falando.

— Sim, bem, eu não tenho tempo para brincar com você, então eu só vou por tudo para fora. Eu sei que você está trabalhando com Stamtiel por pelo menos 200 anos. Então, eu vou lhe dar uma escolha. Ou levá-lo a Metatron para a sua execução, ou lhe dar uma chance de lutar pela sua sobrevivência.

— Vá em frente. — Raphael cruzou os braços sobre o peito. — Leve-me para Metatron. Você não tem nenhuma evidência...

— Eu tenho Stamtiel.

Cada gota de sangue sumiu do rosto de Rafael. — Você está mentindo.

Reaver usou sua mente para exibir uma transmissão ao vivo na parede distante. A transmissão ao vivo mostrando Harvester em pé ao lado de um anjo masculino amordaçado e amarrado. Ela sorriu e acenou.

Reaver acenou de volta, e ela soprou-lhe um beijo, seguido por uma piscadela impertinente.

— Como você pode ver, ele está vivo e disposto a gritar, em troca de sua vida. — Sua vida, no entanto, já estava perdida. Harvester estava apenas esperando o sinal verde.

— Como? — Raphael disse asperamente. — Como é que você o encontrou?

— Eu gostaria de poder levar o crédito, mas Azagoth fez todo o trabalho. Nós podemos dizer olho por olho. — Reaver balançou a cabeça. — Você deveria ter pensado melhor antes de mexer com a companheira do Grim Reaper.

— Não fui eu! Foi Stamtiel...

Reaver socou o arcanjo em sua boca, curtindo o som de dedos marcando a carne. Pena que Raphael se curou instantaneamente, o sangue de seu lábio cortado desapareceu quase antes de gotículas se formarem completamente.

— Você deu a ordem, — Reaver rosnou. — Está na hora. É hora de você pagar por cada ato hediondo você cometeu. Mas você quer saber qual ato garantiu verdadeiramente seu lugar no topo da minha lista de vingança?

Reaver moveu em direção ao arcanjo lentamente, usando todas as medidas para engrenar o medo nos olhos do bastardo. Raphael tentou piscar de lá, mas Reaver já tinha colocado um escudo restritivo sobre a residência. Raphael não ia a lugar nenhum.

— Por favor, — implorou Raphael. — Tudo o que fiz foi para o bem do reino...

— O reino? Sêrio? Foi bom para o reino quando você roubou o feto da minha filha e tentou implantá-lo no útero de Gethel?

— Eu dei o bebê de volta, — Raphael protestou, sua voz degenerando em um gemido patético que apenas deixou Reaver mais chateado.

— Só porque Harvester concordou em dormir com você em troca. — Reaver pegou o arcanjo pela garganta e levantou-o no ar. — Eu te mataria agora, mas eu tenho outros planos.

— Por Favor...

— Cale-se. É hora de você pagar por suas más ações. Você, Raphael, vai colher o que plantou.

CAPÍTULO 30

Blaspheme passou ao redor da mesa da lanchonete que havia se tornado seu escritório temporário, sua mente cuspindo um milhão de ideias diferentes para acabar com o cerco ao hospital, tirar Satanás e Raphael de suas costas, e ainda ser capaz de manter Revenant. A maioria de suas ideias poderia resolver uma das questões, algumas poderiam resolver duas, mas não todas as três.

Tinha que haver uma maneira. Não podia desistir de Revenant. Não se importava se teria que se esconder pelo resto de sua vida. Mas não poderia colocá-lo em risco pela ira de Satanás também.

Revenant materializou a poucos metros de distância, e ela imediatamente correu para ele. — O que aconteceu? Onde está Reaver?

Revenant a tomou em seus braços e a segurou firmemente, mas a sensação de retidão e conforto deslocou pela tensão quando ela sentiu as linhas tensas de seu corpo. Alguma coisa estava errada.

— Tudo vai ficar bem, — ele sussurrou em seu cabelo.

Seu peito abafou a voz dela. — Revenant, você está me assustando.

— Ouça-me, — disse ele, puxando para trás para que ele pudesse olhá-la nos olhos. — Raphael já não será mais um problema para você ou sua mãe, e os anjos lá fora já estão dispersando. Mas eu preciso que você continue com o feitiço Pruosi.

— Droga, o que está acontecendo?

Ele emoldurou seu rosto em suas mãos quentes com tanto cuidado que ela mal podia acreditar que aquilo era uma vez o homem infame conhecido como *O Destroyer*. — Eu vou ter certeza de que Satanás nunca a incomode novamente.

Seu estômago revirou, e ela se perguntou se seu almoço faria uma segunda aparição. — Eu realmente não gosto do som disso.

— Isso é importante, — disse ele gravemente, o que não fez nada para aliviar o enjoo em sua barriga. — Se eu não voltar Reaver se certificará de que você esteja segura. Só me prometa que vai realizar o feitiço.

Seu pulso estava todo irregular, como se estivesse tocando código Morse para *Oh, merda* contra as paredes das suas artérias.

— Se você não voltar? — Ela agarrou seus biceps, cravando as unhas em sua jaqueta como se estivesse tentando segurá-lo. — Revenant, não. Seja o que for que você planejou, você não pode fazer isso.

— Eu tenho. Eu preciso que você esteja segura. — Ele acariciou seus dedos ao longo de sua mandíbula muito gentilmente que ela queria chorar. — E foi uma longa jornada. Eu nunca acreditei em destino antes,

mas isto parece... certo.

— Por favor, não, — ela implorou, sem se importar com seu orgulho. — Você não pode. Você não pode entrar na minha vida, me faz me apaixonar por você, e, em seguida, me deixar!

— Você se apaixonou por mim? — Um dos lados da boca se curvou em um sorriso arrogante.

— Como você pode não ver, — ela sussurrou.

Mergulhando a cabeça, ele abaixou a boca na dela e beijou-a docemente. Reverentemente — Obrigado. Eu vivi mais na última semana do que vivi em toda a minha vida. Você é uma borboleta Blaspheme. Sua beleza transforma tudo ao seu redor.

Ele deu um passo para trás, e pânico a agarrou. — Não. — Ela estendeu a mão para ele, mas ele se esquivou e acenou para alguém atrás dela. Muito tarde ela percebeu o que estava acontecendo. Os braços fortes de Eidolon dobraram em volta dela, prendendo-a contra seu peito largo e tornando-a incapaz de chegar a Revenant não importa quão forte ela lutasse. — Não! — Ela gritou. — Não faça isso.

Por um torturante segundo fugaz, ela jurou que viu lágrimas nos olhos de Revenant. E então ele se foi. Ela olhou para o ar vazio onde Revenant estivera, e quando seu cérebro encontrou com os olhos, ela desmoronou contra Eidolon e soluçou.

Soluçou até não sobrar nada.

Revenant ainda estava se recuperando de seu adeus com Blaspheme quando se mostrou à residência de Gethel. Por algum milagre, Blaspheme tinha se apaixonado por ele, o que o fez deixá-la ainda pior. Especialmente porque ele se apaixonou por ela também, e a possibilidade muito real de que ele não pudesse nunca mais vê-la novamente fez seu coração apertar.

Isso também o deixou com raiva. Viveu cinco mil anos sozinho, e ele finalmente encontrou a fêmea que trouxe o anjo dentro dele que não sabia que existia... e Satanás ia tirar isso dele.

Raivar alimentava cada passo que dava em busca da mãe do bebê vil de Satanás. Encontrou-a em seu quarto exuberante, envolta em peles e estudando-se na frente do espelho.

— Você acha que eu estou gorda? — perguntou Gethel, olhando para seu perfil lateral.

— Como uma vaca.

— Idiota. — Ela se virou com uma velocidade impressionante, uma vez que ela estava tão grande como uma vaca. Uma vaca grávida. — Você trouxe essa cadela médica de novo?

Deuses, ele ia amar destruí-la. — Eu trouxe algo melhor.

Seus olhos claros se iluminaram. — O que é?

— Um arcanjo.

Com a forma como ela corou e começou a ofegar, ele pensou que ela teria um orgasmo ali mesmo. —

Quem?

— Raphael. Você o conhece?

Seus lábios se curvaram mostrando os dentes afiados e pontiagudos. — Eu o desprezo. — Ela olhou por ele, como se Raphael estivesse parado na porta. — Onde ele está?

— Eu tive que deixá-lo no Templo de Gog. Vê? — No centro da sala, ele lançou uma imagem 3-D de Raphael, amarrado e inconsciente, ao lado da estátua de Gog que ficava ao longo da parede traseira do templo. A prova era sempre uma coisa boa quando você pudesse duvidar. — Anjos vivos não podem entrar nos territórios de Satanás. Eu decidi que vou deixá-lo ter uma chance antes de matá-lo e entregá-lo para o Lorde das Trevas.

— Leve-me, — disse ela. — Eu quero me alimentar de seu sangue arcanjo arrogante.

Tão previsível. — Eu não posso fazer isso. Satanás lançou um feitiço sobre este lugar para que ninguém possa raptar você.

— Eu posso sair por minha própria vontade, — ela disse. — Eu vou. Você vai me acompanhar para me proteger.

Seu comando o fez ranger os dentes, mas acompanhá-la tinha sido o plano o tempo todo. — Pegue minha mão, — ele disse. — Templo de Gog.

Sorrindo, ela os piscou ao templo, formado a partir de antigos edifícios romanos para adorar alguns dos demônios mais antigos e poderosos a existir em Sheoul. À medida que se materializaram Reaver pulou

de onde ele esteve escondido atrás de um pilar e fechou a Tal ao redor da garganta dela. A braçadeira de vidro, feito pelos anjos para tornar anjos caídos impotentes, a própria forma em um colar invisível, apertando forte o suficiente para permitir que apenas tufos de ar passe através de sua traqueia.

O melhor de tudo, enquanto seus olhos se arregalaram e ela agarrou na Tal, era que não podia falar.

— Onde está Raphael? — perguntou Rev, e Reaver apontou para um canto sombreado, onde estava o arcanjo, inconsciente, em suas costas. — Você tem algum problema?

Reaver arrastou Gethel para Raphael. — Não.

De repente, o rosto de Gethel exorcizou, se transformando em algo horrível, e a coisa em sua barriga começou a empurrar contra sua pele como se quisesse sair.

— Merda, — Reaver estalou. — Precisamos nos apressar. Lúcifer é forte, mesmo em seu ventre. Se ele nascer agora...

Ele não tinha que terminar. A batalha ia ser impossível vencer como era. Com Lúcifer, cujo poder foi previsto para eclipsar o poder que ele exercia em sua vida passada, iria garantir que nem Revenant nem Reaver sobrevivessem a esta. E Revenant não tinha dúvida de que uma vez que Lúcifer nascesse, ele faria com que Reaver e Rev pagassem o preço também.

— Eu estou saindo daqui. Preparem-se, Irmão,

porque todo o inferno vai tremer.

Literalmente.

CAPÍTULO 31

Revenant do lado de fora da entrada para banheiros privativos de Satanás, inalou profundamente. Mais uma vez. E mais uma vez. Era isso. Ele faria o impossível... ou ele morreria.

Entrou sem bater. Vapor que cheirava a enxofre girava em torno dele enquanto caminhava em direção ao poço borbulhante no centro da sala de azulejos negros. Satanás estava na piscina com três fêmeas e um macho, todos de espécies diferentes.

Revenant não esperou que Satanás se mostrasse surpreso por ele entrar sem convite. Ele explodiu os quatro demônios no poço com uma doce arma de Anjo Sombra, desintegrando os filhos da puta para a inexistência. Nem mesmo suas almas sobreviveram.

— Revenant, — Satanás assobiou. — O que diabos você fez...

Revenant se impulsionou para a luta contra o demônio quando ele se levantou da água. Eles caíram para o convés de pedra com um baque molhado. Antes que Satanás pudesse sequer piscar, Revenant bateu com o punho em sua garganta.

Foi como bater um tubo de aço.

Satanás contra-atacou com um soco no seu intestino, derrubando-o a mesa sacrificial usada para

drenar o sangue das vítimas para a piscina. A mesa de pedra quebrou em uma dúzia de peças, fazendo Rev mergulhar em poeira e pedregulhos.

— O que diabos está acontecendo? — Rugido de fúria de Satanás espantou os morcegos fantasma nas vigas em uma explosão de gritos e batendo as asas.

Revenant armou-se de pé. — Eu tenho o seu maldito anjo. Provei a minha lealdade, então você vai deixar Blasfeme em paz.

Satanás riu. — Você bastardo estúpido. Vou ter Blaspheme. Nenhum anjo poderia valer a pena o que eu pretendo fazer com ela.

O filho da puta presunçoso. — Nem mesmo um arcanjo?

Mudança instantânea humor. Satanás limpou o sangue de seu queixo e ficou um pouco mais ereto. — Um arcanjo, você diz. — Um sorriso se contorceu nos cantos de sua boca, e Revenant jurou que viu um pouco de baba. O bastardo estava mordendo a isca, assim como Gethel. — E este arcanjo está morto?

Revenant balançou a cabeça. — Eu percebi que você iria quer ele vivo, então eu não o trouxe aqui. — Nenhum anjo vivo poderia entrar nesta região do Sheoul, e se Revenant, ou qualquer um, tentasse piscar um Celestial para dentro, ambos se materializariam mortos.

Sim, Satanás estava babando. — Onde ele está?

— No Templo de Gog.

O Príncipe da Mentira balançou a cabeça em

aprovação. — Bem. Seu poder será limitado lá. Não que isso importe, é claro. Eu posso matá-lo com o meu dedo mindinho.

— Eu gostaria de ver isso, meu senhor, — disse Revenant. Ele pagaria para ver isso.

Satanás estreitou os olhos. — Então por que você me atacou?

— Porque, — disse Revenant. — Você questionou a minha lealdade. Porra, não faça isso de novo.

Agora Rev esperou. O demônio ia respeitar o que ele tinha feito... ou ia fritá-lo. Provavelmente, literalmente, uma vez que um dos métodos de tortura favorita de Satanás envolvia uma frigideira de ferro gigante e banha de Gargantua.

Finalmente, assim quando Revenant estava contemplando as especiarias que seria melhor ir com Anjo Sombra frito, os olhos negros de Satanás bloquearam nele.

— Você tem bolas feitas de enxofre Revenant. — Ele mostrou as presas tão acentuadas como lâminas. — Mas faça novamente e eu vou cortar as suas bolas fora e alimentar Blaspheme com elas. Entendido?

Rev inclinou a cabeça em um leve aceno, ele poderia ainda parecer respeitoso.

— Bom. Agora, quem é este arcanjo?

— O nome dele é Rafael.

Um sorriso malévolo se espalhou pelo rosto de Satanás, e seus olhos brilhavam de excitação profana. — Não posso esperar para quebrá-lo, — disse ele quase

sem fôlego. — Vamos.

Revenant e Satanás se materializaram dentro do Templo de Gog, ao mesmo tempo. Na próxima pulsação, Reaver estava lá, tirando um Tal ao redor da garganta do demônio. Revenant saltou para longe quando Satanás gritou em fúria, seu corpo se contorcendo e se expandiu, o crescimento mais alto e mais largo e foda, isso não seria bom. Rev não esperava que o Tal funcionasse, e com certeza, eles poderiam muito bem ter prendido o demônio com uma fita de seda.

— Agora! — Ele gritou. — Depressa!

Reaver não teve a chance de realizar a próxima fase de seu plano. O rosnado de Satanás tornou-se uma coisa física, uma parede de fogo do inferno que atirou dele em uma onda de choque de 360 graus de dor.

Revenant ouviu o grito de agonia de Reaver até mesmo sobre seu próprio grito rouco. Sua pele empolada e descascada, camada sobre camada, até que ele pudesse ver seus próprios ossos que espreita para fora do músculo carbonizado.

O punho gigante do Lorde das Trevas, agora do tamanho de um Volkswagen, bateu Revenant de lado, como se ele fosse uma mera mosca. Ele navegou através do ar, atingindo a estátua Gog com um monte de ossos quebrados e mármore.

Reaver deve ter tido o mesmo tratamento, seu

gemido abafado se juntou ao som de pedra desmoronando ao seu redor.

Revenant sentiu o corpo como se estivesse desabando sobre si mesmo, mas de alguma forma ele conseguiu desenhar o poder, levando-o desde o ar ao seu redor. Suas feridas começaram a unir quando ele buscou uma forma maior, mais poderosa.

— Traidor! — A voz profunda, gutural de Satanás era uma arma em si, quebrando os tímpanos de Revenant.

Uma onda de dor foi desencadeada em cadeia dentro dele. Raiva o queimou mais intensamente do que fogo de Satanás. Esse desgraçado tinha sido a fonte de toda a sua dor. Toda a dor de sua mãe. Ele tinha que pagar.

Pulando a seus pés, que estava agora com garras enormes, para coincidir com a forma monstruosa que ele tinha trocado, ele explodiu em Satanás todas as armas em seu arsenal. Todas elas. De uma só vez.

O demônio gritou e caiu para trás, sangue, membros, dentes, chifres... Tudo explodiu no ar em uma névoa sangrenta quando o corpo de Satanás explodiu. O templo estremeceu, pintado em vermelho e pingando órgãos internos, como se ele soubesse que algo terrível tinha acontecido.

E ia acontecer novamente.

— Reaver!

Seu Gêmeo estava mutilado, bagunça torcida, mas com Satanás fora de ação, ele poderia...

— Você buceta do caralho! — Satanás se materializou diante Rev com uma espada gigante de lava na mão. *Oh, merda...*

Revenant mergulhou, rolando quando ele bateu no chão. A borda da lâmina pegou nas costelas, abrindo o peito até o osso e transformando o seu sangue em cinzas. Dor turvou a visão, mas com o canto do olho, ele viu Reaver, quase regenerado, mancando em direção ao pentagrama que ele tinha desenhado com o sangue de Gethel no centro da sala.

A cabeça de Satanás girou em direção Reaver.

Mantenha sua atenção!

— Filho da Puta. — Revenant cambaleou, resistindo à vontade de colocar o braço em torno de sua caixa torácica. O sangramento, carne queimada não estava curando como deveria. — Você, filho da puta torcido. Você realmente achou que eu ia me sentar e deixar que Lucifer tomasse o que deveria ser meu? — Jogando a mão, ele enviou um feixe focalizado de radiação angelical para o demônio, cortando o braço esquerdo do bastardo no cotovelo. A espada caiu no chão, uma mão ainda enrolada no punho.

Ele pagou por isso com um soco no estômago. Não, *através* do intestino. A mandíbula de Revenant apertou em agonia enquanto o punho de Satanás torceu perfurando por completo suas costas.

— Eu deveria ter arrancado suas asas fora e as enfiado na sua bunda há muito tempo. — Vapor berrou das narinas de Satanás, e ódio brilhava nos seus olhos

vermelhos quando ele puxou sua mão sangrenta livre do corpo de Rev. Sua boca esticada em um o sorriso hediondo de dentes afiados quando ele se inclinou perto o suficiente que Rev podia cheirar seu hálito fétido. — Mas não há tempo como o presente. Curve-se, fedorento pedaço de vísceras.

Em um borrão de movimento, o demônio apertou a mão para baixo no crânio de Revenant e girou, de cara, para o chão. Revenant gritou quando sentiu uma asa rasgar longe de seus ombros. Porra, isso ia doer...

O brilho do metal brilhou da tocha no templo. Ainda preso ao chão, Revenant teve um vislumbre de Reaver cortando a palma da mão com um punhal. O pentagrama queimou para a vida, pulsando e brilhando como se com fome por causa do sangue que corria pelo braço de Reaver em um riacho espesso. Mesmo quando Satanás gritou uma maldição, Reaver caiu de joelhos e bateu com a mão no centro do pentagrama.

De repente, um turbilhão de relâmpagos se estendia desde o teto até o chão, caindo em cima do Lorde das Trevas, engolindo-o todo.

— Depressa, — Reaver gritou, e sim, merda. Nada ia segurar Satanás por muito tempo. Eles tinham trinta segundos na melhor das hipóteses antes que o rei dos demônios estalasse fora da tempestade de raios e os esmagassem como moscas.

Cerrando os dentes contra a dor de seus ferimentos, Revenant levantou para enfrentar Raphael e Gethel, os quais ficaram livres de suas amarras durante

a batalha. Raphael estava armado com uma espada Elemental, que colheu elementos próximos para formar a lâmina. Relâmpago fez sua lâmina muito fodida, e quando ela atingiu o ombro de Gethel, uma explosão de energia a derrubou em um furacão de eletricidade. Com estilo. Dois já foram, falta um.

Raphael encarou Revenant. — Desgraçado! Você e sua mãe puta deviam ter morrido aqui embaixo...

O berro de fúria de Revenant derrubou o arcanjo. Rev estava lá antes que Raphael batesse no chão, e em um único movimento, fluido, ele atirou o filho da puta ao vórtice para se juntar a Satanás e Gethel.

— Eu não posso prendê-lo! — O grito de Reaver era quase inaudível, comido por trovões e raios elétricos e os gritos furiosos dos três babacas dentro do funil.

Rev mancou até Reaver, o buraco em seu intestino e a profunda laceração no peito escorria rios de sangue. Ele não estava se curando, e Reaver não estava em muito melhor forma. O salão girava em vermelho doentio e borrões cinza quando ele chegou ao lado de Reaver então eles estavam ombro a ombro. Alcançando profundamente todo o caminho para a sua alma, ele desenhou o poder do reino em torno dele, tanto poder que ele tinha com ele, queimando com ele, tornou-se ele.

Em sua mente, ele cantava, visualizando uma caixa de cristal de magma gigante armada com correntes celestiais de poder. Quando a armadilha de cristal formou em torno dos três seres, Reaver transferiu sua energia para ela, infundindo a coisa com outra camada

de poder angelical para criar uma prisão do bem e do mal diferente de tudo que já foi criado. Apressadamente, ele enrolou uma corrente comprida e grossa em torno do cubo e ancorou numa extremidade para o Céu e a outra a Sheoul. Ele não tinha certeza de onde a capacidade ou a ideia de criar tal coisa veio do... instinto, o livro Pruosi... ele não sabia. Tudo o que sabia era que ele e Reaver tinham isto e Revenant não poupou esforços.

O relâmpago morreu, mas o vento pegou e começou a chupar a atmosfera malévola que permeava o templo. Sombras escuras gritaram quando eles foram puxados para o vórtice e enviados para movimentos giratórios de inconsciência.

O edifício se abalou e tremeu, o piso resistindo sob seus pés. Revenant mal podia ver através do cabelo que chicoteava em seu rosto contra o vento que faria de um tornado de escala 5 brinquedo de criança. Móveis, pedras, e o que mais ele e Reaver golpearam quando tentavam segurar a armadilha e mantê-la sólida.

— Eu posso sentir Satanás e Lúcifer empurrando para trás de dentro da caixa, — Reaver gritou. — Nós não podemos segurá-la por muito mais tempo!

— Eu sei! — Revenant cavou fundo a última gota de força. — Pronto?

— Vamos!

Fechando os olhos, Rev tentou repetir a coleta de energia dentro dele que aconteceu quando ele tinha perdido sua merda na reunião arcanjo. Mas, em vez de explodir a si mesmo, ele precisava redirecionar esse

mesmo poder na armadilha.

Seu corpo zumbiu com energia, enchendo-o como droga, êxtase, até que mais uma vez ele queimava. Ameaçado selá-lo em cinzas.

Hora de deixar solto.

Em uma lufada de agonia de fogo, o poder explodiu dele, engolindo a armadilha girando em uma explosão nuclear. Mas, quando a onda de choque soprou para trás e Revenant preparou para uma nova onda de dor, fracassou. Uma leve brisa acariciava seu rosto, tudo o que restava da detonação.

Uma luz. Caralho. Brisa.

— Revenant! Cuidado!

A energia que ele tinha enviado na armadilha de repente recuperou, atingindo-o como um trem rápido quando reentrou seu corpo. Ele sentiu seus ossos quebrarem como palitos, seus órgãos liquefazeram, e seus dentes arrancados de suas gengivas. Ele gritou quando o poder o rasgou à parte... e, em seguida, os colocou de volta juntos.

Putá merda. Empunhar esse tipo de poder era tanto celeste como infernal, maravilhoso e terrível. E não funcionou para selar a armadilha. A caixa era muito forte. Ironicamente, a sua força estava protegendo aqueles dentro dele, o que lhes permite reforçar suas paredes com seus próprios poderes.

Isso ia falhar, e, em seguida, ele e Reaver iam morrer.

— Reaver, — ele engasgou.

— Por que diabos você está esperando? Faça isso de novo!

— Não vai dar certo! — Os olhos de Revenant piscaram como se houvesse areia e poeira neles. Sim, foi o grão. Ele não estava rasgando. — Eu tenho que fazê-lo de dentro.

— A Porra que você faz! — O cabelo de Reaver estava grudado à pele encharcada de suor e ele estava sangrando de dezenas de feridas, mas seu olhar era feroz quando ele olhou para Rev. — Faça como planejamos!

Não daria certo, e ele sabia disso. A fim de selar a caixa, ele precisava enfraquecer seus ocupantes e interromper o seu fluxo de energia.

— Reaver... — Sua voz era um grito cru, e ele não tinha certeza de que seu irmão gêmeo poderia mesmo ouvi-lo. — Estou feliz que chegamos a ser irmãos.

— O Quê? Não! Rev não...

— Mantenha Blaspheme segura. Diga a ela... Eu gostaria de poder ter visto suas asas de borboleta.

— Não!

Revenant inverteu seus poderes, sugando-os de volta em seu corpo. Cada célula vibrou a um nível tão intenso que ele se viu brilhar com calor abrasador quando ele mergulhou na caixa. Ele teve um breve vislumbre de Satanás e Raphael jogando-se contra as paredes, os seus urros de raiva rolando pelo ar em um trovão constante.

Satanás investiu contra ele com as mãos em

forma de garras e dentes do tamanho do T-Rex. Feitas para desfiar a carne dos ossos.

Revenant deixou a explosão ir.

O mundo ficou vermelho.

Reaver sentiu seu irmão morrer.

Dor insuportável o rasgou como uma fissura que abriu em sua alma. — Não, ele sussurrou, assim que suas pernas cederam e ele caiu no chão como se suas rótulas rachassem. — Não.

Isso não era para acontecer. Eles deveriam ter uma chance de serem irmãos. Poderiam não ter sido os irmãos que jogavam bola juntos, mas poderiam ter trabalhado com suas próprias coisas.

Reaver lutava para respirar. Revenant tinha sacrificado a sua vida por ele. Por todos. Também acabou de neutralizar os três piores babacas no universo. Quatro, contando Lúcifer.

O vórtice zumbiu para baixo, e a fiação da caixa diminuiu. Em um momento isso pararia e fundiria no esquecimento. Por quanto tempo, Reaver não sabia. Este tipo de magia tinha uma vida útil, e ele só esperava que eles tivessem pelo menos algumas décadas sem eles.

— Revenant, — ele murmurou. — Seu filho da puta.

Ele olhou para a caixa quando ela diminuiu para uma rotação lenta e vacilante. O cristal ficou, a

superfície embotada, exceto pelo...

Reaver atirou a seus pés. A porta da armadilha não tinha fechado. Algo estava abrindo-a, e sangue escorria como um rio de fora da grande lacuna. No interior, algo agitou.

Porra!

Estendendo suas asas esfarrapadas, ele atirou para o ar e bateu duro á direita, pegando a borda da porta, quando a caixa girou. Ele se agarrou, cerrando os dentes, enquanto pegava o braço retalhado que empurrava a porta. Se ele pudesse enfiá-lo de volta para dentro...

Merda, espere! Ele reconheceu o braço. Esperando que estivesse anexado ao corpo de Revenant, ele balançou as pernas para cima e firmando-se na porta, quando ele agarrou no pulso de seu irmão. O corpo partido de Revenant, mutilado e escorregadio com sangue, deslizou para fora da armadilha e caiu ao chão.

Quando Reaver saltou longe da caixa, ele pegou um último vislumbre de Raphael, seu corpo regenerando as dezenas de peças. Satanás, já regenerado em sua maioria, se lançou quando a porta foi fechada. Sua goela escancarada e dentes como tubarão foram as últimas coisas que Reaver viu antes que o cubo se tornasse um pedaço sólido de cristal reforçado com poder de anjo.

Reaver bateu no chão ao lado do corpo despedaçado de Revenant quando a armadilha começou a vibrar, cada vez mais rápido, até que ela piscou para fora da existência.

Tudo ficou em silêncio mortal.

A armadilha foi lançada em um abismo de nada.

Uma visão passou diante de seus olhos, palavras em uma página que tinha lido um milhão de vezes.

E vi um anjo escuro que desceu do céu, que tinha a chave do abismo e uma grande corrente em sua mão. Ele prendeu o dragão, aquela velha serpente que é o diabo e Satanás, e os amarrou por mil anos.

Foi nesse momento que Reaver entendeu o que tinha acontecido. A profecia bíblica esteve lá por eras, lado a lado, a que dizia que Reaver quebraria os selos dos Cavaleiros e começaria o Armageddon.

Revenant era parte dessa profecia, e ele apenas cumpriu.

O momento importante que tinha acontecido combinado com alívio e tristeza, mas ele empurrou tudo isso para recolher o que restava de seu irmão em seus braços.

— Eu sinto muito Revenant, — ele sussurrou.

E só então, ele sentiu uma centelha de vida. Estava fraca e vacilante como uma lâmpada morrendo, mas estava lá.

Apressadamente, Reaver canalizou um fluxo de poder de cura para seu irmão gêmeo, mas nada aconteceu. Se qualquer coisa, o fio de vida interior tornou-se ainda mais frágil e instável, e merda, tinha que ajudá-lo.

— Espera aí, irmão. Por favor... segure-se.

CAPÍTULO 32

— Eidolon! — A voz de Reaver cresceu através do hospital... e não estava vindo através do sistema de alto-falante. Direto da sala de emergência.

O coração de Blaspheme pulou em sua garganta. Deixando para trás as amostras de DNA e todos os suprimentos que ela reuniu para alterar sua identidade, correu de seu escritório para o Harrowgate da clínica, empurrou o novo dentista da UGC, e saltou para dentro do portal. O momento que ela entrou na área de Emergência do Underworld General, o cheiro metálico de sangue agrediu suas narinas e ela sabia que era Revenant.

Do outro lado da sala, no próximo cubículo de trauma, Eidolon, Shade e Raze estavam canalizando energia para seu corpo que não respondia.

Chorando, ela correu, empurrando seu caminho entre Reaver e o cunhado de Eidolon, um dhampire paramédico chamado Con, que estava fazendo o seu melhor para introduzir uma intravenosa.

— O que aconteceu? — Ela foi até a forma quebrada de Rev, a perfuração, ossos lascados através da carne mutilada, os cortes sangrando, as partes do corpo expostas que não deveriam estar do lado de fora

de seu corpo.

A voz de Reaver estava rouca. — Eu acho que ele está morrendo.

— Não. — Ela balançou a cabeça com tanta força que o cabelo tocou suas bochechas. — Ele não pode. Ele é um Anjo Sombra. Nada pode matá-lo! — Ela gritava agora, como se gritar tornasse suas palavras verdadeiras.

— Satanás pode, — disse Reaver. — Mas ele fez mais disso a si mesmo.

— Eidolon, — ela gritou. — Por favor. Salve-o.

Ela sabia que o médico e os outros estavam fazendo o seu melhor, mas a expressão sombria no rosto de Eidolon disse tudo.

Revenant não ia fazer isso.

Depois de tudo isso, ele ia morrer na frente dela. Depois de tudo o que passaram, depois dele quebrar uma regra sagrada por ela, agora ele ia morrer. Era esse o tipo de consequência que ele falava quando discutiu sua relutância em quebrar as regras? Roubar o sangue de um Cavaleiro e pagar com sua vida?

Ela enfiou a mão no bolso e agarrou o frasco de sangue. Ela ia esmagá-lo, destruir a maldita coisa. No fundo de sua mente, ela sabia que estava sendo ilógica, que destruir o frasco não o traria de volta, mas ela tinha que fazer alguma coisa.

A essência fodida da morte ia...

A essência da morte também é um elixir da vida para aqueles que não podem morrer.

As palavras de Revenant tocaram através de seus ouvidos, como se canalizadas através de uma trombeta.

— Reaver. — Ela estendeu o frasco. — E quanto a isso? O sangue de Thanatos. Revenant disse que também é um elixir da vida.

Reaver franziu a testa. — Ele disse?

— Sua mãe lhe disse isso.

Ele pegou o frasco da mão dela. — Isso não pode machucar. — Ele retirou a tampa de borracha, mas ela agarrou seu pulso.

— Não. — Oh, deuses, ela estava realmente fazendo isso? Ela olhou para Revenant, seus olhos sem vida olhando sem ver as correntes penduradas no teto, e ela sabia que era a coisa certa. — Você precisa pedir a Thanatos.

— Mas nós temos o sangue aqui.

— Ouça-me. — Ela se agarrou a Reaver, os nós dos dedos ficando branco com a força de seu aperto. — Revenant quebrou uma regra para tê-la, e Thanatos claramente não estava disposto a dar. Usá-lo sem a sua permissão para salvar a vida de Revenant seria uma enorme violação. Revenant não iria querer isso, eu prometo a você. Isso vai levá-lo todo o caminho de volta à sua infância. Todo o caminho para a sua mãe. Por favor, pergunte a Thanatos.

— Foda-se, — Reaver murmurou, mas em um instante, ele se foi.

— Nós não temos tempo para isso, — Eidolon rosnou para Blaspheme. — Nossos poderes são a única

coisa que o mantém vivo. Uma vez que eles se vão...

Sua *dermoire* estava brilhando mais forte do que ela já tinha visto, o mesmo com Shade e Raze. Mas seu poder era limitado, e já que ela estava vendo um lampejo na intensidade do brilho abatendo os glifos da pele de Raze.

— Eu sei, — ela sussurrou. — Acredite em mim, eu sei.

Enquanto esperava, ela segurou a mão fria, mole do Rev, pegajosa com seu sangue.

— Você não vai morrer seu bastardo. Não se atreva a morrer.

Ela repetiu as palavras mais e mais, como se fossem uma espécie de mantra de proteção que iria mantê-lo vivo. E foda-se, quanto tempo demoraria a Reaver para convencer seu filho para salvar seu irmão?

— Eu estou murchando, — Raze resmungou, e Blaspheme reprimiu um soluço ao olhar a *dermoire* de Raze perdendo seu brilho avermelhado-dourado, suas linhas pretas engoliam a luz.

O suor escorria da testa de Shade enquanto ele agarrou o tornozelo de Revenant apertado. — Eu estou funcionando no máximo.

— Agente..., — Eidolon disse entre dentes, a sua própria *dermoire* começando a piscar assim. — Onde diabos está Reaver?

Do outro lado da sala de emergência, o Harrowgate brilhou, e Reaver saltou seguido de Thanatos e Ares, o cavaleiro conhecido como Guerra.

Ambos os Cavaleiros estavam totalmente blindados, como se suspeitasse que esta fosse uma espécie de truque.

— Vamos fazer isso! — Reaver tinha o frasco aberto, antes que ele derrapasse para a sala de trauma. Sem perder tempo, ele despejou o conteúdo entre os lábios rasgados de Revenant. — Afaste-se, — disse ele. — Todos, menos Shade e E.

Blaspheme ficou. Ele lhe deu um olhar de advertência, mas sabiamente, ele não discutiu.

O Harrowgate brilhou novamente, Limos e seu companheiro Arik e o último dos Cavalheiros, Reseph, entrou. Ótimo. Mais pessoas para testemunharem seu colapso se isto falhar.

Fechando os olhos, Reaver colocou a mão na testa de Revenant. Um zumbido de baixo nível começou a subir, assustando Blas quando ela percebeu que estava vindo de Reaver. Um brilho dourado o cercou, e ela observou fascinada quando a luz penetrou no corpo de Revenant.

— Thanatos, — Reaver entre dentes, — mais.

Instantaneamente, Thanatos estava lá, um punhal na mão. Em um movimento tão rápido que ela viu apenas um borrão, ele cortou em seu pulso e colocou a laceração contra a boca de Revenant. Limos apareceu ao lado de seu irmão, sua barriga de grávida esbarrando em Revenant enquanto ela tocava com os dedos a uma única lágrima no canto do olho.

— Eu não sei por que eu sinto a necessidade de

fazer isso, — ela sussurrou, — mas... — Ela apertou as pontas de seus dedos molhados na testa de Revenant.

Lágrimas da fome. De fome.

A luz de Reaver intensificou, cegando Blaspheme com golpes dolorosos da luz. Eidolon e Shade gritaram em agonia, e então eles foram soprados para trás, e o cheiro de carne queimada encheu a sala. Ela ouviu um barulho, as pessoas pedindo ajuda, mas ela estava congelada no lugar, incapaz de se mover, muito menos ver.

Deve ter desmaiado, pois, um momento depois, ela sentiu mãos levantando-a do chão.

— Uau... O que aconteceu?

O rosto embaçado do Reaver apareceu na frente dela. — Eu avisei.

— Revenant, — ela engasgou. — Ele está...

— Eu estou aqui... — A voz gutural de Revenant retumbou através dela como uma carícia.

Ela se virou, quase caindo mais uma vez enquanto as pernas bambas tentaram se reorientar a nova posição vertical. Revenant estava deitado em cima da mesa, com o corpo coberto apenas em um lençol até a cintura, e, embora ele estivesse machucado e parecesse exausto, ele estava inteiro.

— Obrigada, oh, deuses, obrigada. — Blaspheme se jogou sobre ele, abraçando-o com força, como se ele não tivesse acabado de driblar a morte.

Ele jogou um braço ao redor dela, segurando-a com força contra seu peito. — O que... o que aconteceu?

Reaver agarrou a mão de Revenant e apertou. — Vencemos.

— Incrível.

Blaspheme endireitou com medo de machucar as costelas que apenas momentos antes pareciam um quebra-cabeça. — Você morreu. Isso não é incrível.

— Mas nós prendemos Satanás por mil anos, — disse Revenant, sua voz tão rasgada como seu corpo esteve.

Shade com seu braço direito envolto em ataduras bufou. — Sério. O que vocês fizeram?

Reaver franziu a testa para Revenant. — Como você sabia que eles ficariam presos por tanto tempo? A profecia?

Todos que se reuniram do lado de fora da sala, e de repente lotaram o pequeno espaço com cavaleiros, demônios Seminus, e um casal de amigos.

— O tomo Pruosi. — Revenant ingeriu. Estremeceu como se sua garganta estivesse inflamada. Blas tinha a sensação de que ele sentiria as dores desta batalha por um tempo. — É uma espécie de um livro de receitas. Eu combinei uma receita para uma prisão militar e um abismo, e ambos têm uma vida útil de mil anos.

— Então, espere, — Eidolon disse, usando ataduras que combinavam com Shade. — Vocês estão falando sério. Vocês estão dizendo que trancaram Satanás em uma prisão militar mágica e jogou-o em um abismo? Satanás. Por mil anos?

— E nós o prendemos com Raphael, Gethel e Lúcifer.

Wraith se encostou a ombreira da porta, assobiou. — Cara, ele vai ficar chateado quando sair.

— Vamos nos preocupar com isso daqui a 999 anos, — disse Revenant. Ele pegou a mão de Blaspheme e a puxou para a cama. — Você não realizou sua cerimônia.

— O sangue teve um uso melhor, — disse ela. — E você vai ficar feliz em saber que Thanatos voluntariamente deu a você. E muito mais. — Ela sorriu para a Cavaleiro grávida. — E Limos deu as lágrimas.

De perto da porta, Thanatos baixou a cabeça em uma reverência respeitosa. Limos revirou os olhos.

— Que cerimônia? — perguntou Wraith, e Eidolon aproveitou a oportunidade para colocar todos para fora para dar a eles um pouco de privacidade.

Quando todos foram embora e Blaspheme estava sozinha com Revenant, ela se permitiu relaxar. O retesamento de seu corpo derreteu também, e por um momento, eles ficaram ali em silêncio, deleitando-se com o alívio de que o pesadelo tinha acabado.

— Eu gostaria que você tivesse me dito o que você tinha planejado, — ela finalmente disse.

— Você só teria se preocupado mais.

— Essa não é sua decisão para tomar, — disse ela com firmeza. — Da próxima vez, você me diz. Entendeu?

Ele riu. — A próxima vez que eu aprisionar

Satanás dentro de uma caixa mágica?

— Você sabe o que quero dizer, — ela retrucou.

Seus braços fecharam ainda mais firmemente em torno dela. — Eu sei.

Outro silêncio confortável envolveu em torno deles, e ela quase desejou que pudesse permanecer assim, sem preocupações imediatas, sem lidar com qualquer coisa, exceto se recuperar das feridas, físicas e mentais. Mas em algum ponto precisavam discutir o futuro, e Blaspheme havia passado tempo demais diante da incerteza de querer adiar a conversa que precisava ter.

— Então, — ela disse suavemente. — E agora?

Sua mão deslizou em seu cabelo enquanto ela se aconchegou em seu peito. — Isso depende, eu acho.

Seu estômago se apertou. — De que?

— Em se você consegue passar pelo que eu fiz para o seu pai.

Ela empurrou para cima sobre o cotovelo para que ela pudesse olhar para ele enquanto falava. — Minha mãe me contou tudo. Você estava certo. Ele era um bastardo. E mesmo que ele não fosse, você não era... você. Seu passado não importa para mim, Revenant.

Ele sorriu. — Isso resolve, então.

— Resolve o que?

— Vamos nos acasalar.

Ela quase engoliu a língua. — Ah... o que?

— Você não tem que dizer sim de imediato. — Sua expressão se tornou séria. — Mas nunca duvide do

que eu sinto por você. Perdi tudo no dia que minha mãe morreu, incluindo a minha alma. E quando ninguém mais viu o bom em mim, nem mesmo meu irmão, você viu. Você me trouxe de volta à vida em mais de um sentido, Blaspheme, e eu nunca quero estar sem minha tábua da salvação de novo. — A mão dele subiu para tocar seu rosto. — Eu amo você, se você dizer sim ou não, isso nunca vai mudar.

Lágrimas encheram os olhos. — Eu também te amo, — disse ela, com a voz rompendo com a força de sua emoção. — Você me deixou entrar quando ninguém mais podia. Sim, eu vou acasalar com você. Vou sim.

Deslizando a mão ao redor da nuca dela, ele a puxou para um beijo tão cheio de promessas que as lágrimas derramaram. — Eu quero você. Aqui. Agora.

Através de sua visão turva de lágrimas, ela viu a evidência empurrando o lençol em uma barraca. — Como sua médica, eu seria negligente se eu não dissesse que você deveria descansar e evitar o sexo.

Seus olhos remataram em horror. — Por quanto tempo?

Com um sorriso malicioso, ela enfiou a mão por baixo do lençol. — Até que eu diga o contrário. — A palma da mão o encontrou grosso e duro. — Por enquanto, eu prometo que você está em boas mãos.

Ele gemeu. — Quem sou eu para ir contra as ordens médicas?

Macho esperto. E como sua médica, ela estava disposta a lhe dar um monte de ordens.

CAPÍTULO 33

Uma hora depois de ser liberado do hospital, Revenant passeou ao longo de uma praia tropical deserta, face erguida para o céu, enquanto observava as aves marinhas voar pelo céu azul. Enviou uma intimação mental para Metatron, e enquanto esperava se o arcanjo iria aparecer, ele aprendeu a moderar as suas esperanças.

— Olá, Revenant.

Rev quase sorriu. Quase. Ele se virou. — Você finalmente se dignou a me ver, hein?

Os olhos azul-prata de Metatron brilharam, combinando com a cor do manto que deslizava todo o caminho até as sandálias de couro nos pés. — Teria respondido a suas outras convocações, mas...

— Mas você estava ocupado, — Revenant disse com uma onda de desprezo.

— Mas você não estava pronto, — corrigiu Metatron.

Revenant fez uma careta. — Pronto para que?

— Tudo o que aconteceu. — Metatron olhou para o pôr do sol, o rosto brilhando quando raios dourados do sol o atingiram.

Arcanjos fodido e sua merda cintilante.

— O que você e Reaver fez... foi algo que ninguém mais poderia ter feito. Todos os anjos no céu combinados não poderiam ter feito isso.

Revenant bufou. — Sim, bem, foi pura sorte. Reaver e eu não deveríamos ter sido capaz de fazer o que fizemos. Nós dois deveríamos ter morrido.

Metatron se voltou para ele. — Você já se perguntou por que sua mãe chamou você de Revenant?

Bem, tecnicamente se ela o tivesse chamado o equivalente a Sheoulic, seria impronunciável para quase ninguém com uma língua.

— Sim. — Ele quis muito saber. Principalmente porque ela não havia lhe dado um nome de anjo.

— Mariel às vezes tinha episódios de clarividência, — disse Metatron suavemente. — Acredito que ela previu o retorno dos mortos, e ela lhe deu um nome profético para subconscientemente guiá-lo. Para manter a sua alma no caminho certo para seu destino.

Por mais que gostasse de acreditar em seu Tio Met, não podia ver sua mãe pondo muito pensamento em um nome de anjo caído quando não pôs nenhum em um nome angelical.

— Seja como for, Obi-Wan^[14], — ele murmurou. — O que o meu nome tem a ver com Reaver e eu prendendo Satanás?

— Ele tem muito a ver com isso. — O olhar assustadoramente intenso de Metatron pareceu penetrar todo o caminho até o cérebro de Rev, e ele tinha que saber se os poderosos arcanjos poderiam tocar em todos

os seus atos vergonhosos. — Você vê, sua mãe foi tão clarividente com seu outro nome.

Por um arcanjo, seu tio, era uma espécie ignorante. — Eu não tenho outro nome.

— Claro que tem. Ela contrabandeou para fora de Sheoul, escrita com sangue no interior da fralda de Reaver, — disse ele. — E acho interessante que, durante o seu tempo em Sheoul você foi muitas vezes chamado *O Destroyer*, porque esse é o significado do seu nome angelical.

Revenant balançou a cabeça para limpá-la de tudo o que estava afetando sua audição, porque Metatron não poderia apenas ter dito o que ele pensava que ele tinha dito. Mas o arcanjo olhava para ele com expectativa, talvez por isso Rev tivesse ouvido direito.

— Qual é o nome? — Ele resmungou.

— Abaddon. — A voz de Metatron cantou com ressonância tão poderosa que Rev a sentiu todo o caminho até sua medula. — O anjo escuro destinado a prender Satanás por mil anos. Você era a chave, Revenant. Quando Satanás finalmente romper sua prisão, Reaver vai quebrar os Selos dos Cavaleiros, e o Fim dos Dias vai começar. Mas até lá, você e Reaver deram aos reinos mil anos de paz, como também foi profetizado.

— O que? — Parecia que ele estava sendo estrangulado. — Profetizou? Por quem?

Metatron olhou. — Você nunca leu a Bíblia em qualquer uma de suas formas e traduções? Você e

Reaver têm sido centrais para o Apocalipse, desde que as primeiras águas correram no Nilo. Os sinais estavam lá desde o início. Vocês dois tapados só cometiam falhas. Honestamente, houve muitas vezes que eu achei que nenhum de vocês fosse encontrar o seu caminho.

— Isso faz de nós dois, — Revenant murmurou. — Espere... se esta profecia é bíblica, Satanás sabia sobre isso, certo?

— Sem dúvida. Ele tinha uma profecia escrita no *Daemonica* que contrariava essa. É por isso que sua mãe escondeu seu nome. A profecia não foi escrita no momento em que você nasceu, mas, novamente, ela viu chegando. Ela não podia deixar o seu nome verdadeiro vazar ou Satanás iria te destruir. Ninguém, nem mesmo os outros arcanjos sabiam. Minha companheira e eu estávamos sozinhos nessa.

A mente. Fundiu. Apenas agora tanto fazia sentido. Todo o inferno que ele, sua mãe e Reaver passaram tinha um propósito.

O que não o torna menos desagradável.

— Você sabia que meu sangue não poderia ser limpo da mancha de Satanás? Todo esse negócio que Raphael e seus comparsas me ofereceram era besteira?

— Eu sinto muito por isso Revenant, — disse Metatron. — Estou ciente de que não há nenhuma maneira de remover a mancha enquanto Satanás ainda estiver vivo, mas eu não sabia sobre o negócio. Eu não sabia até depois de tudo isso que Raphael mentiu para você. Os outros arcanjos que tentaram trair você serão

tratados. E dane-se, você é bem-vindo no Céu sempre que quiser. Em minha palavra, você não vai ser assediado por qualquer arcanjo, e vamos reparar o dano que você causar, mesmo que demore séculos.

— Obrigado, — disse Rev, mesmo que ele não tivesse a intenção de pisar no Céu, enquanto sua presença destruía tudo ao seu redor. A memória de sua mãe merecia coisa melhor do que isso.

Metatron inclinou a cabeça em reconhecimento. — E Revenant, percebe que o Sheoul é seu.

Ele bufou. — Tio Met você tem um senso de humor. — Ele fez uma pausa. — Oh, espere... não, você não. Você está falando sério?

Metatron deu de ombros. — Satanás está desaparecido, e a alma de Lúcifer está presa com ele. Você agora é o ser mais poderoso do Sheoul. Você pode tratá-lo como quiser até chegar o momento em que a armadilha contendo Satanás falhar e Reaver quebrar os Selos dos Cavaleiros.

Os pulmões de Revenant paralisaram. Ele era o novo senhor do inferno? — Eu não... como...

— É profecia, direto do livro do Apocalipse, — disse Metatron. — *E eles tinham um rei sobre eles, que é o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abaddon.* — A expressão de Metatron ficou séria. — Você não pode transformar Sheoul em um paraíso para o bom e santo, e você não pode erradicar demônios. Deve haver um equilíbrio entre o bem e o mal no universo, assim Sheoul deve continuar como um bastião de malevolência. Mas

isso não significa que você não pode... temperá-lo. Você pode alterar as leis existentes, mesmo que não possa negá-las completamente.

A mente de Revenant, já soprava a partir das revelações anteriores, não podia compreender plenamente o que o arcanjo estava dizendo. — Como?

— Como o fato de que, quando os seres humanos... ou anjos... morrerem em Sheoul, suas almas devem permanecer em Sheoul por toda a eternidade, para ser torturado por qualquer demônio que pretende fazê-lo.

— Eu posso libertar as almas?

— Se você desejar.

Revenant praticamente tremeu com esse desejo. Quantas almas atormentadas ele poderia libertar? Incluindo sua mãe e pai. Da irmã caçula de Reseph. Tantas almas poderiam finalmente encontrar a paz.

— Ser o grande chefe do Sheoul vai me tomar muito tempo, — Revenant apontou. — E eu já tenho um emprego.

E por que diabos ele estava discutindo, quando todo o tempo ele estava tramando para assumir uma posição de poder em Sheoul? Metatron estava oferecendo a posição de poder, e aqui estava Revenant agindo como um idiota.

— Com a profecia apocalíptica da Daemonica completamente fora de jogo, os Cavaleiros não precisam mais de Observadores. Apenas Reaver pode quebrar seus Selos agora. Você está liberado de seu dever, assim

como Harvester.

Putá merda. — E quanto a Blaspheme? Ela é uma *vyrm*...

Metatron riu. — Ela não é uma *vyrm*. Ela é um anjo. — Enquanto Rev ficava ali em atordoado silêncio, o arcanjo continuou. — A mãe dela... que nome ela está usando agora?

— Deva. Ah... Devastation.

— Huh. — Metatron balançou a cabeça em aprovação. — Bom nome. De qualquer forma, ela manteve a relação com o pai de Blaspheme após Devastation cair, e é por isso que eles acreditavam que Blaspheme fosse *vyrm*. Mas Blaspheme foi concebida um dia antes de sua mãe perder suas asas.

Revenant respirou fundo. — Então ela foi concebida por dois anjos, e não um anjo e um caído.

— Exatamente. E os seus filhos também serão anjos completos. Eles serão bem-vindo... ou melhor, abraçados... no Céu.

Crianças. Por tudo o que era o santo e profano, Revenant nunca pensou que ele chegaria a isso. Quando ele acreditava que ele era um anjo caído, algum instinto mais profundo avisou para ter cuidado, para não trazer uma criança ao mundo. Mas agora... agora ele tinha um futuro, e seus filhos cresceriam seguros e com os pais que os amavam.

Ainda assim... — A perseguição aos *vyrms* tem que parar, — disse ele. — Eu vi o inferno que Blaspheme passou. Todos *vyrms* serão bem-vindos em Sheoul.

— Então nós vamos honrar isso, — Metatron jurou. — A partir deste dia em diante, nenhum *vyrm* serão caçados. Mas se não mostrarem sinais de tendências angelicais, nós vamos agir.

Isso é justo. — Concorde. — Revenant estendeu a mão, mas Metatron apenas olhou. E então, em um movimento que chocou muito Revenant, Metatron o engolfou em um abraço.

— O meu sobrinho, — ele murmurou. — Como eu tenho ansiado por este dia. Eu vi isso acontecer desde o dia em que os céus se formaram, mas houve momentos em que minha visão ficou tão escura que eu temia que as profecias houvessem mudado. — Ele recuou, e Rev cambaleou com a emoção piscando nos olhos de seu tio. — Bem-vindo ao lar Revenant. Bem vindo ao lar.

Não foi nada menos do que uma emboscada.

Revenant e Reaver, trabalhando como uma equipe foram franqueados por Reseph quando o Cavaleiro freou seu cavalo branco, Conquest, para uma parada na praia Oregon. O cavalo bufou e virou-se para Rev e Reaver, que estava fora do alcance do animal.

— Bebericando? — Reseph desceu da sela, vestindo apenas um calção de banho. O cara usava pouca roupa quanto possível, e Rev jurou que ele ficava nu com mais frequência do que não. — Eu estava

apenas exercitando o grandalhão antes do churrasco.

O churrasco na casa de Reseph e Jillian no refúgio no Colorado já estava em pleno andamento, mas Reseph sabia disso. De acordo com Reaver, às vezes, quando toda a família estava reunida, o Cavaleiro precisava se afastar por um tempo, para tentar superar as memórias do que ele fez com seus irmãos quando seu Selo havia quebrado e ele se tornou o demônio mal conhecido como Pestilence.

— Eu tenho algo para você, — disse Revenant.

— Para mim? — O Cavaleiro loiro olhou desconfiado para Revenant. — O que seria isso?

— Abrir uma porta de entrada para o túmulo de sua irmã.

Os olhos de Reseph queimaram antes de se estreitar. — Ariya? Por quê?

— Confie em mim. — Era uma coisa ousada para pedir, dada a sua história, mas sempre se colocou em risco.

Reseph hesitou, o tenso silêncio quebrado apenas pelo som das ondas e algumas gaivotas chamando em cima. Finalmente, ele olhou para Reaver, que assentiu. — Tudo bem, mas se este é um truque, eu juro que vou encontrar uma maneira de destruí-lo.

— Notável.

O Cavaleiro chamou seu garanhão. — Conquest, para mim.

O animal relinchou antes de se dissolver em uma espiral de fumaça. A mecha de vapor se contorceu

quando se fundiu com o antebraço de Reseph até que se estabeleceram em sua pele como um hieróglifo, como uma tatuagem na forma de um cavalo. Sem dúvida, não querendo arriscar, Reseph blindou com um movimento do seu dedo sobre a cicatriz crescente em sua garganta. Instantaneamente, placas de metal brilhante dobraram sobre ele a partir do nada como um maldito Transformer.

Rev sempre pensou que foram dados aos Cavaleiros alguns presentes bem legais.

Quando o Cavaleiro ficou totalmente equipado, ele abriu um Harrowgate pessoal, e ele, Reaver e Revenant atravessaram, um de cada vez, saindo na pequena ilha de Steara em Sheoul. O pequeno pedaço de terra era um oásis de verdes, vermelhos e roxos, uma joia rara na feiura escura típica do inferno.

Perto da praia, em um recanto protegido, estava uma pequena sepultura, sua lápide de mármore esculpida à mão eclipsando o pequeno monte que estava em sua sombra.

— Que história é essa, tio? — A voz de Reseph foi dura, afiada com mais desconfiança.

Rev ficou ao lado de seu sobrinho. — Sua irmãzinha era humana. Sua alma ficou presa aqui por milhares de anos.

— Obrigado pela repescagem.

Fechando os olhos, Revenant abriu sua mente para os seus desejos, e um momento depois, uma criança loura, cabelos e olhos tão semelhantes aos de

Reseph, estava diante de seu irmão, tão tangível como a lápide.

— Diga adeus Reseph, — Revenant disse suavemente. — Eu já liberei sua alma do Sheoul. Em um momento, ela vai ser levada para o céu.

O Cavaleiro caiu de joelhos na frente dela, e Revenant e Reaver se viraram.

— Você me surpreende irmão. — O engate emocional na voz de Reaver ressoou profundamente dentro de Revenant. Importar tanto por alguém era uma maldição. E um presente.

— Surpreende-se que eu sou capaz de ser bom?

— Não. — Os olhos azuis de Reaver provocaram. — Surpreende-me que você esteja ciente da dor de Reseph.

— Algumas semanas atrás, eu teria usado sua dor contra ele, — admitiu Rev ríspidamente. — Mas, uma vez recebendo minha memória de volta, eu sei como se sente ao saber que um ente querido está sofrendo. — Ele sorriu. — Algumas pessoas merecem todo o sofrimento que recebem, e eu fico feliz em despejar. Mas parece que eu herdei algum tipo de gene de proteção de nossos pais, e eu não vou deixar ninguém em nossa família se machucar. — Seu sorriso se aprofundou. — A menos que eu seja o único a fazê-lo.

Reaver bufou. — Idiota.

Rev estava prestes a jogá-lo para baixo com um pouco da camaradagem entre irmãos que tinham perdido ao longo das eras, quando Reseph os abordou,

os olhos injetados de sangue, sua expressão sombria com tristeza. E ainda uma aura de paz o cercava, como se uma mortalha tivesse levantado.

— Como, — Reseph resmungou. — Como você fez isso?

Rev deu de ombros. — Eu sou rei de merda aqui agora.

— Eu não sei como te agradecer.

O velho Revenant teria exigido algum tipo de pagamento impossível. O novo Rev... Foda-se, ele faria a mesma coisa. — Você pode, você sabe, não ser um idiota cada vez que você me ver.

Reseph estremeceu. — Não suponha que você possa ser diferente? Eu sou um idiota com todo mundo.

Isso praticamente foi o que Rev esperava que o Cavaleiro dissesse.

— Sim, você é. — Ele os piscou todos para o refúgio de Reseph, onde todos os Cavaleiros, suas famílias, e vários membros da equipe Underworld General se reuniram para o churrasco que Reseph evitava. — Vamos deixar como se deve?

— Legal. — Reseph bateu com a mão no ombro de Revenant. — Obrigado. Fico feliz que você não é mais um grande ferrador. — Sorrindo, Reseph se dirigiu para sua companheira, Jillian.

— Seu filho é um filho da puta arrogante, não é? — Rev olhou para seu irmão, espantado que eles realmente estavam de pé ao lado um do outro em uma reunião de família. E nenhum sangue foi derramado.

Reaver soltou uma gargalhada. — Qual filho? — Seu olhar aceso em cada um de seus filhos antes de percorrer cada pessoa em torno das mesas de comida. — Penso que nossos pais ficariam orgulhosos?

— Eu acho que eles estariam desmaiando com alívio que todas as cartas caíram no lugar e que nós realmente cumprimos algumas profecias malucas. As chances de isso acontecer deve ser astronomicamente fora de louco.

— Um em 9000000000000000, de acordo com Metatron.

Revenant caminhou até Blaspheme que pegava duas cervejas geladas do refrigerador e ofereceu uma a cunhada de Eidolon, Idess, mas a fêmea abriu um largo sorriso e recusou, apontando para a barriga lisa. Grávida? Tem de estar.

— Falando de Metatron, como estão as coisas no céu?

Reaver materializou-se com uma margarita, e uma na mão de Rev também. Tão atencioso. — Todos ainda estão em estado de choque que Raphael se foi, mas engraçado, ninguém sente falta dele. — Ele sorriu enquanto tomava uma bebida. — E Harvester está de volta ao normal. Livrar-se de Gethel e Lúcifer fez o truque. Como Sheoul está te tratando?

— Eu sou o rei da Merda, assim, você sabe. — Ele deu de ombros. — Há um punhado de idiotas tentando me sabotar, mas em sua maior parte, a vida não mudou por lá. — Ele tomou um gole de sua

margarita, soltando sal em suas botas. Nem sequer se preocupou que seu irmão perfeito não tinha deslocado um único grão da borda do copo. O crescimento pessoal era uma coisa legal. — Mas eu tenho mil anos para me preparar para o apocalipse. Muito tempo para me certificar de que, quando Satanás retornar, um monte de demônios vai desertar, e aqueles que ficarem para lutar pela equipe do mal serão despreparados e ineficazes. E estou autorizando Azagoth a reencarnar as almas de demônios apenas neutras e não ser maligno.

— Parece que você tem estado ocupado.

Revenant deu de ombros. — É um bom show.

Por um momento, Reaver ficou em silêncio, e então ele se virou para Revenant, as sobrancelhas desenhadas em uma linha séria. — Você sabe que você é bem-vindo no céu. Você e Blaspheme. Podemos reparar a maioria dos danos que você causa...

Revenant ergueu a mão, cortando seu irmão fora. — Quando Blaspheme escolher fazer a viagem até o céu, eu estarei aqui para recebê-la quando voltar. Mas eu não pertenço lá.

— Rev...

— Não, — Rev disse, cortando Reaver novamente. — Nós dois sabemos disso. Está tudo bem. Estou totalmente decidido, e é o que eu pretendo fazer. Está tudo bem. — Ele levantou o copo e tilintava contra o de Reaver. — Para nós. Família disfuncional e tudo mais.

Reaver riu, e nesse momento, Revenant ficou maravilhado com o quão bem tudo acabou. Todos nesta

chacrinha, além de inúmeros outros, tinham desempenhado um papel para Reaver e Revenant chegarem onde estavam hoje. Devia a essas pessoas um enorme agradecimento. Não que ele fosse ser piegas agradecendo a todos. Mas talvez ele se abstenha de ameaçar, matar alguém por um dia ou assim.

Blaspheme acenou de onde ela estava de pé ao lado do companheiro de Limos, Arik, enquanto ele virava hambúrgueres e cachorros-quentes na grelha.

— Parece que seria melhor participar da festa, — disse Reaver.

Festa. A palavra bateu Revenant como um soco, otário. Ele participou de várias festas, mas nunca foi convidado para uma, muito menos foi bem-vindo a uma. Mas aqui estava ele em uma festa realizada por sua sobrinha e sobrinhos, e tinham, na verdade, lhe pedido para estar aqui.

— Você está pronto, irmão? — perguntou Reaver.

Reseph deve ter ligado à música, porque, de repente Rodney Atkins estava cantando sobre atravessar o inferno e sair antes que o diabo soubesse que você esteve lá. Revenant olhou para a varanda, onde Reseph fez uma saudação rápida e um sorriso arrogante.

— Sim, — Rev disse: — Eu estou pronto. — Pronto, pela primeira vez em sua vida, para ser parte de uma família.

CAPÍTULO 34

Três meses depois...

Blaspheme estava na varanda da casa que ela e Revenant compartilhavam no litoral italiano, com o rosto para a brisa morna da manhã. Ela ainda não podia acreditar que vivia aqui com ele, e que todas as suas preocupações se foram.

E definitivamente ainda não acreditava que ela era um anjo. Um verdadeiro anjo celestial.

Ela ainda não tinha entrado no Céu, a fazê-lo iria ativar todos os seus poderes angelicais e instintos, mas também torná-la incapaz de entrar no Underworld General. Não havia nenhuma maneira que ela podia deixar isso acontecer.

O encantamento Anjo Falso tinha desaparecido, deixando-a com uma gama limitada de poderes angelicais e asas brancas com pontas violeta lindas que eram realmente funcionais. Revenant a ensinou a voar... e fazer amor enquanto montavam as correntes térmicas.

Então, por enquanto, ela estava contente com a forma como as coisas estavam, e hei, desde que Revenant não era exatamente um anjo tradicional, eles formavam um bom par.

Sentiu a abordagem, sorriu quando seu peito

pressionou contra suas costas enquanto ele passou os braços por baixo dela e a envolveu em torno de sua cintura.

— Senti sua falta quando eu acordei. — Ele deu um beijo em seu cabelo. — Eu estava planejando acordá-la. Com minha língua.

Seus joelhos enfraqueceram. — Esse é um despertador que eu pagaria um bom dinheiro.

Ele apoiou o queixo em sua cabeça, puxando-a ainda mais, enquanto olhavam para a água. — Há sempre um amanhã.

— Amanhã? — Ela colocou as mãos sobre a dele e relaxou contra ele. — Eu estava pensando... chuveiro? Dez minutos? — Sentiu a crescente onda de sua excitação em seu traseiro, e ela casualmente esfregou contra ela.

— Um minuto. — Sua voz rouca da manhã aprofundou ainda mais, e ela ficou quente entre suas coxas.

— Você é muito impaciente, — refletiu.

— E você é uma provocação.

Ela encolheu os ombros. — Acho que alguns hábitos de Anjo Falso são difíceis de quebrar.

— Isso é algo que eu não me importo que você mantenha. — Ele colocou a mão entre eles, e ela sentiu uma brisa fresca bater em sua bunda quando ele levantou a bainha de seu robe e posicionou sua ereção em seu núcleo.

— Eu acho que você gosta de meus novos

hábitos, — disse ela quando abriu para seus recém-descobertos poderes celestial e gerou uma baixa vibração que zumbia através de cada célula. Quando Revenant entrou nela, sentiu-o, também, e ele suspirou.

— Foda-se, — ele gemeu, batendo nela com um impulso impaciente. — Eu gosto. Demais, eu acho.

Idem, pensou ela, porque com certeza não podia falar. Já estava escalando o pico de êxtase, e oh, sim, amava explorar esses novos talentos com Revenant. Na noite passada, ela descobriu que poderia estimulá-lo, mesmo sem tocá-lo. Ela o fez sair de seus couros no momento em que ele brilhou do trabalho. Ele ainda não tinha dado um Olá antes que ele estava gritando de prazer.

Ele a puniu por isso, levou-a para o chão e a lambeu até que ela pediu para deixá-la gozar. Em seguida, ele a arrastou por mais cinco minutos de tortura e usou seu próprio poder para surrá-la com sexo, como se ela estivesse sendo acariciada por uma centena de línguas e que fazia amor por duas hastes grossas. Uma dúzia de orgasmo depois, ela tinha deitado em uma poça bamba de felicidade até que ele a levou para o quarto e a segurou, acariciando-a e sussurrou coisas bonitas que ela nunca acreditou que um guerreiro frio, duro diria.

O ar salgado acariciou seu rosto enquanto seu clímax explodiu através dela, levando Revenant com ela para o plano mais elevado de existência. Suas almas fundidas, enredando em conjunto na forma de anjos, de

modo que os seus orgasmos se tornaram um. Ele agitou entre eles, suspendendo o prazer infinito que permaneceu por uma hora, até que ela percebeu que estava à beira de se atrasar para o trabalho.

Mais uma vez.

— Nós... temos que parar... de fazer isso, — disse ela através de respirações ofegantes. Seus braços tremiam quando ela agarrou a grade da varanda, e foi um milagre que não tinha quebrado a coisa com a intensidade de sua vida amorosa.

— Nunca.

— Tudo bem, — ela suspirou. — Mas eu realmente não posso continuar chegando atrasada ao trabalho.

— Nós somos recém-casados. Eidolon vai entender.

Sem dúvida, ele o faria. — Eu tenho regras a seguir.

— Regras. — Ele bufou. — Às vezes, há soluções alternativas.

Adorava que Revenant tinha afrouxado sobre as regras, mesmo que permanecesse um defensor sobre a maioria delas. Ainda assim, ele estava fazendo progresso, e ela tinha uma emoção secreta toda vez que ele encontrava uma legítima solução alternativa de uma regra estúpida.

Sorrindo, ela se virou e levantou a boca para a dele. — Eu te amo, — ela murmurou contra seus lábios.

— E eu a você. — Ele a beijou tão completamente

que ela estava tonta quando ele se afastou. — Não há uma regra que eu não quebraria por você. — Ele baixou a cabeça e mordeu o lábio quando ele a empurrou contra a grade, com as mãos tocando debaixo do robe de novo, e tanto para o trabalho.

— Eu não posso chegar tarde demais hoje, — ela lembrou. — Minha mãe virá a clínica para sua segunda rodada de tratamento com células-tronco. Realmente acho que ela vai se recuperar totalmente.

— Bom. — Ele se afastou, só um pouco, mas suas mãos mantiveram em movimentos. — Reaver e Harvester nos convidaram para jantar esta noite. Quer ir?

É claro que ela queria. Levou meses para o relacionamento frágil de Revenant e Reaver florescer, mas agora eles eram verdadeiramente os irmãos que deveriam ter sido desde o início. Eles sequer foram aos jogos de futebol juntos. Oh, Rev e Harvester ainda não gostavam um do outro, mas, na maior parte, eles mantinham o derramamento de sangue ao mínimo. A coisa mais chocante que aconteceu ao longo dos últimos três meses foi que Revenant e Thanatos se aproximaram. Inferno, Revenant agora se dava bem com todos os Cavaleiros.

Ele, no entanto, não se dá bem com os cães do inferno. Algumas coisas nunca mudam.

— Vamos jantar com eles, — disse ela, arqueando quando escorregou entre suas pernas. — E então você é todo meu. Temos mil anos para desfrutar

um do outro. Não vamos perder um minuto.

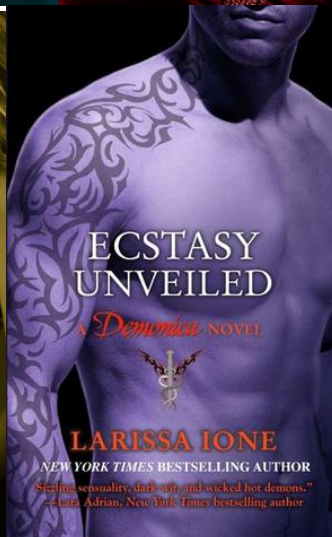
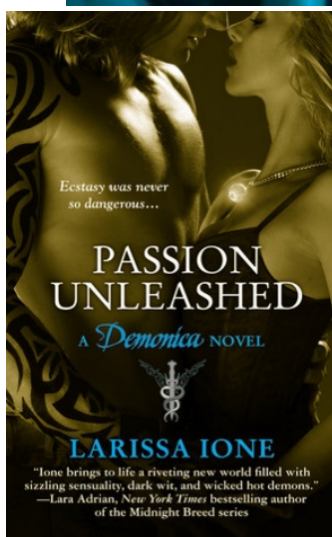
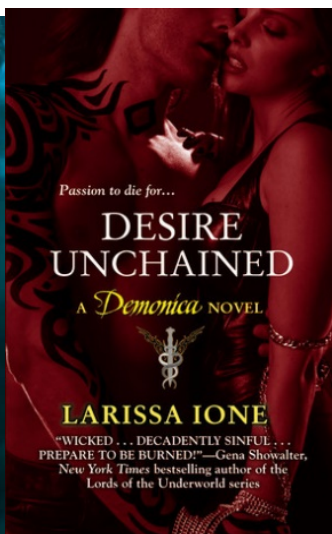
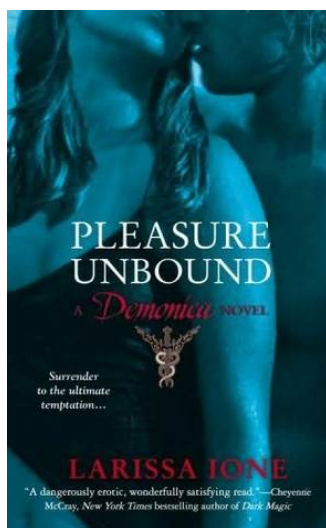
Mil anos. Dez séculos de paz entre os reinos. E, em seguida, após a Batalha Final, quando Satanás estivesse realmente morto e enterrado, Metatron prometeu que com a morte de Satanás, o sangue de Rev seria purificado de toda mancha, e todo o céu se tornaria seu santuário.

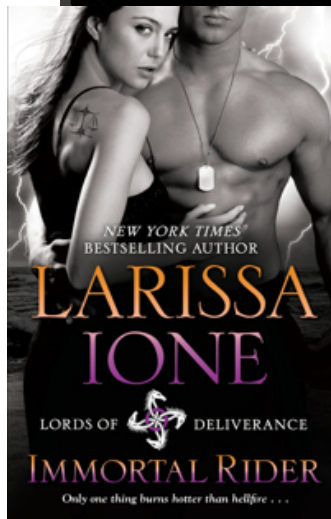
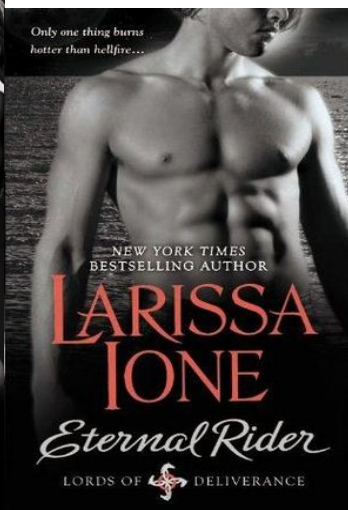
Basicamente, seria uma grande festa. E Metatron tinha prometido outra coisa.

Haveria borboletas no céu.

FIM.

Teoricamente esse é o ultimo livro da Série Demonica/Lords, a autora agora vai soltar contos da série, sobre alguns personagens como ela soltou de Azagoth e Hades.







Agimortus - um gatilho para a quebra do selo de um cavaleiro. Um agimortus pode ser identificado como um símbolo gravado ou com a marca sobre a pessoa ou objeto hospedeiro. Três tipos de agimorti foram identificados e podem assumir a forma de uma pessoa, um objeto, ou um evento.

Conselho - todas as espécies de demônios e raças são regidas por um Conselho que faz as leis e metes punição para os seus membros individuais de sua espécie.

Daemonica - a bíblia demônio e base para dezenas de religiões demônio. Acreditava-se que as suas profecias a respeito do Apocalipse, eles devem vir a passar, seria garantir que os Cavaleiros lutar ao lado do mal. No entanto, os acontecimentos recentes nos três reinos do Céu, Sheoul, e da Terra tornaram profecias apocalípticas do Daemonica discutível.

Dermoire - localizado no braço direito de cada demônio Seminus de sua mão para sua garganta, um dermoire consiste de glifos que revelam história paterna do portador. Cada glifo pessoal do indivíduo está localizado na parte superior do dermoire, na garganta.

Emim - os filhos sem asas de dois anjos caídos. Emim possuem uma variedade de poderes de anjo caído, embora os poderes sejam geralmente mais fracos e um âmbito mais limitado.

Fallen Angel - (Anjo Caído) - Acredita-se que é mal pela maioria dos seres humanos, anjos caídos podem ser

agrupados em duas categorias: O verdadeiro caído e o não caído. Anjos não caídos foram lançados do céu e são terrestres e sem asas, vivendo uma vida em que eles não são nem bons nem verdadeiramente maus. Nesse estado, eles podem, raramente, ganhar o seu caminho de volta para o céu. Ou podem optar por entrar Sheoul, o reino demônio, a fim de completar a sua queda, crescer novas asas, e tornar-se verdadeiro Caído, tomando seus lugares como demônios ao lado de Satanás.

Harrowgate - portais verticais, invisíveis para os seres humanos, que os demônios usam para viajar entre locais da Terra e Sheoul. Muito poucos seres podem convocar seus próprios Harrowgates.

Radiant - a classe mais poderosa de anjo celestial na existência, salvar Metatron. Ao contrário de outros anjos, radiantes pode exercer o poder ilimitado em todos os reinos e pode viajar livremente através Sheoul, com muito poucas exceções. A designação é atribuída a apenas um anjo de cada vez. Dois nunca podem existir simultaneamente, e eles não podem ser destruídos, exceto por Deus ou Satanás. O anjo caído equivalente é chamado de Anjo Shadow. Veja Anjo Shadow.

Shadow Angel – (Anjo Sombra) a classe mais poderosa de anjo caído na existência, salvo Satanás e Lúcifer. Ao contrário de outros anjos caídos, Anjos Sombras podem exercer o poder ilimitado em todos os reinos, e eles possuem a capacidade de ganhar a entrada no céu. A designação é atribuída a apenas um anjo de cada vez, e

eles nunca podem existir sem o seu equivalente, um radiante. Anjos Sombras não podem ser destruídos, exceto por Deus ou Satanás. O anjo celestial equivalente é chamado de Radiant. Veja Radiant.

Sheoul - reino do demônio. Localizado em seu próprio plano nas entranhas da Terra, acessível à maioria apenas por Harrowgates e hellmouths.

Sheoul-gra - um tanque de retenção para as almas de demônios. Um reino que existe independentemente de Sheoul é supervisionado por Azagoth, também conhecido como o Grim Reaper. Dentro Sheoul-gra é o Inner Sanctum, onde as almas de demônios vão ser mantidas em limbo torturante até que possam renascer.

Sheoulic - língua demônio Universal falado por todos, embora muitas espécies também falassem sua própria língua.

Ter'taceo - demônio que pode passar por um humano, seja porque sua espécie é naturalmente humano na aparência, ou porque pode metamorfosear em forma humana.

Ufelskala - um sistema de pontuação para os demônios, com base no seu grau de mal. Todas as criaturas sobrenaturais e humanas maus podem ser classificadas em cinco Tiers, com o Quinto vertente, com o pior dos ímpios.

Vyrm - a prole alada de um anjo e um anjo caído. Mais poderoso do que Emim, vyrm também possuem uma habilidade que faz com a sua própria existência seja uma ameaça para os anjos e os anjos caídos igualmente.

Com um mero segundo de contato com os olhos, um vyrm pode acabar com um anjo caído ou toda a família de anjo. Considerado extremamente perigoso, vyrm são caçados impiedosamente, e assim como seus pais.

Watchers – (Observadores) os indivíduos designados para manter um olho sobre os Quatro Cavaleiros. Como parte do acordo firmado durante as negociações iniciais entre anjos e demônios que levaram a Ares, Reseph, Limos e Thanatos ser amaldiçoados para liderar o Apocalypse, um Watcher é um anjo, o outro é um anjo caído. Nenhum Watcher pode ajudar diretamente os esforços de qualquer cavaleiro, parar iniciar ou parar Armageddon, mas eles podem dar uma mão por trás das cenas. Ao fazê-lo, no entanto, pode tê-los caminhando uma fronteira tênue que, para atravessar, pode revelar-se pior do que fatal.

{1} Tradução: Chamada em espera - música do M-80.

{2} A refeição entre almoço e jantar, assim como brunch é a refeição entre café da manhã e almoço.

{3} A célula mesenquimal, também denominada de **célula** adventícia, semelhante aos fibroblastos, embora menor, com núcleo alongado e cromatina condensada. Situa-se normalmente ao redor de **capilares** e pequenos **vasos sanguíneos** no tecido conjuntivo frouxo, sendo também conhecida como pericito ou célula perivascular.

{4}

{5} Adeus meu irmão.

{6} Símbolo para não gostei, estou chateado, triste.

{7} Instant Messenger

{8} Touchdown é uma pontuação do futebol americano. Ela vale 6 pontos e é conseguido com o jogador cruzando a linha de gol sem ser obstruído.

{9} Sigla de Fluid Jet (Jato de fluido)

{10} O nome da marca de um tipo de limpador de esgoto doméstico.

{11} Endereço do site. Tradução: Feitiços demoníacos ao longo do tempo.com.

{12} DART = Demon Activity Response Team. Organização criado por Kynan e Decker. Livro do Reseph

{13} Albert Lincoln "Al" Roker, Jr. é um meteorologista, ator e autor de livros norte-americano. Ele é muito conhecido por ser o apresentador do programa matinal diário The Today Show, transmitido pela rede de televisão National Broadcasting Company

{14} Referência ao personagem do filme Guerras das Estrelas.